



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
DEPARTAMENTO DE TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA**

**RODRIGO SOARES DE CERQUEIRA**

**CRÍTICA, MEMÓRIA E NARRAÇÃO**  
**Um estudo dos textos memorialísticos de Antonio Candido**

**CAMPINAS  
2008**

**RODRIGO SOARES DE CERQUEIRA**

**CRÍTICA, MEMÓRIA E NARRAÇÃO**  
**Um estudo dos textos memorialísticos de Antonio Candido**

**Dissertação apresentada ao Instituto de  
Estudos da Linguagem da Universidade  
Estadual de Campinas, para obtenção do título  
de Mestre em Teoria e História Literária**

**Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman**

**CAMPINAS**  
**2008**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

C335c Cerqueira, Rodrigo.  
Crítica, memória e narração : um estudo dos textos memorialísticos de Antonio Candido / Rodrigo Soares de Cerqueira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Francisco Foot Hardman.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Candido, Antonio, 1918-. 2. Literatura brasileira - História e crítica. 3. Memória. 4. Literatura moderna. 5. Socialismo. I. Hardman, Francisco Foot, 1952-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Criticism, memory and narrative: a study of Antonio Candido's memorialistes writings.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Candido, Antonio, 1918-; Brazilian literary criticism; Memory; Brazilian modern literature; Socialism.

Área de concentração: Literatura Geral e Comparada.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman (orientador), Profa. Dra. Vera Maria Chalmers; Profa. Dra. Mirella Márcia Longo Vieira Lima.

Data da defesa: 14/03/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**Instituto de Estudos da Linguagem**

**BANCA EXAMINADORA:**

Francisco Foot Hardman

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line.

Vera Maria Chalmers

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line.

Mirella Márcia Longo Vieira Lima

A handwritten signature in black ink, written over a horizontal line.

Maria Betânia Amoroso

A horizontal line for a signature, currently blank.

Luiz Dagobert de Aguirra Roncari

A horizontal line for a signature, currently blank.

**IEL/UNICAMP**

**2008**

Aos meus avós,

Marlene Cardoso Guimarães Soares,  
por todas as vezes que ela me ligou quando chovia em São Paulo

Edvaldo Santana Soares, sempre Douglas pra mim (*in memoriam*)

Décio Montenegro Cerqueira (*in memoriam*)

Teresa Borges de Cerqueira (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Há alguns anos, logo após ter trocado o curso de jornalismo pelas letras, quando me imaginei nessa situação, pensei que não haveria de agradecer a ninguém. Mas hoje, ao olhar pra trás, vejo que não teria conseguido completar essa dissertação sem a ajuda de muitas pessoas. Por isso, não é sem certa alegria que gostaria de agradecer:

a meu pais, Renato e Meyre, que agüentaram muito das minhas idiossincrasias, e a meu irmão, Celo, que teve de suportá-las num nível que eles não podem sequer dimensionar;

a todos os Icós – Bárbara, Camila, D. Julieta, Rodrigo, Renan, Paulo, Marcos e ao mais legítimo dentre todos, Ronilton –, que me hospedaram e, mesmo sem entender as minhas escolhas, me ajudaram inúmeras vezes;

a minha família – quase um clã –, por motivos que nem eu saberia definir e que de tão grande se torna inominável;

a meus amigos – Ari, Eduardo, Grisi, Fernanda, Rosane, Ju, Barreto, Greice, Érico e, principalmente nos últimos tempos, Felipe e Vanuza – que sempre souberam perdoar meus desaparecimentos;

a Gabi, minha interlocutora de silêncios prolongados e Herr Dudovitz, com quem pude compartilhar com prazer momentos os mais desagradáveis;

a Mirella Márcia, cujas aulas sempre foram um porto seguro num mar onde me sentia um peixe fora d'água; Rachel Esteves Lima, cuja generosidade até hoje me surpreende e, principalmente, Eliana Mara, minha amiga e leitora mais ferozmente honesta;

a Tiago, Benilton e Marianna, que tornaram a existência em Campinas suportável e, mesmo sem acreditar que escrevo isso, divertida;

a Fábio Casemiro, o anarquista mais falastrão que tive o prazer de conhecer, por todo um itinerário tortuoso de idéias que trocamos,

a Foot, que acreditou num projeto imenso e em algumas idéias um tanto pretensiosas, por sua tentativa de me ajudar a encontrar um anjo da prudência que me guardasse (embora não esteja certo de que ele tenha tido sucesso nessa empresa);

à Fapesp, que me financiou do começo ao fim da pesquisa;

a tio Rick e tia Eneida, meus psiquiatras particulares e afetivos, por me ajudarem a manter minha sanidade;

e, por fim, a Luísa, por tudo o que passamos juntos e pela descoberta de que meu maior aprendizado em São Paulo não foi intelectual... foi pessoal.

Mas quando mais nada subsiste de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, – sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, – o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação.

Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*

Mas vem o tempo e a idéia de passado  
visitar-te na curva de um jardim.  
Vem a recordação, e te penetra  
dentro de um cinema, subitamente.

E as memórias escorrem do pescoço,  
do paletó, da guerra, do arco-íris;  
enroscam-se no sono e te perseguem,  
à busca de pupila que as reflita.

Carlos Drummond de Andrade, “Versos à boca da noite”

## RESUMO

Que Antonio Candido, a despeito – ou por causa – de sua formação sociológica, tenha se tornado um dos maiores críticos literários brasileiros, ninguém ignora. Muito menos conhecido é um viés de sua prática que começa a ganhar força a partir das décadas de 70 e 80, mas que, de uma forma ou de outra, tem estado sempre presente na sua obra: o recurso à memória. Ainda quando jovem, aos 27 anos, Candido já se valia desse procedimento para se aproximar da obra de Mário de Andrade, que acabara de morrer. Mas foi depois de três décadas que ela passou a ser um dos motivos principais dos seus escritos. Sentindo-se um tanto deslocado pelos rumos seguidos pelo mundo e cansado dos seus esforços aparentemente em vão, a memória passou a ser um espaço tranquilo no qual ele podia transitar com segurança. Embora pareça querer fazer da memória uma fuga, em contato com seus outros textos e com sua experiência de vida, ela assume outras funções: por um lado, é um recurso que o permitia corrigir os erros críticos de jovem – como foi o caso da reabilitação intelectual de Oswald de Andrade –; por outro, servia-lhe como uma forma de pagar dívidas intelectuais ignoradas até por ele mesmo, como nos textos sobre Roger Bastide; e, por fim, havia certos movimentos de confirmação de suas próprias crenças através do reconhecimento das mesmas nas obras ou nos atos de seus amigos mais próximos, como foi o caso do resgate de uma dimensão humana de um socialismo derrotado.

**Palavras-chave:** Antonio Candido; crítica literária brasileira; memória; literatura modernista; pensamento radical; socialismo

## ABSTRACT

It is not ignored that Antonio Candido, despite – or because of – his graduation in Sociology, became one of the most important Brazilian literary critics. Not so well known, nevertheless, is a trend of his texts which begins to become more evident in the 70's and 80's, but which, in a way or another, has always been a presence in his work: memory as a stylistic element. Candido used such resource when he was still a 27 year-old critic as a way to get closer to the work of Mario de Andrade, who had just died. But it was after three decades that the memory became one of the *leitmotiv* of his writings. Feeling a little bit strange by the direction which the world was taking, and tired due to his unrewarding efforts, memory became a quiet space in which he could walk safely. Although he seems to want memory to be configured like an escape, in contact with his other writings and his life experience, it assumes different faces: on the one hand, it's a way to correct some critical errors of early texts, as he did to Oswald de Andrade; on the other hand, it was used to pay some intellectual debts ignored even by himself as, for example, the texts about Roger Bastide; and, after all, it was also a way to confirm some of his own beliefs by recognizing them in the works and in the acts of his closest friends, as he did to rescue a human face of a defeated socialism.

**Keywords:** Antonio Candido; Brazilian literary criticism; memory; Brazilian modern literature; radical thought; socialism

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO, OU AS IDAS E VINDAS DE UMA PESQUISA</b>	<b>1</b>
<b>PRIMEIRA PARTE, OU OS MÉTODOS CRÍTICOS DE ANTONIO CANDIDO</b>	<b>15</b>
<b>SEGUNDA PARTE, OU UM MESTRE NA PERIFERIA DA CRÍTICA</b>	<b>87</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU A EPÍGRAFE COMO CONCLUSÃO</b>	<b>192</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>201</b>

**INTRODUÇÃO,  
OU AS IDAS E VINDAS DE UMA PESQUISA**

## I.

Numa entrevista dada à revista *Trans/Form/Ação* em 1979, Antonio Candido divide a sua atividade de estudioso da literatura em três etapas principais. Num primeiro momento, buscou traçar um determinado “sistema de condicionantes do meio”; posteriormente, a preocupação se deslocou para “a pertinência dos traços de um determinado sistema”; por fim, sua atenção foi direcionada para a estruturação da obra ou, melhor dizendo, para “o processo por meio do qual o que era condicionante se torna elemento pertinente.”<sup>1</sup> Os modos mais consagrados de ler a obra de Antonio Candido ficaram, de alguma maneira, ligados a essa linha-mestra esboçada pelo próprio crítico.

Essa pesquisa, então, começou como um desejo de estudar esse caminho dialético por que passou a metodologia crítica de Antonio Candido. Mas faltava-lhe um recorte, um ponto que tornasse esse desejo exequível ao concentrar os mais de sessenta anos de seu trabalho crítico. E isso nos surgiu quando da leitura de dois textos que Antonio Arnoni Prado escrevera para encontros a respeito da obra e da figura de seu orientador.<sup>2</sup> Ao ressaltar a entrada discreta do elemento memorialístico em alguns textos menos conhecidos de Candido, Arnoni Prado abria-nos uma porta. Se esse era um momento em que se cruzavam as múltiplas facetas de nosso autor – o militante, o crítico, o *scholar* –, caracterizar-lhe o método memorialístico era poder ter contato com a obra de Candido, ainda que de maneira discreta e sumária.

Se tínhamos o desejo e a deixa, faltava-nos, ainda, uma justificativa plausível. Nós a encontramos em Vinicius Dantas. Na *Bibliografia de Antonio Candido*,<sup>3</sup> livro em que

---

<sup>1</sup> Antonio Candido, “Entrevista”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, São Paulo: Ed. Unesp, 1992, p. 232-233.

<sup>2</sup> O primeiro foi lido em Marília quando da III Jornada de Ciências Sociais da Unesp, que tinha Candido como homenageado (“Anotador à margem”, in Maria Ângela D’Incao e Eloísa Faria Scarabôto (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*, São Paulo: Cia.das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992, p. 135-141); o segundo foi apresentado no Centro Universitário Maria Antônia, na USP, em homenagem aos 80 de Candido (“Significação de *Recortes*”, in Flávio Aguiar (org.), *Antonio Candido: pensamento e militância*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo: Humanitas, 1999, p. 61-70). Posteriormente, esses dois textos foram revisados e coligidos noutro livro, com os seguintes títulos: “Antonio Candido, anotador à margem” e “Retrato de uma geração”, in Arnoni Prado, *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*, São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 305-312 e 313-320, respectivamente. As citações, contudo, referem-se a aqueles dois primeiros livros.

<sup>3</sup> Vinicius Dantas, *Bibliografia de Antonio Candido*, São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002.

elencamos toda a produção de e sobre Candido até 2001, percebemos uma lacuna da qual podíamos nos aproveitar. Até o primeiro ano desse novo século, apenas nove livros contemplavam a obra desse crítico, sendo que somente três resultaram de dissertações ou teses. Isso não significava, sob hipótese alguma, que a obra de Candido estivesse sendo negligenciada. Ela estava sendo estudada principalmente em ensaios dispersos, que acabavam privilegiando aspectos específicos. Obviamente, tais aspectos parciais não eram menos importantes, mas também não é menos óbvio que, debruçados sobre eles, os ensaios terminavam por não solidificar uma visão de conjunto. Dos nove livros mencionados apenas dois tentavam fazer esse movimento integrador. São eles *Antonio Candido: a palavra empenhada*, de Célia Pedrosa, defendido como tese de doutorado em 1988 e publicado em 1994, que o estuda principalmente enquanto crítico e *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*, de Luis Carlos Jackson, defendido como dissertação de mestrado em 1998 e publicado em 2002 e que resgata o Candido sociólogo.

Assim, quando falamos da pretensão de fazer um movimento integrador do pensamento de Antonio Candido, referimo-nos ao conjunto dos seus textos enquanto crítico literário e memorialista. Nas mais de seis décadas em que tem se dedicado à vida intelectual, Candido produziu uma obra plural, que merece um estudo que lhe defina as estruturas e as evoluções de pensamento, além dos diálogos entre os diversos campos de atuação crítica.

Tínhamos todos os elementos que julgávamos necessários: o desejo de perquirir uma obra múltipla, um recorte e uma justificativa. Mas a leitura de *Recortes* fez-nos querer dar um passo a mais. A partir dos perfis, dos enxertos autobiográficos e das digressões, vimos ali, como bem indicou Arnoni Prado, a possibilidade de caracterização de um momento significativo da história intelectual brasileira, através das referências que Candido faz a seus amigos mais próximos, a seus professores e às pessoas que pertenceram às gerações modernistas de 22 e 30, todos responsáveis pela sua formação intelectual e humana.

Parecia-nos, naquele momento, que ficar preso ao que então chamávamos de metodologia crítica suplementar de Antonio Candido era apenas uma parte da questão. E o

projeto mais uma vez modificou suas feições, quando incorporou o desejo de identificar a visão de mundo que, lastreando a construção daqueles perfis, situava-se como uma possibilidade de resistência. Entenda-se: consideramos que o pensamento estético e político de Antonio Candido constituiu um conjunto de sentidos que, sediado e desenvolvido principalmente na Universidade de São Paulo, tem sofrido contestações, mesmo porque não logrou atingir suas metas históricas. De fato, ao longo dos textos que elabora, Candido vai desenvolvendo o perfil de uma geração cujas idéias não obtiveram vitórias efetivas. Acontece que a derrota, segundo Candido, é apenas aparente. Isso parecia-nos possibilitar extrair dos perfis um legado de sentidos – modelos de conduta intelectual – que se confrontavam ao esvaziamento dos valores imposto pela contemporaneidade.

A primeira hipótese que nos surgiu foi sugerida pela leitura de uma resenha de Flora Süssekind quando da publicação, em 1993, de *Recortes* e *O discurso e a cidade*.<sup>4</sup> Nesse pequeno texto, Süssekind afirma que o método memorialístico, tal como aparece no discurso crítico de Candido, tem seu provável modelo no narrador proustiano. Essa relação, apontada por ela, tem sua chave de leitura no próprio *Recortes*, num ensaio intitulado “Realidade e realismo (via Marcel Proust)”.<sup>5</sup> Para Candido, o narrador proustiano consegue ver além do detalhe externo, o que o permite descrever o particular em seus vários momentos não como um fim em si mesmo, mas como signo da fisionomia geral de um modelo. A consequência desse procedimento é paradoxal: “ver as coisas no tempo é vê-las de modos diversos, em várias etapas; portanto, é atingir um maior grau de generalidade acima do tempo que o gerou e do qual emerge”.<sup>6</sup>

Desse ponto às teorias sociais da memória de Maurice Halbwachs foi um salto que o livro da Ecléa Bosi<sup>7</sup> tornou possível. Para esse teórico francês, não é possível uma completa adesão ao passado, porque ele é sempre uma reconstrução feita com as imagens e as idéias de hoje, fato de que Candido tem consciência. Isso pôde ser inferido a partir de um texto sobre Gilberto Freyre,<sup>8</sup> no qual o autor de *Recortes* não consegue sentir a mesma admiração

---

<sup>4</sup> Flora Süssekind, “A memória como método”, in *Idéias/Livros* suplemento do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1993, p. 7-8.

<sup>5</sup> In *Recortes*, São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 123-129.

<sup>6</sup> *Ibid*, p. 128.

<sup>7</sup> Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

<sup>8</sup> “Aquele Gilberto”, in Candido, *Recortes*, *op. cit.*, p. 82-83.

que sentiu na década de 30 a respeito da radicalização empreendida por aquele antropólogo, uma vez que não pode esquecer os excessos posteriores de sua obra.

Assim, se a memória do indivíduo dependia do filtro dos grupos de convívio e das instituições que o formaram, poderíamos, através dos relatos memorialísticos de Candido, mapear as suas principais influências e a maneira como elas orientaram a construção dos perfis. Formava-se, a nosso ver, uma dialética interessante: o traço pessoal da subjetividade interferiria no curso da interpretação convencional – hipótese de Arnoni Prado –, mas, por outro lado, o caráter social da memória daria forma às lembranças pessoais, o que significaria uma desindividualização.

Parecia-nos, no início da pesquisa, que, posta em prática, essa estratégia metodológica conduziria a uma construção tensionada – memória individual socialmente enformada – que terminaria por engendrar uma historiografia pessoal do modernismo, porque, naquele momento, Candido corporificar, a meu ver, a figura do narrador benjaminiano, uma vez que extraía o que narrava da experiência vivida – foi uma testemunha – e a transformava em uma experiência que poderia ser compartilhada por todos – através das interpretações que construía. Isso só foi possível porque ele se constituiu, ao longo dos anos, como uma voz autorizada, ou seja, vocacionada para apontar um horizonte de valores que funcionam no sentido de conferir orientação. Pensávamos que, se confirmada, essa hipótese serviria para corrigir uma idéia de Paulo Emílio Salles Gomes, para quem a sua geração estava apenas *vendo* a formação do mito Oswald de Andrade. Romperia-se, então, com essa ilusão de passividade, marcada pelo verbo *ver*, pois, na verdade, a sua geração estaria atuando profundamente para a construção desse mito, através dos textos críticos e memorialísticos que produzia.

Mas não havia uma, senão muitas atitudes críticas em relação às pessoas rememoradas. Em se tratando da retomada de sua própria obra, Candido parece proceder de três maneiras diferentes: por um lado, corrigia erros críticos, as “cabeçadas” de jovem como escreveu na primeira edição da revista *Clima*,<sup>9</sup> a exemplo da reabilitação intelectual de Oswald de Andrade, principal alvo de sua geração na década de 40; por outro, servia-lhe

---

<sup>9</sup> “Creio que é preferível dar cabeçadas, porque êste é, em qualquer setor, um dos atributos da idade” (Candido, “Livros”, in *Clima*, São Paulo, n. 1, mai. 1941, p. 107).

como uma forma de pagar dívidas intelectuais ignoradas até por ele mesmo, como nos textos sobre Roger Bastide; e, por fim, havia certos movimentos de confirmação de suas próprias crenças através do reconhecimento das mesmas nas obras ou nos atos de seus amigos mais próximos, como foi o caso do resgate da dimensão humana de um socialismo historicamente derrotado.

## II.

Mas essas eram nossas primeiras hipóteses.

Os primeiros passos da pesquisa, já em Campinas, trouxeram desdobramentos e reavaliações que acabaram por modificar as feições daquele desejo inicial. Retornei, assim, àquele que tem sido, desde sempre, meu ponto de partida: as leituras de Antonio Arnoni Prado e Roberto Schwarz.

O grande achado crítico de Arnoni Prado foi ter percebido o elemento memorialista enquanto ele ainda se encontrava disperso pela obra de Candido. Quando escreveu “Anotador à margem”,<sup>10</sup> *Recortes* não havia sido publicado. Assim, Arnoni Prado conseguiu ver, apesar da dispersão desses “textos de circunstância”, um elemento que os aproximava: é o que chama de “memória ensaística”. Ela é a forma pelo qual o *scholar* se desdobra em “anotador à margem”, atento às cenas aparentemente mais banais, que reconstrói sempre com finalidade crítica. O método funciona, por um lado, como um comentário aparentemente solto, quase que deslocado do resto do texto, e, por outro, como uma coleção de “coisas miúdas”, que iluminam umas às outras, chegando, por fim, à essência mesma do objeto analisado – ou recordado. A partir dessas constatações pôde concluir que, “o comentário de Antonio Candido [...] se revela um instrumento de análise e de interpretação crítica.”<sup>11</sup>

Embora tenha se destacado por ressaltar o viés materialista da crítica de Candido, Roberto Schwarz, por outros meios, chegou à mesma conclusão de Arnoni Prado. Em um

---

<sup>10</sup> Cf. nota n. 2.

<sup>11</sup> Arnoni Prado in D’Incao e Scarabôto (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida, op. cit.*, p. 137.

discurso lido durante a cerimônia de entrega do título de doutor *honoris causa*, na Unicamp, Schwarz afirmou que esses são “escritos que abrem mão da terminologia e exposição científica, mas não da disciplina mental e conhecimentos correspondentes. Apoiado na sua excelente memória, [...] o ensaísta circula reflexivamente entre anedotas, testemunhos, decênios, explicações, teorias, numa prosa simples e precisa, que é o espelho daquela agilidade.”<sup>12</sup>

Os argumentos dos dois maiores leitores de Candido me parecem conter um problema: a amplitude de seu alcance. Se pensarmos em ensaios como “Jagunços mineiros de Cláudio Manuel da Costa a Guimarães Rosa” ou “Digressões sentimentais sobre Oswald de Andrade” – ambos publicados em *Vários escritos* –, eles certamente estão corretos. Contudo, após o aprofundamento nos escritos mais recentes de Candido, essa não mais me parece ser uma chave teórica suficientemente forte para lermos todos os seus textos memorialísticos. Isso significa uma mudança radical em relação àqueles objetivos iniciais, no qual pensava que poderia chegar, a partir do conjunto dos relatos, numa espécie de historiografia pessoal do modernismo. Como escrevemos acima, tal historiografia seria possível porque, a nosso ver, Candido corporificaria a figura do narrador benjaminiano, uma vez que seus textos críticos estariam indissolivelmente ligados à sua experiência pessoal.

Hoje, contudo, parece-me haver apenas um elemento que ainda me permita identificá-lo com o narrador benjaminiano: a autoridade. Poucos intelectuais gozam do prestígio conferido ao autor de *Recortes*. E não é para menos. Candido foi uma figura central no processo de maturação dos estudos literários brasileiros. Formado nas primeiras turmas da recém-criada Universidade de São Paulo, e lançando mão desse capital, aplicou-o tanto numa crítica militante nos rodapés de grandes jornais, quanto no seu posterior

---

<sup>12</sup> Roberto Schwarz, “Saudação ‘*honoris causa*’”, in *Seqüências brasileiras*, São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 13. Cabe uma ressalva a essa citação. Embora Schwarz tenha feito referência a outros textos – como, por exemplo, “De Cortiço a Cortiço”, no qual Candido resgata um dito popular como subsídio de sua análise do livro de Aluísio de Azevedo –, ela também diz respeito aos escritos de caráter mais eminentemente testemunhal, como podemos depreender da nota feita ao parágrafo: “Os textos mencionados encontram-se respectivamente em *Teresina etc.* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980); *A educação pela noite* (São Paulo, Ática, 1987) e *Vários escritos* (São Paulo, Duas Cidades, 1970)” (ibid., p. 13). E é exatamente em *Teresina etc.* que se encontra o mais completo texto biográfico que Candido já escreveu, intitulado “Teresina e os seus amigos”.

trabalho acadêmico, no qual plasmou uma feição muito particular da nossa literatura, que foi, durante muito tempo, o eixo norteador dos nossos estudos. Assim, sua autoridade nasce, por um lado, do reconhecimento desse seu esforço formador e, por outro, de uma certa aura que a contemporaneidade atribui à experiência vivida. Se há alguém autorizado a falar do modernismo brasileiro e de seus desdobramentos, quem melhor do que Antonio Candido, que carrega consigo uma indubitável formação teórica e o peso dos seus quase noventa anos, tempo mais do que suficiente para ter convivido com as figuras mais importantes do cenário intelectual brasileiro?

Ora, a considerarmos as leituras de Schwarz e Arnoni Prado, a união dessas duas pontas quase sempre soltas no imaginário cultural do Ocidente – a vida e os livros –, faria dos perfis que Candido constrói peças dotadas de um caráter todo especial. Eles seriam a síntese mais perfeita do trabalho crítico, pois a dimensão intelectual estaria apoiada nas suas memórias. E em alguns momentos isso de fato ocorre, embora talvez não de forma tão perfeita assim. O problema é que o peso de seu prestígio acadêmico e do resgate memorialístico de sua experiência com o objeto em questão lançam seus textos no que Beatriz Sarlo chama de “limbo interpretativo”,<sup>13</sup> um lugar ao qual só se pode ir com um gesto bem ensaiado de anuência.

É aqui que entra em cena o mais recente livro dessa crítica argentina, que – ao fornecer um sólido embasamento teórico sobre o qual pudemos assentar nossos questionamentos –, teve um papel decisivo nos desdobramentos da nossa pesquisa. Dotada de um raro poder de abstração, Sarlo coloca corajosamente na berlinda algo que até agora tem contado com o crédito mais ou menos acrítico de muitos intelectuais: a veracidade incontestada do testemunho.

Analisando a leva de escritos memorialísticos que se produziu principalmente no período de redemocratização da América Latina, ela percebe uma mudança radical nos paradigmas das chamadas ciências humanas nesse último quartel de século. Premidos pela urgência de uma contundente “restauração de uma esfera pública de direitos”,<sup>14</sup> que fora solapada pelo terrorismo de Estado entre as décadas de 1960 e 1980 – e por uma crescente

---

<sup>13</sup> Beatriz Sarlo, *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p. 68.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 47.

reformulação do campo historiográfico como um todo, que começava a prestar mais atenção às histórias cotidianas e à oralidade em oposição aos grandes movimentos coletivos –, os historiadores e cientistas sociais passaram a valorizar a subjetividade como um *locus* privilegiado para se entender o passado. A isso se acrescenta o forte apelo moral e jurídico que esses testemunhos trazem consigo e teremos um problema metodológico de difícil solução. Noutras palavras,

o testemunho exige que seus leitores ou ouvintes contemporâneos aceitem sua verdade referencial, pondo em primeiro plano os argumentos morais apoiados no respeito ao sujeito que suportou os fatos sobre os quais fala. Todo testemunho quer ser acreditado, mas nem sempre traz em si mesmo as provas pelas quais se pode comprovar sua veracidade; elas devem vir de fora.<sup>15</sup>

A grande originalidade de Sarlo está em retomar os testemunhos não por esse viés moral e jurídico, mas por seu uso público, ou seja, por meio das condições que os produziram, que possibilitaram sua circulação política e cultural e que os tornaram fidedignos. Assim, na esteira de Susan Sontag – segundo a qual “[t]alvez se atribua valor demais à memória e valor insuficiente ao pensamento”<sup>16</sup> –, Sarlo põe o testemunho sob a lente microscópica de uma reflexão tão cética quanto teórica.<sup>17</sup>

Uma vez posta em xeque a autoridade testemunhal que se baseia unicamente na experiência, prescindindo de qualquer base intelectual, estabelecia-se um novo problema com o qual deveríamos lidar. De que matéria são feitos os testemunhos de Antonio Candido? Assentam-se eles somente na sua experiência pessoal, no contato íntimo com aquele que se torna objeto do seu discurso?, ou utilizavam-se dessa mesma experiência como substrato para vãos teóricos mais altos?

Certamente não. Como vimos, ainda que brevemente, a inserção do elemento memorialístico na crítica de Candido tem uma faceta um tanto mais complexa do que

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 37.

<sup>16</sup> Susan Sontag *apud* ibid., p. 21.

<sup>17</sup> “Para conhecer, a imaginação precisa desse trajeto que leva para fora de si mesma e a torna reflexiva; nessa viagem, ela aprende que *a história jamais poderá ser totalmente contada e jamais terá um desfecho*, porque nem todas as posições podem ser percorridas e sua acumulação tampouco resulta numa totalidade” (ibid., p. 42 [grifos meus]).

aquela sobre a qual Arnoni Prado e Schwarz se debruçaram. Não resta dúvida de que, em alguns ensaios, a memória entra como uma espécie de farol, iluminando pela experiência alguns pontos cegos que somente a aproximação intelectual é incapaz de ressaltar. Arnoni Prado dá como exemplo a homenagem que Candido fez quando do primeiro aniversário de morte de Mário de Andrade, na qual sua “digressão [...] enxerta ao tom da reminiscência certas *iluminações críticas* que se colam definitivamente aos modos de leitura da obra, ampliando o seu alcance estético e modulando a sua função no conjunto do sistema literário da época.”<sup>18</sup>

Mas essa não é a única forma pela qual a reminiscência entra nos textos de Candido. Isso levou à formulação de uma outra hipótese, que me parecia abrir novas perspectivas para a leitura de alguns dos escritos de *Recortes*: a de que há uma diferença substancial na função exercida pela memória na feitura dos seus textos. Num primeiro momento, já esboçado acima, a memória é um *complemento* do ato crítico. Ela revela sua força exatamente porque é tratada com o mesmo rigor com o qual se tratariam os ensaios mais “analíticos”. É, pois, nesse momento, que ela pode lançar novas luzes sobre a própria historiografia tradicional, revelando correlações até então inusitadas.<sup>19</sup> Mas, noutros textos, cujo objetivo não é mais tão sistematicamente analítico, a memória deixa de ser um complemento do ato crítico. Ao invés de uma convivência mais ou menos harmoniosa, teríamos, isso sim, um conflito entre as duas estratégias discursivas.

E aqui falamos mais especificamente dos perfis que Candido constrói com uma “tonalidade pessoal, seja na evocação de amigos mortos, seja no relato de acontecimentos ligados à [sua] vida.”<sup>20</sup> Parece-nos que nesses textos poderíamos falar da presença de uma retórica memorialística. Necessário, assim, era fazer uma espécie de organização tipológica dos textos de Antonio Candido, diferenciando aqueles de caráter mais sociologicamente analíticos – como “Dialética da malandragem” – daqueles que se fazem com a presença do elemento memorialístico. Estes, por sua vez, precisam passar por um escrutínio mais preciso, no qual a função da memória seria analisada com mais precisão, diferenciando-se

---

<sup>18</sup> Arnoni Prado in D’Incao e Scarabôto (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida, op. cit.*, p. 136-137.

<sup>19</sup> Resumo de alguns argumentos de Arnoni Prado, *in ibid.*

<sup>20</sup> Candido, “Explicação”, *in Recortes, op. cit.*, p. 9.

aqueles nos quais a memória entraria como subsídio para a análise crítica, daqueles em que ela tem um emprego mais laudatório.

Para resolvermos metodologicamente esse impasse, outro livro foi-nos de enorme importância. Em *Signos e estilos da modernidade*, Franco Moretti dá uma definição um tanto mais ampla de retórica, que vai além do que sua simples associação a um discurso pomposo e vazio. “A retórica tem um caráter social, emotivo, partidário; em suma, um caráter *avaliador*. Persuadir é o contrário de convencer. A meta não é determinar uma verdade intersubjetiva, mas obter apoio para um sistema *específico* de valores.”<sup>21</sup> Para nós, o mais importante nessa citação de Moretti é a idéia de que uma das principais funções da retórica é a de dar apoio a um sistema de valores ao qual o leitor deve ser persuadido a aderir. Busca-se, assim, uma aproximação que Giulio Preti chama de “emocional”, a qual se esconde exatamente nessa forma de “persuasão não racional [cuja função é] reforçar ou despertar atitudes (sentimentos) não só com relação a uma decisão contingente (legal ou política), mas com relação aos grandes valores que formam a civilização.”<sup>22</sup>

Retornamos, assim, a um ponto crucial já abordado anteriormente por Beatriz Sarlo: quando a biografia está profundamente incrustada na exposição e no que chama de “aparato de captação moral do leitor”,<sup>23</sup> há uma espécie de resistência do próprio discurso à análise interpretativa. Ele se coloca como verdade inquestionável simplesmente pelo fato de que refutá-lo significaria chamar aquele que viveu e narrou a experiência de mentiroso.

Com o espaço intelectual que esses dois livros abria, parecia-nos possível afirmar que, nesses perfis rememorativos e laudatórios – apenas uma parte de um todo mais amplo e mais complexo –, a memória se mostraria como um elemento tensionador que roubaria algo da força da análise crítica. No discurso que proferiu ao receber da Universidade de Campinas o título de doutor *honoris causa*, Candido, após rememorar a constituição do Instituto de Estudos da Linguagem, escreve que, escolhendo entre uma fala carregada por um tom mais crítico – na qual mencionaria as iniquidades do ensino superior no Brasil – e

---

<sup>21</sup> Franco Moretti, *Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas literárias*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 16.

<sup>22</sup> Giulio Preti *apud* *ibid.*, p. 15 e 17.

<sup>23</sup> Sarlo, *Tempo passado, op. cit.*, p. 83.

outra assentada na memória, escolheu a tranqüilidade da segunda.<sup>24</sup> Fica, desse modo, em aberto uma questão um tanto incômoda sobre a relação entre a memória como uma esfera tranqüila e a desistência do embate com os nossos grandes problemas sociais.

Assim, nesses perfis mais eminentemente memorialísticos, não teríamos, a princípio, aquela “mobilidade de espírito”, aquela “variação do ângulo” que Davi Arrigucci Jr.<sup>25</sup> vê como uma das principais qualidades da crítica de Antonio Candido. Nesses textos, nosso memorialista parece querer traçar com linhas mais nítidas as fronteiras que demarcariam os territórios afetivos e intelectuais de sua geração. Nessa batalha interpretativa para consolidar um ponto de vista que fizesse justiça à memória de seus amigos mortos, haveria algum espaço para qualquer ponto de vista discordante?

Cria-se, dessa forma, uma dupla ambigüidade. Uma de Candido, que parece ficar a meio caminho entre a memória e a crítica; embora aqui e ali pontue essa desistência, o cansaço que o peso da idade lhe traz à prática militante, suas memórias se constituem como possibilidades de contestação de derrotas dadas como certas e inquestionáveis. A outra ambigüidade é minha em relação à Candido. Empacado no meio do caminho entre uma admiração incondicional à sua obra e necessidade de analisá-la criticamente, sinto-me, talvez por isso mesmo, sempre pressionado a tensionar as minhas leituras ao extremo de forma a fazer-lhe justiça.

### **III.**

Uma outra mudança em relação ao nosso desejo inicial é menos profunda, uma vez que é, por seu turno, uma consequência direta do que foi exposto acima. Ela diz respeito ao esqueleto dessa dissertação, que passa a ter duas partes. Analisamos, num primeiro momento, as tensões que a inserção do elemento memorialístico provocou nas concepções

---

<sup>24</sup> “Mas confesso que desisti, preferindo ficar na esfera tranqüila da memória” (Candido, “[Discurso de recebimento do título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Estadual de Campinas em 17/12/1989]”, in Antonio Candido e Roberto Schwarz, *A homenagem na Unicamp*, Campinas: Ed. Unicamp, 1989, p. 33).

<sup>25</sup> Davi Arrigucci Jr., “Movimentos de um leitor”, in D’Incao e Scarabôtolo (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida*, *op. cit.*, p. 89.

críticas e historiográficas de Antonio Candido. Já num segundo momento da dissertação, menos teórico, pretendemos descortinar o panorama cultural no qual ele se formou – os marcos sociais que balizariam as suas lembranças – e que o conjunto desses relatos testemunhais evidencia. O problema é que esse conjunto ainda se encontra bastante dispersos em prefácios, textos de jornais, revistas, capítulos de livros, dos quais *Recortes* é apenas um pequeno apanhado e uma espécie de fio de Ariadne que nos conduzirá por esse terreno mais vasto e mais perigoso que se estende para além das suas fronteiras.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> “Eu os coligi [os ensaios mais longos, anteriormente publicados em livros] de preferência aos mais breves porque sempre achei que estes deveriam ficar na publicação de origem, devido ao seu caráter circunstancial de artigo, resenha, prefácio ou texto de fala” (Antonio Candido, “Explicação”, in *Recortes*, *op. cit.*, p. 9). Em *Recortes* foram publicados mais ou menos quatro dezenas de ensaios que me interessam diretamente pelo seu teor memorialístico, poucos com mais de dez páginas. Contudo, se passarmos as vistas, ainda que rapidamente, pela bibliografia de Candido (cf. Vinicius Dantas, *Bibliografia de Antonio Candido*, *op. cit.*), podemos perceber que da década de 1980 pra cá, momento em que Flora Süssekind (“A memória como método”, *op. cit.*) marca como o da sua “guinada subjetiva”, existem algumas centenas de textos que poderiam fundamentar com mais segurança minhas hipóteses.

**PRIMEIRA PARTE,  
OU OS MÉTODOS CRÍTICOS DE ANTONIO CANDIDO**

## I.

### 1.

Certamente ninguém se atreveria a pensar Antonio Candido noutros termos que não o de um crítico militante. Por um lado porque essa militância<sup>27</sup> foi, de fato, a cor mais viva de seu trabalho teórico, e, por outro, porque seus discípulos se encarregaram de fixar-lhe com tintas cada vez mais indeléveis essa característica – algumas vezes como uma tentativa de prevenir apropriações do seu pensamento crítico por outras correntes teóricas, como fez Roberto Schwarz –, quase não se buscou uma compreensão mais matizada dos mais de sessenta anos de sua atividade intelectual.

É verdade que leituras mais dissonantes foram tentadas fora do eixo paulista,<sup>28</sup> local onde o pensamento de Candido parece exercer uma tal força centralizadora que impede qualquer espécie de distanciamento crítico, como se a única opção fosse uma adesão total e irrestrita. Essas “leituras dissonantes” tampouco me parecem capazes de lançar novas luzes sobre a obra de Candido. Elas pecam ao tentar uma deslegitimação em bloco de sua postura iluminista e materialista, como se sua obra fosse um todo homogêneo. Na verdade, Silviano Santiago e Eneida Maria de Souza, dois de seus mais costumazes

---

<sup>27</sup> Como ressalta o próprio Candido, o caráter dessa militância foi muito mais intelectual que propriamente político, isso se entendermos esse conceito no seu sentido mais rasteiro: “Sempre fui grande leitor de teoria e história política, mas mau militante, porque sou pouco persistente e me chateio depressa. As reuniões são freqüentemente para mim um verdadeiro suplício, e eu custo a crer que passei parte da vida nelas, sempre pensando que não ia agüentar mais cinco minutos, e ficando horas” (“Antonio Candido: a militância por dever de consciência”, in *Teoria & Debate*, São Paulo, n. 2, mar. 1988, p. 26).

<sup>28</sup> Cf., por exemplo, Rachel Esteves Lima, *A crítica literária na Universidade brasileira*. 1997. 323 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Departamento de Teoria da Literatura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997 e “A crítica cultural na universidade”, in Eneida Maria de Souza e Wander de Melo Miranda (orgs.), *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*, Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997, p. 170-186; Silviano Santiago, “Alfabetização, leitura e sociedade de massa”, in Adauto Novaes (org.), *Rede imaginária: televisão e democracia*, São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1991, p. 146-152; Célia Pedrosa, *Antonio Candido: a palavra empenhada*, São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: EDUFF, 1994; Eneida Maria de Souza, “O discurso crítico brasileiro”, in *Crítica cult*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 47-66 ; Roberto Corrêa dos Santos, “A crítica literária no Brasil: últimos quinze anos”, in *Ensaios de semiótica: cadernos de teoria da literatura*, Belo Horizonte, v. 26, 1992-1993, p. 85-97, e Ettore Finazzi-Agrò, “Em formação. A literatura brasileira e a ‘configuração da origem’”, in Raul Antelo (org.), *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*, Pittsburg: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana Universidad de Pittsburg, 2001, p. 165-182.

críticos, buscam abrir espaço para uma nova perspectiva teórica acerca da cultura brasileira.<sup>29</sup> Veremos, mais à frente, como se organizam esses argumentos.

Peca-se, também, ao se tentar adaptar o pensamento de Candido às teorias em voga, como se datá-lo significasse roubar a força de suas análises, o que acabou por produzir certos exageros. Noutras palavras, não se tratava mais de marcar o caráter marxista – palavra que se tornou quase um anátema nos meios intelectuais – de seus textos, mas de buscar legitimá-los sob uma nova perspectiva. Um exemplo disso é a análise que Ettore Finazzi-Agrò<sup>30</sup> faz da *Formação da literatura brasileira*. A tese de Finazzi-Agrò é a de que há, na *Formação*, uma ligação involuntária entre o modo através do qual Candido entende a história, nesse livro, e a genealogia nietzchiana, que implica na “impossibilidade de uma história linear e conseqüencial, teleológica no sentido mais pontual, que vai do Início até o Fim.”<sup>31</sup> Ou seja, Candido seria um dos maiores críticos brasileiros, porque antecipou, involuntariamente,<sup>32</sup> uma tendência contemporânea, tornando-se, “ele mesmo *genealogista* no sentido *nietzchiano*.”<sup>33</sup>

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

Assim, o que busco, nessa primeira parte do trabalho, é percorrer duas das mais importantes leituras críticas sobre Antonio Candido de modo a entender, primeiro, de que modo se deu a homogeneização de uma perspectiva crítica a respeito da sua obra. Em seguida, veremos como essa idéia de crítica militante está de tal forma enraizada na abordagem sobre Candido que mesmo leituras que buscam desvelar novas facetas do

---

<sup>29</sup> A história desses deslocamentos de poder dentro do campo acadêmico e da crítica literária no Brasil foi escrita por Esteves Lima, *A crítica literária na Universidade brasileira*, *op. cit.*

<sup>30</sup> Finazzi-Agrò, “Em formação. A literatura brasileira e a ‘configuração da origem’”, in Raul Antelo (org.), *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*, *op. cit.*

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 171. Embora não possamos entender *fim* como término, podemos lê-lo, na *Formação...*, como meta, que é a base do pensamento teleológico.

<sup>32</sup> Embora o termo “involuntário” seja uma ressalva feita por Finazzi-Agrò, que não estaria afirmando ser esse um projeto deliberado de Candido, há aí algo estranho. Candido foi um dos primeiros críticos brasileiros a ler Nietzsche (Cf. “O portador”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, 2. ed, São Paulo: Ed. Unesp, 1992). Há, ainda, uma citação de *Le Gai Savoir*, desse mesmo filósofo alemão, num texto de *Clima* (Cf. “Livros”, in *Clima*, São Paulo, n. 10, jun. 1942, p. 65-71).

<sup>33</sup> Finazzi-Agrò chega a ressaltar o caráter não-dialético da avaliação da história literária enquanto sistema (“Em formação. A literatura brasileira e a ‘configuração da origem’”, in Raul Antelo (org.), *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*, *op. cit.*, p. 174).

método crítico do autor de *Recortes* não conseguem ir muito além do seu círculo de influência.

## 2.

Em 1970, Roberto Schwarz escreveu um pequeno texto, uma espécie de *vade mecum* para uso dos críticos, intitulado “19 princípios para crítica literária”, no qual afirmava: “Não esqueça: o marxismo é um reducionismo, e está superado pelo estruturalismo, pela fenomenologia, pela estilística, pela nova crítica americana, pelo formalismo russo, pela crítica estética, pela lingüística e pela filosofia das formas simbólicas.”<sup>34</sup> A ironia é tão óbvia que não precisa sequer ser ressaltada. Na verdade, o que Schwarz estava criticando era a adoção pela intelectualidade brasileira de uma série de modismos acadêmicos, cuja autoridade não estava no poder de análise, mas no prestígio de um método europeu ou americano, na novidade terminológica e doutrinária. É como se algo da volubilidade do narrador machadiano tivesse contaminado os nossos intelectuais.

Assim, quando Antonio Candido publicou “Dialética da malandragem” – “o primeiro estudo literário propriamente dialético”<sup>35</sup> –, uma brilhante análise do livro *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, Schwarz percebeu a oportunidade de matar dois coelhos com uma só cajadada. Marcando o alcance crítico de Antonio Candido, Schwarz podia, primeiro, mergulhar o texto no ideário marxista, atribuindo-lhe uma terminologia que não está presente no ensaio e preservando-o, assim, de uma possível leitura culturalista.<sup>36</sup> E, em segundo lugar, uma vez definido que a “Dialética...” era um ensaio de inspiração marxista, ele podia afirmar a legitimidade do método materialista, ressaltando-lhe a atualidade e o poder de análise da realidade

---

<sup>34</sup> Schwarz, “19 princípios para crítica literária”, in *O pai de família e outros estudos*, São Paulo: Paz e Terra, 1978, p. 93.

<sup>35</sup> Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”, in *Que horas são?*, São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 130.

<sup>36</sup> “A brilhante leitura que do ensaio de Candido faz Schwarz teve como fim primordial o resgate do texto crítico para o ideário marxista, *ainda que nele se evidenciasse uma abordagem culturalista*” (Santiago, “Além da história social”, in *Nas malhas da letra: ensaios*, Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 256 [grifo nosso]).

brasileira. O mesmo será repetido anos depois, quando Schwarz toma como objeto de análise outro texto de Candido, agora “De cortiço a cortiço”, para, novamente, fazer uma apologia do método materialista. Foi, assim, através desses dois ensaios capitais que Roberto Schwarz – diga-se de passagem, um dos críticos mais perspicazes da obra de Antonio Candido – fixou o método materialista do autor de *Recortes*.

Antes de tudo, cabe-nos esclarecer uma estranheza que surge na leitura das primeiras linhas dos “Pressupostos...”. Se é na “Dialética...” que se faz pela primeira vez um estudo verdadeiramente dialético, como podemos ler os outros 29 anos de trabalhos críticos de Candido? Como podemos ler, então, a dualidade entre universalismo e particularismo que é a tônica da *Formação da literatura brasileira*? Os exemplos poderiam se estender quase que indefinidamente, porque, como escreveu Paulo Eduardo Arantes, “pode-se dizer que em Antonio Candido há *dialética* por todos os lados”.<sup>37</sup> Mas, para Schwarz, “Dialética da malandragem” é a brilhante concretização de um projeto que vinha se esboçando há anos. Nesse sentido, os outros ensaios de Antonio Candido são como que momentos de preparação, nos quais há mais um movimento pendular, dual – cuja gênese está em Sérgio Buarque de Holanda – do que uma dialética no sentido mais preciso do termo. Voltaremos a essa questão mais à frente.

Assim, somente em “Dialética...” Candido realizou plenamente aquilo que é o fundamento básico da crítica marxista – algo tão fácil de ser proferido quanto difícil de ser cumprido, segundo nos adverte Schwarz –, a dialética entre forma literária e processo social. Faz parte do *abc* de qualquer crítico marxista a idéia de que todos os fenômenos culturais pertencem à superestrutura, a qual, por sua vez, está intimamente ligada à infraestrutura.<sup>38</sup> Dessa forma, cabe ao crítico materialista pôr em contato essas duas realidades que parecem, à primeira vista, distintas, por que é somente nesse momento que o conhecimento se torna possível: “por um breve instante, percebemos de relance um mundo unificado, um universo no qual realidades descontínuas se acham não obstante implicadas

---

<sup>37</sup> Arantes, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 9 [grifo nosso].

<sup>38</sup> Nesse ponto, como nas demais passagens sobre a crítica marxista, me apóio nas reflexões de Fredric Jameson, *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura no século XX*, São Paulo: HUCITEC, 1985; e no livro de Marta Harnecker, *Os conceitos elementares de materialismo histórico*, 2. ed., São Paulo: Global, 1983.

umas nas outras”.<sup>39</sup> Esse é também um momento político, uma vez que é nesse “breve instante” que a ideologia, um conceito abstrato por natureza, toma forma, isto é, assume “algo da densidade e significação de um ato no mundo real das coisas e da produção material”,<sup>40</sup> seja nas posições do narrador, seja no andamento de uma sinfonia. Há, portanto, a substituição de uma linguagem que privilegia o acaso e a causalidade, por uma linguagem da homologia. O problema é que esse ato crítico, esse momento de epifania materialista, é difícilimo de ser alcançado, pois ele pressupõe o conhecimento da cada uma dessas realidades em suas especificidades. Noutras palavras, não pode haver um formalismo vazio, sem qualquer espécie de contato com o referente, uma vez que esse tipo de estudo transcende os limites da própria obra, nem um sociologismo vulgar, que, segundo imagem de Antonio Candido, “devora” a obra em função da sociedade da qual ela é apenas um reflexo,<sup>41</sup> não respeitando, portanto, a sua especificidade.

Dentro desse contexto, qual é a originalidade<sup>42</sup> da leitura produzida por Antonio Candido? A resposta é simples. Em “Pressupostos...”, Schwarz tenta caracterizar aquilo que julga fundamental na “Dialética...”: a capacidade de unir forma literária e processo social, superando, assim, o abismo entre abordagem estética e social, sem privilegiar nenhuma das duas esferas. Ou seja, foi através de uma leitura cerrada do livro, com uma atenção especial aos andamentos do trecho, que Antonio Candido identificou, denominou e analisou uma “linha de força” até então não contemplada nem pela historiografia literária nem pelas interpretações sociológicas: a dialética entre ordem e desordem. Assim, trazida à luz do dia, esta se torna um “princípio de generalização”, capaz de organizar tanto os dados da realidade quanto os da ficção.

Uma vez marcada a posição materialista de Candido, Schwarz se sente à vontade para expor os princípios desse método. Na verdade, o alvo principal da sua crítica é o estruturalismo, que invadia as universidades brasileiras, e cuja base era então a Pontifícia

---

<sup>39</sup> Jameson, *Marxismo e forma*, *op. cit.*, p. 15.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>41</sup> Cf. Candido, “Crítica e sociologia”, in *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, 5. ed., São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, p. 3-15.

<sup>42</sup> A rigor, não poderíamos falar em *a originalidade*, mas em originalidades, pois Schwarz aponta, além da superação entre forma e processo social, que esse ensaio representa, por exemplo, uma renovação da crítica de cunho nacionalista, pois a idéia de que o produto brasileiro é diferente da matriz europeia não é dada *a priori*, mas fruto de uma análise, tornando-se, portanto, um elemento factual.

Universidade Católica do Rio de Janeiro. Por isso a atenção e o cuidado com que Schwarz analisa e delimita o conceito de forma, tão caro aos marxistas. Em oposição à forma estruturalista – estéril porque trata o referente apenas como “horizonte” sem interesse, o que acaba por incapacitá-la de fazer qualquer espécie de análise da cena contemporânea – a forma, segundo a crítica marxista, é um dado objetivo, portanto irrefutável. Ela é uma produção da realidade social. Assim, todas as construções estéticas dependem de sua objetividade e de sua historicidade. Mas aqui Schwarz faz uma ressalva. A obra artística não copia, ponto a ponto, a realidade histórica, ela a (re)formaliza esteticamente, a reduz estruturalmente – isso para ficarmos com dois conceitos-chave de Candido. E é exatamente esse o ponto de interesse de Antonio Candido: o momento em que uma forma real, tal qual colocada pela vida prática, é transformada pelo poder criador do artista em objeto estético. Isso reflete a sua preferência por uma exposição mais discreta do que por uma completa tentativa de esquematização histórica. Dessa forma, Candido faz questão de pôr de maneira clara a relação que estabelece entre romance e realidade: não se trata de privilegiar um ou outro, mas superar uma alternativa que é, em última instância, falaciosa. E Schwarz ainda ressalta: Antonio Candido faz uma crítica *estética*, não sociológica.

Mas retomemos de onde havíamos parado. Se a forma não é uma norma estética que se pode simplesmente copiar ou subverter, sua busca deve ser feita a partir dos elementos extraliterários. Mas esse ponto é dialeticamente complicado. Se os conhecimentos de história e sociologia são necessários para a correta inferência da forma, esses conhecimentos, por sua vez, devem ser refundados à luz da estrutura formal do romance. Ou seja, embora tenha que se respeitar a especificidade de cada realidade estudada, nenhuma das duas sai incólume quando postas lado a lado. Utilizar a obra como exemplo de uma realidade e de um “conhecimento” dado *a priori* é próprio de um marxismo vulgar. A dialética é, em essência, um conhecimento imprevisível, por isso o crítico deve valorizar a espontaneidade estética.

Schwarz, contudo, dá um passo atrás na linha de sua argumentação. Uma vez estabelecido que “Dialética...” é um exemplo de crítica estética – ainda que esse termo tenha que ser ressignificado dentro de um contexto materialista – ele se sente livre para fazer uma afirmação que nos parece mais de acordo com suas preferências intelectuais.

“Dialética...”, ao mesmo tempo que é uma análise minuciosa da estrutura formal das *Memórias de um sargento de milícias*, permite, também, um profundo e original conhecimento sociológico da realidade brasileira. Candido contempla um *continuum* da nossa totalidade social que, até o momento da publicação da obra de Manuel Antônio de Almeida, era posto em segundo plano – o dos homens livres – e da qual, portanto, as *Memórias...* se tornam cristalização. Assim, o papel de Candido foi o de “engendrar a generalidade capaz de unificar o universo romanesco estudado, generalidade que antes dele o romancista havia percebido e transformado em princípio de construção artística.”<sup>43</sup> Como a sociedade não é mais encarada como um elemento externo, que apenas paira ao redor da obra literária, mas um elemento interno, desempenhando “um certo papel na constituição da estrutura”,<sup>44</sup> então o dinamismo literário, por sua vez, passa a produzir conhecimento sobre a realidade externa. Noutras palavras, a crítica se torna capaz de repensar o processo social de maneira original, pois o faz através da análise da forma do objeto literário.

Assim, a crítica literária, pelo menos com Candido – e Schwarz, por extensão – é, também, uma forma de intervenção na cena contemporânea. Isso se dá no momento em que Candido faz da dialética entre ordem e desordem não a experiência de um determinado setor da sociedade, mas um *modo de ser* brasileiro. Acontece que Candido inverte esse movimento, que é ideológico em sua essência. A ideologia é a transformação do modo de ser de classe – geralmente da classe dominante – no modo de ser nacional. Mas a dialética entre ordem e desordem não nasce dos setores “aristocráticos” brasileiros, embora já se perceba seus movimentos nas formulações de um Gilberto Freyre. Ela é, na verdade, popular. Ou seja, a ideologia que Candido generaliza para o país tem sua matriz na sociabilidade desenvolvida pelos homens pobres. O mais importante está, contudo, na valoração dada a essa inversão. Malandragem tem, em si mesma, um acento pejorativo. É a negação da lei, a desordem social, a incapacidade de adesão à ética capitalista de veneração do trabalho. Mas essa especificidade nacional, se comparada ao enrijecimento puritano e às brutalidades cometidas em nome da lei, tais como descritas em *A letra escarlate*, de

---

<sup>43</sup> Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”, in *Que horas são?*, *op. cit.*, p. 140.

<sup>44</sup> Candido, *Literatura e sociedade*, *op. cit.*, p. 4.

Hawthorne, se torna possibilidade de um mundo mais aberto, a que Schwarz acrescenta uma interrogação: “socialismo?”<sup>45</sup>

De alguma forma, é também esse o viés através do qual é analisado, anos depois, outro ensaio de Antonio Candido, “De cortiço a cortiço”,<sup>46</sup> no qual, através de uma leitura do livro de Aluísio de Azevedo, procura dar o que Schwarz chama de “lastro local” a debates sobre a metodologia de abordagem da obra literária. O que Candido propõe é a “passagem do dois ao três”, ou seja, a passagem de uma leitura estruturalista, na qual se privilegia a simetria de dois pontos equidistantes, para uma leitura marxista – e dessa vez é o próprio Candido quem dá nome aos bois –, na qual o ritmo dialético da “tese-antítese-síntese pressupõe equilíbrios fugazes; e isso permite dar conta dos conjuntos irregulares, mantendo um reflexo mais fiel da irregularidade dos fatos.”<sup>47</sup> Assim, a linha argumentativa e a estrutura do ensaio de Schwarz são bastante semelhantes à dos “Pressupostos...”. Novamente, busca-se legitimar uma leitura que valorize o trânsito entre a análise estética e a reflexão histórico-social. Mas, como agora a crítica de Schwarz tem um novo antagonista, a sua argumentação ganha um elemento particular. Se para combater o estruturalismo – que ignorava a força do referente histórico –, era necessário um aprofundamento do conceito materialista de forma, agora, frente à onda desconstrutivista – que afirma que não há nada fora do texto e que relativiza a questão da originalidade ao valorizar a intertextualidade –, ele denuncia o seu caráter ufanista ao reafirmar a idéia de cópia: “Só por ufanismo ou irreflexão alguém dirá a que a eventual superioridade de um artista latino-americano sobre o seu exemplo europeu indica paridade cultural das áreas respectivas.”<sup>48</sup> Para Schwarz, essa noção tem um caráter ideológico, pois oculta as desigualdades existentes. O encaminhamento da argumentação só poderia levar a uma conclusão. Existia, sim, a cópia em sua acepção mais pejorativa até o momento em que o escritor periférico pudesse reciclá-la de acordo com as condições tais quais elas se mostram, ou seja, até que as idéias fossem adaptadas às novas situações impostas pelo local. Assim, a própria noção de

---

<sup>45</sup> Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”, in *Que horas são?*, op. cit., p. 152.

<sup>46</sup> In Candido, *O discurso e a cidade*, São Paulo: Duas Cidades, 1993.

<sup>47</sup> Candido, “Duas vezes ‘A passagem do dois ao três’”, in *Textos de intervenção*, São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002, p. 53.

<sup>48</sup> Schwarz, “Adequação nacional e originalidade crítica”, in *Seqüências brasileiras*, op. cit., p. 26.

intertextualidade ganha uma feição mais materialista, pois a questão de “filiação de textos” passa a ser lida como uma questão de “fidelidade a contextos.”<sup>49</sup> Candido propõe, então, uma dupla superação: primeiro, a do abismo entre análise estética e interpretação histórica, explicitado acima; segundo, a de que um romance ou é fruto apenas dos estímulos diretos da realidade ou somente da transformação textual de outros romances.

A originalidade de Antonio Candido está, portanto, na busca de um caminho próprio, que passa ao largo de modismos, e que procura uma adequação nacional das idéias estrangeiras e uma intervenção social através de sua análise. Essas qualidades devem ser, segundo Schwarz, os objetivos da crítica em países como o nosso. Assim, sua exposição encontra força não num método famoso, nem na adoção de uma terminologia nova, mas nos interesses e nas evidências do achado e, principalmente, no rigor de análise. Por isso é que o essencial de seu ato crítico depende, sobretudo, de uma sensibilidade política, cuja natureza já vimos em “Dialética...” no momento em que Candido inverte o movimento normal da ideologia, abrindo um espaço novo para a construção nacional. Esse é, segundo Schwarz, um espaço de independência reflexiva, o que significa, ao fim e ao cabo, uma recusa aos hábitos intelectuais da elite. E esse é o motivo pelo os ensaios de Candido ocupam um lugar especial na galeria da crítica nacional: o do “enfrentamento literário-ideológico-político sobre a natureza da experiência social brasileira.”<sup>50</sup>

Se em “Pressupostos...” Schwarz já havia assinalado que “Dialética...”, mesmo sendo um ensaio de crítica literária, era também, de alguma forma, uma peça sociológica, em “Adequação...” ele vai mais além. Comparado com os ensaístas de esquerda europeus, Candido encontra-se numa posição de defasagem, pois, no Velho Continente, aqueles têm a sua disposição uma teoria social avançada, bastante analítica e crítica, da qual eles podem lançar mão no momento de suas interpretações. O mesmo não ocorre por aqui, onde nossa bibliografia peca por falta de densidade. Mas é dessa fraqueza aparente que Candido tira sua força, pois é “obrigado a prover ele mesmo a história, a sociologia, a psicologia social necessárias à plenitude de suas observações no plano formal.”<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup> Ambas as expressões são de Candido, que compara Aluísio de Azevedo a Émile Zola, ressaltando as diferenças impostas pelas condições brasileiras.

<sup>50</sup> Schwarz, “Adequação nacional e originalidade crítica”, in *Seqüências brasileiras, op. cit.*, p. 33.

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 45.

Através desses dois ensaios capitais, no quais a legitimação do método materialista funde-se a uma leitura rigorosa e sincera de Antonio Candido, Schwarz fixou o perfil pelo qual o autor de *Recortes* ficou mais conhecido. A sua imagem tornou-se, então, associada a quatro realidades que pareciam antagônicas até que seu discípulo as iluminasse:

uma análise de composição, que renova a leitura do romance e o valoriza extraordinariamente; uma síntese original de conhecimentos dispersos a respeito do Brasil, obtida à luz heurística da unidade do livro; a descoberta, isto é, a identificação de uma grande linha que não figurava na historiografia literária do país, cujo mapa esse ensaio modifica; e a sondagem da cena contemporânea, a partir do modo de ser social delineado nas *Memórias*.<sup>52</sup>

### 3.

Noutro contexto – quando a Universidade Estadual de Campinas concedeu a Antonio Candido o título de doutor *honoris causa*, em 1987 –, Schwarz voltou a debruçar-se sobre a obra de seu mestre. Os motivos principais dos dois estudos analisados acima estão todos aqui:<sup>53</sup> o propósito militante dos primeiros artigos da Revista *Clima* e dos jornais *Folha da Manhã* e *Diário de S. Paulo*, entre os anos de 41 e 47, nos quais buscava tanto uma posição lúcida e independente, que não pendesse nem para um fascismo odioso, nem para um stalinismo funesto; também está ressaltado ali o crítico que não se fecha comodamente sobre seu objeto de estudo, mas que, lançando mão das modernas ciências humanas aprendidas na Universidade, vai avaliar o processo cultural pelo prisma necessário do contexto de redemocratização pós Segunda Guerra Mundial; retoma ainda a tese que Candido fez a respeito de Silvio Romero – *O método crítico de Silvio Romero* –, ainda em 1945, como forma de localizar ali o embrião do debate sobre a falsa alternativa entre os estudos de forma e estudos de contexto. Mas acontece que, em Candido, esse debate ganha uma feição particular, em parte porque foge à abstração das bibliografias estrangeiras – colhendo “o problema na sua feição local, exposta nos impasses metodológicos do

---

<sup>52</sup> Schwarz, “Pressupostos, salvo engano, da ‘dialética da malandragem’”, in *Que horas são?*, *op. cit.*, p. 130.

<sup>53</sup> Schwarz, “Saudação *honoris causa*”, in *Seqüências brasileiras*, *op. cit.*, p. 9-16.

predecessor”<sup>54</sup> –, e em parte por ser esse seu primeiro esforço de auto-superação do que o autor de *Ao vencedor as batatas* chama de desequilíbrios e precariedades de uma herança cultural defeituosa.

Passeando pelos vários caminhos da obra de Candido, com a tranqüilidade que só a familiaridade pode trazer, Schwarz não se furtou à mudança de tom dos seus textos.

Do ponto de vista literário, os trabalhos mais complexos de Antonio Candido são os mais recentes, as combinações de depoimento exato e análise, que passou a publicar, se não me engano, a partir de fins dos anos 60. São escritos que abrem mão da terminologia e exposição científica, mas não da disciplina mental e conhecimentos correspondentes. Apoiado na sua excelente memória, onde esta repertoriada a experiência nessa altura já longa do estudioso da literatura e da sociedade, o ensaísta circula reflexivamente entre anedotas, testemunhos, decênios, explicações, teorias, numa prosa simples e precisa, que é o espelho daquela agilidade.<sup>55</sup>

Embora a memória pareça, à primeira vista, a do erudito que acumulou um imenso conhecimento sem sair de sua biblioteca tão abarrotada de livros que as estantes há muito tamparam a vista das janelas, Candido não se parece nem um pouco com o professor Peter Kien, personagem do livro de Elias Canetti. Como podemos depreender da nota feita ao parágrafo – “Os textos mencionados encontram-se [...] em *Teresina etc.* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980); *A educação pela noite* (São Paulo, Ática, 1987) e *Vários escritos* (São Paulo, Duas Cidade, 1970)”<sup>56</sup> –, Schwarz recorta, para a análise feita acima, livros nos quais foram publicados os seus primeiros escritos de caráter mais testemunhal. É, por exemplo, em *Teresina etc.* que está um dos mais completos textos biográficos que Candido já escreveu, intitulado “Teresina e os seus amigos”.

Feita a ressalva, passemos ao que nos parece mais importante na citação. Mesmo percebendo que há mudanças significativas no método de Candido – esses “escritos [...] abrem mão da terminologia e exposição científica, [produzindo] o efeito de uma forma literária própria, realizada à perfeição”<sup>57</sup> –, Schwarz não foge à imagem para cuja

---

<sup>54</sup> Ibid., p. 10.

<sup>55</sup> Ibid., p. 13.

<sup>56</sup> Ibid., p. 13, nota 2.

<sup>57</sup> Ibid., p. 13.

consolidação seus esforços foram decisivos – “[esses mesmo escritos] não abem mão da disciplina mental e conhecimentos correspondentes.”<sup>58</sup>

Mais à frente veremos que essas hipóteses têm um alcance muito limitado. Centradas muito mais em uma idéia pré-concebida, ainda que não incorreta, elas não são uma chave de leitura suficientemente forte para podermos analisar a totalidade dos escritos testemunhais de Antonio Candido. Parece-nos mais uma abstração que fecha os olhos à particularidade de cada texto.

#### 4.

Os anos 1990 e a falência da utopia socialista, cujo projeto afundava a olhos vistos, trouxeram consigo mudanças teóricas que implicavam em outras leituras dos escritos de Antonio Candido, uma vez que o paradigma marxista de Schwarz parecia não mais dar conta do objeto. Essas outras leituras, contudo, não significaram, como veremos, novas reavaliações da obra do autor de *Tese e antítese*.

Um primeiro passo precisava ser dado. Era necessário que se tentasse ver por trás de uma imagem criada pela própria geração da qual Candido fez parte. Quando esses jovens acadêmicos, no início dos anos 40, buscaram sua inserção no meio intelectual paulista, encontraram-no abarrotado pelas principais figuras do vitorioso movimento modernista de 1922. Assim, para conseguir um espaço nesse cenário cultural, utilizaram-se daquilo que era o capital simbólico mais forte de que dispunham: sua formação acadêmica. Alunos das primeiras turmas da recém-criada Universidade de São Paulo, eles lançaram mão desse diferencial como uma forma de auto-legitimação. Era o conhecimento sistemático e as opiniões bem fundadas em vasta bibliografia contra o diletantismo e o improvisado bacharelesco. Mais: era a seriedade frente aos graves fatos políticos do momento contra tudo o que se perdesse em “experimentalismos hedonísticos, na gracinha literária e no exibicionismo intelectual.”<sup>59</sup> Essa imagem que a geração *Clima* construiu para si – e que

---

<sup>58</sup> Ibid., p. 13.

<sup>59</sup> Candido, “Plataforma da nova geração”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 239.

lhes custou o apelido de *chato-boys*, dado por Oswald de Andrade –, embora não seja falsa, acabou por obscurecer outras leituras de suas obras.

O primeiro a ver por baixo – na verdade, ao lado – dessa crosta academicista foi Antonio Arnoni Prado, como pode ser constatado numa comunicação lida ainda em 1990 e intitulada “Anotador à margem”.<sup>60</sup> O grande achado crítico de Arnoni Prado foi ter percebido tanto o elemento memorialista, quanto o da digressão sentimental enquanto ele ainda se encontrava disperso pela obra de Candido. Ou seja, Arnoni Prado lançou uma luz sobre esse método “complementar” – o estreitamento entre crítica e memorialismo – antes mesmo que ele ganhasse sua forma mais bem acabada. *Recortes* só seria publicado três anos mais tarde.

O que Arnoni Prado procura definir é aquilo que chama de “memória ensaística”: a forma pelo qual o *scholar* se desdobra em “anotador à margem”, atento às cenas aparentemente mais banais, que reconstrói sempre com finalidade crítica. O método se compõe através de dois movimentos semelhantes. O primeiro diz respeito ao comentário aparentemente solto, como que deslocado do resto do texto. O segundo se faz através da coleção de “coisas miúdas”, que, iluminando umas às outras, chegam, por fim, à essência mesma do objeto analisado – ou recordado.

Assim, a “anotação de circunstância” se torna *complementar* ao ato crítico propriamente dito. Não podemos, portanto, afirmar que o memorialismo é um método alternativo. Essa separação é tão falaciosa quanto a que distingue análise formal e processo histórico. Antonio Candido não foi diluindo seu materialismo num memorialismo, uma vez que ambos foram produzidos simultaneamente, isto é, conviveram num mesmo tempo histórico. Podemos ver, a título de exemplo, a data de dois textos que se utilizam de métodos distintos. “A passagem do dois ao três” é de 1974, mesmo ano do texto “Arnaldo”, publicado posteriormente em *Recortes*, de caráter mais narrativo e mimético, no qual Candido rememora a trajetória de Arnaldo Pedroso d’Horta.<sup>61</sup> A leitura se torna, então,

---

<sup>60</sup> Arnoni Prado, “Anotador à margem”, in D’Incao e Scarabôto (org.), *Dentro do texto, dentro da vida*, op. cit., p. 135-141.

<sup>61</sup> Antonio Arnoni Prado aponta a existência desse viés, “o Antonio Candido das incursões sentimentais, o anotador de lembranças” (ibid., p. 136) já em textos das décadas de 1940 e de 1950, como naquele que foi escrito, em 1946, a propósito do primeiro aniversário de morte de Mário de Andrade.

síntese de diversos registros, que mantêm, por sua vez, uma relação hierárquica entre si: o *scholar* é obscurecido pelo escritor militante. Essa “entrada circunstancial ou dispersa”, como Arnoni Prado a chama, tem sua matriz nas leituras que Benjamin faz da modernidade em Baudelaire e é

o foco para uma vastíssima integração de perspectivas que não se enquadram bem no figurino acadêmico porque o tom é baixo, a exposição não é categórica, o ângulo é sempre discreto e provisório, e a linguagem, tão simples quanto precisa, tem sempre um jeito de hipótese que se abre a releitura.<sup>62</sup>

Arnoni Prado conclui que essa é, portanto, uma operação dialética. A “mirada de circunstância” – que revela o inesperado de relações até então ignoradas – tem como antítese um segundo movimento de escrita, que é uma espécie de intuição que “risca no limite os contornos para as imagens de ouro delineadas no grande ensaio ou na obra historiográfica.”<sup>63</sup>

A lembrança anotada reacende, então, aquilo que estava guardado no mais íntimo da memória de um indivíduo e que agora é compartilhada com seus leitores. Ela se torna um meio de conhecimento privilegiado, pois contamina o observador literário com a presença humana, o que implica na inexistência de uma separação artificial entre literatura e vida. Noutras palavras, o conhecimento livresco e a experiência vivida não mais se deslegitimam um ao outro, desmontando essa frágil hierarquia, que Alain Finkielkraut considera fundadora do Ocidente.<sup>64</sup>

Arnoni Prado aponta ainda uma outra característica desse método, que é, na verdade, uma ressalva. A digressão sentimental só é um instrumento de análise e de interpretação quando ilumina a vida e a obra. Essa “anotação à margem” não pode ser pensada como uma mera curiosidade. Ela só revela sua força quando tratada com o mesmo rigor que se trataria os ensaios mais “analíticos”, pois é nesse momento que ela pode lançar novas luzes sobre a própria historiografia tradicional, revelando correlações até então

---

<sup>62</sup> Ibid., p. 135-136.

<sup>63</sup> Ibid., p. 136.

<sup>64</sup> Alain Finkielkraut, *A derrota do pensamento*, 2. ed, São Paulo: Paz e Terra, 1989, p. 11.

inusitadas. Na interpretação que faz do texto de Candido sobre Mário de Andrade, Arnoni aponta como o autor de *Recortes* transfere uma palavra – *contatos* – que se aplicava ao sujeito para o seu processo de criação, iluminando a obra através da vida.

Assim, a força do método está no que Arnoni Prado caracterizou como “autofecundação dos diversos registros de leitura”: o depoimento se transforma em crítica, os achados de memória se tornam achados históricos. Tudo isso ainda é temperado por uma construção textual que mais lembra o enfoque ficcional que o acadêmico, pois Candido, que se utiliza magistralmente de técnicas e efeitos de escrita, está sempre em busca da melhor perspectiva narrativa.

Com a publicação de *Recortes*, em 1993, Antonio Candido sedimentou uma tendência crítica que, segundo Flora Süssekind, vinha se ensaiando desde *Teresina etc*: o estreitamento entre crítica e memorialismo.<sup>65</sup> Assim, coube a Arnoni Prado aplicar, oito anos depois, a metodologia destacada acima a essa obra. “Significação de *Recortes*”<sup>66</sup> tem um objetivo claro: dar a devida atenção a um livro que não teve a acolhida merecida.

Segundo Arnoni Prado, a importância do livro de Candido está em juntar duas atividades que, até aquele momento, haviam sido desempenhadas em locais distintos: a crítica literária e a militância política. Há, nessa afirmação, uma aparente contradição. Como podem a crítica literária e a militância política estarem afastadas se havíamos ressaltado, na primeira parte desse estudo, através da leitura que Schwarz faz de “Dialética da malandragem” e “De cortiço a cortiço”, exatamente o caráter intervencionista da obra de Candido? Talvez a resposta esteja numa definição mais particular de militância, compreendida não tanto como uma intervenção ostensiva no cenário político – afinal, tampouco esse é o propósito dos seus ensaios críticos – quanto o destaque dado à contribuição daqueles com quem conviveu em prol de um socialismo – meio fora de moda, diria-se hoje em dia.

Tendo isso em vista, Arnoni Prado chama *Recortes* de balanço de geração. Candido recorta, em pequenos textos, as figuras e os cenários mais importantes de uma época, como que para resguardá-los, preservá-los da ação deletéria do tempo. Novamente

---

<sup>65</sup> Süssekind, “A memória como método”, *op. cit.*

<sup>66</sup> Arnoni Prado, “Significação de *Recortes*”, in Aguiar (org.), *Pensamento e militância*, *op. cit.*, p. 61-70.

Arnoni vai realçar os movimentos de um leitor que usa da imaginação narrativa, o que acrescenta muito ao registro da reflexão, e da liberdade de um texto eminentemente híbrido: é, ao mesmo tempo, ensaístico, memorialístico e analítico.

Mas, para Arnoni Prado, o leitor deve tomar cuidado com a aparente desconjuntura do livro, cujo movimento parece ser simplesmente o da vontade saudosista da reminiscência. Mas de saudosismo *Recortes* não tem nada. Dobrando-se sobre o que Candido escrevera nos mais de 50 anos de sua atividade intelectual, esse livro, algumas vezes irônico e bem-humorado, é uma adesão às idéias que nortearam seu pensamento, e, conseqüentemente, o de sua geração. *Recortes* é a “avaliação de uma época a partir do significado da obra coletiva dos homens representativos que a viveram.”<sup>67</sup>

Embora o livro não seja tão disperso quanto aparenta à primeira vista, Arnoni Prado defende a idéia, que será mais tarde aprofundada por Jaime Ginzburg, de que o caráter fragmentário de *Recortes* funciona como uma ruptura epistemológica com a experiência de literatura como sistema tal qual se configura no seu *Formação da literatura brasileira*. Isso demonstra uma superposição das camadas de interesse na sua evolução intelectual.

A hipótese de trabalho do ensaio de Arnoni Prado é a de que a cultura de um homem pode esclarecer a história intelectual do período em que viveu. No fundo, isso é um desdobramento de um texto de Candido publicado em *Recortes*. “A cultura de um homem se evidencia nos livros que leu. Através dessa cultura é possível esclarecer a história intelectual de um período, pois a formação de uma biblioteca equivale geralmente à superposição progressiva de camadas de interesse, que refletem a época através da pessoa”.<sup>68</sup>

E onde está o diferencial dessa espécie de análise? A resposta que Arnoni nos dá já havia sido antecipada em “Anotador à margem”. O traço pessoal da subjetividade interfere no curso da interpretação tradicional, pois supera a falsa distância entre vida e livro. O que está em jogo não é a leitura de um objeto qualquer, mas de um objeto em sua relação mais profunda com o intérprete, que não pode desvinculá-lo do seu autor nem de si

---

<sup>67</sup> Ibid., p. 63.

<sup>68</sup> Candido, “O recado dos livros”, in *Recortes*, op. cit., p. 217.

mesmo, ou seja, dos valores que deram um rumo ao seu pensamento. Nesse sentido, a pretensa “falta de objetividade” é superada pelo ganho humano dessa intervenção que Arnoni Prado chama de “militante”. Ele volta mais uma vez à idéia de síntese do militante e do *scholar*, superando dessa vez a hierarquia construída anos atrás. Agora, cada um se utiliza da especificidade do outro para afirmar valores mais humanos e uma sociedade mais justa.

E o que permeia esse método é a idéia de recomposição daquilo que o arbítrio despedaçou. Assim, Candido valoriza cada gesto, porque ele traz consigo o significado de uma época preme de realizações possíveis. Cada contribuição, cada homem é importante porque é neles que reside o significado dessa época. E é pensando nessa militância diária que vale mais a pena ressaltar o anônimo que a celebridade. Por isso é que, “no panorama do Brasil de hoje, *Recortes* é um dos raros e mais expressivos depoimentos intelectuais em que é possível encontrar a liberdade e a igualdade produzindo esperança na vida de cada um de nós.”<sup>69</sup>

## II.

### 1.

A nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem do jardim das Musas...

Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira*

Poucas metáforas críticas tiveram vida tão longa quanto essa, cunhada por Candido no prefácio à primeira edição de seu livro dedicado à formação de nossas letras. Vejamos dois desdobramentos.

Num texto em que discute os caminhos e descaminhos do discurso crítico brasileiro, Eneida Maria de Souza escreve, a respeito da *Formação da literatura brasileira*:

---

<sup>69</sup> Arnoni Prado, “Significação de *Recortes*”, in Aguiar (org.). *Pensamento e militância*, op. cit., p. 70.

A utilização de metáforas orgânicas – árvore, galho, arbusto – para a explicação de nossa dependência cultural, obedece à razão crítica iluminista, que defende a ordem causalista e cronológica das influências, ficando estabelecida a necessidade de, por critérios naturalistas, o nosso vínculo com as literaturas européias torna-se placentário, não constituindo, portanto, uma opção. A questão da formação da cultura brasileira passa pela noção de origem, entendida na sua verticalidade e hierarquia, por reforçar as imagens de raiz, de início e de fonte. Dessa rede semântica constituída pelos conceitos, concebe-se a existência de uma relação sistêmica capaz de integrar os vários momentos de constituição da grande árvore genealógica da cultura nacional.<sup>70</sup>

Ali onde Eneida Maria de Souza pensava deslindar, com olhos meio desconfiados, apenas um espírito eurocêntrico cindido entre a contemplação da tradição européia e a carência de sistematicidade da nossa, Roberto Schwarz via, “num parágrafo de muita beleza”, o incentivo responsável “pela dedicação de vários estudantes às coisas brasileiras”,<sup>71</sup> uma vez que colocava com clareza e sensibilidade o problema da falta de organicidade da nossa formação intelectual.

Independentemente da valoração que se faça dessa metáfora formativa, há um ponto em comum: a referência a uma certa organicidade como eixo condutor do pensamento historiográfico de Antonio Candido. E será essa idéia que usaremos como fio de Ariadne para entrarmos nos seus meandros.

Segundo Roberto Schwarz, o lugar que a *Formação* deveria ocupar na nossa estante é ao lado de livros tão fundamentais quanto *Raízes do Brasil*, *Casa grande e senzala*, *Formação do Brasil contemporâneo*. E o que une essas obras é o desejo formativo de dotar nossa cultura de uma ossatura – metáfora de Paulo Eduardo Arantes – que lhe permita um desenvolvimento mais robusto. Há, assim, um certo substrato comum, que é o ideal europeu de uma civilização relativamente integrada.

Esse sentimento de inorganicidade, Candido recebe-o como uma herança maldita das mãos de seu precursor, Silvio Romero, que percebeu, no desenvolvimento intelectual brasileiro “uma lacuna a considerar: a falta de seriação nas idéias, a ausência de

---

<sup>70</sup> Souza, “O discurso crítico brasileiro”, in *Crítica cult*, op. cit., p. 50.

<sup>71</sup> Schwarz, “Saudação *honoris causa*”, in *Seqüências brasileiras*, op. cit., p. 11.

uma genética. Por outros termos: um autor não procede de outro; um sistema não é consequência de algum que o precedeu. É uma verdade afirmar que não temos tradição intelectual no rigoroso sentido.”<sup>72</sup> O mesmo se dá com outro historiador da literatura brasileira, José Veríssimo, para o qual “esta nossa literatura que, como ramo da portuguesa, já tem perto de quatro séculos de existência, não possui a continuidade perfeita, a coesão, a unidade das grandes literaturas [...]. Faltou-lhe sempre a comunicabilidade, isto é, os seus escritores ficaram estranhos uns aos outros.”<sup>73</sup>

Qualquer pessoa que já tenha passado as vistas, ainda que rapidamente, pelas páginas iniciais da historiografia literária de Candido sabe que este foi o grande problema que ele herdou e de que tentou dar cabo. Estão presentes naquelas passagens alguns dos principais motivos críticos da *Formação*: a seriação das idéias, a dependência constitutiva de nossa literatura em relação à portuguesa, a ausência de comunicação entre os escritores. Esses são recuperados por Candido e repostos noutra sentença. Em 1950, o historiador da literatura brasileira já dispunha de um distanciamento temporal que lhe permitia discernir os erros de seus precursores e recolocar a questão nos eixos. Não se tratava mais de reclamar da ausência de organicidade de nossa vida cultural, mas de dissecar a dinâmica de seu processo formativo, que já se completou. Partindo de uma formulação local do problema, Candido não só historiou a seqüencialidade de uma tradição recém-formada, como também se inseriu nela ao dar continuidade a uma questão nacionalmente posta.

Assim, a metáfora da árvore assume uma dupla significação. Ela representa, por um lado, a linha de continuidade da tradição crítica brasileira, da qual Candido passa a fazer parte porque acolhe o que lhe foi transmitido, dando seqüência a um problema real da nossa cultura. Por outro, ela também define a estrutura através da qual a *Formação* se organiza. E é essa estrutura interna do livro – essa ossatura que o põe de pé e que movimentava suas partes –, o que nos interessa. Será, pois, exatamente ela o que o elemento memorialístico tensionará, quando se infiltrar pelas brechas do discurso historiográfico.

---

<sup>72</sup> Silvio Romero, *apud* Arantes, “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”, in D’Incao e Scarabôto (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida, op. cit.*, p. 231.

<sup>73</sup> José Veríssimo, *apud* *ibid.*, p. 236.

## 2.

O modelo arbóreo tem sido um padrão de pensamento privilegiado na cultura ocidental. “A árvore já é a imagem do mundo, ou a raiz é a imagem da árvore-mundo. É o livro clássico, *como bela interioridade orgânica*, significativa e subjetiva (os estratos do livro). O livro imita o mundo [...]”<sup>74</sup> A árvore representa, assim, algumas das principais características do pensamento racionalista: do seu corpo vivo infere-se a *unidade orgânica* à qual os sistemas bem definidos devem aspirar; da subordinação dos seus galhos mais finos, que são meros desmembramentos dos mais grossos, ao robusto tronco de onde recebe toda a seiva que lhe alimenta, um modelo *hierárquico* bem acabado; da sua comunicação seminal com o solo que a nutre, um *paradigma genealógico*.

Conhecendo a erudição de Candido e sua formação “dentro da escola sociológica francesa, sobretudo Durkheim, que vem de Augusto Comte, daquela idéia da História como um encadeamento quase fatal”,<sup>75</sup> não é de estranhar que tenha retomado a metáfora arbórea – tanto num contexto localista quanto universalista – como substrato organizador da sua *Formação da literatura brasileira*.

Um dos adjetivos mais comumente empregados para caracterizar um determinado tipo de árvore é genealógico. A árvore genealógica é uma representação gráfica das mais usuais, revelando todas as conexões familiares de um indivíduo. Assim, para escrever a história de um povo em busca de sua literatura nacional, Candido deve, antes de tudo, situar-nos dentro do corpo orgânico das literaturas ocidentais: “A [literatura] brasileira é recente, gerou no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir.”<sup>76</sup> Mas o desejo de afirmação de uma peculiaridade literária só pode surgir se houve, num momento anterior, uma semelhança que lhe encobrisse essa mesma particularidade e que precisasse, agora, ser negada. Talvez por isso Candido não se canse

---

<sup>74</sup> Gilles Deleuze e Félix Guatarri, “Introdução: Rizoma”, in *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 13.

<sup>75</sup> Candido, “Variações sobre temas da *Formação*”, in *Textos de intervenção*, *op. cit.*, p. 113-114.

<sup>76</sup> Candido, *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*, 10. ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 11.

de dizer que as “nossas literaturas são ‘prolongamento’ porque se ligam organicamente às do Ocidente, transplantadas para aqui já constituídas.”<sup>77</sup>

A partir do conceito de prolongamento adentramos noutra significação da metáfora arbórea. “Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e de subjetivação [...]”<sup>78</sup> Assim, se tivermos em mente que os centros produtores e emissores de significados são as literaturas de maior porte, Candido não poderia ter chegado a outra conclusão que não esta: “Comparada às grandes, a nossa literatura é pobre e fraca.”<sup>79</sup>

Mas se, hierarquicamente falando, nossa literatura é um frágil galho de uma frondosa árvore – Candido prossegue com aquela citação do parágrafo anterior –, “é ela, não outra, que nos exprime. Se não for amada, não revelará sua mensagem; e se não a amarmos, ninguém o fará por nós.”<sup>80</sup> Debruçando-se cuidadosa e sensivelmente sobre nossas letras, Candido vai ouvir-lhe o segredo mais íntimo: o desejo de diferenciação como forma de sobrevivência.

O modelo arborescente, aqui, é o do evolucionismo darwiniano, segundo o qual as formas mudam divergindo-se umas das outras.<sup>81</sup> “A árvores, de modo geral, [...] são representações compostas de uma série de sucessivas bifurcações que descrevem, com o máximo de economia, todas as ‘distâncias’ recíprocas – ou as diferenças totais – entre quaisquer que sejam os objetos em questão.”<sup>82</sup> Sob essa perspectiva, nossa literatura vai ser vista de um outro ângulo: ela passa a representar, ao mesmo tempo, uma

“ruptura”, tanto politicamente (como consciência de separação), quanto esteticamente (como procura de originalidade). Nesse sentido não são mais literaturas européias praticadas no Novo Mundo, pois ganharam timbre próprio, não apenas devido a sua maturação interna, mas ao esforço de modificar a influência permanente das metrópoles, a fim de se ajustar às novas necessidades expressivas.<sup>83</sup>

---

<sup>77</sup> Candido, “Variações sobre temas da *Formação*”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 99.

<sup>78</sup> Deleuze e Guatarri, “Introdução: Rizoma”, in *Mil platôs*, op. cit., p. 26.

<sup>79</sup> Candido, *Formação da literatura brasileira*, op. cit., p. 11.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 11-12.

<sup>81</sup> Moretti, *Graphs, maps and trees: abstract models for a literary theory*, New York: Verso, 2005, p. 69-70.

<sup>82</sup> Alberto Piazza, “Afterword”, in *ibid.*, p. 107 [tradução minha].

<sup>83</sup> Candido, “Variações sobre o tema da *Formação*”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 99-100.

E essa dupla significação da metáfora arbórea – enquanto filiação e enquanto diferenciação – é um dos principais movimentos internos da *Formação*.

Mas as relações entre a concepção histórica que preside a estruturação da *Formação* e as metáforas arborescentes não param naquela dualidade. Segundo Luiz Costa Lima, a própria noção de sistema está assentada sobre a noção de organicidade e coerência. Isso seria um reflexo da influência do funcionalismo antropológico inglês, com suas claras analogias com o contexto biológico. Para Radcliffe-Brown, “[f]unção’ é a contribuição que determinada atividade proporciona à atividade total da qual é parte. A função de determinado costume social é a contribuição que este oferece à vida social total como o funcionamento do sistema social total. Tal modo de ver implica que certo sistema social [...] tem por certo tipo de unidade a que podemos chamar de unidade funcional.”<sup>84</sup> Para termos a exata dimensão da influência que essa visada vai ter no pensamento de Candido, comparemo-la com a definição de crítica funcionalista que ele dá quando completou um ano como crítico titular do jornal *Folha da Manhã*. A finalidade de se enxergar a literatura sob tal perspectiva é a de “evidenciar não só a sua tendência de encarar as relações de variabilidade do fenômeno literário com os outros fenômenos culturais, como também o seu desejo de desempenhar uma função efetiva no complexo das outras atividades sociais.”<sup>85</sup> Assim, quando Candido opõe manifestações literárias a um sistema consolidado, expressa a valoração daquela idéia de encadeamento, continuidade e interação própria do funcionalismo em detrimento de visão centrada na dispersão e na esporadicidade de certas figuras ilustres das nossas letras nos séculos XVI e XVII.

Esse olho que busca uma unidade orgânica vai atingindo níveis cada vez mais gerais de análise. Centra-se, primeiro, na singularidade de cada obra, avaliando de que maneira os escritores souberam aproveitar-se das deixas de seus precursores para fazer uma literatura cada vez mais sólida. Em seguida, ele sobe um pouco mais, tornando-se capaz de revalorar o movimento árcade. Para Candido, este não era uma mera imitação de uma poética européia, sem qualquer ligação com o contexto nacional. Usando, por um lado, todo um arsenal mitológico bastante conhecido – pelo menos por uma classe erudita que

---

<sup>84</sup> Alfred R. Radcliffe-Brown *apud* Luiz Costa Lima, “Concepção de história literária na *Formação*”, in D’Incao e Scarabôto (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida, op. cit.*, p. 163.

<sup>85</sup> Candido, “Um ano”, in *Textos de intervenção, op. cit.*, p. 35.

produzia e consumia literatura – e, por outro, as formas clássicas de expressão como moldura para pintar uma realidade nova, os poetas árcades lograram inserir a literatura brasileira no concerto das literaturas ocidentais. Conseqüentemente, esse olho unificador atinge seu ponto mais alto ao buscar, em estilos de época aparentemente tão distintos quanto o arcadismo e o romantismo, não os seus pontos de ruptura, mas as suas afinidades eletivas. Ou seja, o desejo consciente de seus representantes de construir uma literatura, independente de suas escolhas formais, que pudesse dar conta de uma realidade tão nova quanto o Brasil.

Quando aponta marcações como anterior/posterior, precursor/antecessor, Candido recorre a outra implicação da metáfora arborescente: a necessidade de se criar uma ordem causalista e cronológica. Entre 45 e 51, enquanto escrevia a *Formação*, a história não poderia ser concebida para Candido de outra forma que não a de “um encadeamento quase fatal.”<sup>86</sup> Dessa forma, o período formativo de nossas letras é focalizado sobre o prisma da continuidade ininterrupta. Os árcades tornam-se os antepassados espirituais dos românticos, os quais não rompem com aqueles em todos os níveis, mas apenas no plano mais superficial.

Como bem apontou Schwarz, falar de continuidade e causalidade não significa, em absoluto, falar de linearidade.<sup>87</sup> O livro se organiza por pólos antiteticamente articulados. O que aparentemente é considerado um passo à frente em direção à nossa diferenciação, como a busca romântica pela particularidade, pelo dado singular, é reavaliado como infrutífero, pois estaria demasiadamente ligado a uma expectativa européia pelo exótico que nós podíamos oferecer-lhes. E é sempre utilizando-se desse movimento de vai-e-vem – que nada tem de linear – que o livro se constrói.

Mesmo que não caminhe por linhas retas, a *Formação* tem um claro propósito teleológico. Andando lentamente em busca do momento em que o sistema literário brasileiro estaria completamente consolidado, só conseguimos divisar esse processo nas últimas páginas do livro, quando Candido deixa falar, pela primeira e única vez, aquele que

---

<sup>86</sup> Candido, “Variações sobre temas da *Formação*”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 114.

<sup>87</sup> Schwarz, “Os sete fôlegos de um livro”, in *Seqüências brasileiras*, op. cit., p. 52.

é seu personagem principal: Machado de Assis.<sup>88</sup> A tomada de consciência do romantismo – que significa ver a “literatura nacional [...] como expressão da dialética secular que sintetiza em formas originais e adequadas a posição do espírito europeu em face da realidade americana”<sup>89</sup> – repercutirá no seu mais maduro herdeiro, que vai tomar, desenvolver e superar o rol de temas e problemas forjados no interior de nossa cultura. “Quando chegamos ao fim do romantismo, já se pode falar de uma literatura brasileira, porque surge, então, um grande escritor de características universais que tem a exata consciência desse processo: Machado de Assis.”<sup>90</sup>

### 3.

Mas essa concepção formativa, que dominou o pensamento brasileiro até finais do decênio de 50, entrou em derrocada. Abalou-lhe a perda da noção de desenvolvimento, de consecução de algumas metas históricas. O golpe de 64, se não rompeu com o projeto de se completar a sociedade brasileira, certamente direcionou-o noutra direção, integrando-nos de maneira mais consistente no que Schwarz chamou de “movimento geral da modernização capitalista”. Nesse contexto, fica patente a idéia de que a “nação não vai se formar, as suas partes vão se desligar umas das outras, o setor ‘avançado’ da sociedade brasileira já se integrou à dinâmica mais moderna da ordem internacional e deixará cair o resto.”<sup>91</sup> Noutras palavras, fora de um projeto nacional de economia auto-suficiente, a hipótese aventada de superação da nossa inorganicidade naufragou, ficando-nos a deriva como único destino possível.

---

<sup>88</sup> A hipótese é de Antonio Callado, “*Formação da literatura brasileira: um monólogo interior*”, in D’Incao e Scarabótolo (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida*, op. cit., p. 142-152.

<sup>89</sup> Candido, *Formação da literatura brasileira*, op. cit., p. 680.

<sup>90</sup> Sarlo, “Antonio Candido: para uma crítica latino americana”, in Antelo (org.), *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*, op. cit., p. 42 [tradução minha]. Essa mesma entrevista foi publicada, pela primeira vez, na revista *Punto de Vista* (Buenos Aires, a. III, n. 8, mar.-jun. 1980, p. 5-9), da qual Beatriz Sarlo é diretora. Vinicius Dantas republicou um trecho da mesma na antologia de Candido que organizou (“*Variações sobre temas da Formação*”, in Candido, *Textos de intervenção*, op. cit., p. 93-120). As citações, contudo, referem-se à primeira entrada.

<sup>91</sup> Schwarz, “Os sete fôlegos de um livro”, *Seqüências brasileiras*, op. cit., p. 57.

Assim, esse deslocamento dos paradigmas vigentes entre as décadas de 1920 e 1970, que significou a implosão de qualquer visão hegemônica do Estado em prol de um mercado transnacional e intangível, acarretou na mudança de certos paradigmas epistemológicos. As críticas às metanarrativas abriram um novo rol de possibilidades para a historiografia, que passa a constituir-se não mais em termos totalizantes, mas como ficção; simultaneidade; contingência; hibridismo e alteridade; desconstrução dos conceitos e unidade, fatalidade e identidade.<sup>92</sup> Isso sem contar as críticas que a historiografia propriamente dita sofreu ao longo do século XX, enquanto gênero, ciência e instituição.

Quais são, então, as possibilidades de se escrever uma história – assim como uma história da literatura – na contemporaneidade?

#### 4.

Fazendo um breve balanço da produção mais recente de Antonio Candido, Jaime Ginzburg<sup>93</sup> chega à mesma conclusão que Arnoni Prado. Percebe-se, inequivocamente, que Candido tem, cada vez mais, assumido uma postura descontínua de escrita e de pensamento. Segundo esse professor de Literatura Brasileira, Candido parte, no início de sua carreira, de uma perspectiva metodológica em que privilegia a periodização, portanto essencialmente cronológica, para uma outra em que passa a valorizar a idéia de descontinuidade. Mas não nos apressemos. O mais prudente é, como fizemos anteriormente, seguir passo a passo sua argumentação para entendermos a conclusão a que chega.

Ginzburg parte de duas obras, *Presença da literatura brasileira* e *Formação da literatura brasileira*, nas quais Candido adota, como vimos acima, uma perspectiva

---

<sup>92</sup> Cf. Eduardo Coutinho, “Comparativismo e historiografia literária”; Heidrun Krieger Olinto, “Voracidade e velocidade: historiografia literária sob o signo da contingência”; Nelson H. Vieira, “Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária”. Todos esses textos foram publicados em Maria Eunice Moreira (org.), *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 15-22, 23-34, 95-114, respectivamente.

<sup>93</sup> Jaime Ginzburg, “Entre continuidade e ruptura”, in *LÓCUS: revista de história*, Juiz de Fora, vol. 4, n. 2., 1998, p. 69-76.

consagrada pelo historicismo evolucionista e positivista do século XIX: a periodização. Isso significa, primeiro, uma estratégia de organização dos dados da literatura, cujas categorias são européias e, por fim, o agrupamento da produção segundo traços estilísticos.

A base epistemológica desse modelo de periodização é, em essência, teleológica. A idéia que lhe dá sustentação é a de evolução. Ou seja, o que Candido pretende é, exatamente, mostrar a ascensão de um conjunto de normas, uma espécie de maturação que começa com os árcades, passa pelos românticos, e tem seu “fim” em Machado de Assis, por isso mesmo denominado de “marco zero” da nossa literatura por João Alexandre Barbosa. E, por baixo dessa análise, existem duas preocupações básicas. Uma diz respeito às origens da nacionalidade e a outra, por extensão, à formação de um sistema literário autônomo, portanto nacional. Assim, a conclusão chega a ser simples: o enfoque tem sua validade, porque permite ver uma *continuidade* da nossa produção literária.

Mas Ginzburg, a exemplo de Arnoni Prado, vai perceber, nos textos mais recentes de Candido, um deslocamento em relação a esse paradigma. Isso se dá a partir da incorporação de elementos cuja base epistemológica diferem daquele evolucionismo que marcou sua produção historiográfica. E a mediação conceitual de que Candido se utiliza é, segundo Ginzburg, Walter Benjamin e suas formulações sobre a modernidade, o que significa, portanto, uma profunda mudança de orientação, pois o conceito de história, tal qual formulado por esse filósofo alemão, é incompatível com a idéia de continuidade e progresso.

O exemplo escolhido por Ginzburg para comprovar sua tese é a leitura que Candido faz do poema *Louvação da tarde*, de Mário de Andrade. A leitura de um poeta modernista seria, por si só, significativa, pois é típico do discurso moderno a *ruptura* com os velhos modelos. Assim, no ensaio sobre Mário, Candido retorna ao romantismo, mas numa perspectiva diferente da *Formação*, uma vez que não tem mais aquele compromisso com a construção da nacionalidade, nem está ligada a uma estratégia periodológica. A retomada dos românticos tem a função metodológica de justapor elementos estranhos para que um possa iluminar, ainda que paradoxalmente, o outro.

Assim, a conclusão a que Ginzburg chega não é tão simples como parece encaminhar suas argumentações. A mudança de perspectiva não significa um abandono completo da base sobre a qual foi construída sua historiografia, como parece supor a primeira vista. Significa, isso sim, um deslocamento, pois não há aí o movimento muitas vezes simplista de superação da tradição em detrimento do qual, para Candido, deve-se buscar o de recuperação da mesma, o que já era o projeto de Mário Andrade naqueles tempos heróicos.

Parece-nos interessante notar que Ginzburg chega à conclusão correta por caminhos pouco sólidos. Será que o simples fato de tomar um poeta modernista como objeto de análise é um argumento suficientemente forte sobre o qual ele possa assentar com segurança suas conclusões? Se assim o fosse, por que não se concluir o mesmo a respeito de outros textos críticos, também dedicados a poetas modernistas, escritos nas décadas de 1940 ou 1950? Tampouco o retorno ao romantismo numa perspectiva sem compromisso com a construção da identidade e sem qualquer concepção periodológica nos parece uma hipótese plausível. Em “Dialética da malandragem” Candido também se debruça sobre o romantismo sem as preocupações metodológicas da *Formação*, e esse ensaio não nos permite assumir um paradigma marcado pela descontinuidade.

Retornemos ao ponto de partida de Jaime Ginzburg – a mediação cultural de Walter Benjamin – e refaçamos o percurso, só que dessa vez por uma rota diferente, e vejamos aonde chegaremos.

Pensemos o Benjamin leitor de Baudelaire como ponto de partida, como fez Ginzburg, mas sob uma ótica distinta. Interessa-nos, a princípio, o memorialista que renunciou às grandes estruturas narrativas lineares e coerentes em prol de uma metodologia que privilegiasse a “montagem descontínua de imagens”.<sup>94</sup> É dessa maneira que Wille Bolle define a retomada benjaminiana dos *tableaux* parisienses de Baudelaire. Não se trata de uma memória involuntária, como Proust imortalizará, anos depois, uma das possíveis formas de reminiscência, mas de uma imaginação criativa que tem a recordação como substrato. Ao utilizar dessa forma narrativa para recriar sua infância em Berlim, Benjamin

---

<sup>94</sup> Willi Bolle, *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*, 2. ed, São Paulo: Edusp, 2000, p. 330.

produz quadros da cultura burguesa da época através da acentuação de uma tensão entre autobiografia e historiografia. Assim, usos e costumes são postos em cena, e as diversas faces daquela metrópole acabam condensadas em instantâneos de simultaneidade.

Dessa forma, o retorno ao passado teorizado por Benjamin foge à qualquer concepção historicista que o prenda numa linha causal e progressiva com o presente e o futuro. A rememoração torna-se uma forma de se ligar, num salto revolucionário, passado e presente. Sua função é, através do resgate dos mortos, reparatória; só se fará jus à memória daqueles que já se foram pela realização dos objetivos pelos quais lutaram.

E uma das funções do materialismo histórico heterodoxo da filosofia da história benjaminiana é exatamente o de se acercar

de um objeto histórico única e exclusivamente quando este se apresenta a ele como uma mônada. Nessa estrutura ele reconhece o signo de uma imobilização messiânica do acontecer, em outras palavras, de uma chance revolucionária na luta a favor do passado oprimido. Ele a arrebatava para fazer explodir uma época do decurso homogêneo da história; do mesmo modo como ela faz explodir uma vida determinada de uma época, assim também ele faz explodir uma obra determinada da obra de uma vida. Esse procedimento consegue conservar e suprimir na obra a obra de uma vida, na obra de uma vida, a época e na época, todo o decurso da história.<sup>95</sup>

Benjamin apresenta, na décima sétima tese sobre o conceito de história, um conceito que nos parece seminal: o de mônada. Apropriando-se desse conceito leibniziano, Benjamin valoriza a singularidade de um momento, de uma pessoa ou de uma obra e a sua capacidade de, retiradas do fluxo homogêneo e vazio do tempo cronológico, representar “um conjunto cristalizado de tensões que contêm uma totalidade histórica.”<sup>96</sup>

E parece-nos ser exatamente essa a nova “concepção” historiográfica de Antonio Candido. E é Flora Süssekind, numa resenha publicada no suplemento *Idéias/Livros do Jornal do Brasil* do dia 27 de março de 1993,<sup>97</sup> quando do lançamento de

---

<sup>95</sup> Benjamin, “Teses sobre o conceito de história”, in Michel Löwy, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*, São Paulo: Boitempo, 2005, p. 130.

<sup>96</sup> Löwy, *Walter Benjamin, op. cit.*, p. 132.

<sup>97</sup> Flora Süssekind, “A memória como método”, *op. cit.*, p. 7-8. Esse texto foi republicado em *A voz e a série*. Rio de Janeiro: Sette Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 249-254. As referências, contudo, são do texto publicado no *Jornal do Brasil*.

*Recortes*, que nos dá essa deixa. Como Arnoni Prado, Sússekind aponta que o livro tem um caráter menos fragmentário do que aparenta à primeira vista. Mas, ao invés de tomá-lo apenas como uma mudança epistemológica, a crítica carioca vê nas noções de “geração”, “testemunho” e “perspectiva” os elos que unificam e dão sentido a textos aparentemente tão distintos.

Dessa forma, para Sússekind, não se pode entrar no livro se não tivermos sempre em vista como essas três noções contaminam-se umas às outras. Sua tese é a de que o testemunho de Candido tem um quê particular, uma vez que é desindividualizado, ou seja, os retratos e as lembranças com que tomamos contato nas páginas de *Recortes* sedimentam, dentro do possível, a perspectiva de toda uma geração, aquela que, segundo Décio de Almeida Prado, se formou à sombra da Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências da USP. Isso significa um certo comedimento com o individualismo biográfico centrado no *eu* em prol de uma adesão do sujeito com o “horizonte geracional”. Na verdade, o que Sússekind faz é aplicar à leitura de *Recortes* a reflexão com que Candido abre o “Prefácio” à 5ª edição de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, quando tem a clara consciência de que, numa certa altura da vida, o testemunho de uma pessoa se torna registro de muitos.

Mas a maior contribuição de Sússekind à leitura de *Recortes* está em chamar a atenção para o a crescente presença de Marcel Proust na ensaística de Candido. Partindo do vigésimo segundo ensaio de *Recortes*, “Realidade e realismo (via Marcel Proust)”, Sússekind vê aí a chave hermenêutica segundo a qual ela pode ler todo o livro. Nessa análise, Candido contrapõe o realismo referencial, centrado na observação e na multiplicação dos detalhes externos, ao que chama de “transrealismo”, ou seja, a interpretação desses detalhes em nome de um modelo permanente que fuja à ação do tempo. É dessa forma que estão organizadas as suas lembranças. Elas, assim como o detalhe, valem pouco se isoladas. A sua força expressiva está na afinidade da relação com que mantém com as outras. Ou seja, é através da relação que elas mantêm entre si que se pode desvelar aquilo que permanece sob a mudança das coisas.

E o método aplicado por Candido para atingir tal objetivo só podia ser o da justaposição. É o que Sússekind chama de “tradução em perspectiva ensaística do método

proustiano de espacialização do tempo.”<sup>98</sup> Segundo essa perspectiva – que, por ter sido construída ao longo de anos de regimes autoritários, é essencialmente intervencionista –, Candido organiza os textos de modo a colocar lado a lado imagens e planos distintos para que eles possam iluminar uns aos outros.

Assim, para Candido, o narrador proustiano consegue ver além do detalhe externo. Nesse narrador, a descrição do particular em seus vários momentos não tem um fim em si mesma, mas é signo da fisionomia geral de um modelo, o que acaba gerando um paradoxo: “ver as coisas no tempo é vê-las de modos diversos, em várias etapas; portanto, é atingir um maior grau de generalidade [...] acima do tempo que [a] gerou e d[a] qual emerge”.<sup>99</sup>

As pistas deixadas por Candido nesse ensaio central – no sentido literal, pois se encontra quase que perfeitamente no meio de *Recortes* – permitem uma dupla leitura de seus relatos. Cada perfil é composto por uma multiplicação de pormenores, que se desdobram no tempo e que tem por objetivo fixar a essência de uma pessoa ou objeto – esse é momento crítico por excelência. Mas cada pessoa, cada perfil pode ser visto como uma mônada de um contexto maior. O conjunto dos relatos tem, assim, a finalidade de fixar as leis gerais de uma geração. Lido isoladamente, o episódio em que Sérgio Buarque de Holanda, já idoso, se levanta com a bengala em riste, com o intuito de preservar a memória de um amigo, não passa de uma curiosidade a respeito da figura desse intelectual. Mas se lido ao lado da narração da fúria de Azis Simão, que também se levantara, ele cego, espalhando todas as cadeiras da sala onde estava para dar um tapa num desconhecido impertinente, funciona como uma característica dessa geração: a vontade de lutar – não apenas metaforicamente – por aquilo em que acreditam.

Esses relatos dispersos configuram, em seu conjunto, um novo paradigma historiográfico. A metáfora arborescente não dá mais conta de descrever a forma como eles se estruturam entre si, pois não apresentam qualquer sistematicidade, linearidade ou hierarquia. Nesse sentido, para ficarmos dentro do campo semântico da botânica, a

---

<sup>98</sup> Ibid., p. 8.

<sup>99</sup> Candido, “Realidade e realismo (via Marcel Proust)”, in *Recortes*, *op. cit.*, p. 128.

metáfora que melhor ilustraria esse novo paradigma seria a do rizoma,<sup>100</sup> tal qual formulada do Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil platôs*.

Os relatos que Candido constrói não possuem nem começo nem fim. O próprio fato de se encontrarem, em sua maioria, dispersos em prefácios, revistas acadêmicas, trechos de entrevista, capítulos de livro, rompe com qualquer espécie de coesão interna. O que os une é, por um lado, a voz que lhes dá corpo e, por outro, os olhos do leitor, que terá que aprender a passear pelos mais diversos meios em busca das personagens, dos fatos, dos livros; de um percurso multifacetado e inconcluso da memória.

Sem começo, sem fim, sem unidade temática. Nessa cadeia rizomática que se forma pelo percurso errático da memória de Antonio Candido não há mais *uma* história, que perde até seu adjetivo restritivo. Essa nova historiografia não é mais *apenas* literária; ela é, também, social, acadêmica, fraterna, intelectual, política... E cada traço não remete a um outro que lhe seja igual em gênero. Como escrevem Deleuze e Guattari a respeito do paradigma rizomático, “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias [...] políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas.”<sup>101</sup> Assim, a um relato sobre as indicações temáticas que Mário de Andrade lhe dera, quando Candido se propusera a concorrer à vaga de professor de literatura brasileira na USP, não se segue, necessariamente, um relato sobre outro poeta modernista. Até mesmo em *Recortes*, que, a despeito do seu caráter fragmentário, possui uma unidade mínima na distribuição dos ensaios, algumas “cadeias semióticas” se misturam, formando um todo caleidoscópico.

O leitor não precisa, assim, de nenhum sumário, nenhum índice remissivo – embora *Recortes* tenha o seu –, nem sequer de um que seja tão desconexo quanto o que Cortázar nos apresenta em *Rayuela*. A leitura pode ser interrompida aqui – num texto sobre a descoberta de *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, numa tarde fria

---

<sup>100</sup> Sabemos que a utilização de nenhuma metáfora é inocente, ainda mais se tivermos em mente as ressalvas de Franco Moretti concernentes à retórica. Segundo esse crítico italiano, elas, as metáforas, são as formas bastante comuns através das quais os pressupostos mais profundos da visão de mundo que as cunhou continua a se manifestar (cf. Moretti, *Signos e estilos da modernidade*, *op. cit.*, p. 14-22). Dessa forma, por mais que limpemos o campo e restrinjamos seu uso, nunca a livraremos por completo de sua pecha pós-estruturalista, o que não significa, como se verá, que associemos o pensamento de Candido àquela corrente filosófica.

<sup>101</sup> Deleuze e Guattari, “Introdução: Rizoma”, *Mil platôs*, *op. cit.*, p. 15.

de São Paulo – e recomeçada ali, no livro de outro autor, quando se lembra do seu primeiro encontro com Mario Pedrosa, ou mesmo num jornal diário, como quando escreveu sobre seu amigo e mestre intelectual, Sérgio Buarque de Holanda.

Essas experiências se desenham num plano cartográfico que se revela ao mesmo tempo em que é percorrido nos mais diferentes sentidos. As entradas também são múltiplas. Pode-se começar, por exemplo, pelas lembranças bastante pessoais – a biblioteca do pai, a descoberta do cinema, algumas recordações de um verão em Berlim –, e acabar numa reunião do velho Partido Socialista numa salinha encardida na Praça da Sé. Esse é, contudo, um mapa incomum. Aquele que procura informações sobre Fernando de Azevedo, de quem foi aluno e assistente, não vai achar linhas bem definidas entre os textos, os quais, noutro contexto, estariam inequivocamente ligados. Entre “Fernando de Azevedo”, publicado em *Recortes* e “Doutor Fernando”, em *Textos de intervenção*, há paradas em outros escritos sobre os anos de sua formação intelectual na USP, sobre outros professores, sobre seus colegas de classe. E o painel será melhor usufruído se o leitor tiver paciência de percorrer todos esses caminhos. Dali emergirá o quadro vivo, porque fundado na experiência, de uma época. Nas palavras de Deleuze e Guattari, esse tipo de “demarcação não depende [...] de análises teóricas que impliquem universais, mas de uma pragmática que compõe as multiplicidades ou conjuntos de intensidade.”<sup>102</sup>

Sem começo, nem fim. Sem qualquer rubrica que lhe garanta um lugar bem definido na estante. Sem outra unidade que não a voz de seu autor. Sem sequer um corpus sólido que lhe dê materialidade. Assim a memória se infiltrou no modelo historiográfico de Antonio Candido, configurando um novo paradigma, mais disperso, fragmentado e afetivo.

---

<sup>102</sup> Ibid., p. 24.

### III.

#### 1.

Militância. Intervenção na cena contemporânea. Sistemática entre o *scholar* e o ativista que se debruça com rara sensibilidade sobre imagens aparentemente banais sempre com finalidade crítica. Síntese entre a erudição e o compromisso social. Esse é o Antonio Candido que todos conhecemos. Assim dois de seus mais perspicazes críticos o definiram.

Contudo, a pergunta que nos fazemos é: qual é o alcance dessas definições? Até que ponto elas podem dar conta da prática crítica de Antonio Candido, que se estende por mais de sessenta anos? Essa é a pergunta que nos propomos a responder nessa seção.

Não nos parece que a incorporação de uma retórica testemunhal ao discurso crítico de Candido seja apenas um elemento agregador, revestindo com novas estratégias velhos paradigmas epistemológicos, como interpretaram Schwarz e Arnoni Prado. A tensão gerada por essas duas instâncias textuais sequer produzirá escritos com feições semelhantes. Como veremos, a depender da ênfase sobre um dos pólos – seja pela estratégia retórica adotada, seja pelo meio no qual o escrito foi veiculado –, teremos movimentos analíticos distintos, nos quais predominarão ora a perspectiva memorialística, ora a crítica.

Para entendermos os deslocamentos que a retórica memorialística produz nos escritos de Candido, faremos um breve percurso pelas muitas diretrizes que a sua crítica tomou ao longo dos seus mais de sessenta anos de carreira.

#### 2.

Segundo o próprio Candido, o primeiro momento de sua prática com a literatura foi a de uma busca pelos traços um determinado “sistema de condicionantes do

meio”.<sup>103</sup> Ainda muito marcado pela formação acadêmica de sociólogo, a qual o permitia embasar seus juízos nas modernas ciências sociais,<sup>104</sup> o seu maior propósito ao se debruçar sobre os textos literários era quase que exclusivamente militante: via ali um meio privilegiado para se compreender uma realidade que exigia, no início da década de 40, uma posição intelectual bem definida.

Mas, ao contrário do que pensava Schwarz, essa prática crítica com um viés academicista não era apenas um esforço de desprovincialização do nosso sempre gelatinoso meio cultural. O título de bacharel em sociologia era um capital simbólico que permitia aos membros da revista *Clima* pleitear um lugar ao sol no cenário intelectual paulista, diferenciando-os da vitoriosa geração modernista de 22, ainda “uma presença viva”<sup>105</sup> que então ocupava todos os espaços públicos da prática crítica. Segundo Heloisa Pontes,<sup>106</sup> a contraposição aos intelectuais de 22 tem, na verdade, a finalidade de, primeiro, servir como formação de uma identidade geracional e, depois, forçar a abertura de novos espaços no meio cultural. Assim, a universidade foi a forma pela qual esses jovens críticos puderam fazer frente ao “peso do passado imediato [...], reforçado pela presença física dos escritores e artistas que o tinham configurado [...]”<sup>107</sup> Décio de Almeida Prado apontou com muita clareza que o “traço distintivo [de sua geração] estava na idéia, bem universitária, de especialização, de divisão do conhecimento em várias áreas, para poder aprofundá-lo tanto quanto possível. Tendíamos a ser monógrafos, em substituição aos polígrafos que nos antecederam.”<sup>108</sup>

Isso significava, em relação à geração passada, uma prática diferenciada, marcada pelo signo da Universidade. Havia uma relação menos bizantina com o saber. Este não era tido como algo acabado, que se possuía e se exibia nas tribunas públicas para regozijo próprio, mas algo que se construía numa relação direta com as fontes primárias, com a leitura de uma bibliografia que pudesse, para além da retórica individual e da

---

<sup>103</sup> Candido, “Entrevista”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, op. cit., p. 232.

<sup>104</sup> Schwarz, “Saudação *honoris causa*”, in *Seqüências brasileiras*, op. cit., p. 10.

<sup>105</sup> Candido, “Clima”, in *Teresina etc.*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 159.

<sup>106</sup> Heloisa Pontes, *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*, São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

<sup>107</sup> Candido, “Clima”, in *Teresina etc.*, op. cit., p. 159.

<sup>108</sup> Décio de Almeida Prado, “O Clima de uma época”, in Aguiar (org.), *Militância e pensamento*, op. cit., p. 29.

autoridade do eu, embasar as opiniões. Estas, por sua vez, seriam mais fruto de uma reflexão cerrada que de um comentário colhido ao sabor do momento.

Esse novo *habitus* que se construía exigia uma escrita que lhe condissesse. Se, por exemplo, os textos críticos de Oswald de Andrade espelhavam sua personalidade extravagante e polemista, os novos primavam por uma seriedade textual que expressasse o seu status acadêmico. Havia, contudo, um abismo entre a prática crítica e a sociabilidade desse grupo. Talvez por isso o estranhamento de Almeida Prado, quando escreve sobre pecha que caiu sobre sua geração, a “de jovens sérios demais, ‘chato-boys’, [...] logo nós, que, na intimidade, nas relações de amizade, mostrávamo-nos tão propensos ao riso, às conversas descompromissadas noite adentro.”<sup>109</sup>

Se nas conversas a comunicação era “fácil e afetiva”, se se buscava, nessas horas descontraídas, a “palavra alegre, se possível espirituosa”,<sup>110</sup> a prática intelectual exigia um outro tom, mais grave e profundo. O Antonio Candido que possuía, nas palavras de seu amigo, um “lado lúdico, paródico, fantasioso, de admirador do *pince-sans-rire* francês e do *nonsense* britânico”,<sup>111</sup> era o mesmo que, num texto escrito a pedido de Mario Neme, criticava alguns membros da geração de 22 por não terem tido “força para arrancar sua obra do experimentalismo hedonístico, [perdendo-se] na piada, na virtuosidade e na ação política reacionária, isto é, o tipo de política tendente a preservar as gracinhas literárias e o exibicionismo intelectual [...]”<sup>112</sup> Esse texto, no qual expôs a plataforma de sua geração, é um bom exemplo da seriedade e da empostação da voz que buscavam como marca distintiva de sua prática intelectual. Há algo de envelhecido e artificial no tom que empregam, como se assim pudessem sentir-se à altura das exigências do seu tempo. A crítica assume, para essa geração, um caráter um tanto fatalista. “Não sei qual a vantagem dessa geração crítica de São Paulo. Só sei da sua inevitabilidade e da sua função necessária.”<sup>113</sup>

---

<sup>109</sup> Ibid., p. 29.

<sup>110</sup> Ibid., p. 27.

<sup>111</sup> Almeida Prado, “Antonio Candido e a ‘pena da galhofa’”, in D’Incao e Scarabôto (org.), *Dentro do texto, dentro da vida, op. cit.*, p. 73

<sup>112</sup> Candido, “Plataforma da nova geração”, in *Textos de intervenção, op. cit.*, p. 239.

<sup>113</sup> Ibid., p. 241.

Foi em 1943 que Mário Neme organizou esse inquérito, intitulado “Plataforma da nova geração”, no qual colheu depoimentos daquelas figuras que se destacaram no cenário cultural entre os anos de 1940 e 1943. Esse questionário se seguiu a outro, chamado de “Testamento de uma geração”, no qual os membros da geração anterior depuseram sobre os seus feitos. O depoimento de Antonio Candido, que foi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 15 de julho de 1943, estava profundamente marcado por um tom agressivo, através do qual minimizava a influência da geração de 22 sobre a sua. A “Plataforma...” foi escrita apenas dois anos depois de sua estréia na revista *Clima*, e esse Candido que aí se mostra parece ter se esquecido de um dos preceitos que havia posto para si mesmo e para seus colegas no primeiro texto da sua seção:

É o julgamento dos vinte [anos] que aquí procuraremos trazer. Digo *procuraremos* porque nem sempre os rapazes conseguem ver as coisas com os olhos da sua idade. Ou não sabem ver [...] ou enxergam tudo com os olhos já enrugados, considerando as coisas com uma sagacidade amadurecida a fôrça. Creio que é preferível dar cabeçadas, porque êste é, em qualquer setor, um dos atributos da idade.<sup>114</sup>

Parece-nos que essa ainda é a melhor hipótese de trabalho para lermos os rodapés<sup>115</sup> publicados por Candido sobre a obra de Oswald poucos meses depois daquele depoimento. O que se buscava naquele momento era a “objetividade” e o “rigor” ensinados nos bancos da universidade. Esse desejo marca uma mudança no tom da abordagem, que agora tende a uma neutralidade pretensamente científica. “Ora, é necessário rejeitar este esquema simplista [que tende a atacar a figura do escritor] e *fazer um esforço sinceramente objetivo*, livre do fermento combativo característico da sua [de Oswald] personalidade. É o que pretende este ensaio”.<sup>116</sup> Candido quer fugir, assim, das informações apressadas e dos juízos proferidos nas mesas dos cafés, buscando fundamentar suas opiniões na leitura cerrada da obra de Oswald. Noutras palavras, ele quer dar um passo à frente das

---

<sup>114</sup> Candido, “Livros”, in *Clima*, n. 1, *op. cit.*, p. 107.

<sup>115</sup> Esses rodapés foram republicados em Candido, *Brigada ligeira e outros escritos*, *op. cit.*, p. 17-32, com o título de “Estouro e libertação”, de onde tiramos as citações.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 18 [grifo nosso].

considerações de cunho personalista, do individualismo crítico narcisista e do exibicionismo bacharelesco que sua geração tanto atacara.<sup>117</sup>

### 3.

Nesse contexto, é interessante perceber, ainda que brevemente, os deslocamentos que os pseudônimos permitem para além daquela prática oficial, muito mais ao estilo da personalidade galhofeira de Candido. Ao que parece, até 1974, quando Candido proferiu uma palestra no Ciclo de Estudos sobre o Decênio de 40, organizado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP,<sup>118</sup> ainda não se tinha conhecimento dos pseudônimos usados pelos membros da revista *Clima*.<sup>119</sup> A entender pelo comentário de Candido – “Mário de Andrade, a par do segredo, se divertia imensamente”<sup>120</sup> –, a única função dos pseudônimos era a diversão. Décio de Almeida Prado desconstrói essa visão e abre algumas janelas através das quais poderemos ver com mais clareza não só essa prática irreverente, mas também o papel e o peso que esses moços atribuíam à sua formação universitária. Segundo Almeida Prado, os pseudônimos foram “inventados seja para dar vazão à fantasia, que não lhe faltava [a Candido], seja para exprimir pontos de vista sobre os quais não tinha certeza, seja ainda pelo prazer de assumir individualidades ficcionais ou até pelo simples gosto da mistificação, que nele existia como em Paulo Emílio.”<sup>121</sup>

É com essa intenção pilhérica que Candido faz uma crítica a si próprio, quer dizer, a um rodapé que escrevera para o jornal *A Folha da Manhã*, do qual já era o crítico titular. Fabrício Antunes, a personagem inventada por Candido, um pretense conhecedor de russo, desbanca as afirmações que Candido fizera a propósito da tradução de Maiakoski para o espanhol: “E se eu disser ao sr. Antonio Candido que a tradução argentina não é fiel?

---

<sup>117</sup> Voltaremos, na segunda parte dessa dissertação, a esse texto de modo a explicitar sua dinâmica crítica.

<sup>118</sup> Essa palestra foi publicada em *Teresina etc.* (*op. cit.*, p. 153-171), com o título “Clima”.

<sup>119</sup> “Já que os ouvintes estão anotando dados, convém dar algumas informações sobre os pseudônimos. Eu era Inácio Borges de Melo, Joaquim Carneiro e Fabrício Antunes (usado também uma vez por Ruy Carneiro)” (*ibid.*, p. 170).

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 171.

<sup>121</sup> Almeida Prado, “O *Clima* de uma época”, in Aguiar (org.), *Militância e pensamento*, *op. cit.*, p. 34.

Não o é, antes de mais nada, porque não há língua no mundo que mais falsamente reproduza o russo do que o castelhano.”<sup>122</sup> Mas a brincadeira não pára por aí. Afora a descompostura que passa em Unamuno – chamado de “fétido” e de “ama-sêca quêquê da reação franquista”<sup>123</sup> – Candido faz uma análise pormenorizada das implicações sintáticas de certas escolhas da tradutora de Maiakoski.

Alem do mais, a sra. Guerrero – que em má hora resolvi ler, para o pecado dos meus nervos – persiste na tradução idiota de “Oblako v chtanakh” por “La nube en pantalones”, erro em que incorrem todos os tradutores do poeta. A expressão russa, intraduzível em sua nuança transcendentemente irônica, implicaria a presença do conceito de homem. Seria, claramente, “O homem-nuvem”, uma vês que nuvem é aí um qualificativo dado pelo poeta a si mesmo [...].<sup>124</sup>

Portanto, os pseudônimos parecem abrir um campo de atuações críticas maior do que a permitida pela carapuça universitária que vestiam. Havia, por exemplo, lugar para escritos nos quais as impressões ganham um espaço maior do que aquelas permitidas pelas regras acadêmicas. É assim com “Estilo e psicologia de Proust”<sup>125</sup> e “Verlaine”<sup>126</sup>, dois textos curtos nos quais Candido, sem muito aprofundamento, dá livre vazão a uma idéia e a deixa fluir, sem um embasamento teórico que lhe desse suporte. Havia também espaço para um tom mais panfletário, como “Neo anti-clericalismo”<sup>127</sup>, no qual ele deixa de lado o comedimento e investe em locuções imperativas e ruidosas: “‘Sus, a el!’, como se bradava outrora. Não tenhamos medo de um ridículo habilmente explorado e nos declaremos rasgadamente anti-clericais, contra o neo-clericalismo que avulta.”<sup>128</sup>

Contudo, os mais interessantes para o que nos propomos nesse excerto são aqueles textos nos quais Candido assume um estilo mais oswaldiano. Como vimos mais acima, a “Plataforma...” estava abarrotada de críticas ao piadismo, às “gracinhas literárias”,

---

<sup>122</sup> [Candido, assinado Fabrício Antunes], “A propósito de Maiakovski”, in *Clima*, São Paulo, n. 12, abr. 1943, p. 126.

<sup>123</sup> Ibid., p. 127.

<sup>124</sup> Ibid., p. 127.

<sup>125</sup> [Candido, ass. Joaquim Carneiro] “Estilo e psicologia de Proust”, in *Clima*, São Paulo, n. 12, abr. 1943, p. 130.

<sup>126</sup> [Candido, ass. Antunes] “Verlaine”, in *Clima*, São Paulo, n. 13, ago. 1944, p. 94.

<sup>127</sup> [Candido, ass. Carneiro] “Neo anti-clericalismo”, in *Clima*, São Paulo, n. 14, set. 1944, p. 83-84.

<sup>128</sup> Ibid., p. 84.

ao “personalismo faroleiro”<sup>129</sup> da geração de 22, cujo membro mais atacado é Oswald de Andrade. Mas em “A suscetibilidade e um conceito de Scherer”, Candido faz uso de uma das principais armas do autor de *Ponta de lança*, a ironia mordaz que investia contra a pessoa como uma forma de desautorizar a obra. Ao tomar o partido de Álvaro Lins quando da polêmica criada a respeito de uma crítica feita ao livro de Menotti del Picchia, Candido escreve: “O sr. Afonso Arinos Sobrinho, ainda não Acadêmico, mas não de menos genial, conhecido *globe-trotter*, perdeu a paciência com as justas restrições ao seu semsaboríssimo poema ‘Marília de Dirceu’.”<sup>130</sup> Noutra passagem, agora numa resenha feita ao livro de Ignazio Silone, *A escola de Ditadores*, Candido abusa de jogos de palavras com uma finalidade bastante cômica, uma espécie de estilização zombeteira – “[o] resultado é que fez um livro muito político para ser ligeiro e muito ligeiro para ser político” –, além de lançar mão de uma linguagem mais diretamente depreciativa, pouco usual da sua prática crítica – “Ignazio Silone está em decadência” ou ainda “emburreceu Silone, ou emburreci eu?”<sup>131</sup>

#### 4.

Depois desse breve desvio, voltemos ao início do nosso raciocínio.

De alguma forma, o modo de ler a obra de Antonio Candido como intervenção pública ficou marcada – além dos ensaios de Arnoni Prado e Schwarz – por aquela entrevista que citamos no começo dessa seção. Ao apontar a busca pelos “sistemas de condicionamento do meio”,<sup>132</sup> Candido define a crítica literária como uma prática intelectual que está a serviço de seu tempo histórico. Noutras palavras, a função da crítica seria a de integrar a obra a seu momento atual, constituindo-se, assim, como uma forma de intervenção pública.

---

<sup>129</sup> Candido, “Plataforma da nova geração”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 239-240.

<sup>130</sup> [Candido, ass. Carneiro], “A suscetibilidade e um conceito de Scherer”, in *Clima*, São Paulo, n. 11, jul.-ago. 1942, p. 138.

<sup>131</sup> [Candido, ass. Carneiro], “Ignazio Silone – *A Escola dos Ditadores*”, in *Clima*, n. 12. São Paulo: abr. 1943, p. 97.

<sup>132</sup> Candido, “Entrevista”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, op. cit., p. 232.

Na esteira dessas reflexões, Candido acaba criando uma dicotomia que revela as possibilidades das práticas críticas naquele momento histórico. No pólo mais fraco estaria o crítico gideano, individualista, mais preocupado com a arte, a qual define como “a mais alta das ‘formas de explicação’, e que procura explicá-la em termos hauridos nela própria, e só nela [...]”<sup>133</sup> Do outro lado estaria o crítico funcionalista, o qual não se interessaria apenas pelo significado interno da obra literária, mas também pela “sua conexão com as grandes correntes de idéias da época e a sua razão de ser em face do ‘estado’ de um dado momento.”<sup>134</sup> O sentido da obra analisada só poderia ser encontrado, então, nas marcas do seu condicionamento histórico: “É preciso não esquecer que uma das grandes funções do crítico é justamente a de servir como que de agente de ligação entre uma obra e seu tempo – e não apenas entre a obra e o leitor. [...] Somente graças à compreensão desse sistema de relações obra-momento é que se poderá ter uma noção orgânica da literatura.”<sup>135</sup> As obras literárias são vistas, sob esse prisma, como uma espécie de signo da inteligência contemporânea, cuja decifração é o objetivo mor do crítico literário.

Dessa forma, um crítico precisa ter, mais do que uma estética, uma ética, a qual lhe servirá como uma espécie de orientação de conduta. Faz-se necessário, assim, que a crítica seja uma prática partidária, uma vez que, num tempo marcado por uma ditadura veladamente fascista e por uma outra guerra mundial, qualquer espécie de disponibilidade intelectual cheira a uma falha de caráter.

Não é de se estranhar que, como consequência dessas reflexões, Candido reatualize um dos mais importantes motivos da literatura ocidental: o do intelectual dividido entre a pena e a espada. É mais do que natural que, num contexto tão turbulento, ele questionasse a legitimidade da literatura: “Há uma dificuldade, entretanto, que me faz quasi suspender a pena no início dos nossos trabalhos: o problema da legitimidade e do valor de semelhante tarefa diante do nosso momento histórico. O mundo experimenta, sob o signo da catástrofe, uma das crises mais angustiosas por que tem passado.”<sup>136</sup> E a saída

---

<sup>133</sup> Candido, “Álvaro Lins – *Jornal de crítica*” in *Clima*, São Paulo, n. 10, jun. 1942, p. 66.

<sup>134</sup> *Ibid.*, p. 65.

<sup>135</sup> *Ibid.*, p. 67.

<sup>136</sup> Candido, “Livros”, in *Clima*, n. 1, *op. cit.*, p. 108.

para esse impasse estaria no bom uso do diferencial de sua geração: a formação acadêmica. “Não nos compete, evidentemente, assumir uma cor política qualquer e descer à rua, clamando por ação direta. Cada um com as suas armas. A nossa é essa: esclarecer o pensamento e pôr ordem nas idéias.”<sup>137</sup> Dentro de uma espécie de divisão do trabalho, descer as ruas e a agir diretamente se mostram como uma tarefa que não lhe cabe. Mas o jovem Candido não se abate frente a essa impossibilidade. Como bom intelectual formado às sombras da USP, resta-lhe combater “a todas as formas de pensamento reacionário.”<sup>138</sup>

## 5.

Em 1945, ao assumir o posto de crítico literário no jornal *Diário de S. Paulo* na vaga aberta pela saída de Plínio Barreto, Antonio Candido produz uma primeira ruptura com a sua prática crítica anterior. Se voltarmos àquela entrevista que concedeu à revista *Trans/form/ação*, podemos assumir esse como o momento em que sua preocupação se desloca da busca pelos traços um determinado “sistema de condicionantes do meio” para “a pertinência dos traços de um determinado sistema”.<sup>139</sup>

Se anteriormente, como vimos, a disponibilidade de espírito era uma prática condenável para qualquer crítico que quisesse dar-se ao respeito, agora Candido passa a defender uma maior liberdade intelectual. O momento histórico perde algo de sua força determinante na leitura das obras literárias, as quais deixam de responder-lhe diretamente. Dessa forma, o crítico tem sua função repensada, não precisando mais ser um elo de ligação entre o livro e as grandes correntes de idéias do seu tempo.

É verdade que, em setembro de 1945, quando Candido assumiu o rodapé do *Diário de S. Paulo*, o mundo parecia ter voltado ao seu eixo. As correntes reacionárias pareciam completamente derrotadas. No Brasil, uma nova era democrática estendia-se auspiciosa à frente daqueles que haviam combatido a ditadura Vargas. O cenário mundial também parecia mais promissor com o fim dos conflitos bélicos e a derrota do fascismo. O

---

<sup>137</sup> Candido, “Plataforma da nova geração”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 245-246.

<sup>138</sup> Ibid., p. 245.

<sup>139</sup> Candido, “Entrevista”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, op. cit., p. 232-233.

crítico, sempre atento às forças reacionárias que ameaçavam as luzes do mundo civilizado, podia agora descansar os olhos, voltando-os para tarefas menos onerosas. Se os “ismos” políticos pareciam abolidos, Candido sentia-se livre para assumir outras perspectivas, menos radicais, como critério de julgamento das obras literária.

No plano intelectual, outra etapa parecia estar cumprida. No começo desse mesmo ano de 1945, Candido havia se inscrito para concorrer à cadeira de Literatura Brasileira na USP. O tema da tese a ser defendida foi o método crítico de Sílvio Romero. Embora, como se sabe, Candido não tenha conseguido a vaga, saiu livre-docente em Letras. Mas, mais importante que o título, essa incursão na obra de Sílvio Romero significou um exame dos “pressupostos de sua própria atividade em curso, levando a cabo um esforço de auto-superação.”<sup>140</sup> Nesse sentido, coube-lhe, ao sair desse trabalho, reconhecer e superar as precariedades dessa herança.

Ao retornar ao espaço público dos rodapés, suas preocupações eram outras. Marcando as diferenças entre as duas etapas do seu trabalho, Candido assinala:

Quando comecei a criticar, o ambiente literário me pareceu alheio demais ao drama do nosso tempo; críticos e leitores me pareceram muito ligados à simples emoção estética, enquanto Roma ardia. [...] Lutei, pois, ao meu modo, procurando interpretar a literatura num sentido finalista de integração social. Hoje, sinto que, pelo contrário, a pobre literatura vai ficando comprometida pelo excesso de *participação* com que a deformamos ou quisemos deformar. *Por isso, penso que é chegado o momento de um ponto de vista mais literário e menos político – no tocante ao critério de interpretação –, e maior liberalismo – no que se refere ao julgamento.*<sup>141</sup>

É interessante contrapor essa trecho com uma outra passagem, de um texto bastante citado nessa dissertação: “Mas é preciso lembrar que a crítica não pode e não dever ser puramente literária – no sentido de ‘artístico’ – porque estará nesse caso sacrificando uma grande parte da sua significação e limitando o seu alcance.”<sup>142</sup> Candido quer, dessa forma, fugir ao

---

<sup>140</sup> Schwarz, “Saudação *honoris causa*”, in *Seqüências brasileiras*, *op. cit.*, p. 10.

<sup>141</sup> Candido, “Começando”, in *Textos de intervenção*, *op. cit.*, p. 41 [grifo nosso].

<sup>142</sup> Candido, “Álvaro Lins – *Jornal de crítica*”, in *Clima*, n. 10, *op. cit.*, p. 67.

mesmo imediatismo – o qual agora acusa de estar ameaçando a autonomia e a preponderância da literatura –,<sup>143</sup> que defendera há três anos.<sup>144</sup>

Conseqüentemente, o método para se entrar na obra literária também muda. Na resenha sobre o livro de Álvaro Lins, Candido aponta o caminho que o crítico consciente do seu papel social deve percorrer. Ainda que não negue a necessidade de se deixar envolver pelas sugestões que a obra desprende, Candido afirma que o objetivo do trabalho está num segundo movimento, muito mais importante, que é o do julgamento, o qual significa, segundo sua ótica, um “tratamento intelectual” da literatura.<sup>145</sup> Três anos depois, o acento se desloca do segundo para o primeiro movimento. Cabe ao crítico, agora, atentar para a maneira literária segundo a qual o autor exprimiu seu conteúdo ideológico, não o contrário, de modo a evitar qualquer espécie de dogmatismo político.

Candido passa a assumir, assim, uma postura mais livre em relação à literatura. Abre-se, por exemplo, para um impressionismo ao qual não se permitia.<sup>146</sup> Novamente aqui, o que outrora fora, senão completamente desprezado, ao menos rebaixado em sua importância, ganha um novo acento. “Para escândalo de muitos, digamos que a crítica nutrida do ponto de vista pessoal de um leitor inteligente – o malfadado ‘impressionismo’ – é a crítica por excelência [...]. Se for eficaz, estará assegurada a ligação entre a literatura e a vida cotidiana [...]”<sup>147</sup> Nessa passagem podemos ver a importância que Candido passa a dar à entrada impressionista, a qual assume o papel de ponte entre literatura e vida que, como já vimos, antes era tarefa do julgamento despersonalizado.

---

<sup>143</sup> Candido, “Começando”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 43.

<sup>144</sup> “Contrariamente ao meu amigo Álvaro Lins, não me esforço por inscrever a minha crítica numa ordem perene, equiparando-a à criação. Aceito com humildade a sua contingência e o seu imediatismo [...]” (Candido, “Um ano”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 32).

<sup>145</sup> Candido, “Álvaro Lins – *Jornal de crítica*”, in *Clima*, n. 10, op. cit., p. 70.

<sup>146</sup> “Rejeito, portanto, integralmente – como por mais de uma vez já o tenho feito em artigo – o conceito impressionista que faz da crítica uma aventura da personalidade, um passeio através das obras e dos autores com o intuito exclusivo de penetração e de enriquecimento pessoal. Não nego os encantos desse processo, e reconheço sua necessidade como prolegômeno a toda atividade crítica. Transformá-lo, porém, de fase em finalidade, é desvirtuar o seu sentido e abusar um pouco do direito de se expor ao próximo. É, sobretudo, arriscar-se cair na crítica de pretextos – que já não é mais crítica, senão conversa fiada, com todos os seus deleites, não há dúvida, com toda a sua possível fecundidade, não há dúvida, mas que só pode ser tudo isso graças a uma pequena operação com a qual não se pode concordar: escamotear a obra e exibir em seu lugar a personalidade do crítico” (Candido, “Ouverture”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 24-25).

<sup>147</sup> Candido, “Um impressionismo válido”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 46.

Mas a sua consciência intelectual não parece estar completamente em paz. A se depreender dessa nova postura adotada por Candido, poderíamos pensar que, à primeira vista, a literatura e a sua crítica não necessitariam mais de qualquer espécie de legitimação e que, assim, a distância entre teoria e práxis não precisaria mais ser justificada. Contudo, talvez por ser demais cômico da necessidade de uma intervenção contundente num cenário que lhe suga boa parte de suas energias intelectuais, ainda que se mostre um pouco mais esperançoso, não é isso o que acontece. “Precisamos convencer os jovens de que há tanta dignidade em perder noites estudando ou trabalhando numa obra de arte, quanto em distribuir boletins e lutar pelo futuro. Não nos furtemos ao dever de participar da campanha, mas não esqueçamos nossos deveres para com a arte e a literatura.”<sup>148</sup>

## 6.

À entrevista, mais uma vez.

Se, num primeiro momento, Candido estava preocupado em traçar um determinado “sistema de condicionantes do meio”; e, posteriormente, a preocupação se deslocou para “a pertinência dos traços de um determinado sistema”; não é de se estranhar que, num terceiro e aparentemente derradeiro momento, houvesse uma espécie de síntese dialética de seu método crítico, o que direciona a sua atenção para a estruturação da obra ou, melhor dizendo, para “o processo por meio do qual o que era condicionante se torna elemento pertinente.”<sup>149</sup>

É interessante notar que esse processo de maturação crítica de Antonio Candido é, ao mesmo tempo, uma superação e uma incorporação dos dois momentos anteriores. Candido não abre mão nem dos conhecimentos sociológicos herdados de sua formação acadêmica, nem da imersão que fez na estrutura da obra literária, quando afinou seu discurso com a metodologia imanentista do *new criticism* norte-americano. Assim, quando novamente dá uma virada na sua prática crítica, nosso autor pode lançar mão de

---

<sup>148</sup> Candido, “Começando”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 44.

<sup>149</sup> Candido, “Entrevista”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, op. cit., p. 232-233.

todo esse aparato conceitual, de forma a dar um salto sobre seus antecessores e sobre si mesmo, pondo de lado a alternativa abstrata – mas presente – entre os estudos de contexto e estudos de forma.

A Candido passa, então, a interessar os casos de “redução estrutural, isto é, o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que essa seja estudada em si mesma, como algo autônomo.”<sup>150</sup> Temos presente na mesma sentença, pela primeira vez, a “realidade do mundo” e a “estrutura literária”. Certamente elas não tem o mesmo peso. Tendo se divorciado definitivamente da sociologia e desposado aquela que foi, durante muito tempo, sua amante, a literatura, Candido reforça a necessidade de se ver a autonomia da obra literária. O mais importante, porém, é que não há, como nos dois momentos anteriormente estudados, a negação de nenhuma das duas instâncias, o que possibilita uma crítica mais integradora.

Esse movimento intelectual significa a passagem de uma análise estática – voltada para sistemas fechados, seja ele o dos condicionantes do meio, seja o das estruturas literárias – para um ponto de vista mais dinâmico, atento ao deslocamento e à interpenetração dos elementos estudados. Candido consegue, assim, superar dois perigos bastante comuns nas análises literárias. Se ele logra, por um lado, fugir às visões estereis por serem exclusivamente internas, não deixa, por outro, que lhe escape elementos estruturais importantes para as interpretações que constrói.

Embora seja esse ponto em que o discurso crítico Candido atinge uma maturidade que se ensaiava há quase duas décadas, ele apresenta um movimento paradoxal. Seria de se imaginar que essa radicalização metodológica e essa maturação discursiva – a qual Schwarz caracteriza como uma capacidade de “prover ele mesmo a história, a sociologia e a psicologia social necessárias à plenitude de suas observações formais”<sup>151</sup> – significasse uma maior capacidade de atuação sobre o nosso pouco consistente meio intelectual. Claro que, em parte, é exatamente isso o que acontece. A solidificação do seu ensaísmo provê novas interpretações, cada vez mais necessárias e radicais, de nossos

---

<sup>150</sup> Candido, “Prefácio”, in *O discurso e a cidade*, op. cit., p. 9.

<sup>151</sup> Schwarz, “Adequação nacional e originalidade crítica”, in *Seqüências brasileiras*, op. cit., p. 45.

objetos culturais. Veja-se, a título de exemplo, as leituras que faz de *Memórias de um sargento de milícias* ou os desdobramentos que extrai de um momento tão seminal quanto a Revolução de 30. Mas, paradoxalmente, esse processo de radicalização crítica é contemporâneo à sua retirada da cena pública. No início da década de 60, Candido pára de produzir a crítica militante nos jornais que foi a responsável pela sua inserção social no cenário cultural paulista, dedicando-se quase que exclusivamente à pesquisa e à docência.<sup>152</sup>

Como bem apontou Schwarz em “Pressupostos...”, Candido passa a assumir uma postura mais metodologicamente dialética. Paulo Eduardo Arantes aponta, discretamente, que há, em Candido, “pelo menos uma inclinação muito marcada pela palavra [dialética]. Não faltam exemplos, aliás bem conhecidos, de emprego explícito e enfático do termo clássico.”<sup>153</sup> Acontece que seu uso explícito era muito mais um sentimento dos contrários do que uma aplicação estrita do conceito. É assim com a dialética entre o localismo e o universalismo que preside a nossa evolução cultural; é assim também com a leitura que faz dos romances de Oswald de Andrade, quando aceita “as suas contradições [da obra de Oswald], procurando compreender-lhe o significado e determinar o progresso dialético que por ventura representem.”<sup>154</sup>

A assunção mais rigorosa desse conceito se constitui quando, para além da observação dos contrários, Candido o utiliza para dar conta de conjuntos irregulares. Assim, como prescreve as regras da dialética hegeliana, a negação da tese não é algo que lhe é externo e oposto, mas uma realidade que se descobre no seu próprio cerne. É através desse processo dialético mais rigoroso que Candido vai perceber que “os romances naturalistas podem deslizar para as imagens transfiguradoras e o símbolo, apesar das intenções de programa [...]”<sup>155</sup> A antítese, aqui, não é um dado que vem de fora do romance naturalista, que o analista sagazmente reconheceu e trouxe como um contraponto: ela nasce da leitura cerrada dos livros de Zola e Aluísio de Azevedo.

---

<sup>152</sup> Não nos cabe aqui analisar as razões desse ato. Para maiores detalhes sobre a migração da crítica dos jornais para a academia, cf. Rachel Esteves Lima, *A crítica literária na Universidade brasileira*, op. cit. e Flora Süssekind, “Rodapés, tratados e ensaios”, in *Papéis colados*, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993, p. 13-33.

<sup>153</sup> Arantes, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*, op. cit., p. 9

<sup>154</sup> Candido, “Estouro e libertação”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, op. cit., p. 18 [grifo nosso].

<sup>155</sup> Candido, “Prefácio”, in *O discurso e a cidade*, op. cit., p. 11.

Talvez seja essa a grande razão desses estudos de Candido terem ganhado em complexidade. Em “Literatura de dois gumes”, por exemplo, esse “sentimento dos contrários” assume uma definição mais precisa, uma vez que ele se torna a busca para se “ver em cada tendência a componente oposta, de modo a apreender a realidade da maneira mais dinâmica possível.”<sup>156</sup> E, na seqüência desse mesmo ensaio, Candido foi desenvolvendo um dentre os seus principais motivos críticos: a maneira como, ainda que fosse, principalmente, uma imposição de valores estranhos ao nosso meio, a literatura se tornou, ela mesma, uma expressão da realidade brasileira e de um sentimento nativista. É esse, então, o viés através do qual vai retomar uma obra pouco apreciada pela crítica brasileira, *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Escrita com a finalidade de glorificação da colonização portuguesa, o poema acaba assumindo também uma feição nativista ao representar o brasileiro coagido pelo Sistema Colonial. “Por isso as obras que mais desejavam acentuar e reforçar a ordem portuguesa e cultural dominante são, ao mesmo tempo, as que utilizam as sugestões locais com maior carinho e discernimento, acabando por parecer à posteridade que afirmavam as nossas peculiaridades e sentimentos contra a super imposição externa.”<sup>157</sup>

Mas Candido sabe que, uma vez posto em marcha o processo dialético, ele se torna um movimento sem fim, e cada nova síntese que surge contém sua própria negação:

Teria sido preciso mostrar como algumas tendências vistas aqui sob o aspecto positivo, foram também negativas. Mostrar, por exemplo, como a transfiguração barroca instaurou nos hábitos mentais dos brasileiros um amor irracional pela grandiloqüência pura e simples. Como a transfiguração da realidade através da imagem e da alegoria levou muitas vezes o espírito a se enganar a si mesmo, e a ação a cruzar os braços ou se perder na utopia estéril.<sup>158</sup>

---

<sup>156</sup> Candido, “Literatura de dois gumes”, in *Educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo: Ática, 1987, p. 164.

<sup>157</sup> Ibid., p. 168.

<sup>158</sup> Ibid., p. 180.

7.

A entrevista que vimos citando no início de cada seção foi dada à revista *Trans/form/ação* em 1974, e, nela, Candido divide seu trabalho teórico em três momentos distintos, sendo, ao que nos parece, o terceiro deles como uma espécie de síntese dialética dos outros dois. Mas, como acabamos de ver, a dialética é um movimento ininterrupto, uma vez que cada síntese produzida contém no seu bojo a sua própria negação. Assim, qual seria o desdobramento dessa metodologia crítica desenvolvida por Candido principalmente entre as décadas de 60 e 70?

Roberto Schwarz, Antonio Arnoni Prado e Flora Süssekind perceberam um novo elemento cada vez mais presente na prática crítica de Antonio Candido: a memória. À exceção de Süssekind, nenhum dos dois discípulos de Candido parece ressaltar qualquer deslocamento nos paradigmas que embasavam sua metodologia. Mas será que a inserção desse elemento memorialístico naquele arcabouço conceitual que analisamos mais acima não cria nenhuma espécie de tensão na crítica de Candido, como acreditam Schwarz e Arnoni Prado?

8.

Mas antes de responder àquela pergunta, parece-nos necessário fazer uma breve digressão, de forma a analisarmos uma outra questão, mais ampla, sem a qual não poderemos embasar parte de nossas considerações posteriores: qual a relação entre memória e crítica social?

Os estudos sobre a literatura de testemunho floresceram, principalmente, a partir das reflexões sobre o Holocausto judaico durante a Segunda Guerra Mundial. Eles tinham por finalidade resgatar as memórias dos sobreviventes dos massacres ocorridos nos campos de concentração nazistas, as quais serviriam como uma espécie de frágil esperança. Mantêm-se vivas as lembranças daqueles que experienciaram o horror bem de perto para que esse não possa jamais se repetir.

No início da década de 1980, um contexto que nos interessa mais de perto, durante o processo de reabertura política da América Latina, houve um imenso *boom* de relatos testemunhais. Não é pra menos. O resgate da memória dessas vítimas de um terrorismo patrocinado pelos estados de exceção tinha a clara função de denunciar-lhes o caráter muitas vezes clandestino de suas ações e as práticas falsificatórias em relação ao passado. Assim, nesse contexto no qual muitas das fontes documentais haviam sido negadas ou destruídas, o resgate das memórias daqueles que sofreram ou que vivenciaram as brutalidades das ditaduras era marcado pelo imperativo da busca por justiça. Dessa forma, o lugar da memória surgia como uma peça importante na reconstrução de um estado democrático de direito, uma vez que significava, por um lado, uma ruptura simbólica com o passado recente de desmandos e, por outro, um aprofundamento e um desenvolvimento da autonomia civil – as vítimas tornam-se as protagonistas da história.

Dentro desse contexto de politização do discurso memorialístico, criou-se, no cerne das ciências humanas, uma necessidade de se dar legitimidade ao “eu” que narra. Isso significava, antes de tudo, uma ruptura com qualquer espécie de positivismo que desmerecesse o estatuto subjetivo das práticas intelectuais. Muito pelo contrário, a “confiança nos testemunhos das vítimas é necessária para a instalação de regimes democráticos e o enraizamento de um princípio de reparação e justiça.”<sup>159</sup>

Assim, os estudos sobre a memória se desenvolveram sobre uma dupla tensão. A linguagem, mesmo sabendo-se incapaz de atingir o real<sup>160</sup> – não no sentido proposto por Jacques Derrida de que não existiria nada fora do texto, mas porque o horror é inenarrável – tem um compromisso ético para com os mortos. “Diante da engrenagem que anuncia a morte do sujeito, o fim das utopias e o fim da própria História, cabe ao escritor reclamar, clamar a presença de registros que, deixados por esses mortos, os tornam vivos.”<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup> Sarlo, *Tempo passado*, *op. cit.*, p. 47.

<sup>160</sup> O real, segundo Márcio Seligmann-Silva (“O testemunho: entre a ficção e o ‘real’”, in Seligmann-Silva (org.), *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*, Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 377), deve ser entendido a partir do conceito freudiano de trauma, ou seja, como todo evento que resiste à representação.

<sup>161</sup> Mirella Márcia Longo, “A descrição de uma luta: *O homem duplicado*”, in ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 19., 2003, Curitiba. *Imaginário: o não-espaco do real*. Curitiba: Ed. UFPR, 2003. Contudo, o texto de que disponho foi uma versão impressa que a autora, a quem agradeço, me deu.

Contudo, uma parte da reflexão contemporânea sobre a memória no contexto latino-americano parece-nos ter tomado um pequeno, mas significativo, desvio. Se, por um lado, é verdade que a memória se tornou uma “necessidade jurídica, moral e política”, não se pode descuidar de uma questão levantada por Beatriz Sarlo, segundo a qual “esses discursos testemunhais, sejam quais forem, são discursos e não deveriam ficar confinados numa cristalização inabordável.”<sup>162</sup>

Num livro corajoso, Sarlo não se importa de colocar-se numa posição no mínimo desconfortável. Em *Tempo passado*, a crítica argentina põe em xeque o que caracteriza como “fetichização da verdade testemunhal”.<sup>163</sup> A isso acrescenta-se o forte apelo moral e jurídico que esses testemunhos trazem consigo e teremos um problema metodológico de difícil solução. A sua grande originalidade está em retomar os testemunhos não por esse viés moral e jurídico, mas pelo seu uso público, ou seja, por meio das condições que o produziram, que possibilitaram sua circulação política e cultural e que os tornaram fidedignos. Na esteira de Susan Sontag – segundo a qual “[t]alvez se atribua valor demais à memória e valor insuficiente ao pensamento”<sup>164</sup> –, Sarlo põe o testemunho sob a lente microscópica de uma reflexão tão cética quanto teórica.<sup>165</sup>

Retomando um dos preceitos meio fora de moda da historiografia tradicional, Sarlo desloca parte do prestígio que outrora cabia à subjetividade ao buscar modelos testemunhais que não invistam nos motivos biográficos com única forma de legitimar-se. Noutras palavras,

o testemunho exige que seus leitores ou ouvintes contemporâneos aceitem sua verdade referencial, pondo em primeiro plano os argumentos morais apoiados no respeito ao sujeito que suportou os fatos sobre os quais fala. Todo testemunho quer ser acreditado, mas nem sempre traz em si mesmo as provas pelas quais se pode comprovar sua veracidade; elas devem vir de fora.<sup>166</sup>

---

<sup>162</sup> Sarlo, *Tempo passado*, *op. cit.*, p. 47.

<sup>163</sup> *Ibid.*, p. 48.

<sup>164</sup> Susan Sontag *apud* *ibid.*, p. 21.

<sup>165</sup> “Para conhecer, a imaginação precisa desse trajeto que leva para fora de si mesma e a torna reflexiva; nessa viagem, ela aprende que *a história jamais poderá ser totalmente contada e jamais terá um desfecho*, porque nem todas as posições podem ser percorridas e sua acumulação tampouco resulta numa totalidade” (*ibid.*, p. 42 [grifo nosso]).

<sup>166</sup> *Ibid.*, p. 37.

Isto é, o aparato de captação do leitor não é intelectual, mas moral.

Assim, é preciso escapar ao perigo desse “excesso de memória”, até mesmo como forma de manter sua dimensão crítica. Caso contrário, essa prática acaba criando uma relação patológica com o passado, que passa a ser revivido “sem distância nem esquecimento normal e quase não se pode [...] incluí-lo numa rede mais aberta de sentido, discuti-lo ou convertê-lo em ponto de partida de um novo encadeamento de lembranças, idéias, propósitos.”<sup>167</sup> A conclusão de Hugo Vezetti, é a de que, sob essa perspectiva, o passado se torna um pequeno mito de origem fadado apenas a encerrar certezas.

Mas o passado não pode encerrar tão tenazmente todas essas certezas, pois não há, como escreveu Elizabeth Jelin, nenhum parâmetro de legitimação sócio-político, baseado em critérios éticos universais, de que se possa lançar mão para se verificar a veracidade da memória.<sup>168</sup> Fica, então, uma pergunta seminal para o encaminhamento posterior do nosso raciocínio: como devemos lidar com os relatos testemunhais? Sarlo aponta uma saída para esse impasse ao afirmar necessidade de que um texto, mesmo testemunhal, busque a sua verdade não na experiência direta, mas num trabalho crítico que não poderia deixar de lado uma sólida base teórica. Se o relato se esgotar no imediatismo da experiência, não se pode questionar suas hipóteses, até mesmo porque elas não existem, mas somente aderir às suas certezas. Ao leitor caberia apenas acreditar ou não no que leu.

Fugindo dessa idéia que fundamenta a verdade numa visão essencializadora do corpo e da experiência,<sup>169</sup> Sarlo retoma uma metáfora espacial que estava um tanto desacreditada: a necessidade epistemológica da distância. Se a proximidade de qualquer objeto, mesmo a memória, torna difícil conhecê-lo exatamente pela sua familiaridade, cabe à “imaginação cumprir seu trabalho de exteriorização e distância. Trata-se de uma qualidade não só do historiador, mas também de quem o escuta: a imaginação ‘faz uma visita’ quando rompe com aquilo que a constitui na proximidade e se afasta para capturar reflexivamente a diferença.”<sup>170</sup>

---

<sup>167</sup> Hugo Vezetti, *Pasado y presente*, op. cit., p. 36 [tradução minha].

<sup>168</sup> Elizabeth Jelin, *Los rabajos de la memoria*, Madrid: Siglo Veinteuno, 2002, p. 61.

<sup>169</sup> Ibid., p. 61.

<sup>170</sup> Sarlo, *Tempo presente*, op. cit., p. 41.

Abre-se-nos, dessa forma, uma senda interessante. O testemunho não precisa mais ser tomado como uma verdade inabalável, o que significa que podemos, agora, matizá-lo de acordo com a função que esse elemento memorialístico exerce no interior do próprio texto, pontuando-lhe os saltos intelectuais que se fazem a partir dele – quando a lembrança funciona como uma poderosa alavanca – ou os recuos que uma aproximação laudatória e acrítica desvelam.

## 9.

Feito o desvio, voltemos à problemática da memória na crítica de Antonio Candido.

Como bem apontou Arnoni Prado, a memória não é um elemento tão recente na sua obra. Veja-se, por exemplo, “Lembrança de Mário de Andrade”, que é de 1946. Isso nos leva à necessidade de analisarmos as idas e vindas dessa estratégia no seu discurso crítico.

Esse breve texto a que nos referimos, publicado quando do primeiro aniversário de morte de Mário de Andrade, tem um movimento paradoxal. A tomarmos pelo título, esperaríamos um ensaio que exercesse uma clara função de epitáfio, e o tom, marcado pelos olhos que se voltam para o ontem com a finalidade de rememorar aquele que nos deixou, seria, obviamente, elegíaco. Mas não é isso o que acontece. A frase de abertura do texto – “Tenho a impressão de que Mário de Andrade será um dos escritores mais estudados, comentados e debatidos em nossa futura história literária”<sup>171</sup> – põe abaixo todas aquelas expectativas. O crítico não olha para trás, mas para frente. Interessa-lhe não apenas o Mário com quem conviveu, mas também a imagem, pessoal e literária, que dele a posteridade terá. E é exatamente sobre essa dupla demanda que se desenvolve seu texto. A partir de um breve levantamento dos traços próprios a Mário de Andrade, Candido vai abrindo – e também restringindo – as possibilidades de leitura de sua obra. “Esta mistura de simpatia, participação, humildade, intuição, ternura e paciência estão indicando o perfil de

---

<sup>171</sup> Candido, “Lembrança de Mário de Andrade”, in *Brigada ligeira e outros ensaios*, op. cit., p. 209.

um poeta.”<sup>172</sup> Assim, a devida apreciação das cartas, por exemplo, só poderá ser feita se o leitor tiver em mente um traço marcante da personalidade de Mário: a solidariedade. “Para ele, escrever cartas era tarefa de tanta responsabilidade moral e literária quanto escrever poemas ou estudos. [...] É provável que nunca tenha deixado sem resposta um simples bilhete, e Deus sabe quantos receberia.”<sup>173</sup>

Essa primeira empreitada de Candido pelos meandros da memória revela-nos – até mesmo pela direção ambígua da mirada, que mistura lembranças pessoais e prognósticos críticos –, um intenso desejo de amarrar duas pontas soltas: um passado recente que deveria ser preservado e um futuro de interpretações desconhecidas. Paradoxalmente, lembrar Mário de Andrade era projetar no futuro uma determinada imagem de seu amigo: “Tinha o culto da solidariedade humana e *só se entenderá a sua obra* levando isso em conta.”<sup>174</sup> A memória, aqui, não é apenas uma arma crítica, é também um instrumento legitimador de possíveis interpretações. Somente as leituras que se aproximarem da presença viva de sua pessoa, da lembrança de sua personalidade múltipla, ao mesmo tempo humilde, paciente, risonha e plástica; somente essas farão justiça à sua obra literária.

Se em 1946 o elemento memorialístico entrava pontualmente na escrita de Candido, em uma ocasião muito específica, como vimos acima, na década de 60 ele passa a tomar cada vez mais espaço. As suas lembranças ganham uma dimensão coletiva, o que as torna testemunho das experiências de uma geração. E essa é a chave a partir da qual Candido apresenta a quinta edição de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em autocomplacência, porque o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se chama de uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros, mas vão aos poucos ficando tão iguais, que acabam desaparecendo com indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma

---

<sup>172</sup> Ibid., p. 212.

<sup>173</sup> Ibid., p. 209.

<sup>174</sup> Ibid., p. 210 [grifo nosso].

certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se desejava evocar.<sup>175</sup>

Aproveitando o ensejo do relançamento do livro de Sérgio, Candido o toma como pretexto para fazer um balanço do impacto dessa e de outras duas obras na formação de sua geração, ao menos a daqueles que adotavam uma posição de esquerda. *Raízes do Brasil*, juntamente com *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Jr. são os que melhor exprimem “a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 30 [...]”.<sup>176</sup>

O jogo da memória rege a primeira parte desse prefácio. Candido está interessado no que na força intelectual que esses livros produziram em toda uma geração. E é através desse prisma que o discurso crítico se insinua pelas brechas deixadas por uma estratégia predominantemente memorialista: “Era justamente o intuito anticonvencional que nos parecia animar a composição libérrima de *Casa Grande & Senzala*, com sua franqueza no tratamento da vida sexual do patriarcalismo e a importância decisiva atribuída ao escravo na formação do nosso modo de ser mais íntimo.”<sup>177</sup> O anti-convencionalismo do livro é medido através de uma mescla entre experiência pessoal e deslumbramento intelectual. É assim também que entra na leitura da *Formação do Brasil contemporâneo* e de *Raízes do Brasil*, o qual “forneceu aos moços indicações para compreenderem o significado de certas posições políticas daquele momento [...]”.<sup>178</sup>

Há, contudo, durante esse comentário sobre o livro de Sérgio Buarque de Holanda, uma passagem aparentemente pouco importante, mas que nos abre uma porta interessante: *Raízes do Brasil* era “um livro curto, discreto, de poucas citações, que atuaria menos sobre a imaginação dos moços. Mas seu êxito de qualidade foi imediato e ele se tornou um clássico de nascença. *Daqui a pouco veremos porque*.”<sup>179</sup> Esse “daqui a pouco”

---

<sup>175</sup> Candido, “Raízes do Brasil”, in *Teresina etc., op. cit.*, p. 135.

<sup>176</sup> *Ibid.*, p. 136.

<sup>177</sup> *Ibid.*, p. 136.

<sup>178</sup> *Ibid.*, p. 137.

<sup>179</sup> *Ibid.*, p. 137 [grifo nosso].

refere-se à segunda parte do prefácio, no qual Candido rompe com o fluxo memorialístico que marcara a primeira.

Quase 30 anos depois, Candido publicou, num livro que homenageava seu amigo Décio de Almeida Prado, um ensaio intitulado “Entre parênteses: crítica e memória”.<sup>180</sup> Segundo Candido, a memória nada mais é que um “arrabalde do trabalho crítico”. A ela caberia registrar “a história da nossa experiência afetiva com as obras, inclusive procurando determinar de que maneira fomos levados a encontrar, conhecer e amar as que se tornaram prediletas [...]”. Já o cerne do discurso crítico é outro; nele “se localizam a análise objetiva do texto e a investigação histórica.”<sup>181</sup>

E a dinâmica desses dois textos – o prefácio a *Raízes do Brasil* e “Crítica e memória” – descortina uma das estratégias através da qual a memória se insere na crítica de Antonio Candido. Tanto um quanto outro se abrem com uma breve narração de como Candido tomou conhecimento dos livros sobre os quais vai escrever. No caso de “Crítica e memória”, ele narra as fitas que viu ainda criança – *Amor boêmio*, em 1927, e *O rei vagabundo*, em 1931 – e de como elas influenciaram na descoberta daquele que se tornou, para ele, um dos seus poetas favoritos: François Villon. Das fitas passa às entrevistas de Rodin reunidas em livro por Paul Gsell. Ali, numa transcrição de um poema de Villon que o entrevistador fizera para ilustrar um comentário de Rodin, Candido pôde ler pela primeira vez o poeta que o marcaria para sempre.

Mas voltemos àquela citação de Candido que deixamos em suspenso. Por que ele não podia, ali, quando rememorava o impacto da obra de Sérgio Buarque de Holanda na sua geração, dar as razões pelas quais achava *Raízes do Brasil* um êxito de qualidade? A resposta nos parece ser a de que a memória, circulando perifericamente ao redor do objeto, não poderia penetrar-lhe o cerne nem deslindar-lhe suas estruturas mais complexas.

Talvez por isso Candido separe por três asteriscos a primeira da segunda parte do prefácio. Nesta, o memorialista cede lugar ao erudito, que volta a Sarmiento, passa por

---

<sup>180</sup> In João Roberto Faria, Vilma Arêas e Flávio Aguiar (orgs.), *Décio de Almeida Prado: um homem de teatro*, São Paulo: Edusp: Fapesp, 1997, p. 335-344. Candido, posteriormente, o incluiu no seu último livro de ensaios, *O albatroz e o chinês* (Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 33-42), com o título de “Crítica e memória”. As citações referem-se a esta edição.

<sup>181</sup> *Ibid.*, p. 33.

*Os sertões*, de Euclides da Cunha e pela literatura romântica para analisar a metodologia dualista que rege a construção de *Raízes do Brasil*. Analisa também os deslocamentos que Sérgio Buarque de Holanda faz em relação ao critério tipológico weberiano. Por fim, Candido entra numa paráfrase cuidadosa de cada capítulo do livro, ressaltando-lhe o poder de análise e a atualidade. O pronome “nós” – ao menos num sentido mais pessoal – só volta à baila depois um novo corte, separando-o completamente da análise mais cerrada: “Para nós, trinta anos atrás, *Raízes do Brasil* trouxe elementos como estes, fundamentando uma reflexão que nos foi da maior importância.”<sup>182</sup>

Em “Crítica e memória” o corte não é tão brusco. Não há qualquer elemento gráfico que nos permita dividir seu ensaio em duas ou mais partes. Contudo, podemos perceber o mesmo movimento que descrevemos acima. Pouco a pouco, Candido vai saindo do terreno da rememoração e entrando no corpo da obra, e a análise vai ganhando em profundidade e especificidade, até cair numa apreciação estilística: a enumeração. “Neste caso [no *Petit Testament*], enumerar é sobretudo intensificar, criando o sentimento do inelutável, provavelmente devido ao ‘gradualismo medieval’ que Spitzer assinala na poesia de Villon, numa referência ocasional do ensaio sobre certa modalidade de estilo enumerativo.”<sup>183</sup>

Esse mesmo procedimento crítico pode ser encontrado em outro texto, apenas a ordem dos discursos está invertida. Em “Jagunços mineiros de Cláudio Manuel da Costa a Guimarães Rosa”,<sup>184</sup> Candido vai analisar a representação do jaguncismo e do mandonismo na região das minas gerais. Aqui Candido faz uso de toda sua erudição, passeando com rara segurança pelas mais diversas obras. Mas o que nos interessa é o momento da entrada do elemento memorialístico. Após terminar sua exposição didática sobre aquela realidade social em Guimarães Rosa, Candido escreve:

Decerto já não é mais visível por lá a realidade do jaguncismo, como o descreveu e transfigurou *Grande Sertão: Veredas*. Em todo caso, é bastante recente para ser colhida de maneira quase direta pelo romancista. Os jovens de agora não supõe que, ainda há bem pouco, a umas duas ou

---

<sup>182</sup> Candido, “Raízes do Brasil”, in *Teresina etc.*, op. cit., p. 150.

<sup>183</sup> Candido, “Crítica e memória”, in *O albatroz e o chinês*, op. cit., p. 40.

<sup>184</sup> In Candido, *Vários escritos*, 4. ed, São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 99-124.

três centenas de quilômetros de suas salas de aula, passavam-se coisas e movia-se gente como a que narra a literatura evocada nessas palestras. E acho que não cumpriria minha tarefa se, entrando um pouco no campo da recordação, não desse meu próprio testemunho a respeito.

Na minha infância, no Sudeste de Minas, ainda vi pelo menos um bando de jagunços passar sob o comando desesperado de um coronel facinora, chefe de uma vila próxima, mandante de infinitas mortes, dono de uma fazenda fortificada e cheia de subterrâneos, cujo nome é hoje motivo de lendas.<sup>185</sup>

E as imagens se sucedem: jagunços baleados sendo carregados em escadas, seus sorrisos e suas atrocidades.

Mais uma vez temos um corte entre a passagem em cujo discurso crítico predomina e aquela mais vazada pelo testemunho do autor. É como se a memória estivesse fadada a ser um elemento periférico, que margeia o cerne do trabalho crítico, confinado ao início ou ao fim dos textos, iluminando-os, é verdade, mas apenas como um algo a mais a ser acrescentado a um todo bem acabado. “Creio que esta minúscula experiência pessoal do fim do jaguncismo no Sul de Minas, no decênio de 1920, talvez ajude os moços a sentirem o ritmo das mudanças em nosso tempo e o interesse com que falei do assunto.”<sup>186</sup>

## 10.

A exemplo do que aconteceu anteriormente – quando Candido soube integrar num discurso coeso dois momentos distintos e aparentemente inconciliáveis do seu trabalho crítico, a preocupação sociológica com a realidade e atenção cuidadosa com as especificidades do texto literário –, houve períodos de sua obra em que a memória foi muito mais do que apenas um arrabalde metodológico. É o caso de “Teresina e os seus amigos”.<sup>187</sup>

Nesse que é talvez o seu mais completo texto memorialístico, a experiência não tem um lugar demarcado. Ela pode ser ouvida de uma maneira sutil, por baixo de uma

---

<sup>185</sup> Ibid., p. 123.

<sup>186</sup> Ibid., p. 124.

<sup>187</sup> *In Teresina etc., op. cit.*, p. 11-80.

narração aparentemente erudita e descritiva. Mas a cada linha em que Candido conta a história de Teresina, uma mulher que lhe marcou profundamente a vida, sentimos uma dupla tensão: temos, por um lado, a proximidade do amigo que ouviu as suas palavras, as histórias que ela lhe contou e que ele carregou carinhosamente consigo; por outro lado, o distanciamento do erudito que lhe traduziu as cartas e os diários, que tem a medida histórica para poder perceber a exata grandeza da personalidade de sua professora de italiano, também se faz presente. Assim, a experiência assume uma outra dimensão, mais complexa: ela está, nas palavras que Beatriz Sarlo empregou ao ler o livro de Pilar Calvero, ao mesmo tempo presente e eludida.

O esboço biográfico que dedica aos amigos italianos de Teresina dá um bom exemplo desse movimento singular do discurso de Candido. A mistura de memória, erudição e conhecimento histórico se dá de tal forma que não podemos distinguir com clareza onde termina um registro e começa outro, exceto quando, através do uso de aspas, se criam espaço graficamente distintos:

De Ambris foi o principal redator do documento programático do breve governo de Fiume, a *Carta del Carnaro*, onde lançou a idéia da organização corporativa, o que o torna involuntariamente inspirador de Mussolini. Aliás a aventura de D'Annunzio foi uma espécie de ensaio geral do fascismo, sobretudo quanto aos aspectos aparatosos e patrioteiros: "Fiume (...) foi também um campo de experiência para o Fascismo, tal como a Guerra Civil de Espanha o foi relativamente à 2ª grande guerra mundial".<sup>188</sup>

Não podemos dizer com certeza a origem desses conhecimentos. A primeira oração, por exemplo, Candido pode tê-la ouvido da própria Teresina, que conheceu De Ambris em São Paulo e de quem mantinha uma foto na sala. As conseqüências que extrai dela podem ter surgido da sua grande erudição ou de uma reflexão motivada por essa recordação. Na nota de rodapé que se segue àquela citação, vemos com mais clareza as fontes de que Candido pode ter se valido. São leituras de Afonso Lopes de Almeida, que entrevistou D'Annunzio, e Lima Barreto, cujo ponto de vista define como mais lúcido e sarcástico. O único registro que, certamente, não lhe pertence é a citação de Sir Ivone

---

<sup>188</sup> Ibid., p. 65.

Kirkpatrick, retirada do livro *Mussolini: ensaio sobre a demagogia*, cuja edição citada é de 1965.

Oswald de Andrade é outro autor que parece fornecer a Candido o ensejo perfeito para um discurso ao mesmo tempo crítico e memorialístico. Ao se debruçar sobre a sua obra, Candido, num claro esforço de superar todas as formas de personalismos que marcavam as críticas ao autor de *Memórias sentimentais de João Miramar*, deslindou-lhe uma faceta que denominou de evolução dinâmica e contraditória.<sup>189</sup> Superando o olhar que ficava na superficialidade cronológica dos romances, Candido percebe um movimento mais profundo: a obra de Oswald de Andrade – talvez mesmo pelo fato de seu autor guardar “muitos dos seus livros, na gaveta”<sup>190</sup> –, longe de evoluir linearmente desde uma posição mais conservadora, tanto intelectual quanto estilisticamente, apresenta fases que se misturam.

O primeiro momento corresponde ao que Candido chama de “atitude católica e post-parnasiana”, que marca a feitura da *Trilogia do Exílio*, cujo lançamento dos livros se estende por mais de uma década: *Os condenados*, primeira parte da trilogia, é de 1922, enquanto que *A escada vermelha*, a última, é de 1934. As datas só valem para percebermos que *A escada vermelha*, no qual Candido ainda aponta a irrupção daquelas tintas anteriores à adesão de Oswald ao movimento modernista, foi publicada depois do par *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim Ponte Grande* (1933). Nessa segunda fase, revoltada, satírica e subversiva dos valores pequeno-burgueses, “tudo é diferente, desde a linguagem, nua e incisiva, toda concentrada na sátira social, até a despreensão da atitude literária, despreocupada em aformosear a vida.”<sup>191</sup> Esses dois momentos antagônicos atingem sua síntese em *Marco Zero*, que significa o esfacelamento da “diretriz católica da primeira fase ante a rebeldia anárquica e integral da segunda”.<sup>192</sup>

As bases que sustentam um outro texto escrito sobre Oswald de Andrade, 24 anos depois, são as mesmas – o bom e o mau escritor, o passadista e o vanguardista se unem numa imagem complexa e contraditória –, apenas a maneira de olhar não. Ainda um

---

<sup>189</sup> Candido, “Estouro e libertação”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, op. cit., p. 18.

<sup>190</sup> Ibid., p. 18.

<sup>191</sup> Ibid., p. 19.

<sup>192</sup> Ibid., p. 19.

jovem crítico, depois do que chamou de um esforço eminentemente objeto, Candido escreveu:

Todos sentiam confusamente que no sr. Oswald de Andrade o homem de ação literária superava o escritor. Até então, a sua ação tinha sido sobretudo a sua presença. Uma presença enorme, catalisadora, barulhenta, remexedora por excelência. [...] Seu entusiasmo iconoclasta valeu como poucos para desabafar a literatura do Sul duma série de *chache-nez* e *trompe-l'oeil*; sua crítica irreverente foi uma arma fecunda de derrubada. Como agitador, a sua importância foi primordial.<sup>193</sup>

Mas, quando comparou a produção literária à pessoa, concluiu: “*A obra, todavia, não correspondia exatamente à fama.*”<sup>194</sup> Duas décadas depois, Candido reavaliou a relação entre a vida e a literatura de Oswald: “De um homem assim, pode-se dizer que a existência é tão importante quanto a obra.”<sup>195</sup>

É interessante notar que existe, entre ambas as citações, um movimento “personalista”. Na década de 40, a sobrevalorização da legendária personagem Oswald de Andrade era um entrave para a correta apreciação de sua obra, a qual, desvinculada da aurática figura de seu criador, perdia parte de seu interesse. Passadas mais de duas décadas, Candido retoma exatamente esse fundo mitológico criado em torno de um dos pais do movimento modernista como um ponto de partida para a leitura de sua produção literária, cuja apreciação crítica não mudou tanto assim. Noutras palavras, não é a obra que mitifica seu criador, mas é a figura mítica de quem a criou que se torna uma chave hermenêutica digna de ser encarada com seriedade.

Assim, partindo do conhecimento da pessoa, Candido forja duas metáforas que dão conta de definir tanto a personalidade quanto as particularidades da obra de Oswald de Andrade: a de devoração e a de mobilidade. A primeira surge de duas características, uma física – a boca escancarada que simboliza a atitude de abertura sôfrega em relação a mundo – e outra social – o contato com outrem como uma forma de enriquecimento pessoal. A conclusão à que Candido chega não poderia ser outra: a devoração é o pressuposto

---

<sup>193</sup> Ibid., p. 27-28.

<sup>194</sup> Ibid., p. 28 [grifo nosso].

<sup>195</sup> Candido, “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”, in *Vários escritos*, op. cit., p. 48.

simbólico e o modo de ser da Antropofagia em seu desejo absorver o mundo, triturá-lo e recompô-lo. Já a mobilidade surge, por um lado, do gosto que Oswald de Andrade tinha de viajar e, por outro, de sua visão da sociedade, marcada por uma valorização da idéia de renovação em todos os campos possíveis. Então, essa mesma mobilidade seria uma regra de composição dos seus livros, os quais estão vazados por uma escrita fragmentária, por elipses, cortes, choques absurdos, por “estruturas móveis, pela desarticulação rápida e inesperada dos segmentos, apoiadas numa mobilização extraordinária do estilo.”<sup>196</sup>

Em *Recortes*, publicado em 1993, Candido coligiu mais três pequenos textos sobre Oswald. Nesse livro se mostra de maneira exemplar o movimento empreendido por Candido de retificação de parte de suas críticas a Oswald. Como já apontamos, isso não significa uma mudança essencial no seu juízo crítico – ele mesmo trata de ratificar alguns deles –, mas uma aproximação cada vez mais pessoal e afetiva da figura de Oswald.

Na abertura de “Os dois Oswalds”,<sup>197</sup> Candido reafirma algumas teses defendidas há quase meio século. Mais uma vez com base na cronologia das obras, volta à idéia de que não havia um, mas dois Oswalds. Não há, por exemplo, uma passagem de uma escrita convencional para algo mais revolucionário, nem vice-versa. As fases não se sucedem, se misturam, revelando essa personalidade dividida. Certamente, como o próprio Candido faz questão de ressaltar, todos somos divididos. O que acontece é que, em Oswald, não há o desejo de coerência como havia em Mário de Andrade. “Viveu com elas e [...] indicam uma certa incoerência que, aliás, não parecia perturbá-lo[...].”<sup>198</sup>

Só que o que era antes apenas conclusão de um “esforço sinceramente objetivo” de análise, ganhou novas dimensões a partir de uma leitura mais biográfica. “Também na vida pessoal Oswald denotava contradições interessantes”.<sup>199</sup> O fato de ter se casado seis vezes deu-lhe a fama de imoral perante a classe média e alta de São Paulo. Mas esse veredicto apressado é corrigido pelo testemunho de Candido:

---

<sup>196</sup> Ibid., p.56.

<sup>197</sup> In *Recortes*, op. cit., p. 35-42.

<sup>198</sup> Candido, “Os dois Oswalds”, *Recortes*, op. cit., p. 35-6.

<sup>199</sup> Ibid., p. 37.

Ora, eu o ouvi dizer mais de uma vez, meio sério, meio brincando, mas com visível intuito de afirmar a sua natureza, coisas como: “Eu sou família!”. Ou: “Eu sou o brasileiro que mais respeita o casamento. Quando quero uma mulher, caso com ela, ao contrário da maioria dos homens, que só têm uma mulher legal, mas muitas amantes sucessivas”.<sup>200</sup>

Mas o ponto mais interessante dessa leitura que Candido faz de Oswald, como já dissemos, é uma espécie de aproximação sentimental com seu “objeto de estudo”.

Um dia, pela altura de 1950, ele [Oswald de Andrade] foi a nossa casa, situada no encontro de Aclimação, Cambuci e Glória. Na saída eu o acompanhei, para ajudá-lo a pegar um táxi. Atravessamos a rua Pires da Mota e entramos na Conselheiro Furtado. Era uma tarde fresca, azul e sossegada, como ainda havia naquele tempo. Oswald explicava com detalhes alguma coisa sobre sua obra. Ouvindo, eu olhava o renque de casinhas baixas, encardidas. E de repente me pareceu estar numa rua de romance dele, *Condenados* e *Estrela de absinto*, *vogando na ficção junto com o autor*, que seria ao mesmo tempo um dos seus personagens. Foi apenas um segundo, durante o qual senti sem poder explicar que estávamos ambos no mundo da sua narrativa. Mas não disse nada. O táxi passou, ele subiu e foi embora. A sensação permaneceu em mim como lembrança [...].<sup>201</sup>

Esse texto, escrito aos 69 anos de idade, possui um frescor e uma jovialidade que estão ausentes, por exemplo, ao depoimento dado a Mário Neme. E o movimento é completamente oposto. Se na “Plataforma...” Candido buscava ser a antípoda da geração de 20, nesse pequeno trecho a aproximação é de tal magnitude que o crítico, que outrora se propusera a manter uma distância necessária para julgar a obra de Oswald com objetividade, agora se torna, ainda de que por um segundo, uma personagem que voga na ficção com o próprio autor. E vai ser a partir de aproximações sentimentais como essa que o Candido memorialista vai reler a obra de seu amigo e objeto de estudo.

---

<sup>200</sup> Ibid., p. 37.

<sup>201</sup> Candido, “O diário de bordo”, in *Recortes, op. cit.*, p. 49 [grifo nosso].

## 11.

Do olho frio e analítico que julga a obra menor do que a fama de seu criador à aproximação mais afetiva possível entre o estudioso e seu objeto: esse parece-nos o percurso do discurso crítico de Antonio Candido. Mas o que significa “vogar na ficção junto com seu autor”? Quais são as implicações metodológicas dessa tal adesão afetiva àquilo que deveria, noutra perspectiva, ser mais objetivamente estudado?

Essas perguntas são indiretamente respondidas no prefácio que Candido escreve ao livro de Sérgio Miceli, *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil*. Educadamente, como não poderia deixar de ser, Antonio Candido faz uma ressalva à obra de Miceli baseada numa polarização pronominal (ele x eu), que, na verdade, esconde uma outra polarização, dessa vez mais importante: ele – Miceli, o analista – *estudou* x eu – Candido, o prefaciador – *vivi*. A questão é que Miceli dispõe de uma perspectiva temporal que lhe permite estudar os intelectuais da primeira metade do século passado sob um prisma mais “objetivo”. “Ele [Sergio Miceli] fala de homens catalogados, quase sempre remotos para ele, autores de livros que leu sem associá-los à figura e ao gesto de quem escreveu; [pois já dispõe de um] olhar sem paixão e quem sabe sem ‘piedade’ [...]”<sup>202</sup>

Candido não está criticando Miceli, mas comparando duas maneiras de se considerar o passado: uma que dissolve os indivíduos em categorias genéricas – a de Miceli –, o que significa uma perda da singularidade; a outra em que a falta de perspectiva não permite superar o “miúdo” – a de Candido, implicando, muitas vezes, em conclusões inoperantes. Cada uma possui suas vantagens e desvantagens, basta saber usá-las com parcimônia. Essa é a lição do mestre.

Antonio Candido, devido à aproximação afetiva com as figuras estudadas por Miceli, sabe ser-lhe impossível generalizar.

Mas eu não os vejo assim, porque me formei olhando-os na rua, nas fotografias de jornal, nas salas, no noticiário e na referência viva de terceiros. [...] Portanto, não consigo vê-los de longe e, às vezes, nem

---

<sup>202</sup> Candido, “Prefácio”, in Sergio Miceli, *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, São Paulo: Difel, 1979, p. X.

aceitar como verdade manipulável intelectualmente os dados das suas biografias e autobiografias. Não é raro eu sorrir quando Miceli se funda para argumentar em informações desse tipo, cujo grau de alteração eu *ainda* posso sentir, mas ele *já* não.<sup>203</sup>

Se a Candido não é permitido generalizar, resta-lhe resgatar os indivíduos – para ele amigos com quem conviveu – dessas generalizações, buscando a verdade singular de cada um. É como se, premido pelo peso da idade e pelo respeito à experiência que com eles compartilhou, não pudesse ter outra escolha, senão aquela. Este é, em nossa opinião, o melhor resumo que se pode fazer de *Recortes*, livro paradigmático,<sup>204</sup> em que Candido se dedica a construir pequenos relatos para preservar a memória de seus amigos e companheiros de geração.

É exatamente nesse momento em que o passado se torna tão proximamente familiar que ele perde, no discurso crítico de Antonio Candido, sua força questionadora.

Como vêm, estou vogando em pleno universo da recordação, que é o espaço preferido dos velhos, dos que têm mais tempo para trás do que para frente. Pensei em mencionar os grandes problemas que constituem o desafio maior do homem de estudo e de ensino nos nossos dias, sobretudo a persistência da iniquidade social, que faz da escola superior um privilégio de poucos. [...] *Mas confesso que desisti, preferindo ficar na esfera tranqüila da memória.*<sup>205</sup>

Fica, desse modo, em aberto uma questão um tanto incômoda. Se Antonio Candido *desiste* do embate com os nossos grandes problemas sociais, o que resta daquele crítico cuja faceta mais conhecida era a do “propósito militante de ampliar a compreensão da realidade”<sup>206</sup> através de um movimento dialético que alimentava a imaginação crítica?<sup>207</sup> Noutras palavras, a utilização *tranqüila* do elemento memorialístico deixaria espaço suficiente para uma crítica radical?

---

<sup>203</sup> Ibid., p. X-XI [grifo nosso].

<sup>204</sup> Digo paradigmático porque, segundo Flora Süssekind (“A memória como método”, *Jornal do Brasil*, *op. cit.*), essa tem sido uma tendência da crítica de Candido desde que publicou *Teresina etc.*

<sup>205</sup> Candido, “[Discurso de recebimento do título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Estadual de Campinas em 17/12/1989]”, in Candido e Schwarz, *op. cit.*, p. 32-33 [grifo nosso].

<sup>206</sup> Schwarz, “Saudação *honoris causa*”, in *Seqüências brasileiras*, *op. cit.*, p. 9.

<sup>207</sup> Arantes, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*, *op. cit.*

Embora essa seja uma hipótese que precise ser feita com muito cuidado, a resposta parece-nos ser a de que, quando o método memorialístico assume o papel dominante na prática crítica de Antonio Candido, ele se opõe àquela abordagem dialética que expusemos acima. Isso porque, se a dialética está preocupada numa “integração progressiva por meio de uma tensão renovada a cada etapa cumprida”,<sup>208</sup> a memória, por sua vez, “tende a ver os acontecimentos a partir de uma perspectiva que recusa a ambigüidade e até reduz os acontecimentos a arquétipos fixos.”<sup>209</sup> De alguma forma, essas representações do passado acabam por simplificar ou estilizar os acontecimentos, destacando alguns signos que funcionariam como uma espécie de mônada representativa desse momento ou dessa pessoa. É uma forma de se fixar certos traços identitários, certos marcos sociais.

O meio de veiculação privilegiado para a exposição desse método são os prefácios e os textos comemorativos. Devido ao seu caráter quase que obrigatoriamente laudatório – há, certamente, exceções, como o prefácio ao livro de Miceli –, ali se pode mencionar determinada cena significativa que, nas palavras de Hugo Vezzetti, “pode ser recuperada como um pequeno mito de origem que encerra certezas e respostas antecipadas. Essa rememoração [...] e as disputas de sentido, em todo caso, buscam estabelecer marcos e fixar os limites ao que pode ser apreendido e discutido, enfim, ao que pode ser anunciado.”<sup>210</sup> É certo que o contexto ao qual ele se refere é outro – o das disputas políticas pela reescrita de um passado argentino recente, marcado pelo terrorismo de estado e pela falsificação dos fatos –, o que não nos impede, mesmo correndo o risco de forçar um pouco a mão, de deslocá-lo para uma situação puramente intelectual.

Assim, tomar partido numa outra “batalha das interpretações”<sup>211</sup> parece ser a intenção de Candido ao coligar certos textos de *Recortes*, que tinham um caráter mais circunstancial e uma tonalidade mais pessoal.<sup>212</sup> salvar certas figuras do limbo do esquecimento, resgatando-lhe a dignidade das obras, mesmo as mais simples. Em “Duas

---

<sup>208</sup> Ibid., p. 17.

<sup>209</sup> Hugo Vezzetti *apud* Sarlo, *Tempo passado*, *op. cit.*, p. 123 [tradução minha].

<sup>210</sup> Vezzetti, *Pasado y presente*, *op. cit.*, p. 17 [tradução minha].

<sup>211</sup> Candido, “Prefácio”, *in* Miceli, *op. cit.*, p. 73

<sup>212</sup> Candido, “Explicação”, *in* *Recortes*, *op. cit.*, p. 9.

heroínas”, publicado em *Textos de intervenção*, essa estratégia se mostra com mais força. Depois de ler lido que a igreja de Santa Ifigênia – em Cássia, Minas Gerais, local onde passou a sua infância – foi demolida, Candido debruçou-se sobre suas memórias para lembrar dos esforços de uma antiga escrava, Maria Velha, para levá-la como pagamento de uma promessa. A construção foi lenta, pois o dinheiro era pouco, fruto de donativos e de seu trabalho. Ficou-lhe o exemplo de fidelidade às crenças e tenacidade na sua realização. De Maria Velha, Candido passa a outra antiga escrava, Vitória de Mello Pádua – a tia Vitória –, esse exemplo de bravura e altivez ao se insurgir contra seu senhor, num ato de extrema simplicidade, depois de ter comido as frutas proibidas de seu pomar. E Candido assim conclui:

Se evoco essas duas figuras do passado, é por achar que na memória das comunidades não devem ficar apenas (como se poderia dizer, parafraseando Rostand) as letras maiúsculas, que sobressaem na página e comandam os períodos; mas também o batalhão modesto das minúsculas, que formam o miolo da história e por vezes exprimem o que há nela de mais humano.<sup>213</sup>

Não há, nessas entradas, qualquer espaço para um movimento dialético, através do qual se caracterizou seu trabalho crítico mais maduro. E é exatamente isso que podemos depreender de uma das imagens memorialísticas de *Recortes*. A citação é longa, mas necessária.

Certa manhã de domingo, na velha sede do Partido Socialista (o de 1947), num primeiro andar apertado e encardido da praça da Sé, durante uma sessão dedicada não me lembro mais ao quê, travou-se uma daquelas discussões intermináveis que azedam as relações nos grupos políticos, fazendo os correligionários parecerem inimigos e pondo todos a dois dedos do pugilato. Não havia muita gente, de modo que as cadeiras estavam vazias em boa parte. Azis, na ponta esquerda da primeira fila, perto da mesa diretora, fez uma exposição. Um companheiro desconhecido por nós, no lado direito de uma das fileiras de trás, se pôs a fazer críticas descabidas em tom meio desagradável. Azis rebateu umas tantas vezes; o outro insistiu, mais impertinente, até dizer qualquer coisa pior. Azis virou-se aos brados para o lado de onde vinha a voz (pois não podia ver a pessoa) e, desafiando o malcriado, foi atropelando cadeiras

---

<sup>213</sup> Candido, “Duas heroínas”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 296.

vazias, pronto para lhe dar uns tapas. Mas foi contido a tempo, enquanto o imprudente metia a viola no saco. Assim era Azis, vivendo as convicções e os sentimentos com a energia dos temperamentos fortes.<sup>214</sup>

Deixemo-nos ser transportados, agora, para uma festa de aniversário, na qual Candido viu Sérgio Buarque de Holanda,

já com 70 e tantos anos, andando com certa dificuldade, [...] levantar a bengala e avançar furioso contra alguém que vociferava qualquer coisa. Corremos e conseguimos evitar maior dano, porque o outro se esquivava da bengalada. Por que isso? Porque o tal indivíduo tinha dito no correr da conversa que um amigo de ambos, já morto, procedera de maneira covarde em certo conflito político. Não admitindo a censura ao amigo morto, Sérgio reagiu com a maior violência. Por aí se vê a que extremos podia chegar a sua lealdade.<sup>215</sup>

Noutros textos podíamos perceber um Antonio Candido que se aproximava com certa calma de seu objeto, procurando ver em cada tendência a sua componente oposta, de modo a apreender a realidade da maneira mais complexa possível. É como, por exemplo, no caso que analisamos, “Literatura de dois gumes”, no qual o autor de *Recortes* vai além do lugar comum de ler a formação das literaturas nas Américas apenas como uma “adaptação dos padrões estéticos e intelectuais da Europa às condições físicas e sociais do Novo Mundo”, buscando, exatamente ali onde só se via imposição, certas inflexões que a “tornaram capaz de exprimir também a nova realidade natural e humana.”<sup>216</sup>

Nas citações acima, contudo, a aproximação se dá de forma diferente, muito mais pessoal. Candido, ao contrário do que fizera outras vezes, não busca um contraponto que desarmaria aquela primeira impressão – mais corriqueira – através da qual se relacionara com o seu objeto. Interessa-lhe, isso sim, caracterizar com tintas fortes e indeléveis a personalidade militante do companheiro Azis Simão e a lealdade do amigo Sérgio Buarque de Holanda, por isso não deixa espaço para qualquer margem de dúvida que pudesse questionar a firmeza dos seus caráteres.

---

<sup>214</sup> Candido, “O companheiro Azis Simão”, in *Recortes*, op. cit., p. 192.

<sup>215</sup> Candido, “Lembrança de Sérgio”, *Caderno Mais!* suplemento da *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 mar. 2004, p. 10.

<sup>216</sup> Candido, “Literatura de dois gumes”, in *A educação pela noite e outros ensaios*, op. cit., p. 164 e 165, respectivamente.

A própria escolha do objeto de análise também parece sofrer alterações com a entrada da memória. Paulo Eduardo Arantes, em sua análise da dialética e da dualidade em Antonio Candido, ressalta que o “objeto em torno do qual se move o ensaísmo de Antonio Candido, nos seus momentos mais fortes e expressivos, é alguma coisa que se poderia denominar genericamente de experiência brasileira [...]. Esquemmatizando ao extremo, digamos que o seu nervo resida numa certa sensação de *dualidade* que impregnaria a vida mental numa nação periférica.”<sup>217</sup> De alguma forma, o objeto ainda nos parece ser o mesmo – “a experiência intelectual do país” –, sem, contudo, a força desse sentimento dialético, o qual já fora unificado pela ação da totalizante da memória.

É interessante percebermos como o elemento dialético vai perdendo força em alguns textos de Candido, no quais a memória predomina. Segundo Caio Prado Jr., a lógica dialética é uma maneira de abordar, sem prejuízo epistemológico, a mutabilidade e a instabilidade da Natureza.<sup>218</sup> Assim, duas das principais características da dialética seriam, exatamente, o movimento e a dinamicidade na análise dos eventos, não importa se físico ou social. E essas características não escaparam ao olhar atento de Candido. Comparando ao estruturalismo, que fornece padrões diádicos de pensamento, o marxismo seria caracterizado pelo número três, uma vez que tem como ponto de partida a

dialética de Hegel, sendo por isso mesmo capaz de mostrar que o ritmo tese-antítese-síntese pressupõe equilíbrios fugazes; e isto permite dar conta dos conjuntos irregulares, mantendo um reflexo mais fiel da irregularidade dos fatos, que os esquemas diádicos tendem a simplificar, preferindo a visão dinâmica do processo à contemplação estática dos sistemas em equilíbrio.<sup>219</sup>

Considerando-se a lógica da variabilidade dialética, a conceituação das identidades não faz em si mesma – como propunha a lógica clássica, que buscava a essência de cada coisa –, “mas em função precisamente da *não-identidade*, da *negação*.”<sup>220</sup> Se pusermos numa terminologia mais hegeliana, o Ser, para constituir-se plenamente,

---

<sup>217</sup> Arantes, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*, op. cit., p. 14.

<sup>218</sup> Caio Prado Jr., *Notas introdutórias à lógica dialética*, São Paulo: Brasiliense, 1968.

<sup>219</sup> Candido, “Duas vezes ‘A passagem do dois ao três’”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 53.

<sup>220</sup> Prado Jr., *Notas introdutórias à lógica dialética*, op. cit., p. 38.

precisa ser destruído pelo Não-Ser, ou seja, a negação que está na própria identidade, pois só assim saíra fortalecido numa síntese que inclui aquilo que se lhe opunha. “Desse modo, a identidade só mostra a verdade que contém quando manifesta a contradição que traz em seu seio.”<sup>221</sup> A negação, a antítese é, assim, a raiz de todo o movimento. E é através dessa dinâmica – para cada identidade há uma negação que lhe é interna, a qual se resolve pela negação da negação, donde irrompe uma nova identidade, que, por sua vez, apresentará a sua própria negação, num processo ininterrupto – que o método se mostra como uma forma radical, dissolvendo tudo o que é dogmático, abalando todas as verdades intocáveis.

Mas será que é essa radicalidade que Candido busca quando adota uma “tonalidade pessoal, seja na evocação de amigos mortos, seja no relato de acontecimentos ligados à [sua] vida”?<sup>222</sup> Ao se aproximar afetivamente daquele que é objeto de sua rememoração, não nos parece ser do interesse de Candido nenhuma espécie de contestação ou dissolução. Esse recuo dialético, contudo, não significa um abandono completo de suas premissas epistemológicas. Se o movimento dialético recua, a maneira dual de considerar a realidade ainda continua de pé. “Que tipo de homem era Fernando de Azevedo? Era uma personalidade forte e cheia de contrastes. Todos nós somos cheios de contrastes, porque uma das características dos homens é serem contraditórios.” E Candido passa a elencar essas contradições: “Para começar de maneira pitoresca, eu diria que a primeira estava ligada à estatura. Era baixo, mas, curiosamente, dava a impressão de ser mais alto [...]. A partir desse primeiro contraste, pode-se pensar em outros: por exemplo, era um homem arrojado, impetuoso e, ao mesmo tempo, prudente, diplomata e cheio de tato.”<sup>223</sup> E esse mesmo movimento pode ser percebido em outros textos, como nos perfis de Paul Arbousse-Bastide e Oswald de Andrade. Nos trechos citados, a dualidade é estanque; ela apresenta duas faces contraditórias do mesmo objeto, mas uma não funciona como negação da outra, pelo menos não no sentido destrutivo que o movimento dialético pressupõe. Elas coexistem pacificamente.

De volta ao Prefácio à *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil*, no qual afirmara não poder ver de longe os autores que Miceli, dispondo de uma certa perspectiva

---

<sup>221</sup> Gerd Borheim, *Dialética: teoria e práxis*, Porto Alegre: Globo, 1976, p. 50.

<sup>222</sup> Candido, “Explicação”, in *Recortes*, op. cit., p. 9.

<sup>223</sup> Candido, “Doutor Fernando”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 300-1.

temporal, olha “sem paixão e quem sabe sem ‘piedade’”. Por isso não se furta a uma crítica bastante incisiva: “Na batalha das interpretações ele [Miceli] nem sempre escapa ao risco de condenar em vez de entender [...]” E, mais à frente: “É que no fundo a atitude de Miceli é polêmica, e talvez ele ‘julgue’ mais do que seria preciso.”<sup>224</sup>

Assim, nessa batalha das interpretações a que alude Candido, a rememoração não é um meio para se produzir um discurso crítico, mas uma forma de se criar um sustentáculo para a construção de uma identidade geracional, que não seja constituída pela sua negação. Ao falar de seus amigos mortos, de seus professores, de seus mestres, Candido seleciona algumas memórias que funcionam como uma espécie de parâmetros. Estes constituiriam certas marcas – ou marcos sociais – que buscam “manter um mínimo de coerência e continuidade, necessários para a manutenção do sentimento de identidade.”<sup>225</sup>

Dessa forma, Candido estaria cristalizando e institucionalizando uma certa visão e um certo sentido do passado, reduzindo as possibilidades de suas leituras. Esse movimento é típico de momentos de ruptura histórica, nos quais novos atores buscariam deslocar certos marcos sociais, de forma a abrir espaço para outras perspectivas, exatamente como fizeram, na década de 40, os membros da revista *Clima*. Cabe, portanto, a Candido, localizar, estabelecer e firmar os limites que dão sentido aos esforços de sua geração, não permitindo que eles se tornem meras “vinte linhas esquematizadas e arbitrárias numa enciclopédia, sem sopro nem movimento.”<sup>226</sup>

E é exatamente isso que buscaremos analisar na segunda parte dessa dissertação.

---

<sup>224</sup> Candido, “Prefácio”, in Miceli, *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil*, op. cit., p. XII, todas as citações.

<sup>225</sup> Jelin, *Los trabajos de la memoria*, op. cit., p. 25.

<sup>226</sup> Candido, “Prefácio”, in Miceli, *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil*, op. cit., p. XII.

“No entanto, um capítulo vivo da periferia da crítica seria o que registrasse com o devido senso de oportunidade a história da nossa experiência afetiva com as obras, inclusive procurando determinar de que maneira fomos levados a encontrar, conhecer e amar as que se tornaram prediletas, sobretudo quando nos fazem companhia pela vida inteira, na sucessão das releituras.”

Antonio Candido, “Crítica e memória”

**SEGUNDA PARTE,  
OU UM MESTRE NA PERIFERIA DA CRÍTICA**

## I.

### 1.

Não há melhor resumo da teoria sociológica da memória de Maurice Halbwachs do que a de Ecléa Bosi em seu livro *Memória e sociedade: lembrança de velhos*.<sup>227</sup> Talvez por isso seja mais interessante, após uma pontuação muito breve, tomar duas entradas laterais do pensamento desse sociólogo francês.

Seu livro mais importante sobre o assunto, *Les cadres sociaux de la mémoire*,<sup>228</sup> teve sua primeira edição publicada ainda na segunda década do século XX, sob a forte herança da recém-formada sociologia francesa. O cerne de sua argumentação está inteiramente apoiado no deslocamento provocado pela influência durkheimiana, que mudara o ponto de vista dos estudos sociais de um arraigado subjetivismo para as questões do grupo e da sociedade. E é exatamente dentro desse contexto que se insere o livro de Halbwachs, o qual pretende polemizar as formulações profundamente subjetivas de Henri Bergson no que concerne à memória.

Se a Bergson, em seu estudo, não interessa tematizá-la como um fator social, não é de estranhar que Halbwachs siga num caminho radicalmente antagônico: a memória, para ele, não se dá em sua relação com o corpo, mas dentro de quadros socialmente formados, fora dos quais ela não é possível. “Em resumo, a memória não é possível fora dos marcos de que os homens que vivem em sociedade se utilizam para fixar e reencontrar suas lembranças.”<sup>229</sup> Dessa forma, os quadros sociais são uma espécie de instrumento que as memórias individuais utilizam para continuarem vivas.

Mas deixemos de lado o miolo da argumentação de Halbwachs e tomemos um primeiro desvio.

Ao comparar o devaneio do adulto com o do velho, Halbwachs escreve que

---

<sup>227</sup> Ecléa Bosi, *Memória e sociedade*, *op. cit.*.

<sup>228</sup> Maurice Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Éd. Albin Michel, 1994.

<sup>229</sup> *Ibid.*, p. 79 [tradução minha].

esse tipo de imaginação, que, no adulto, é uma distração, se torna, no idoso, uma ocupação autêntica. Habitualmente, ele não se contenta mais em esperar de modo passivo que as lembranças lhe surjam, busca explicitá-las, dialoga com outros idosos, fuça suas velhas anotações, suas antigas cartas e, sobretudo, ele relata aquilo de que se lembra, mesmo quando não mais se preocupa em fixá-las por escrito.<sup>230</sup>

A questão de base para Halbwachs é a perda da função social do idoso. Para um adulto, as exigências das lutas cotidianas e as urgentes solicitações do presente não deixam tempo para o passado. Os idosos, por sua vez, não sendo mais membros ativos da sociedade, têm no remexer incessante do baú da memória uma espécie de obrigação social. Relembrar se torna, dessa forma, uma verdadeira ocupação, pois, para Halbwachs, é o melhor que eles podem fazer.

Mas não é só a perda da função social que dá condições favoráveis aos idosos para a prática da lembrança. A fadiga do combate diário também é um motor da memória. “Estes [os idosos], exaustos da ação, viram as costas ao presente [se détournent au contraire du présent], e se apresentam nas mais favoráveis condições para que os eventos passados reapareçam tais quais.”<sup>231</sup> É interessante observar que essas palavras de Halbwachs nos remetem, imediatamente, àquelas de Candido, as quais, embora já citadas na primeira parte dessa dissertação, valem ser retomadas. “Como vêem, estou vogando em pleno universo da ficção, que é o espaço preferido dos velhos, dos que têm mais tempo para trás do que para frente.” E após desistir de mencionar os desafios que pesam sobre os ombros dos homens de estudos no Brasil ou de repetir “pela centésima vez” as críticas feitas à insensibilidade geral frente à iniquidade da desigualdade social do país, Candido conclui: “Mas confesso que desisti, preferindo ficar na esfera tranqüila da memória.”<sup>232</sup>

Pensada à luz das colocações de Halbwachs, *parece* não nos restar outra conclusão. De fato, a crescente inserção do elemento memorialístico na obra de Antonio Candido vai solapando, pouco a pouco, a força de sua crítica. E o que era desolador pode tornar-se ainda pior. Sem outra função social que a do memorialista, a imagem que Candido

---

<sup>230</sup> Ibid., p. 104 [tradução minha].

<sup>231</sup> Ibid., p. 103 [tradução minha].

<sup>232</sup> Candido, “[Discurso de recebimento do título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Estadual de Campinas em 17/12/1989]”, in Candido e Schwarz, *A homenagem na Unicamp*, op. cit., p. 32-33.

tece para si parece confundir-se com uma visão pré-moderna da velhice. O idoso seria um guardião da tradição, alguém cujo respeito advém do peso de suas lembranças. Subsistiria aqui uma certa crença na idéia de sabedoria – pelo menos no sentido benjaminiano do termo –, a qual seria aquele “conselho tecido na substância viva da existência.”<sup>233</sup> Essas considerações ainda podiam ter mais sentido para um pensador cujas raízes intelectuais estão plantadas no século XIX,<sup>234</sup> mas não para o ocaso de um século que pôs abaixo toda e qualquer crença na sabedoria cuja base é a vivência, seja do romancista, que relata uma busca particular, seja do narrador pós-moderno, cada vez mais distanciado da experiência de que se vale, porque sabe que a autenticidade nada mais é do que uma construção de linguagem.<sup>235</sup>

Nesses termos, a velhice teria perdido sua última batalha; ela não tem mais nenhuma função social.

## 2.

Tomemos, agora, a segunda porta.

Para Halbwachs, as

convenções verbais constituem, portanto, os marcos ao mesmo tempo mais elementares e mais estáveis da memória coletiva: marcos, diga-se de passagem, singularmente frouxos, posto que permitem o trânsito de todas as lembranças, por menos complexas que sejam, e retendo apenas os detalhes isolados e os elementos descontínuos de nossa representação.<sup>236</sup>

---

<sup>233</sup> Walter Benjamin, “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

<sup>234</sup> “Dans nos sociétés aussi on estime un vieillard en raison de ce qu’ayant longtemps vécu il a beaucoup d’expérience et est chargé de souvenir” (Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*, op. cit., p. 104). É interessante notar que apenas dez anos separam essa afirmação de Halbwachs das considerações mais pessimistas e mais sólidas tecidas pela sensibilidade de Walter Benjamin a respeito da capacidade de se transmitir qualquer espécie de sabedoria por meio das narrações. Cf. Benjamin, “O narrador”, in *Magia e técnica, arte e sociedade*, op. cit..

<sup>235</sup> Cf. Silvano Santiago, “O narrador pós-moderno”, in *As malhas da letra*, op. cit., p. 44-60.

<sup>236</sup> Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*, op. cit., p. 82.

Há, nessa passagem, laivos de um livrinho recém-publicado e que gozaria de uma vida longa, *Curso de lingüística geral*, de Ferdinand de Saussure. Numa das dicotomias do livro, a língua – cuja oposição é a palavra, ato individual da fala – é vista como um sistema de valores supra-individual, um produto social que permite a comunicabilidade, pois é partilhada por todos os falantes. Não é de estranhar que esse conceito tenha sido aproveitado por Halbwachs, ainda que muito sutilmente, pois este coloca a língua como uma grade epistemológica, capaz de perceber e verbalizar o mundo através de um conjunto de tropos, metáforas, certezas não problematizadas, evidências axiomáticas.<sup>237</sup> E é exatamente por assumir essa forma social de pensar o mundo que a língua se torna um dos principais quadros de que se vale a memória.

Mas há um problema. A língua (*langue*) não permanece a mesma para todo o sempre. Na verdade, ela é um campo de batalhas no qual os homens se digladiam em busca de uma supremacia adâmica – a capacidade de ocupar o mundo com a força das palavras –, afinal o “poder de nomear significava para os antigos hebreus dar às coisas sua verdadeira natureza, ou reconhecê-la. Esse poder é o fundador da linguagem [...]”.<sup>238</sup> Nesse sentido, é através do deslocamento dos conceitos existentes que os indivíduos vão abrindo espaço num campo lingüístico já saturado por séculos de conhecimento, de forma a encontrar um lugar só seu. E eu não conheço descrição mais prosaica desse processo agônico que a do filósofo russo Boris Groys:

Basta entrar no espaço da linguagem da filosofia para constatar que este espaço já está mobiliado de uma maneira bastante concisa. Você encontra aqui um grande armário chamado Heidegger, ali um sofá chamado Kant, aqui toda uma cozinha equipada, respondendo ao nome de Hegel. Isso significa que, para mim, os outros filósofos não assumem a figura de um pai, mas, sim, de móveis de que se pode utilizar – ou não. Pode-se, por exemplo, fechar-se no armário Heidegger e ficar lá por toda a eternidade [...]. *Dito isso, existem os móveis que temos de mudar constantemente de*

---

<sup>237</sup> Sigo de perto o brilhante resumo – na verdade, diria que mais se parece com uma livre apropriação – feito por Sérgio Paulo Rouanet, “As Minas iluminadas: a Ilustração e a Inconfidência”, in Adauto Novaes (org.), *Tempo e história*. São Paulo: Cia. das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 329-346.

<sup>238</sup> Bosi, “Poesia resistência”, in *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, p. 141.

*posição de modo que possamos mover-nos livremente dentro do espaço da linguagem filosófica.*<sup>239</sup>

Mas pensemos nessa reorganização dos conceitos sob um outro prisma: o do esquecimento. A imagem de uma casa também está presente em Halbwachs: “Quando este aqui deixa uma casa na qual viveu por muito tempo, parece-lhe que abandona também uma parte de si mesmo: de fato, esse marco desapareceu, todas as lembranças que se lhe ligavam correm o risco de se dissolverem [...]”<sup>240</sup> Assim, deixar a casa ou – dentro do campo semântico mais lúdico de Boris Groys – rearmá-la radicalmente implica no ato de superação de uma visão de mundo por outra. O problema é que a reorganização desses marcos acarreta na desorganização dos quadros que sustentavam a memória dos perdedores, a qual, sob o prisma da teoria de Halbwachs, tendem ao esquecimento. Nesse sentido, a sucessão dos grupos, a substituição de uma língua por outra, rompe com a continuidade das memórias coletivas. O passado deixa, assim, de ser uma presença viva e se torna uma peça de museu, uma antiga palavra cujo lugar é o de uma entrada no dicionário.

Há algo dessa consciência desesperada, desse medo de esquecer e ser esquecido, nas memórias de Antonio Candido. Já octogenário, Candido sabe que os conceitos com os quais percebeu e verbalizou o mundo foram deslocados. Não poderíamos dizer se ele sente pelo espaço que ele próprio está perdendo. Pelo que vimos na seção anterior, parece que não. Mas Candido não fala mais somente por si mesmo. Um dos últimos representantes de um grupo que se formou nos acalorados anos de 1930, ele tem plena consciência que seu “testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se chama uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros, mas vão aos poucos ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais de sua época.”<sup>241</sup>

É com esse espírito que escreve para a revista *Teoria & Debate*, no começo desse século, um textinho aparentemente desprezioso, “Um poema de Vinicius de

---

<sup>239</sup> Boris Groys, “Le cadavre du philosophe”, in *Politique de l’immortalité: quatre entretiens avec Thomas Knoefel*. Paris: Maren Sell Éd., 2005, p. 12 [grifo e tradução nossos].

<sup>240</sup> Halbwachs, *Les cadres sociaux de la mémoire*, *op. cit.*, p. 97 [tradução minha].

<sup>241</sup> Candido, “Raízes do Brasil”, in *Teresina etc.*, *op. cit.*, p. 135

Moraes”,<sup>242</sup> mas que, na verdade, é um libelo em prol do devido reconhecimento de seu amigo e poeta.

O texto é aberto com a aceitação da inexorabilidade da passagem do tempo e dos deslocamentos que ela traz no seu bojo. “A flutuação do gosto em relação aos poetas é normal, como é normal a sucessão dos modos de fazer poesia. Pelo visto, Vinicius de Moraes anda em baixa acentuada, e seria uma perda grave se não voltasse qualquer dia a ser reconhecido como um dos grandes do século literário em que viveu.”<sup>243</sup> Logo em seguida, há uma breve tentativa de entender quais foram os deslocamentos que lançaram Vinicius no limbo do esquecimento. A conclusão a que chega é a de que o autor da “Balada do mangue” encarna um tipo de poética pouco em voga, pois, ao contrário de buscar a autonomia da palavra ou jogos sonoros que substituem qualquer necessidade de significado, Vinicius “fez poesia com palavras concatenadas de maneira a obter uma seqüência semântica que dissolve a autonomia delas num discurso poético articulado.”<sup>244</sup>

O mais interessante, contudo, é o rumo que o texto toma. Depois de lhe elogiar a capacidade de dar um estatuto poético às coisas mais banais e de lhe fazer uma breve ressalva quanto a um sentimentalismo muitas vezes presente na sua poesia, Candido se coloca como um tradutor para as novas gerações. É assim que explica a perda geografia do Rio de Janeiro, cujo “baixo meretrício” ficava numa zona cortada pelo canal do Mangue, ou a origem estrangeira das “mulheres da vida” – geralmente francesas e polonesas –, as “polacas”.

Talvez [os jovens] não saibam, também, que [...] as pobres profissionais nesse nível inferior, privadas de outra opção na vida, obrigadas a praticar o sexo sem afeto ("enclausuradas sem fé"), ficavam se expondo nas portas e janelas (as "jaulas acesas"), seminuas ou com roupas berrantes, quase sempre chamando ruidosamente os clientes ("falando coisas de amor"). *O mundo mudou tanto, que esses esclarecimentos devem ser necessários para a compreensão desse texto corajoso e contundente, feito há mais de cinquenta anos.*<sup>245</sup>

---

<sup>242</sup> Candido, “Um poema de Vinicius de Moraes”, in *Teoria & Debate*, São Paulo, n. 49, out./nov./dez., 2001, p. 70-71.

<sup>243</sup> Ibid., p. 70.

<sup>244</sup> Ibid., p. 70.

<sup>245</sup> Ibid., p. 71 [grifo nosso].

Ao se dirigir aos jovens leitores de Vinicius numa tentativa de aproximação simpática, Candido assume uma função para as suas memórias e para a sua maneira de ver um mundo que não existe mais: é como se as suas palavras pudessem dar um salto magistral e unir duas temporalidades distintas e algo conflitantes.

### 3.

Voltemos a um dos textos que nos têm servido de guia nessa dissertação: o prefácio que Candido escreveu ao livro de Sergio Miceli.

Logo depois de diferenciar a sua perspectiva da de Miceli, o tom do texto sobe. É perceptível um certo incômodo pelo rumo tomado pelas conclusões do autor de *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. Embora respeite o ponto de vista histórico a partir do qual Miceli dirige seu estudo, Candido sente-se na obrigação de assumir seu posto nesse “campo de batalha” intelectual. “Nessa batalha das interpretações ele nem sempre escapa ao risco de condenar em vez de compreender [...]. É que no fundo a atitude de Miceli é polêmica, e talvez ele ‘julgue’ mais do que seria preciso.”<sup>246</sup> Dessa forma, ele acaba projetando o plano da verificação sobre o da avaliação.

Pensando numa dimensão estritamente intelectual, esse indiscernimento entre as instâncias da verificação e da avaliação talvez possa não ser tão grave. Mas há uma outra dimensão, ética e mais pessoal, que Candido não pode simplesmente ignorar, focando-se apenas no resultado final do trabalho. “Mas o fato é que no processo estão envolvidos os homens, *com a sua carne e a sua alma*, de modo que conviria acentuar mais que um Carlos Drummond de Andrade ‘serviu’ o Estado Novo como funcionário que já era antes dele, mas não alienou por isso a menor parcela da sua dignidade ou autonomia mental.”<sup>247</sup>

Para Miceli, as pessoas estudadas não passam de fotos desbotadas em jornais antigos ou de um mero conjunto de palavras nos livros em que pesquisou. Essa postura intelectual foi elogiada por Silviano Santiago, para quem *Intelectuais e a classe dirigente...*

---

<sup>246</sup> Candido, “Prefácio”, in Miceli, *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil*, op. cit., p. xi.

<sup>247</sup> Ibid., p. xii [grifo nosso].

vale muito exatamente porque ignora “o pendor legitimamente revolucionário que transparecia nas obras propriamente literárias do tempo.” E conclui: “A voz do funcionário-público se faz ouvir no silêncio do escrito literário, uma vez que o escritor se absteve de dramatizar os percalços do corpo.”<sup>248</sup>

Essa, contudo, não pode ser a postura de Candido. É a possibilidade de ter viva na memória a “carne e [a] alma” dessas pessoas, ter nítido o corpo que dramatiza a obra, que move a sua indignação. Num pequeno texto publicado em *Recortes*,<sup>249</sup> Candido volta a Drummond, que, embora chefe de gabinete do ministro Gustavo Capanema, não deixou de professar, à época, sua simpatia pelas posições comunistas. E é através dessa lembrança pessoal do seu encontro com *Sentimento do mundo*, publicado em 1940, da troca de correspondência entre os dois, dos esforços para fazer circular, mesmo sob a ferrenha censura do Estado Novo, seus poemas mais engajados, que Candido pode dramatizar a relação de Drummond com a sua obra e com as suas funções como funcionário público de forma a resgatar-lhe a honorabilidade: “Por este meio [o da poesia política distribuída aos amigos em cópias impressas] o chefe de gabinete exercia uma atividade constante e decidida, animando muita gente com o exemplo de uma participação tão alta, naquele momento que para muitos deveria levar ao ‘mundo novo’ que um dos seus poemas queria ajudar a nascer.”<sup>250</sup>

Chegamos, então, à nossa hipótese de trabalho: através da construção dos perfis de seus amigos e mestres, Candido resgata a “função social” do idoso. A perspectiva, contudo, é diferente. A memória, aqui, não é um recurso de quem está afastado da vida cotidiana. As lembranças assumem, ainda que discretamente e sem polêmicas desnecessárias, um propósito agonístico: são as armas disponíveis para se entrar numa batalha que se trava no presente. E, paradoxalmente, o que as torna mordazes é um certo toque de anacronismo. Há qualquer coisa de perdido, de frustrado, de uma utopia que não se vislumbra mais em lugar algum da contemporaneidade. Mas é exatamente aí que reside a

---

<sup>248</sup> Santiago, “O intelectual modernista revisitado”, in *As malhas da letras*, op. cit., p. 194 e 195, respectivamente.

<sup>249</sup> Esse texto foi parcialmente republicado em *O Livro*, suplemento de *O Globo*, com o título “Os intelectuais e o poder; um capítulo curioso”, cuja remissão nos parece levar diretamente a Miceli.

<sup>250</sup> Candido, “Fazia frio em São Paulo”, in *Recortes*, op. cit., p. 22.

sua força, pois a “relevância contemporânea de certas idéias pode estar em sua obsolescência, porque elas testemunham contra um presente que as transformou em anacronismos.”<sup>251</sup> E o objetivo é o de salvaguardar os quadros sociais de sua geração, que o permitem tanto lembrar dos amigos mortos quanto ser lembrado. Essa é única forma de fugir ao risco de tornar-se “vinte linhas esquematizadas e arbitrárias numa enciclopédia, sem sopro nem movimento”,<sup>252</sup> afinal, a memória é a única forma de imortalidade possível.

## II.

### 1.

À primeira vista, a criação da Universidade de São Paulo (USP), nos moldes com que foi pensada pelo grupo do jornal *O Estado de S. Paulo*, parecia um capricho dos setores mais ilustrados da burguesia paulista. Importou-se uma leva de professores estrangeiros – aos franceses, por serem mais liberais, foram incumbidas às ciências humanas; aos italianos e alemães, em cujos países havia uma crescente mobilização de forças totalitárias, foram designadas as ciências naturais e os estudos clássicos – para instalar nesse trópico pouco educado uma universidade à francesa, cujo eixo fosse não a justaposição de escolas profissionais, mas, sim, uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) que pudesse propagar um saber desinteressado, centrado na pesquisa e na produção de conhecimento, livre das injunções do mercado.<sup>253</sup>

Claude Lévi-Strauss, um dos primeiros professores a integrar o corpo docente da jovem universidade, sempre registrou com um certo gracejo as impressões do papel que lhe cabia interpretar naquele momento, inclusive o de que a França assumia uma certa missão de avalista da nova burguesia. E, de fato, a idéia com que a USP foi concebida não

---

<sup>251</sup> Sergio Paulo Rouanet, *As razões do iluminismo*, São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 36.

<sup>252</sup> Candido, “Prefácio”, in Miceli, *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil*, *op. cit.*, p. x.

<sup>253</sup> Para mais detalhes sobre a formação das universidades no Brasil, cf. Esteves Lima, *A crítica literária na universidade brasileira*, *op. cit.*, especialmente o primeiro capítulo, intitulado “Pesquisa & ensino: origens da universidade no Brasil”.

estava nem um pouco distante dessa visão ironicamente servilista. Frustradas as intenções da Revolução Constitucionalista de 1932, a única porta que se abriu para que o estado de São Paulo retornasse à gerência do país foi a do saber. “Vencidos pelas armas, sabíamos perfeitamente que só pela ciência e pela perseverança no esforço voltaríamos a exercer a hegemonia que durante longas décadas desfrutáramos no seio da Federação”.<sup>254</sup> Nesse sentido, a FFCL era, antes de tudo, “um projeto político, a fim de equipar o Estado com os instrumentos culturais necessários para ele assumir em nível elevado a liderança da Federação.”<sup>255</sup>

O próprio Antonio Candido não esconde que há algo de grotesco – no panorama brasileiro da época, a FFCL era, nas suas sempre bem pesadas palavras, “uma aberração”<sup>256</sup> – no processo formativo da USP. Repetia-se aqui, quatro séculos depois da chegada dos portugueses e mais de um século após a independência política, um processo de educação aparentemente quase tão colonizador quanto o que os jesuítas impuseram aos nossos índios. A boa vontade dos professores franceses podia ser imensa, como atesta Candido: “E você percebia que em todos eles [os professores franceses] havia um desejo de ajudar esse país moço, essa gente pouco instruída que nós éramos.”<sup>257</sup> Mas toda colonização comporta uma dialética abissal entre as boas intenções e ações através das quais ela se dá. E a língua era uma barreira, “porque os professores estrangeiros se comportavam de uma maneira totalmente colonizadora. Eles lecionavam na língua deles, você que se virasse.”<sup>258</sup>

Mas, para Candido, esse novo processo colonizador tinha arestas muito menos cortantes. Dono de um francês fluente – afinal passara um ano da sua infância em Paris, onde tinha uma professora particular, mademoiselle Marie Rohlf de Sussex, que, além de lhe ensinar a língua, o levava aos sábados “às matinês da Comédie Française, tendo antes

---

<sup>254</sup> Julio Mesquita *apud* *ibid.*, p. 36.

<sup>255</sup> Candido, “Entrevistas – Prof. Antonio Candido de Mello e Souza”, in Sônia Maria de Freitas, *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1992, p. 36.

<sup>256</sup> Candido, “Entrevista”, in *Textura*, São Paulo, n. 3, mai. 1974, p. 18.

<sup>257</sup> Candido, “Professor Antonio Candido”, in *Informe: informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP*, São Paulo, n. 4, jul./ago. 2003, p. 26.

<sup>258</sup> *Ibid.*, p. 25.

explicado os textos, de maneira acessível à [sua] idade”<sup>259</sup> –, ele não sentia a dimensão segregadora das aulas em língua estrangeira. Suas lembranças dessa era heróica se revestem com certos ares de facilidade. “No meu tempo nós tínhamos quatro a cinco anos de francês no ginásio. Toda a bibliografia era francesa. Então no Brasil qualquer pessoa que fizesse o curso secundário e fosse estudioso entendia francês.”<sup>260</sup> Com o italiano não é diferente: “E as aulas em italiano que nós tivemos também eram fáceis de entender, já que São Paulo era uma cidade muito italiana.”<sup>261</sup> E é sob esse mesmo prisma que Candido julga o nível do ensino: “É claro que os cursos que esses professores davam não deviam ser do nível de uma universidade européia, porque eles sabiam que nós não agüentávamos o tranco. Eles davam um curso acessível, que a gente podia acompanhar.”<sup>262</sup>

Contudo, para entendermos o significado desse processo, vamos fazer uma breve digressão, pois faz-se necessário um outro ponto de vista, menos inserido nesse universo eurocêntrico que se formava no seio da burguesia paulista. Num depoimento dado a Carlos Guilherme da Mota, Gabriel Cohn e Alfredo Bosi no começo da década de 80, no Museu da Imagem e do Som, Florestan Fernandes volta à questão do processo colonizador, do ensino em língua estrangeira e do nível das aulas, mas sob um prisma diferente. Se, para Candido, como dissemos, toda a atmosfera da jovem faculdade se reveste com ares de leveza e facilidade, para Florestan a dimensão da memória é outra. “O curso que eu fiz era um curso inadequado para cá. [...] Eu não sabia francês, o que eu tinha aprendido de francês e inglês dava para passar no exame, não dava para ler um livro, um artigo, quanto mais para ouvir um curso de um professor francês, ou ouvir um curso de estatística em italiano.”<sup>263</sup> É quase um desdobramento lógico que, com tantas dificuldades, o nível parecesse a Florestan completamente diferente do que era para Candido. Quando teve que apresentar um trabalho metodológico para Roger Bastide, Florestan sentiu o peso dessa cobrança: “Ele fez um comentário abaixo dizendo que tinha pedido uma discussão sistemática do assunto e não

---

<sup>259</sup> Candido, “Os vários mundos de um humanista”, in *Ciência Hoje*, São Paulo, vol. XVI, n. 91, jun. 1993, p. 30.

<sup>260</sup> Candido, “Professor Antonio Candido”, in *Informe*, n. 4, op. cit., p. 25.

<sup>261</sup> Ibid., p. 25.

<sup>262</sup> Ibid., p. 24.

<sup>263</sup> Florestan Fernandes, “Florestan Fernandes, história e história: depoimento a Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn”, in *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 42, jul. 1995, p. 8.

uma reportagem, me deu nota 4,5. Isso é para ter uma idéia, quer dizer, os professores franceses não entendiam a situação em que estávamos e por isso exigiam e nós tínhamos que alcançar.”<sup>264</sup> Por isso, quando ressalta que a formação da FFCL era “típica de uma zona colonial”,<sup>265</sup> sentimos um peso e uma conotação que está ausente da formulação de Candido. Embora transitem em campos semânticos e intelectuais muito próximos quando se utilizam do conceito de “colonização”, a dimensão viva das suas experiências deslocam-no em sentidos quase antagônicos. Florestan nunca pôde sentir o gosto da “doce miragem civilizada” que esse pastiche de Universidade européia causava na deslumbrada burguesia paulista, porque o universo em que vogava era completamente diferente do mundo idílico de Gilda de Mello e Souza: “Já era noitinha quando saíamos dos cursos [de Jean Maugüe] para a réplica ligeiramente européia da Praça da República de então. Os plátanos, a algazarra dos pardais, o vento frio, o eco francês da voz de Maugüe – que carregava meio curvado a sua inseparável *serviette*, ia à nossa frente, discutindo a aula com algum aluno – tudo isso nos envolvia numa doce miragem civilizada.”<sup>266</sup>

Mas deixemos um pouco de lado as lembranças de Florestan e fiquemos um pouco mais nas de Gilda, que, embora não seja o tema dessa dissertação, toca num ponto interessante. Bem pensada a palavra, havia entre os alunos e os professores franceses uma relação bastante cordial. Formavam-se, ao redor daqueles docentes, uma pequena corte de asseclas – a expressão é quase de Maugüe, “*petite cour*” –, que os tratavam como virtuosos ou atores famosos, e não como professores. No final do decênio de 1930, a FFCL era uma novidade da qual toda a burguesia paulista queria fazer parte: “Houve uma primeira camada meio *snob* de senhoras da sociedade, ou de pessoas mais velhas já formadas, que iam ouvir as aulas como se fossem conferências, porque a Missão Francesa estava na moda.”<sup>267</sup> Como um tiro que saía pela culatra, o conhecimento cultivado na FFCL parecia manter aquele mesmo padrão bizantino que Sérgio Buarque de Holanda denunciou em *Raízes do Brasil*. O saber era um verniz, um esmalte que cobria culturas meio ocas, as quais saiam das aulas

---

<sup>264</sup> Ibid., p. 9.

<sup>265</sup> Ibid., p. 8.

<sup>266</sup> Gilda de Mello e Souza *apud* Paulo Eduardo Arantes, *Um departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 71.

<sup>267</sup> Candido, “Entrevistas – Prof. Antonio Candido”, *in* Freitas, *Reminiscências*, *op. cit.*, p. 40.

como entraram, apenas mais polidas. Entre os devidamente matriculados, a situação não era muito diferente. Paulo Eduardo Arantes lança mão de todas as metáforas do nosso subdesenvolvimento para representar o filoneísmo dos jovens universitários: chama de macunaímico a relação desses estudantes com o saber; havia uma fome voraz, antropofágica, pela novidade; os livros não eram lidos, mas pilhados.<sup>268</sup>

Assim, as recordações que Candido tem da fundação da USP pareciam indicar que ela nos levaria apenas às mesmas plagas em que sempre estivemos: ao cultivo de um saber bizantino e elitista, coberto por uma novíssima pátina universitária francesa. “De fato, em nosso tempo de estudantes havia *matinéés* dançantes no Hotel Esplanada, de que participavam alunos e os professores estrangeiros; e todo mundo ia tomar um chá na Confeitaria Vienense.”<sup>269</sup>

## 2.

Mas a citação de Candido foi cortada abruptamente. Ela procede da seguinte maneira:

Havia disso, é certo, mas eram aspectos contingentes e acessórios, que não tiravam a seriedade essencial do que estava acontecendo. Um historiador atual pode assinalar esses aspectos mundanos e proceder à análise do seu significado de classe; mas seria errado concluir daí que se tratava de uma empresa fútil da burguesia. Há um aspecto de dependência burguesa constritora, mas há outro lado a considerar: a cultura se construindo nos termos em que isso era possível. Imagine que no nosso tempo de estudantes só tivemos nesta Faculdade, em nível de bacharelado, aulas em francês e italiano nas secções de Filosofia e Ciências Sociais. Visto de hoje isso pode parecer desfrutável e alienante; uma espécie de inútil Faculdade européia pousada superficialmente sobre os trópicos. *Mas não era.*<sup>270</sup>

---

<sup>268</sup> Arantes, *Departamento francês de ultramar*, *op. cit.*, p. 72-3.

<sup>269</sup> Candido, “Feitos da burguesia”, in *Teresina etc.*, *op. cit.*, p. 101-2.

<sup>270</sup> *Ibid.*, p. 102 [grifo nosso].

Temos aqui um movimento de espírito semelhante ao do prefácio que escreveu ao livro de Miceli. Quando se lança um olhar superficial – ou temporalmente distanciado como o do historiador –, há muito de pastiche na formação da USP. Mas Candido não é nem superficial nem um historiador; é um memorialista que se debruça sobre o passado para interpretá-lo à sua maneira, assumindo todas as implicações teóricas e todos os riscos que possam emergir dessa empresa. Assim, diante dos seus olhos, a FFCL perde esse caráter leviano e mundano e se colore com novas tintas, mais radicais, que é a forma com que Candido vai representá-la.

(Voltemos brevemente a Florestan. É interessante observar que, embora tenham valorado de maneira antagônica os primeiros anos da FFCL, Florestan e Candido chegam às mesmas conclusões, ainda que para isso tenham trilhado caminhos diferentes, o que não poderia ter acontecido de outra forma. Depois de lembrar-se das dificuldades por que passou por não saber fluentemente as línguas estrangeiras nas quais as aulas eram ministradas, Florestan ressalta: “Realmente havia uma falta de conexão entre a idéia da Faculdade e o potencial concreto. *Isso foi bom*. Por quê? Porque não se usavam mamadeiras. Os assistentes não davam assistência nenhuma.”<sup>271</sup> Logo mais à frente, Florestan volta à carga e tira das dificuldades por que passou o potencial formador da Faculdade. Daquele mesmo curso em que recebeu de Bastide uma nota 4,5 e um puxão de orelhas, Florestan relembra: “E já no fim do mesmo ano eu consegui naquela cadeira a melhor nota do grupo, com um trabalho que ele elogiou em público, *o que mostra a rapidez com que avançamos*. Sem a relação maternal, sem a mamadeira, o estudante cresce, amadurece.”<sup>272</sup>)

---

<sup>271</sup> Florestan, *op. cit.*, p. 8 [grifo nosso].

<sup>272</sup> Florestan, *op. cit.*, p. 9 [grifo nosso].

### 3.

A Faculdade de Filosofia foi para mim e para muitos outros de minha geração uma experiência extraordinária, que nunca louvarei o suficiente. [...] *A Faculdade foi o quadro básico da minha vida mental.*

Antonio Candido, “A faculdade de Filosofia mudou o panorama cultural”

Numa entrevista, Antonio Candido alude a um debate que surgiu nos diários de São Paulo, quando da criação da USP, encabeçado pelo jornal *A Gazeta*. A tese desse periódico era tão simples que não deixava de ter sua lógica: nas palavras de Candido, “era um acinte chamar professores estrangeiros quando havia notabilidades no país, que isso era um desrespeito pela pátria.”<sup>273</sup> Não levando em conta a natural disputa de mercado que havia entre *O Estado de S. Paulo*, cujo grupo foi responsável direto pela fundação da USP, e *A Gazeta*, nem a campanha movida pelo Partido Republicano Paulista que era oposição ao Partido Democrático, cujos membros patrocinavam a universidade, havia nessa argumentação um tanto xenófoba um quê de verdade.

Mas ao voltar-se sobre esse paradoxo que parece um luxo da burguesia paulista – o de importar todo um departamento de filosofia para educar seus filhos –, Candido vai deslocá-lo com base num outro paradoxo salutar. É verdade que eram professores estrangeiros, mas foram eles que nos ensinaram a conhecer e a nos interessar pelas coisas do Brasil, exatamente “ao contrário do que achavam muitos nacionalistas patrioteiros, que acusavam a Faculdade de ser uma empresa alienante.”<sup>274</sup> Assim, a formação intelectual de Antonio Candido se constrói sobre uma oposição básica: “para os professores brasileiros, o *chic* era conhecer a Europa. Davam aulas falando sobre a França, a Inglaterra, citando línguas estrangeiras; nos puxavam para fora. Os professores estrangeiros, falando francês, nos puxavam para dentro.”<sup>275</sup>

---

<sup>273</sup> Candido, “Professor Antonio Candido, in *Informe*, n. 4, *op. cit.*, p. 26.

<sup>274</sup> Candido, “A Faculdade de Filosofia mudou o panorama cultural”, in *Revista Adusp*, São Paulo, n. 17, jun. 1999, p. 34.

<sup>275</sup> Candido, “Entrevistas – Prof. Antonio Candido”, in *Freitas, Reminiscências, op. cit.*, p. 39-40.

E é interessante observar que, nos depoimentos que dá sobre seu período formativo, é essa idéia que prevalece. Uma das primeiras recordações que evoca na entrevista concedida a Gilberto Velho e Yvonne Leite, publicada na revista *Ciência Hoje*, é a de seu pai chegando com um presente quando ainda tinha nove anos: os dois volumes do *Larousse Universel*, em francês, com a qual brincava constantemente, desenhando perucas nas personagens históricas, pintando bigodes nos imperadores, até que se familiarizou com os verbetes e aprendeu um pouco de francês com a mãe, que o ajudava a entender um pouco mais daquele universo novo.<sup>276</sup>

E sua formação continua a seguir nesse caminho “para fora”.

Um ano depois desse presente que parece aos olhos de hoje deveras insólito, seu pai, Aristides de Mello e Souza, foi contratado para organizar e dirigir os novos serviços termais de Poços de Caldas, que então era uma das estações balneárias mais famosas do mundo. Para tão ingente tarefa, resolveu especializar-se, por isso levou toda a família a Paris, onde ficaram por um ano. Lá Candido foi confiado a uma professora que exerceu grande influencia sobre ele, a já citada mademoiselle Marie Rohlf de Sussex, que três vezes por semana o ensinava francês e história.

A partir de certa altura, passou a se ocupar conosco [dele e dos irmãos] também aos sábados, levando-nos (o que minha mãe também fazia) a museus, igrejas, instituições ou, às vezes, às matinês da Comédie Française, tendo antes explicado os textos, de maneira acessível à nossa idade. Para nós foi uma coisa extraordinária. Dominei logo o francês, porque já sabia alguma coisa [...] e porque os meus pais o falavam perfeitamente. Minha mãe era de uma família do Rio bastante afrancesada, como era freqüente na classe média carioca daquele tempo. Com essa impregnação forte e a estadia na França, fiquei mais ou menos bilíngüe, o que foi ótimo.<sup>277</sup>

De volta a Poços de Caldas, Candido continuou sua educação estrangeira com dona Maria Ovídia Junqueira, uma protestante muito instruída, de formação norte-americana, com quem fez o ginásio. “Graças a ela [...] tive contato com a língua inglesa. Ela tinha uma biblioteca excelente, onde pela primeira vez vi no original as obras de

---

<sup>276</sup> Cf. Candido, “Os vários mundos de um humanista”, in *Ciência Hoje*, n. 91, *op. cit.*, p. 30.

<sup>277</sup> *Ibid.*, p. 30.

Shakespeare, Dickens, Thackeray [...], e quando acabei este [o ginásio] já lia mais ou menos bem os textos em inglês.”<sup>278</sup>

E, por fim, Teresina. Essa nunca foi sua professora, pelo menos não no sentido mais profissional do termo. Como veremos mais à frente, Candido com ela aprendeu muito mais que o italiano e a cantar óperas. Mas o que nos interessa nesse momento é que ela serviu como uma espécie de iniciação de Candido à sua cultura. “Cantávamos juntos canções e trechos de ópera, ela me fez ler muitos autores italianos cujos livros me dava e em geral falava italiano comigo.”<sup>279</sup>

Embora sumarizada e com certas lacunas,<sup>280</sup> é interessante notar que é isso o que Candido considera, ao menos nessa entrevista, “a base de [sua] vida intelectual.”<sup>281</sup>. E é engraçado observar que, nessa toada, o ingresso na USP, uma universidade francesa de ultramar, parecia ser o caminho mais lógico.

Mas o paradoxo se instala logo no exame de admissão:

O [exame] de Geografia foi muito interessante e serve para mostrar como os professores franceses foram fecundos para nós. O examinador, prof. Pierre Monbeig, me perguntou o seguinte: “Como se chama o vento que sopra no fim da tarde no litoral sul do Estado de São Paulo e ajuda a pesca” – mais ou menos assim. E eu: “Não sei”. Ele: “Qual é a técnica que os caboclos usam para enrolar o fumo?” Eu: “Não sei”. “Este morro que o senhor está vendo pela janela a que sistema pertence?” Eu olhei e disse: “Não sei”. Ele: “O senhor pode me descrever o Maciço Central da França?” Eu descrevi inteirinho. Ele, então, arrasante: “O senhor não tem

---

<sup>278</sup> Ibid., p. 31.

<sup>279</sup> Ibid., p. 31.

<sup>280</sup> Numa entrevista dada a Heloisa Ponte, Candido volta ao motivo do presente paterno, mas com o sentido do vetor apontado noutra direção. Se antes o presente de seu pai iniciou-o no universo francês, aqui ele é uma porta de entrada para o conhecimento do Brasil: “Em 1932, nós estávamos de passagem em São Paulo, vindos de Minas, quando meu pai chegou ao hotel com uma pilha de livros, entre os quais alguns com a capa vistosa da Brasileira, que vis pela primeira vez: o mapa do Brasil de uma cor sobre o fundo de outra, tudo semeado de estrelas brancas. Eram: *Raça e assimilação*, de Oliveira Vianna, *As idéias de Alberto Torres*, de Alcides Gentil, *O marquês de Barbacena*, de Pandiá Calógeras, *A segunda viagem ao Rio de Janeiro e à província de Minas Gerais*, de Saint-Hilaire. ‘Vocês devem ler isso’, disse a mim e a meus irmãos. Eu tinha um pouco menos de 14 anos e comecei logo por Saint-Hilaire esse processo de iniciação ao Brasil” (Candido, “Entrevista com Antonio Candido”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 16, n. 47, out. 2001, p. 6-7). Contudo, é interessante observar que, dentre todos os livros, Candido escolheu o de um francês como iniciação.

<sup>281</sup> Candido, “Os vários mundos de um humanista”, in *Ciência Hoje*, n. 91, *op. cit.*, p. 31.

vergonha de ignorar as coisas mais simples do seu país e falar sobre as coisas da França, que não têm o menor interesse para o senhor?”<sup>282</sup>

Ao que Candido conclui: “O professor Monbeig podia ser muito áspero, mas eu quis com isso mostrar como os professores franceses nos ajudavam a ver a realidade local. *Eles nos ensinaram a ver o Brasil.*”<sup>283</sup>

A censura de Monbeig, por sua vez, tem mais de cem anos e toca num dos nervos da constituição do que se costumou chamar de nossa *brasilidade*. Algo das palavras desse professor de Geografia carrega consigo as ressonâncias de uma outra censura, mais antiga, também em francês, formulado por Ferdinand Denis aos nossos poetas setecentistas: “Certo é que as majestosas e novas cenas da natureza naquela vasta região deviam ter dado aos seus poetas mais originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo, do que neles aparece: a educação européia apagou-lhes o espírito nacional: parece que se receiam de mostrar americanos; e daí lhes vem uma afetação e uma impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.”<sup>284</sup> Se lhe substituirmos o contexto poético pelo acadêmico, temos Monbeig falando a Antonio Candido.

E é interessante observar uma certa coincidência nas datas. Pouco menos de uma década depois da nossa suposta independência política, um francês arvorou-se ao direito de nos ensinar a sermos brasileiros fazendo uma poesia brasileira. Mais uma vez, pouco mais de uma década depois da nossa suposta emancipação intelectual com o modernismo de 22, outro francês sente-se na obrigação de voltar os olhos dos brasileiros para os morros emoldurados por nossas janelas.

Mais interessante ainda é observar que, se Antonio Candido formulou de maneira cabal que esse critério de valor romântico nada mais era do que a imposição de um

---

<sup>282</sup> Candido, “Entrevistas – Prof. Antonio Candido”, in Feitas, *Reminiscências*, op. cit., p. 39.

<sup>283</sup> Ibid., p. 39 [grifo nosso]. Candido percebeu e sintetizou essa ambigüidade de um professor francês ensinando a ver o Brasil numa imagem magistral. Escrevendo como crítico titular do jornal *A Folha da Manhã* sobre a publicação em livro de uma conferência proferidas por Monbeig, em junho de 1943, na USP, sobre a crise nas ciências do homem, Candido assim descreve seu antigo professor de Geografia: “Eu que fui um dos seus mais assíduos e piores alunos, não deixei de sentir saudades do meu tempo de Faculdade de Filosofia, quando ele nos esclarecia o Brasil e o homem *com o seu cigarro caboclo de palha e fumo de rolo*, a sua bela e contagiante vitalidade” (Candido, “A crise nas ciências do homem, in *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 nov. 1943, p. 7 [grifo nosso]).

<sup>284</sup> Ferdinand Denis e Almeida Garrett, *Bosquejo da história da poesia e da língua portuguesa*, apud Candido, *Formação da literatura brasileira*, op. cit., 71.

ponto de vista exótico, há, nas suas lembranças desses primeiros anos de USP, uma maior condescendência para com o olhar estrangeiro que se impõe, principalmente se esse olhar for francês. Para Candido, a língua francesa funciona entre nós como uma espécie de mediadora cultural, pois foi através dela que tomamos contato com o mundo ocidental. Nesse sentido, ela teve a mesma função entre nós que as línguas clássicas tiveram na formação de uma mentalidade européia. “Uma parte considerável do que temos aprendido desde o início do século XIX, constitui-se de produtos diretos da cultura francesa e de elementos transmitidos pela língua francesa.”<sup>285</sup>

Ela foi mediadora entre nós e a cultura européia, mas foi também uma mediadora entre nós mesmos. Só porque foi escrito em francês e publicado em Paris, o livro do peruano Francisco García Calderón, *Les démocraties latine de l'Amérique*, tornou-se a primeira visão orgânica do nosso subcontinente com uma difusão considerável.<sup>286</sup> Sob esse prisma, o processo colonizador de imposição de um ponto de vista ganha um acento diferente, quase edificante: “Os países imperialistas nos ajudam a adquirir consciência da nossa identidade. Eles nos estudam, fazem congressos, colocam o problema e existe a América Latina.”<sup>287</sup>

Talvez exatamente por ter essa visão condescendente para com a grande influência da cultura francesa no Brasil, o conceito de imposição cultural de Candido tem um matiz mais complexo. Ao mesmo tempo em que a cultura é uma peça das mais eficientes no processo de colonização, pois pode configurar-se como um ato violento de imposição de certos valores, essa mesma cultura imposta acaba por gerar – através do contato com a nova realidade social sobre a qual se impõe – uma série de contradições não previstas, fomentando a contestação social necessária para a superação desse processo castrador. Essa dupla visada da imposição cultural, que é a tese principal de “Literatura de dois gumes”,<sup>288</sup> subsiste no cerne mesmo da língua francesa. Essa, profundamente marcada pela cultura revolucionária que se instalou na França após 1789, esteve ligada, desde então,

---

<sup>285</sup> Candido, “O francês instrumento de desenvolvimento”, in *Candido et alii. O francês instrumental: a experiência da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Hemus, 1977, p. 10.

<sup>286</sup> *Ibid.*, p. 10-11.

<sup>287</sup> Candido, “Entrevista”, in *Textura*, n. 3., *op. cit.*, p. 21.

<sup>288</sup> Cf. Candido, *Educação pela noite e outros ensaios, op. cit.*, p. 165-166.

os movimentos populares europeus e às aspirações nativistas latino-americanas, o que fez com que ela se tornasse “provavelmente a única [língua] a fornecer simultaneamente armas e inspirações, não só às camadas dominantes, mas às camadas dominadas.”<sup>289</sup>

Dessa forma, apoiadas sobre o trabalho crítico de Candido, suas lembranças parecem sugerir que, do mesmo modo que o intelectual brasileiro do século XVIII soube transformar uma herança portuguesa imposta em um instrumento radical, os jovens egressos da recém criada Universidade de São Paulo souberam incorporar as contribuições da missão francesa, por mais contraditórias que elas pudessem parecer, e transformá-las em uma radicalidade brasileira, em uma força progressiva, capaz de rever criticamente a nossa sociedade. Por isso Candido pode voltar-se ao passado e concluir, com um longo desabafo, pela força e validade de sua formação intelectual.

Analisando bem, veremos que [a USP] era de fato uma iniciativa da cultura burguesa, como não podia deixar de ser; era a oligarquia pagando o luxo de construir uma Faculdade de tipo franco-italiano. Mas com isso, como bem viu Strauss, abriu as oportunidades para a formação moderna de um grupo no fundo inconformado em vários níveis. Grupo crescido no flanco da sociedade burguesa, constituído não apenas pelos seus rebentos mais inquietos ou francamente insatisfeitos, que recusavam o molde aristocratizante das escolas tradicionais, mas de elementos da pequena burguesia, professores primários comissionados, filhos de fazendeiros falidos. Assim nasceu a vocação crítica (no sentido amplo) da Faculdade de Filosofia, que perdura até hoje e já foi aliás ultrapassada por outras formações culturais. Pensando bem, o seu destino foi meio milagroso, porque ela era uma combinação de valores da burguesia, querendo formar quadros ao seu modo e para seu apoio, e de valores mais gerais veiculados pelos professores franceses, trazendo a visão mais radical daquela era de *Front Populaire*. Assim se formou na Faculdade de Filosofia esse radicalismo modesto no próprio seio dos interesses burgueses e com o estipêndio do Estado: modesto radicalismo que ficou sendo uma tradição e tem produzido efeitos positivos. Sobretudo o de criar em São Paulo um molde que foi progressista em relação ao que havia nas velhas Faculdades, nas quais se enformavam os estudantes em molde conservador independentemente da origem social.<sup>290</sup>

---

<sup>289</sup> Candido, “O francês instrumento de desenvolvimento”, in *Candido et alii, O francês instrumental, op. cit.*, p. 14.

<sup>290</sup> Candido, “Feitos da burguesia”, in *Teresina etc., op. cit.*, p. 102-3.

#### 4.

Ao lembrar-se de Paul Arbousse-Bastide, seu professor de Sociologia, Candido lança mão de um método dual como forma de caracterizá-lo. Ele era um homem maciço, tão lento que aparentava ser sedentário, dono de um ar solene e de uma voz abafada e monótona. Mas se ateriam a essas características apenas aqueles que ficassem nas primeiras impressões. Assim, sua grande e lenta massa corpórea – era chamado de Bastidão “para distingui-lo de Bastidinho, isto é, o miúdo Roger Bastide”<sup>291</sup> – escondia um homem ávido por andanças e descobertas; seu tom algo entediante deixava transparecer uma rara agilidade mental e uma impressionante sutileza de pensamento; e seu ar solene não o impedia de ter conversas irônicas com os amigos.

As suas aulas, contudo, pareciam não ter um outro lado. “Como professor não era atraente. As suas aulas eram monocórdias, sem amenidade, implacavelmente concentradas na matéria.”<sup>292</sup> Mas se Arbousse-Bastide não tinha o dom de encantar as platéias, como fazia seu compatriota Jean Maugüe, sua importância na formação intelectual da geração de Candido estava exatamente nessa concentração. Maugüe, como veremos, era um homem que se deixava levar pela palavra falada, por um pensamento que tateava pelos mais diversos caminhos até encontrar seu rumo, e aí alcança as alturas. A impressão que surge do perfil de Arbousse-Bastide é oposto. Se seu pensamento fica sempre ao rés-do-chão, é porque esse professor se concentrava numa análise cerrada do texto em questão. “O que nas preleções era monotonia virou instrumento preciso de paciência descobridora, que esclarecia o texto e extraía dele uma incrível massa de informações e conceitos.”<sup>293</sup> Por isso um de seus cursos mais importantes foi um no qual estabeleceu a famosa distinção entre “método”, “processo” e “técnica”, que orientou intelectualmente uma das cabeças mais metódicas já formadas nas salas da USP: Florestan Fernandes.

---

<sup>291</sup> Candido, “O nosso Bastidão”, in *Cultura*, suplemento de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 mar. 1985, p. 4.

<sup>292</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>293</sup> *Ibid.*, p. 4.

Candido sintetiza, assim, na pessoa algo maçante de Paul Arbousse-Bastide uma das maiores revoluções da FFCL na mentalidade brasileira da época: a relação dos estudantes com os livros deixa de ser bizantina e filoneísta e assume uma outra conotação, mais rigorosa e precisa. A implantação desse novo hábito mental significou o começo do fim da “era dos doutores”, para quem o conhecimento nada mais era do que um objeto “que vinha pronto de fora para ser aplicado profissionalmente de imediato.”<sup>294</sup> O saber começava, por um lado, a ser cultivado desinteressadamente, ou seja, “desvinculado das injunções imediatas da formação profissional [...]; e criar [...] um tipo de ensino ligado à pesquisa, que tivesse como finalidade maior a investigação, a descoberta, a inovação.”<sup>295</sup> Isso significava também, por outro lado, o que Paulo Eduardo Arantes chama, não sem certa dose de sua ironia verborrágica, “penosa ascese que se impunha doravante, pois chagara enfim a hora de renunciar ao maior de todos os nossos prazeres, o de parecer renovadores, ultramodernos”.<sup>296</sup>

A chatice da abordagem de Arbousse-Bastide chocava-se de frente com a prazerosa vontade macunaímica de devorar um livro atrás do outro; e é desse contraste entre prazer e estudo sistemático que nasce uma outra contribuição da FFCL para a nossa inteligência: “o interesse pela construção de um saber teórico o mais sólido possível, dentro da fraqueza cultural do meio.”<sup>297</sup>

## 5.

Mas o grupo do qual Antonio Candido fez parte nunca conseguiu percorrer completamente a estrada que saía do bizantinismo intelectual e levava ao vale encantado de uma concepção estritamente acadêmica do conhecimento. Eles ficaram no meio do caminho, tornaram-se, nas palavras do próprio Candido, “uma geração de transição entre a

---

<sup>294</sup> Candido, “A faculdade de Filosofia mudou o panorama cultural”, in *Revista Adusp*, n. 17, *op. cit.*, p. 32.

<sup>295</sup> Candido, “A Faculdade no centenário da abolição”, in *Vários escritos*, *op. cit.*, p. 227.

<sup>296</sup> Arantes, *Departamento francês de ultramar*, *op. cit.*, p. 72.

<sup>297</sup> Candido, “A faculdade no centenário da abolição”, in *Vários escritos*, *op. cit.*, p. 229.

‘era dos doutores’ e a nova concepção de trabalho intelectual; entre a especialização e um certo gosto eclético.”<sup>298</sup>

Essa constatação é tão verdadeira intelectual quanto biograficamente falando. Antonio Candido descende de uma família de médicos e foi educado para ser um médico. Depois de ter sido reprovado nos exames para a segunda seção do Colégio Universitário, que era o caminho para a Faculdade de Medicina, Candido, no que chama de um “gesto de independência”, inscreveu-se na primeira seção, a da Faculdade de Filosofia. Quando ligou para seu pai com a finalidade de comunicar-lhe seus novos planos, esperava uma reação violenta, mas encontrou, ao contrário, ao lado de palavras de apoio, uma súplica: “Mas só peço um favor: (qualquer favor que ele pedisse eu faria) faça também o curso de direito, porque só com filosofia você vai morrer de fome’.”<sup>299</sup> Foi o que fez, entrando, em 1939, para a Faculdade de Direito, na qual só cursou até o quinto ano, e para a FFCL, na qual se formou, em janeiro de 1942, em Sociologia.

Mas a razão intelectual pela qual se julga pertencente a uma geração de transição é ainda mais importante. Embora tenha feito o curso de Ciências Sociais, não era aí que residia sua vocação. Talvez por isso nunca tenha conseguido se ater de uma maneira tão sistemática ao conhecimento sociológico como o fez Florestan Fernandes, apenas dois anos mais moço que Candido. “Apesar de sermos [os membros do grupo Clima, do qual Florestan não fazia parte] licenciados em Ciências Sociais ou Filosofia, e de termos sido algum tempo ou por toda a vida docentes dessas matérias, *fomos todos críticos de arte e literatura.*”<sup>300</sup> Isso sem contar que sempre preferiram se expressar através de ensaios, no qual o pensamento busca seus caminhos enquanto se lança sobre uma folha em branco, e não através das pesadas monografias acadêmicas, que se tornaram hegemônicas após a instauradora passagem de Florestan Fernandes.

Tendo isso em vista, não é de estranhar que tenha sido Jean Maugüe o mestre maior de sua geração. E por que motivo teria ficado tão fortemente impregnado na memória

---

<sup>298</sup> Candido, “A faculdade de Filosofia mudou o panorama cultural”, in *Revista Adusp*, n. 17, *op. cit.*, p. 34.

<sup>299</sup> Candido, “Os vários mundos de um humanista”, in *Ciência Hoje*, n. 91, *op. cit.*, p. 31.

<sup>300</sup> Candido, “A faculdade de Filosofia mudou o panorama cultural”, in *Revista Adusp*, n. 17, *op. cit.*, p. 34 [grifo nosso].

de seus alunos? É essa pergunta que Paulo Eduardo Arantes responde indiretamente num dos capítulos mais interessantes do seu livro.<sup>301</sup>

Para esse também professor da USP, a fama de Maugüe deveu-se a duas razões. A primeira é gritante. Seu desempenho em sala de aula era fantástico. Segundo Gilda de Mello e Souza, Maugüe era mais que um professor, era um conjunto de gestos, uma maneira toda particular de pensar;

era um modo de abordar os assuntos, hesitando, como quem não decidiu por onde começar e não sabe ao certo o que tem a dizer; e por isso se perde em atalhos, retrocede, retoma um pensamento que deixara incompleto, segue as idéias ao sabor das associações. Mas esse era o momento preparatório no qual, como um acrobata, esquentava os músculos; depois, alçava vôo e, então, era inigualável.<sup>302</sup>

A comparação com Paul Arrousse-Bastide é inevitável. Enquanto naquele professor de Sociologia tínhamos a personificação do método, do trabalho penoso, da aproximação cerrada com o texto, em Maugüe vive a leveza, o contato oralmente ensaístico, prazeroso e hesitante com o conhecimento. Paulo Eduardo Arantes, com a argúcia que lhe é peculiar, encontra algumas ótimas soluções para caracterizar sua docência: “devoção filosófico-teatral à ‘palavra-viva’”, resgate da “antiga dimensão socrática” do ensino. “Numa palavra, uma aula de filosofia segundo a lição de Maugüe nada mais era (mas isso era tudo) do que o espetáculo do *tête bien faite* (como diria Montaigne) em funcionamento, e seu efeito media-se pelo movimento análogo – literalmente uma comoção – que esse gênero público conseguia induzir.”<sup>303</sup>

A segunda razão da fama de Maugüe não se dá nos palcos improvisados das salas de aula, mas nos bastidores da formação filosófica uspiana, por isso podemos chamá-la de silenciosa. Um pouco desconcertado com a relação tropical com o conhecimento, Maugüe, segundo Paulo Eduardo, encontrou em Kant o antídoto para a desconcertante oposição entre filoneísmo tupiniquim e gosto fixado pela regularidade da cultura européia:

---

<sup>301</sup> Cf. Arantes, *Departamento francês de ultramar*, op. cit., p. 61-87.

<sup>302</sup> Gilda de Mello e Souza, “A estética rica e a estética pobre dos professores franceses”, in *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980, p. 10.

<sup>303</sup> Arantes, *Departamento francês de ultramar*, op. cit., p. 68, de onde também foram tiradas as outras citações.

filosofia não se ensina; o que se pode é, quando muito, ensinar a filosofar. Assim, a filosofia deixa de ser um *corpus* objetivamente transmissível, o qual não dispúnhamos naquela situação específica da nossa formação mental, e se torna, para nossa salvação, uma forma de lidar criticamente com o mundo prosaico que nos cerca; ela nada mais é do que uma maneira de acompanhar o noticiário, ler os livros, ver os filmes, etc., e passa a depender única e exclusivamente da capacidade digressiva do expositor, a qual, como vimos, era das mais notáveis.<sup>304</sup>

E é exatamente sobre essa dupla perspectiva que se desdobram as lembranças que Candido evoca de Maugüe. Mas ao contrário dos outros professores, que voltaram para França e fizeram sucesso nas suas carreiras acadêmicas, Jean Maugüe precisa de uma entrada diferente. Como não alcançou a fama de muito dos outros que passaram pela USP, cuja notoriedade internacional justificaria por si só a sua lembrança – o que, diga-se de passagem, não é o caso dos perfis que Candido constrói –, Maugüe ganha uma forte nota de importância local: “ao fazer, hoje, um balanço, pode-se perceber que, do ponto de vista brasileiro, os outros [professores, como Maugüe] foram igualmente importantes, aos quais o futuro não tenha trazido a mesma notoriedade.” E continua mais à frente: “Esse foi o caso do meu decano de filosofia, Jean Maugüe, jovem professor de liceu que não fará carreira no ensino superior francês, *mas que [...] representou, para nós, um papel importantíssimo.*”<sup>305</sup>

Feita a devida ressalva, Candido desvela sua lembrança dentro do duplo paradigma proposto por Paulo Eduardo. Logo de cara temos aquilo que se tornou a marca registrada da passagem de Maugüe pelo Brasil: “Como professor, ele era formidável.”<sup>306</sup> Embora perceba que esse brilhantismo socrático represente um “saber talvez menos sólido que aquele de seus outros colegas”<sup>307</sup> – e aqui voltamos a Arbousse-Bastide, em cuja sólida representação reside a maciça e maçante consistência do conhecimento – Maugüe é, antes e acima de tudo, uma leve inspiração. Ao adaptar o ensino da filosofia às pobres condições

---

<sup>304</sup> Sigo de perto as formulações de Arantes, *ibid.*, especialmente à p. 68.

<sup>305</sup> Candido, “Jean Maugüe, un obscur éclat”, *in Europe*, Paris, a. 83, n. 919-920, nov.-déc., 2005, p. 126 [grifo e tradução nossos], de onde foram tirada as duas citações.

<sup>306</sup> *Ibid.*, p. 127 [tradução minha].

<sup>307</sup> *Ibid.*, p. 127 [tradução minha].

locais, esse jovem professor criou uma ponte que permitia um livre trânsito entre a nova mentalidade filosófica que ali se esboçava e os anseios não tão especializados daquela geração a meio caminho.

Ele dever ter percebido que não podia exigir-nos o que se exigiria de um estudante francês e ele tratava de adaptar suas aulas à situação local. Ele dizia, por exemplo: “Eu quero que a filosofia lhes sirva para ler melhor um jornal, para melhor analisar a política, para compreender melhor seus sentimentos, a literatura e os filmes!” Com essa proposta, ele não conseguiu formar filósofos, mas influenciou profundamente a vida intelectual de muitos de nós.<sup>308</sup>

A filosofia, se perdia nas mãos e palavras de Maugüe o seu prestígio acadêmico, ganhava em adequação local e pessoal. Ela descia às cinzentas ruas de São Paulo e assumia uma importância cotidiana e prosaica, mais fácil de ser instrumentalizada pelas mãos pouco hábeis dos jovens universitários. Mas havia algo de radical nesse prosaísmo filosófico: vivendo no presente e para o presente, a filosofia se transformava em um esteio que embasava a crítica militante e cotidiana de Antonio Candido e de seus amigos.

Nesse sentido, a abertura espiritual e intelectual de Maugüe era um incentivo maior a essa curiosidade geral do que a uma vontade de especialização. Se essa abertura obliterou o desenvolvimento de um raciocínio mais cerrado, ela acabou marcando profundamente a maneira de refletir de todo esse grupo que lhe assistia as aulas. Longe das abstrações generalizadoras, a atenção se voltou para o objeto concreto e para as situações tais quais elas se configuravam naquele lugar e naquele momento. E era em função desse corpo vivo que o pensamento ia tecendo seu bordado, adequado ao tamanho dos braços e das pernas, distantes daquelas linhas teóricas *prêt-à-porter*, cujo tamanho estandarizado da roupa tinha que servir em todas as pessoas.

Havia ainda um outro ponto em que a docência de Maugüe encontrava as aspirações meio diletantes meio acadêmicas daqueles jovens moços. No primeiro trabalho que passou à turma de Candido, Maugüe, que ministrava um curso sobre a teoria das

---

<sup>308</sup> Ibid., p. 127 [tradução minha].

emoções, pediu um comentário a uns versos de Musset.<sup>309</sup> Havia por parte dos alunos o desejo de alcançar um certo rigor monográfico nos trabalhos acadêmicos, até mesmo como uma forma de adaptação àquele novo universo. Já vimos como isso era uma cobrança tanto de Arbouse-Bastide em seus cursos abarrotados de metodologia, quanto de Roger Bastide, que cobrou de Florestan Fernandes uma dissertação sistemática. Mas Maugüe seguia um outro caminho, muito mais livre. Quando Candido apresentou-lhe um trabalho apoiado sobre bases científicas – psico-fisiológicas (“psycho-physiologie”) –, seu mestre fez uma anotação à margem que lhe caiu como uma luva: “na sua idade, sua experiência é, certamente e sobretudo, literária, porque então ignorá-la e falar daquilo que ignora.”<sup>310</sup> Com essas palavras literalmente marginais, Maugüe abria os caminhos do ensaísmo literário na FFCL, caminho esse que Candido soube seguir como poucos.

Maugüe está, assim, sempre associado à noção do incentivo à palavra e ao pensamento leve, fluido e ensaístico. E foi nesse sentido que ele, leitor que era da revista *Clima*, fez algumas sugestões aos redatores: “Ele dizia que uma revista deve ser organizada de modo que se possa começar a lê-la pelo fim, pelas notas, variedades e crônicas leves.”<sup>311</sup> Assim, a revista ganhou uma nova formatação, mais fácil de ler, menos pesada e acadêmica.

Mas as lembranças de Maugüe não se projetam apenas para trás, como uma forma de manter vivos os caminhos trilhados por sua formação intelectual. Eles se também assumem a função de uma arma de luta. Ao resgatar do limbo do esquecimento o brilhantismo do “ato docente” de Maugüe e a sua visão pouco interessada no carreirismo academicista – o que não é de se estranhar, sendo ele um discípulo de Alain –, Candido o inscreve, como exemplo de uma espécie em extinção, num debate já meio envelhecido mas ainda bastante contemporâneo.

Numa palestra proferida na Associação de Professores de Língua e Literatura no final da década de 70, Antonio Candido se pergunta “se o professor não é uma espécie em extinção; pelo menos como era concebido no [seu] tempo de aluno e de

---

<sup>309</sup> “L’homme est un apprenti, la douleur est son maître

Et nul ne se connaît tant qu’il n’a pas souffert” (Alfred de Musset, *apud* Ibid., p. 127).

<sup>310</sup> Ibid., p. 127 [tradução minha].

<sup>311</sup> Ibid., p. 128 [tradução minha].

docente.”<sup>312</sup> E a partir dessa constatação inicial, ele se insurge, com um tom que oscila entre o ceticismo e a esperança, contra o professor obcecado única e exclusivamente em inchar seu currículo. E é quando define o que para ele significa o ato docente que percebemos a lembrança de Maugüe marcando o compasso de suas palavras.

O ato docente pressupõe um trabalho em cujo desenvolvimento um ser humano se dirige a outro para estabelecer uma relação que torne possível a transmissão/incorporação satisfatória do conhecimento, não apenas para que o educando o possua, mas para que através dele se oriente melhor na sociedade e, em geral, na vida.<sup>313</sup>

Foi desejando resgatar essa prática docente em extinção que Candido sugeriu, quando se estudava a reforma universitária, no terrível ano de 1968, “que ao lado da carreira chamada científica, com base no mestrado, doutorado e daí para outros títulos, se previsse uma carreira paralela, sem estes títulos, tendo como critério de acesso a demonstração, a longo prazo, de uma capacidade real de ensinar.”<sup>314</sup> Só para constar, é claro que a proposta foi ignorada.

Fica, contudo, uma pergunta pairando no ar. Será que com essa proposta Candido não queria deixar aberta as portas para professores como Maugüe – que quase voltou à docência universitária em São Paulo, por causa de um expediente como esse, apesar das críticas de Martial Guérout, um dos responsáveis pela profissionalização da filosofia na USP, para quem aquele não poderia ser contratado por ele não era uma filósofo<sup>315</sup> –, que mesmo sem ceder às injunções acadêmicas foi

providencial, tão ativo e fecundo à sua maneira quanto seus colegas que se tornaram célebres, mesmo tendo passado sua vida na obscuridade. Mas, para nós, seu valor foi grande, e nós nos lembramos dele como um mestre formador [maître formateur], como alguém que nos ajudou a encontrar nosso próprio destino individual.<sup>316</sup>

---

<sup>312</sup> Candido, “Professor, escola e associações docentes”, in *Almanaque*, São Paulo, n. 10, 1979, p. 83.

<sup>313</sup> *Ibid.*, p. 83.

<sup>314</sup> *Ibid.*, p. 84.

<sup>315</sup> Candido, “Jean Maugüe, un obscur éclat”, in *Europe*, n. 919-920, *op. cit.*, p. 128.

<sup>316</sup> *Ibid.*, p. 128 [tradução minha].

## 6.

Se Maugüe foi, notoriamente, o grande mestre e a grande influência para toda sua geração, foi a Roger Bastide que Antonio Candido dedicou um maior número de textos. Dois talvez sejam os motivos. Primeiro porque, assim como o fez com Monbeig, Arbousse-Bastide e Maugüe, lembrar Roger Bastide é pôr em evidência uma das maiores revoluções da FFCL, que foi a inversão do ponto de vista com que os estudiosos analisavam a cultura brasileira. Segundo porque, através desses textos, Candido pôde pagar um dívida intelectual com Bastide que, segundo escreve, nem ele mesmo sabia ser tão visceral. “Esse ensaio [“Machado de Assis, paisagista”, publicado em 1940 na *Revista do Brasil*], somado a outros do mesmo autor, bem como ao seu ensino e ao seu convívio, teve muita influência em mim, *coisa que custei a perceber*.”<sup>317</sup>

Contudo, é interessante observar que, se Candido, ao contrário do que fez com seus outros professores, não dedicou a Roger Bastide nenhum texto mais caracteristicamente memorialístico, naquele breve passagem que transcrevemos, nosso autor põe num mesmo plano os escritos, o ensino e o convívio com Bastide. A técnica de rememoração torna-se, portanto, parafrásica e metonímica. É através da recuperação de alguns textos injustamente esquecidos que Candido traz à baila tudo aquilo que também absorveu num contato mais pessoal de sala de aula e de conversas particulares. Todas essas instâncias se misturam numa escrita aparentemente desprovida de uma memória mais afetiva; esta, contudo, se insinua por todos os poros do texto.

Num estudo originariamente publicado na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, em 1978, Candido se propõe a resgatar do limbo intelectual a que estavam condenados alguns ensaios de Bastide que tiveram profunda influência no meio intelectual paulista daqueles anos, de forma a repô-los no nosso panorama intelectual como precursores de uma série de estudos de monta.

Parafrazeando um primeiro estudo, “Incorporação da poesia africana à poesia brasileira”, Bastide pretende pesquisar nos textos de autores considerados brancos pela

---

<sup>317</sup> Candido, “Machado de Assis de outro modo”, in *Recortes*, *op. cit.*, p. 105 [grifo nosso].

cultura brasileira os assuntos relativos ao negro. Ele deslinda, assim, três momentos diferentes: num primeiro, ele percebe que esse conteúdo entra na poesia brasileira apenas como “mera ocorrência temática”; em seguida, nas mãos de um Castro Alves, ele deixa a superfície da poesia e se transforma em drama social; num terceiro e derradeiro momento, eles são incorporados na estrutura mais profunda e menos visível do texto: a forma. E conclui que em autores como Jorge de Lima “verifica-se a entrada do espírito da poesia dos africanos na técnica poética; e o que era social se torna a própria essência do fazer: incorporação dos ritmos de marcha, de tambor, de canto, em substituição, ou ao lado de ritmos eruditos.”<sup>318</sup>

Candido retoma essa noção e reúne sob o seu signo um conjunto magistral de ensaios na primeira parte de *O discurso e a cidade*. Com efeito, o que o preocupa nas análises que faz de *Memórias de um sargento de milícias* ou *O cortiço*, por exemplo, é uma deixa do estudo de Bastide. Noutras palavras, interessa-lhe, do mesmo modo, estudar “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária”.<sup>319</sup>

Um pouco mais à frente, Candido se debruça sobre um texto que já havia resenhado quase duas décadas atrás, “Sociologie et littérature comparée”.<sup>320</sup> Para Bastide, nesse breve mas importante estudo, não existe cópia pura e simples de uma literatura pela outra. Pensada à luz da sociologia e da antropologia, ciências que levam em conta a natureza dos contextos nos quais se inserem as obras literárias, o traço recebido passa a ser estudado não mais como um feixe formalista de significados, mas através de uma correlação funcional e de uma compatibilidade no que chama de “literatura receptora”.<sup>321</sup>

A partir desse prisma, Bastide propõe, segundo Candido, algumas interpretações bastante interessantes sobre nossa literatura,

lembrando, por exemplo, que é errado encarar o movimento arcádico como “imitação servil”, ou transposição artificial da moda européia. Com

---

<sup>318</sup> Candido, “Roger Bastide e a literatura brasileira”, in *Recortes*, op. cit., p. 101 [grifo nosso].

<sup>319</sup> Candido, “Prefácio”, in *O discurso e a cidade*, op.cit., p. 9.

<sup>320</sup> Cf. “Études de littérature brésilienne, de Roger Bastide”, in *Suplemento Literário*, de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 mar. 1957, p. 2.

<sup>321</sup> *Ibid.*, p. 2.

efeito, histórica e sociologicamente, ele assume – através da adoção de formas cultas e requintadas, elaboradas noutro contexto – a função de afirmar a capacidade do intelectual da Colônia e, por extensão, a de toda a Colônia. Tanto assim, observa Bastide, que esses escritores supostamente artificiais e desligados da realidade, devido a uma imitação aparentemente mecânica, são, na verdade, os mesmos que se envolvem no projeto político da Inconfidência.

Igualmente fecunda é a sua visão do indianismo romântico enquanto recurso ideológico da classe média em formação, na qual se encaixou o mestiço, e que por isso teve que elaborar uma noção compensatória, descartando a mestiçagem com o negro (elemento servil do momento) por meio da valorização da mestiçagem com o índio, que a podia substituir como disfarce. Deste modo, apesar da origem francesa, o indianismo, visto do ângulo da sua função social, foi redefinido e se tornou algo “necessário” na sociedade brasileira.<sup>322</sup>

E um pouco mais à frente, agora tratando da questão da autenticidade, à qual voltaremos daqui a pouco, Candido deixa falar Bastide: “O descritivismo, a presença indiscreta da paisagem e dos tipos exóticos podem constituir, ao contrário, visão externa, ponto de vista de estrangeiro, e não compreensão profunda e autêntica.”<sup>323</sup>

Vemos, nessas duas citações, a gênese da tese que enformou um dos seus estudos mais importantes, *Formação da literatura brasileira*. As noções de que Candido lançou mão na feitura de seu livro estão quase todas presentes aqui: dialética entre o local e o universal; uma visão corretora do arcadismo, que lhe tira a pecha de movimento alienado da realidade brasileira, e do romantismo, apanhado em sua contradição mais profunda, pois queria tanto marcar uma característica brasileira que acabou aceitando-a como uma imposição estrangeira.

Contudo, as paráfrases de que Candido se vale para apresentar os argumentos de Bastide criam um efeito curioso. Sem os recursos visuais das aspas e assumindo como suas as palavras de seu professor, temos um texto aparentemente sem autoria definida, pois essas palavras se incorporam, ao mesmo tempo, aos discursos de Candido e de Bastide, que assume uma espécie de co-autoria informal de uma das obras máximas do pensamento brasileiro.

---

<sup>322</sup> Candido, “Roger Bastide e a literatura brasileira”, in *Recortes, op. cit.*, p. 102-3.

<sup>323</sup> *Ibid.*, p. 103.

É interessante observar ainda que essa “cessão” de parte dos direitos sobre a *Formação* é um movimento recente de Candido. Quando escreveu aquela resenha para o *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*, *Formação* ainda não havia sido lançado, por isso Candido trata de apontar a semelhança das perspectivas, ao mesmo tempo em que requer para si um espaço próprio.

Vejo com prazer, nesta parte do trabalho de Roger Bastide [sobre o movimento Arcadista], ponto de vista semelhante ao que venho afirmando há tempos: o caráter construtivo, o significado literário e histórico do nosso Arcadismo, geralmente considerado algo afetado e pouco brasileiro. Num livro a sair, considero-o fator essencial de integração cultural do Brasil, exatamente como pensa Roger Bastide pelo esforço de *equiparação* aos países de onde nos vinha o exemplo e a cultura.<sup>324</sup>

É bom frisar que não estamos afirmando que Candido não reconhecia a importância de Bastide. Acontece que, ao considerar essa importância como semelhança de pontos de vista, Candido demarca o seu lugar e o de Bastide, que, embora próximos, são inconfundíveis, assim como o são o jogo de pronomes que caracteriza essa passagem: *eu*, Candido, vejo com prazer que *ele*, Bastide, tem um ponto de vista parecido com o meu. Na citação de *Recortes*, essa oposição pronominal assume um ar muito mais discreto, da qual, diga-se de passagem, a primeira pessoa está ausente. Percebemos, assim, que, quase duas décadas depois da publicação da *Formação*, Candido está muito mais tranquilo para confessar: “Eu, pessoalmente, lhe devo muito e às vezes me surpreendo, relendo a anos de distância algum escrito dele, ao verificar até que ponto certas idéias que julgava minhas são, na verdade não apenas devidas à sua influência, mas já expressamente formuladas por ele.”<sup>325</sup>

Num outro texto de Bastide parafraseado em *Recortes*, temos mais uma vez posta sobre a mesa a profunda influência que esse professor exerceu sobre o pensamento de Antonio Candido. Em “Machado de Assis, paisagista”, Bastide toca num dos nervos mais expostos da nossa crítica literária: a questão da autenticidade. O autor de *Poetas do Brasil*

---

<sup>324</sup> Candido, “*Études de littérature brésilienne*, de Roger Bastide”, in *O Estado de S. Paulo*, 16 mar. 1957, *op. cit.*, p. 2.

<sup>325</sup> Candido, “Roger Bastide e a literatura brasileira”, in *Recortes*, *op. cit.*, p. 99-100.

desloca um dos principais argumentos românticos, segundo o qual, para ser brasileira, a nossa literatura deveria manter uma relação parasitária com a nossa realidade. Mas, para Bastide, “o cunho de ‘autenticidade’ da literatura brasileira não depende da descrição ostensiva de traços característicos do país.”<sup>326</sup> E o autor escolhido para demonstrar sua tese não poderia ser mais paradigmático: Machado de Assis. Num texto do fim do século XIX, Silvio Romero havia descaracterizado o autor de *Dom Casmurro* exatamente pelo fato dele ser um escritor pouco brasileiro. Retornando a essa polêmica, Bastide, com extrema sensibilidade, reconhece o Brasil nas filigranas do texto, completamente enredada na composição narrativa e na caracterização das personagens. E Candido conclui que o grande achado de Bastide foi perceber que, em Machado, “a paisagem do Brasil se torna algo essencial à economia profunda da obra, insinua-se no gesto do personagem, na fisionomia, no sentimento, na ação, como uma espécie de presença virtual.”<sup>327</sup>

Ora, a *Formação* talvez nunca pudesse ter sido escrita se esse pressuposto não estivesse ao alcance de Candido. Exatamente do mesmo modo que a paisagem se esconde sob a filigrana do texto, Machado é presença virtual que se esconde na filigrana da *Formação*, pois é a sua presença fecunda – na qual os elementos debatidos durante o arcadismo e o romantismo estão interiorizados e retrabalhados numa luz mais discreta e talvez por isso mais consistente –, que permite a Candido dar como concluído nosso processo formativo.

Mas, como dissemos no começo dessa sessão, Bastide não está presente nas lembranças parafrásicas de Candido apenas como um mestre a cuja influência se deve dar o devido valor. A exemplo dos outros professores franceses estudados, Bastide enfeixa, na sua pessoa, uma marca importante da FFCL na formação intelectual da geração de Antonio Candido e que cabe a ele resgatar e valorar.

Qual seria essa contribuição de Roger Bastide?

Para Candido, foi a de forçar, com suas tarefas e pesquisas, a mudança na perspectiva dos estudos sociológicos. Antes da criação em São Paulo da FFCL, a grande parte dos nossos estudiosos focava, geralmente ainda embasadas por uma teoria de fundo

---

<sup>326</sup> Ibid., p. 103.

<sup>327</sup> Ibid., p. 104.

biológico, suas atenções nas classes dominantes do país, o que acabava por gerar uma consciência social alheia à nossa realidade miúda, que ficava, portanto, marginalizada e esquecida.

Assim, numa relação paradoxal com a atmosfera impregnada até o osso de política da década de 1930 – pois, ao mesmo tempo em que a FFCL mantinha uma posição distante das adesões ideológicas, ela fomentava um adensamento desse clima pela simples constituição de ser um fator de revisão crítica da nossa realidade –, os professores franceses de um modo geral, e Roger Bastide em especial, “deslocaram o eixo dos estudos do plano mais ou menos senhorial em que eles se encontravam, nas mãos de estudiosos como Oliveira Vianna e mesmo Gilberto Freyre, e incluíram no seu repertório a vida das camadas urbanas, sem projeção social de relevo.”<sup>328</sup>

E uma das maiores contribuições de Bastide foi o incentivo a esse tipo de pesquisa. “No primeiro ano, o prof. Bastide me sugeriu que eu fosse ao Arquivo do Estado fazer um levantamento sobre a mortalidade infantil dos negros no Vale do Paraíba, no tempo da Colônia.”<sup>329</sup> É bem verdade que esse primeiro contato com as nossas classes subalternas ainda estava embebido de um academicismo de cores meio cinzas, porque, por um lado, o contato real foi com as páginas emboloradas e sem vida de um arquivo público e, por outro, porque esse estudo estava cheio das pretensas neutralidade das técnicas metodológicas. “O Arquivo era na rua Visconde de Rio Branco e nós trabalhávamos com as tabelas muito bem feitas do século XVIII, que eram chamadas ‘mapas’. Fizemos o levantamento, tabulamos, escrevemos um pequeno relatório e demos ao professor Bastide.”<sup>330</sup> Como veremos mais à frente, será necessária uma personalidade tão vulcânica quanto a de Florestan Fernandes para efetuar a perfeita síntese dialética entre rigor metodológico e atuação política.

Talvez porque ainda não tivesse superado esse abismo e não pudesse extrair toda a radicalidade desse levantamento é que a ida a Tiête tenha sido mais importante na sua formação acadêmica. Em “1943 o prof. Bastide levou a Tietê alguns assistentes, entre os quais eu, e alguns alunos, para assistir a um batuque e colher material a respeito. [...]

---

<sup>328</sup> Candido, “A Faculdade no centenário da abolição”, in *Vários escritos, op. cit.*, p. 229.

<sup>329</sup> Candido, “Entrevista – Prof. Antonio Candido”, in Freitas, *Reminiscências, op. cit.*, p. 51.

<sup>330</sup> *Ibid.*, p. 52.

Quando voltávamos para São Paulo, eu resolvi ficar uma semana na cidade para a estudar a repercussão na opinião pública da nossa atuação e do batuque.”<sup>331</sup> Essa foi a gênese do primeiro artigo sociológico que Candido escreveu, intitulado “Opinião e classes sociais em Tiête”, que saiu na *Revista de Sociologia* em 1947. Nesse breve estudo, Candido desvela um preconceito arraigado nos moradores da cidade, que se sentiam ora humilhados, ora revoltados, ora inseguros – tinham medo que seus filhos cedessem àquela pouca vergonha e caíssem no batuque.<sup>332</sup> Percebe-se que do contato vivo com as pessoas e com as manifestações culturais das classes subalternas, Candido pôde extrair uma visão um tanto mais radical da realidade.

E é dessa experiência nova que Candido pôde concluir que a FFCL, mesmo “sem ter partido de um programa radical, e destinada a funcionar como reforço da mentalidade liberal dominante, propiciou a formação de atitudes avançadas, como decorrência de inquirir metodicamente e procurar construir da sociedade uma imagem mais compreensiva do que a vigente no seio das elites.”<sup>333</sup>

## 7.

Se a FFCL abriu muitas portas para a geração de Antonio Candido, fechou uma outra que só o engenho de Florestan Fernandes conseguiu destrancar, quase duas décadas depois de instituído o problema: como conciliar o rigor do trabalho acadêmico com a militância socialista?

Embora tenham radicalizado as nossas antigas estruturas de pensamento, os professores franceses o fizeram por meios indiretos. “Como o corpo docente era todo estrangeiro, e por questão de elegância, de respeito, eles não davam palpite na vida política do país.”<sup>334</sup> Mesmo assim, as Ciências Humanas mostraram toda a sua força progressista no

---

<sup>331</sup> Ibid., p. 52.

<sup>332</sup> Um trecho desse estudo foi publicado na reportagem de Mauro Dias, “A resistência do batuque de umbigada”, in *Cultura*, suplemento de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out. 2003, p. D14.

<sup>333</sup> Candido, “A Faculdade no centenário da abolição”, in *Vários escritos*, op. cit., p. 232.

<sup>334</sup> Candido, “Professor Antonio Candido”, in *Informe*, n. 4, op. cit., p. 27.

contexto brasileiro “pelo simples fato de serem modos objetivos e sistemáticos de descrever a realidade.”<sup>335</sup> O ensino das Humanidades, ao ignorar as explicações tradicionais de pátria, família e religião, fez brotar uma série de contradições no seio desse meio ainda tão inóspito como era o nosso, servindo como uma espécie de catalisador das insatisfações de certos setores da sociedade que pouco a pouco começavam a dar o ar de sua graça.

Isso não deixava de gerar seus paradoxos. Mesmo sendo uma faculdade na qual a política passava ao largo, a FFCL instituiu uma mentalidade radical, porque, mesmo sem conotações ideológicas, os alunos construíam um arsenal teórico que os permitia contestar a ordem estabelecida. Já a Faculdade de Direito, que foi um dos berços da militância de Candido durante as mobilizações contra o Estado Novo, embora fosse a “única [...] de São Paulo que pensava na política”, tinha uma conotação completamente diferente, pois “tudo o que você aprendia lá era no fundo para assegurar a manutenção da ordem estabelecida, defender a propriedade, a família, o Estado, o comércio.”<sup>336</sup> A maturidade e conseqüente politização da Faculdade de Filosofia só se daria na Rua Maria Antonia, vinte anos depois da sua fundação, durante a lendária década de 60, quando o corpo docente já era quase todo brasileiro e podia atuar incisivamente.

E é bastante interessante observar que há uma personalidade que parece encarnar quase que perfeitamente essa maturação e essa politização por que passou a FFCL: Florestan Fernandes. Pelo menos parece ser nesses termos que Antonio Candido traz à cena um de seus mais caros amigos num depoimento lido na Primeira Jornada de Ciências Sociais da Unesp, em homenagem a Florestan. É ali que Candido, vendo com a distância de quase meio século a trajetória intelectual do autor de *A revolução burguesa no Brasil*, acaba por discernir-lhe três momentos.

O primeiro se dá durante a década de 40 e é o momento da formação de um saber para si. Nesse período, que foi como o de uma espécie de acumulação primitiva de conhecimento, a única preocupação de Florestan parecia ser a de superar as adversidades por que passou e que o impediram, durante sua adolescência, de sistematizar as leituras que assimilava como podia. Todo o seu enorme esforço estava concentrado em acertar o passo

---

<sup>335</sup> Candido, “A Faculdade no centenário da abolição”, in *Vários escritos*, *op. cit.*, p. 231.

<sup>336</sup> Candido, “Professor Antonio Candido”, in *Informe*, n. 4, *op. cit.*, p. 27, de onde foram tiradas as duas citações.

com o ensino da FFCL. E por mais paradoxal que isso pudesse parecer, afinal Florestan estava numa universidade, foi um esforço que chama de autodidata. Nesse sentido, a política não ocupava o centro de suas atenções nem era para onde canalizava suas energias. Pelo menos é isso que Candido infere da memória – na verdade, do esquecimento – que tem dos primeiros contatos com Florestan: “Nós não falávamos de política, disso eu tenho certeza; conluo que se ele tivesse alguma atividade nesse setor falaríamos dela, porque eu já tinha.”<sup>337</sup>

Assim, as primeiras memórias que Candido lhe dedica estão quase todas marcadas por essa idéia de acumulação voraz de saber. Essa é a tônica do primeiro encontro: “Um belo dia eu o conheci no corredor da Faculdade, carregando uma enorme pasta de livros, encostado na janela e lendo [...] uma vida de Buda, sobre a qual começou a falar com volubilidade. Também essa maneira por que o conheci se tornou paradigmática para mim, porque Florestan foi e é um homem que lê praticamente sobre tudo.”<sup>338</sup> E esse desejo de aquisição e sistematização do conhecimento continuou mesmo depois de nomeado assistente de Fernando de Azevedo, em 1944.

Quando éramos jovens assistentes, saíamos da Faculdade de Filosofia, então na praça da República, e íamos pela rua 7 de Abril às 6 horas da tarde. Mas enquanto eu ia pegar o ônibus, cansado, ele entrava muitas vezes na Biblioteca Municipal e ficava lá até ela fechar, às onze e meia da noite, provavelmente com uma xícara de café como alimento.<sup>339</sup>

E é também dentro desse prisma de acumulação de um saber teórico e algo distanciado da realidade cotidiana que Candido lê a famosa dissertação de mestrado que Florestan escreveu aos 28 anos, *A organização social dos tupinambá*. Era quase um consenso entre os estudiosos da área que não havia documentação suficiente para se reconstruir com precisão a organização social de comunidades extintas. Não é sem um certo orgulho que Candido diz ter visto nascer essa dissertação inovadora, fruto de um grande poder de metodológico e criativo, nas fichas de cartolina que Florestan preenchia

---

<sup>337</sup> Candido, “Um militante incansável”, in *Florestan Fernandes*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 70-1.

<sup>338</sup> Candido, “Amizade com Florestan”, in *op. cit.*, p. 27.

<sup>339</sup> Candido, “Florestan Fernandes: estudante e estudioso”, in *op. cit.*, p. 47-8.

tenazmente com uma tinta roxa numa sala coletiva que ficava no terceiro andar do Instituto de Educação, enquanto tentava ignorar o bate papo dos amigos.

Com a década de 50 se abre o segundo momento de sua carreira, que já se dá no prédio da Rua Maria Antonia. É ali que Florestan, após ter acumulado e sistematizado uma imensa plataforma de conhecimento, começa a esboçar uma vontade de aplicá-la ao mundo. E o ponto de virada é Roger Bastide, que, como já vimos, possuía uma incrível capacidade de fazer com que seus alunos e colaboradores entrassem em contato com o corpo vivo da sociedade.

Em 1950 a Unesco pediu a Bastide que organizasse uma pesquisa sobre as relações raciais em São Paulo, o que ele aceitou com a condição de que Florestan partilhasse a direção dos trabalhos. Esse é um momento fulcral na sua carreira, porque, até aquele instante, ele estava imerso em problemas de sistematização do conhecimento através do mergulho numa comunidade indígena extinta, sem contato com os dramas da contemporaneidade. Mas a pesquisa da Unesco o lançou “em face de uma situação presente, marcada pela mais grave injustiça social, e isto acendeu nele o estopim radical, que o levou a elaborar cada vez mais uma posição politicamente consciente, ao mesmo tempo em que participava da vida pública.”<sup>340</sup>

Florestan começa a afiar os instrumentos que vão permitir dar um salto além dos limites teóricos institucionalizados pela FFCL na qual se formou intelectualmente. A sociologia vai deixando, pouco a pouco, de ser apenas uma forma de ver corretamente a sociedade – mesmo com todas as implicações radicais que essa nova perspectiva trouxe no seu bojo – e vai passando a ter uma função transformadora. Se o tubinambá fora uma realidade temporalmente remota, que lhe servia como pretexto para fabulações teóricas, o negro, por sua vez, era uma realidade ingente e atual. Assim, sua prática sociológica passa a ganhar certos ares intervencionistas. “Basta lembrar alguns aspectos do método que usou, como as reuniões promovidas entre líderes e militantes negros, junto com os seus colaboradores e outros interessados.”<sup>341</sup> E é o contato com essa realidade de carne e o osso que abre as portas para o terceiro momento de sua evolução intelectual.

---

<sup>340</sup> Ibid., p. 50-1.

<sup>341</sup> Candido, “Amizade com Florestan”, in *Florestan Fernandes, op. cit.*, p. 31.

A década de 1960 encontra um Florestan maduro tanto teórica quanto socialmente falando. Se quando ainda jovens assistentes de Fernando de Azevedo, Candido e Florestan se perguntavam quais eram as fronteiras entre a prática docente e a militância socialista, a resposta, agora, já está à mão. Esse abismo só pode ser superado pela síntese das várias facetas que o tempo vai superpondo uma à outra: “o sociólogo, o pensador e o militante unidos num só tipo de atividade, [configurando-se] como cientista cujo ato de construção intelectual já é um ato político.”<sup>342</sup> O sociólogo se torna militante sem perder o rigor com que se debruça sobre o material de estudo, assim como, ao mesmo tempo, o militante se torna sociólogo sem ter quer assumir uma postura intelectual pretensamente neutra.

O marxismo de Florestan, que Candido pintou como um rio que lhe corria subterrâneo, pôde então aflorar, sem dogmatismo, numa de suas fórmulas mais salutares: a teoria e a prática se tornam duas faces de uma mesma realidade. O saber que tanta energia dispendeu para acumular se transformou numa poderosa arma de combate. Mas esse marxismo, que foi maturado aos poucos e ao lado de outras contribuições teóricas, é fruto de uma construção tão original quanto foi a da sua personalidade. “A força de Florestan consiste em ter chegado a um modo pessoal de ser marxista, mostrando que o marxismo tem uma força extraordinária de aglutinação e flexibilização que lhe permite enfrentar as diferentes realidades, dando as respostas específicas que cada uma requer.”<sup>343</sup>

Candido reconhece essa nova postura, primeiramente, na assunção de um novo temário de preocupações. De uma nação indígena perdida nas fimbrias dos tempos que lhe servia de ensejo para a aplicação sistemática de um conhecimento teórico adquirido a duras penas, passando pelo reconhecimento do negro como um objeto de estudo dramaticamente vivo, Florestan chega à raiz das nossas mazelas sociais – dedica-se ao estudo das classes sociais, da dependência política, do subdesenvolvimento, do caráter conservador da nossa revolução burguesa – com a convicção de que a compreensão desses problemas significa o amadurecimento “[d]a maneira do intelectual intervir na sociedade que gerava tais

---

<sup>342</sup> Ibid., p. 31.

<sup>343</sup> Candido, “Um militante incansável”, *in op. cit.*, p. 77.

problemas.”<sup>344</sup> Isso significa que o rigor com que Florestan sempre se dedicou aos seus estudos está agora simbioticamente ligado à força de convicção que o move a eleger esses objetos de estudo, como é o caso da análise que faz, por exemplo, da Revolução Cubana.

Mas essa politização do ato intelectual não estaria completa sem uma evolução da prosa de Florestan. Seus primeiros textos eram marcados por uma profunda má vontade com o leitor. Era como se Florestan exigisse de seu interlocutor a mesma tenacidade e o mesmo poder de inteligência que ele dedicou à elaboração do estudo. Mas a necessidade de intervenção social fez com que ele se sentisse obrigado a se abrir para um número maior de pessoas. “Afinal, chegou a um estilo comunicativo e refinado, de extraordinária precisão, sem perda de solidez na informação nem de rigor no argumento. Por isso esses escritos [*Que tipo de república?*] não são jornalismo político habitual, mas síntese rara de ciência e prática, densidade intelectual e clareza de entendimento.”<sup>345</sup>

Florestan se torna, nas memórias de Antonio Candido, a metáfora viva do que significou a radicalização configurada pela criação da FFCL em São Paulo. Ao agir num meio culturalmente pobre, a Faculdade de Filosofia foi um catalisador que permitiu à nossa jovem intelectualidade superar essas dificuldades iniciais, através da incorporação e sistematização do conhecimento, capacitando-os, assim, para que pudessem encontrar seu próprio caminho, o que significava achar uma forma particular de aplicar esse conhecimento sobre a nossa realidade, transformando-a.

Mas Florestan também foi mais do que isso; foi a concretização do sonho de um jovem assistente que fora escolhido para ser paraninfo da turma de 1947. Nesse discurso, Candido resgata uma antiga polaridade do pensamento ocidental: a de que a vida e os livros são antípodas. É dentro dessa perspectiva que faz um alerta a todos aqueles jovens formando para o risco de “valorizar demasiado o exercício da inteligência, em detrimento da arte de viver.”<sup>346</sup> Para Candido, todo saber que estiver desligado da vida é um erro no qual nenhum intelectual deve incorrer. Por isso, a sua tarefa deve ser “aplicar-se

---

<sup>344</sup> Candido, “Amizade com Florestan”, *in op. cit.*, 31.

<sup>345</sup> *Ibid.*, p. 34.

<sup>346</sup> Candido, “Discurso de paraninfo”, *in Textos de intervenção, op. cit.*, p. 312.

no sentido de nortear o ensino segundo a compreensão da vida, porque o vivido sobreleva o aprendido, já que este vale na medida em que se transforma em novas formas de viver.”<sup>347</sup>

É possível que Florestan estivesse presente à solenidade, afinal já era um dos assistentes de Fernando de Azevedo. E, talvez como nenhum outro, soube seguir os conselhos que seu jovem amigo dispensava aos formandos de 1947. Por isso, ao lembrar-se dele 40 anos depois daquele discurso de paraninfo, Candido pôde concluir que a “vida de Florestan Fernandes tem um valor realmente exemplar, porque ele foi um dos raros intelectuais a superar completamente o hiato que existe, quase sempre, entre a vida a ativa e a vida do pensamento.”<sup>348</sup>

### **III.**

#### **1.**

Poucos documentos são tão pungentes quanto a conferência de Mário de Andrade sobre os vinte anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Era-lhe muito vivo o sentimento de que a fase heróica do movimento já havia terminado. Mas o problema é que, ao olhar para trás, Mário se sente desconfortável com seu próprio passado. Todas as glórias que poderiam caber-lhe parecem mundanas, assim como eram os salões de que participava e que também foram, pouco a pouco, acabando. Contudo, é a sua arte o que mais lhe incomoda. Sente-se punido e enganado por ela, pois a vê coberta de individualismo mesquinho e abstencionismo vergonhoso, sem qualquer espécie de dor que lhe possa transmitir um sentimento mais real de vida. É como se aquele desejo histriônico dos anos heróicos os houvesse guiado apenas no rumo da destruição das velhas estruturas – que levaram a cabo com galhardia –, mas que, por outro lado, impediram-nos de legar para a posteridade qualquer intuito construtivo. E conclui:

---

<sup>347</sup> Ibid., p. 315.

<sup>348</sup> Candido, “Um militante incansável”, in *Florestan Fernandes, op. cit.*, p. 78.

Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão “momentâneo” como agora. Os abstencionistas e os valores eternos podem ficar pra depois. E apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, dum coisa não participamos: o amilhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade.<sup>349</sup>

E a ordem de um não tão velho modernista para os mais moços é: “Mas não fiquem apenas nisso, espiões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.”<sup>350</sup>

E a pergunta que fica para o leitor dessas tristes páginas é: que força agiu de maneira tão brutal sobre a consciência de Mário para que pudesse desconfiar com tamanha plangência do seu próprio passado? Talvez a resposta mais precisa seria: o decênio de 1930. Foi a radicalização da mentalidade empreendida em pouco mais de dez anos que fez Mário voltar-se contra a sua história.

Segundo Antonio Candido, aquele decênio foi um momento de radicalização ideológica, porque uma série de mudanças pela qual vinha passando a sociedade brasileira desde antes da virada do século vão formando um cadinho complexo e instável, que estoura na Revolução de 30. O trabalho assalariado, as levas migratórias, os surtos de industrialização haviam incendiado as antigas estruturas sobre as quais estavam assentadas velhas aristocracias. Nessa atmosfera efervescente que dissipava a nossa modorra política, tomar uma posição à direita ou a esquerda era uma necessidade imperiosa.

É nesse contexto renovador que surge a expressão “realidade brasileira”.<sup>351</sup> O país e sua história precisavam ser repensados sob uma perspectiva mais analítica, que deslocasse aquela visão saudosista de um passado aristocrático e achasse saídas para os impasses que se punham frente aos olhos de todos. “A Revolução de 30 [...] propicia – e pede – o debate em torno da história nacional, da situação de vida do povo no campo e na cidade, do drama das secas, etc. O real conhecimento do país faz-se sentir como uma

---

<sup>349</sup> Mário de Andrade, “O movimento modernista”, in *Aspectos da literatura brasileira*, 5. ed, São Paulo: Martins, 1974, p. 255.

<sup>350</sup> *Ibid.*, p. 255.

<sup>351</sup> Candido, “Entrevista com Antonio Candido”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 47, *op. cit.*, p. 7.

necessidade urgente e os artistas são bastante sensibilizados por essa experiência.”<sup>352</sup> E é exatamente sob o peso dessa nova demanda intelectual que Mário reavalia sua obra e, não encontrando nela nada que a ligasse a essa atmosfera cultural que lhe feria a sensibilidade, põe-na sob suspeita.

Talvez tenha sido o próprio João Luiz Lafetá, de quem tiramos a citação acima, aquele que tenha dado cores definitivas para essa dualidade estético-política que marcou os anos de 1920 e 1930. Em *1930: a crítica e o modernismo*, Lafetá sistematizou, em dois conceitos-chave que parecem destinados a gozar de uma vida longa nos nossos estudos críticos, a maneira de experimentar e verbalizar o Brasil nessas décadas.

Segundo esse discípulo de Candido, nunca houve muito espaço para ideologias nos anos de 1920. O humor e o aspecto carnavalesco, que caracterizou a escrita e as atitudes de muitos intelectuais modernistas, instituíram-se como armas demolidoras que não deixavam nada de pé. Assim, o que marcou esse momento foi a elaboração de um projeto estético, que se deu principalmente no plano da linguagem, renovando-lhe os meios e rompendo com a crosta tradicionalista que lhe cobria o corpo. Mas, com a vitória do movimento e com o correr da década, essas inovações entram num processo que Candido chama de “rotinização”,<sup>353</sup> ou seja, eles são incorporados às práticas mais usuais da sociedade, perdendo, portanto, o seu caráter de estranhamento. Elas são dissolvidas num outro projeto, que se torna dominante na década de 1930. Esse “projeto ideológico” significa, como vimos, uma tomada de “consciência do país, [um] desejo e [uma] busca de uma expressão artística nacional [e do] caráter de classe de suas atitudes e produções”.<sup>354</sup> Ao invés de um humor destruidor, impera agora uma vontade construtora, que se organiza através de análises mais sérias e sistemáticas.

Tendo em vista essa polaridade constitutiva do momento, tento uma hipótese para ler as páginas memorialísticas que Candido dedica a algum dos principais protagonistas das décadas de 1920 e de 1930. Nesses escritos, Candido, por um lado, não me parecendo ser capaz de se desligar dessa dualidade, busca, de alguma forma, encaixar seus mestres nessas duas esferas, evitando os juízos de valor do passado e corrigindo

---

<sup>352</sup> Lafetá, *1930: a crítica e o modernismo*, São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 20.

<sup>353</sup> Candido, “A Revolução de 1930 e a cultura”, in *Educação pela noite*, op. cit., p. 182.

<sup>354</sup> Lafetá, *1930*, op. cit., p. 12.

algumas posições dogmáticas que o marcaram na mocidade; por outro, procura traçar a genealogia de sua própria radicalidade.

## 2.

Em 1943, quando do lançamento de *Baile das quatro artes*, encontramos o jovem crítico titular do jornal *Folha da Manhã* profundamente orgulhoso com os novos caminhos trilhados por Mário de Andrade. Com esse livro, Mário acerta o passo com a atmosfera do tempo – “condenando a própria atividade anterior, marcada por um individualismo ilusório, que compromete o papel social e o sentimento funcional da arte”<sup>355</sup> – ao dar corpo àquilo que tem sido sua preocupação mais premente nesses últimos anos, que é “estudar e determinar o papel do artista em relação à arte e de ambos dentro da sociedade.”<sup>356</sup>

Nesse doloroso processo de recomposição de uma outra atitude diante da sua obra, diante da arte e diante da vida, Mário reconstrói, a partir da conferência sobre o Movimento Modernista e dos ensaios reunidos em *O baile das quatro artes*, a sua estética e a sua ética. Sem abandonar o direito à pesquisa, uma das pedras de toque do movimento de 1922, Mário encontra no conceito de artesanato a solução para suas inquietações. Através dessa noção, o artista não perde nem o contato com a idéia de fatura apropriada do objeto – uma preocupação que lhe acompanhou vida afora –, nem com o sentido de sua época, pois cabe a esse artesão encontrar os meios mais adequados para realizar o seu tempo na sua arte, “a fim de que a obra se revista de uma larga e fecunda *utilidade*, [servindo] de apoio aos que a ela se dirigem.”<sup>357</sup>

Mas, para Candido, esse conceito de artesanato é uma faca de dois gumes. Se, por um lado, pode ser o antídoto que afasta o artista da auto-contemplação através da consciência dilacerada do objeto e de como adequá-lo ao seu tempo, seu excesso, por outro, pode levá-lo ao virtuosismo, que é uma reificação do próprio artista; este, hiper-

---

<sup>355</sup> Candido, “Jornada heróica”, in *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 5, 2000, p. 175.

<sup>356</sup> *Ibid.*, p. 173.

<sup>357</sup> *Ibid.*, p. 176.

individualizado, vê a si mesmo como o objeto de contemplação. Assim, o artista que consegue fugir a esse risco define o que Candido chama de “*utilidade humana da arte*”.<sup>358</sup> E é esse o espaço que aquele não tão velho modernista está buscando para si, “quando ele procura dirigir a sua paixão pela beleza e pelo jogo estético no caminho difícil da eficiência social e humana.”<sup>359</sup>

Meio século, contudo, é tempo mais do que suficiente para que um ponto de vista mude.

Se deixamos Mário cada vez mais envolvido com o papel social do artista e da sua arte, quando o reencontramos, ele está retirado em Araraquara, na chácara de Pio Lourenço Corrêa, um afilhado de seu avô materno, em cuja casa morou quando este era um jovem estudante em São Paulo. Segundo Candido, Araraquara era uma espécie de refúgio de Mário, que lá ia de visita a seu amigo, ora para descansar e esquecer do mundo que às vezes o oprimia, ora para recolher casos, modismos, ocorrências do passado, de que se valia para suas criações. Foi lá, meio isolado, que imaginou e escreveu *Macunaíma*.

Este pequeno texto, “Mário de Andrade e o velho Pio”,<sup>360</sup> é de uma despreensão sem conta; parece não acrescentar nada à biografia de Mário ou ao conhecimento da sua obra. Candido passa pelos fatos despreocupadamente, sem qualquer esforço sistematizador ou descobridor. Mas ele nos é paradigmático, porque dá o tom e o viés do Mário sobre o qual lança suas memórias: um homem distante da faina política e das preocupações sociais que tanto o motivaram quando moço.

Noutro texto,<sup>361</sup> que surgiu de uma série de perguntas feitas a ele e a sua falecida esposa, Gilda de Mello e Souza, pela *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, as lembranças são mais episódicas, mas também giram, todas elas, em torno da

---

<sup>358</sup> Candido, “Artista e sociedade”, in *Literatura e Sociedade*, n. 5, *op. cit.*, p. 180.

<sup>359</sup> *Ibid.*, p. 181. Segundo Candido, o abandono de certos cacoetes da fase heróica do modernismo não é uma verdade que se manifesta apenas no pensamento teórico de Mário. Em 1942, ele escreveu uma resenha para uma coletânea de poesias do autor de *Macunaíma*, na qual assinala: “Esta poesia [a que se faz depois de *Remate de males*, que é de 1930] não comporta os brilhos instrumentais, tão caros a Mário. Os grandes virtuosismos, as *jongleries* poéticas, calam-se e se retiram, para restar um despojamento completo, uma nudez macia de expressão, que sugere coisas e mais coisas em virtude de sua proximidade com o silêncio” (Candido, [Resenha de *Poesias*, de Mário de Andrade], in *Clima*, São Paulo, n. 8, jan. 1942, p. 75-6).

<sup>360</sup> in *O albatroz e o chinês*, Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 119-121.

<sup>361</sup> Candido [com Gilda de Mello e Souza], “A lembrança que guardo de Mário”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 36, 1994, p. 9-25.

despolitização da figura de Mário de Andrade. A impressão que temos é que nunca houve uma intimidade entre os dois, mesmo depois que Candido começou a namorar Gilda, que era sobrinha de Mário: “devo dizer que não tive muito convívio com ele. As nossas relações eram cordiais, mas mais ou menos cerimoniais”.<sup>362</sup> Os encontros, contudo, eram freqüentes; volta e meia na Livraria Jaraguá, na casa de Gilda ou no restaurante Giordano, que ficava na Avenida Brigadeiro Luís Antonio. Foi para lá que Mário o convidou com a finalidade de conhecer Fernando Sabino. “Desta última vez lembro que eles elogiavam e eu desancava os romances de Otávio de Faria. Um dos meus argumentos de energúmeno foi que esses romances não questionavam a ordem social; e fulminei: ‘São livros que não tiram o sono de Roberto Simonsen’.”<sup>363</sup> Tempos depois, Jorge Amado, ainda um escritor engajado, escreveu *Terras do sem fim*, livro que Candido resenhou no seu rodapé semanal no *Folha da Manhã* sob um desafio de Mário. “Publicado o rodapé, perguntei se havia escrito o que ele esperava e ele disse que não. Perguntei do que se tratava. E ele: ‘É que este livro não tira o sono de Roberto Simonsen’.”<sup>364</sup>

Noutra ocasião, essa espécie de educação anti-dogmática se repetiu. Candido e Mário se encontraram “numa exposição da Casa e Jardim, bem no começo da Barão de Itapetininga. Ele estava absorvido diante de um quadro, eu me aproximei e comentei que aquele quadro me parecia bom porque era ‘muito brasileiro’. Ele perguntou (mais ou menos): ‘Você não acha que este negócio de querer que as coisas sejam brasileiras leva a tratar o Brasil como se fosse o Benin?’”<sup>365</sup>

Por fim, uma última recordação, essa agora no I Congresso da Associação Brasileira de Escritores, realizado em janeiro de 1945, em São Paulo. Lá, Candido e seu amigo Paulo Emílio Salles Gomes tentaram fazer com que Mário assinasse uma certa moção.

Era manobra nossa e Mário recusou com veemência, dizendo que aquilo era uma coisa inadmissível. Nós argumentamos que se tratava de algo politicamente importante. Então ele se indignou e bradou com sua voz

---

<sup>362</sup> Ibid., p. 13.

<sup>363</sup> Ibid., p. 13.

<sup>364</sup> Ibid., p. 13.

<sup>365</sup> Ibid., p. 14.

abafada que por isso que ele não queria saber de política. [...] Paulo Emílio e eu metemos a viola no saco e acabamos desistindo de tal moção. Mais tarde percebi que Mário tinha toda a razão: nós estávamos agindo de maneira mesquinha, levados pela paixão das dissensões de esquerda.<sup>366</sup>

Nesses três breves fragmentos de memória, quase que superpostos um ao outro, vemos um Candido que se lembra de um Mário diferente daquele que resenhou orgulhosamente 50 anos antes. Se o homem que aparece nas suas lembranças não é o mesmo, pois não está preocupado com a utilidade social da obra de arte, nem com sua especificidade nacional, muito menos com as politicagens mais comezinhas, aquele que agora rememora tampouco o é. Menos ortodoxo, esse Candido memorialista, dono de um tom muito menos dogmático, está pronto para ouvir e compreender antes de julgar apressadamente.

E essa mudança de perspectiva reflete no juízo crítico que faz da obra do autor de *Macunaíma*. Em 1943, Candido foi convidado por Mário para ouvir a “uma leitura de *Café*, que acabara de redigir. [...] Fiquei deslumbrado, e dali a uns dias escrevi a ele comentando longamente.”<sup>367</sup> Nessa época, Candido tinha outras preocupações e talvez o caráter empenhado dessa “tragédia secular” centrada na crise da cafeicultura o tivesse deslumbrado no momento. O tempo passou, a concepção de literatura de Candido se modificou. Do mesmo modo que o memorialista não está mais preocupado em ressaltar a dimensão política de Mário de Andrade, o crítico – que nada mais é que a outra faceta de uma mesma pessoa – pode rever seu deslumbramento. “Mas devo dizer que a seguir passei a gostar bem menos desse texto. Ele me parece forçado, como se Mário quisesse cumprir uma tarefa política sem encontrar o tom certo.”<sup>368</sup> É interessante observar que a entrada do político, que antes era valorizado como a grande virada intelectual de Mário, se transforma em um elemento destoante em sua escrita, que acaba por roubar-lhe a força poética.

Em fevereiro de 1945, Candido e Gilda foram chamados por Mário para conhecer Henriqueta Lisboa. “Fomos. A horas tantas, estando de prosa ele, seu irmão Carlos e eu, ele declarou que estava cansado de sofrer injustiças e incompreensões, e que

---

<sup>366</sup> Ibid., p. 14.

<sup>367</sup> Ibid., p. 25.

<sup>368</sup> Ibid., p. 25.

decidira uma vez por todas se abster de qualquer atitude política, pois chegara à conclusão que o lugar do intelectual é a torre de marfim.”<sup>369</sup> Mas, ao invés de condená-lo pelo seu absenteísmo, o que seria uma heresia naqueles tempos tão impregnado de ideologias, o Candido memorialista está muito mais preocupado em explicá-lo.

Pensando as coisas hoje, creio que foi uma reação às experiências recentes do Congresso de Escritores, realizado cerca de um mês antes. Ele deve ter encarado com certo constrangimento as tensões das facções, as birras ideológicas, as concessões táticas, as acomodações, as manobras que tecem o dia a dia da conduta política, e sentiu com certeza que não se ajustaria na era de engajamento partidário que estava se anunciando.<sup>370</sup>

Assim, a tônica das lembranças que Candido dedica à figura de Mário é a da despolitização. Se em 1943, a conferência sobre o movimento modernista havia se tornado, para aquele jovem crítico militante, o momento em que o projeto estético de Mário tornava-se um projeto ideológico, esse velho memorialista vai buscar um novo ponto de inflexão, quando aquele deixa de ser político para tornar-se, mais uma vez, estético. E, paradigmaticamente, a última lembrança que guardou de Mário o vê, poeticamente e sem culpa, encastelado em sua torre de marfim.

Quando eu era professor de um pequeno ginásio na Avenida Água Branca, em 1942, a minha primeira aula era às 7.15 da manhã, três vezes por semana. Durante certo tempo o ônibus em que eu ia não pôde passar pelo viaduto sobre a Avenida Pacaembu, por causa de obras. Então desviava pela rua Margarida, costeando a casa de Mário, na esquina de Lopes Chaves. Mais de uma vez eu o vi, antes das 7, de pijama azul, no terracinho que havia perto do quarto dele, imóvel, grandalhão, cismando com o olhar míope perdido no infinito.<sup>371</sup>

---

<sup>369</sup> Ibid., p. 15.

<sup>370</sup> Ibid., p. 15.

<sup>371</sup> Ibid., p. 25.

### 3.

Se havia muito de lenda em tudo que girava em torno de Oswald de Andrade, pode-se dizer que ele tinha sua parcela de culpa nisso. Não era diferente com o anunciado lançamento de *Marco Zero*. E para preparar o terreno com a finalidade de receber esse que parecia ser o romance definitivo da vida de Oswald, Candido escreve os dois rodapés – que tantas rugas causariam entre eles –, nos quais se debruça sobre a sua obra pregressa com esforço sincero de objetividade e síntese.

Os juízos apressados das conversas de café diziam que Oswald, depois de “ter baseado a sua obra principalmente na transposição da própria experiência, queria pôr em primeiro plano a observação da sociedade.”<sup>372</sup> E é nesse duplo esforço de síntese que Candido deposita todas as suas esperanças. O primeiro seria a superação de sua atitude católica e “post-parnasiana”, que antecede 1922, assim como dos cacoetes vanguardistas, do tom burlescos e destrutivo que Candido tanto criticara nos modernistas de primeira hora. O segundo esforço seria o de conseguir realizar uma obra que absorvesse o melhor das tendências modernista de 1922 e ideológica da década seguinte.

E, de fato, quando *Marco Zero* foi lançado, já no final de 1943, Candido percebe que a síntese fora alcançada: “Esfacelada a diretriz católica da primeira fase ante a rebeldia integral e anárquica da segunda, a terceira surge como síntese socialista. Romance social, *A Revolução Melancólica* parte da descrença completa na burguesia e do desejo sistematizado de proceder seu inventário, a fim de melhor preparar o caminho para a revolução necessária, que há de pô-la abaixo.”<sup>373</sup> Mas, ao contrário do que se poderia esperar, o primeiro volume de *Marco Zero* não resolveu a situação de Oswald. Embora o assunto do livro – a crise de uma burguesia desarticulada – encerre em si uma preocupação com os aspectos fundamentais da época, Oswald não sabe levá-lo à frente e dar a sua verdadeira dimensão literária. Ao escolher realizá-lo através de cenas breves, o autor, ainda marcado por uma certa concepção elíptica da escrita, não percebe que “este processo de

---

<sup>372</sup> Candido, “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”, in *Vários escritos*, op. cit., p. 33.

<sup>373</sup> Candido, “Estouro e libertação”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, op. cit., p. 19.

composição em retalhos só serve para as visões horizontais da vida”.<sup>374</sup> Oswald não consegue, assim, fugir do panorama detalhístico, que seria insuficientemente estreito para dar a visão desejada da sociedade. Acaba resultando uma obra cuja idéia é larga e interessante, mas cuja realização ainda é precária. E é essa antinomia entre concepção e realização que “suprime do livro a possibilidade dialética de ultrapassar as fraquezas, vencendo-as num desenvolvimento fecundante.”<sup>375</sup>

Contudo, se o juízo crítico não é dos mais favoráveis, Candido não deixa de apontar a correção do novo caminho escolhido por Oswald.

De qualquer modo e embora seja uma realização bastante deficiente, *A Revolução Melancólica* é uma vitória, do ponto de vista da diretriz literária. Ultrapassou o esteticismo desvairado da fase católico-parnasiana assim como a crítica puramente negativa do período seguinte (porventura melhor, literariamente falando), lançando-se numa perspectiva sintética de crítica social construtiva.<sup>376</sup>

Talvez esses juízos de juventude tenham marcado Candido de uma maneira mais profunda do que o fizeram aqueles sobre Mário. Ou talvez o desejo corretivo da memória se faça mais premente naquele caso, pois Candido não parece ter sido capaz de julgar, com os olhos da mocidade, a obra de Oswald. Mas a verdade é que foi ao autor de *Memórias sentimentais de João Miramar* que Candido dedicou um número maior de textos nos quais o elemento memorialístico se fazia presente, ora de maneira mais velada, ora de maneira mais ostensiva.

Com os anos, Candido parece ter aprendido duas grandes lições sobre Oswald, que transparecem nas suas lembranças como uma correção das suas cabeçadas. Primeiro é que, no seu caso, não se pode separar o homem do mito, como quis fazer em 1943. Fazê-lo significa castrar Oswald de uma de suas facetas mais interessantes, pois, através da vivência dessa mistura entre realidade e fantasia, ele conseguiu se expressar tão bem quanto nos livros que escreveu. O segundo diz respeito ao humor sarcástico, que, no caso de Oswald, era sua forma de ser revolucionário, de pôr abaixo a hipocrisia social e o

---

<sup>374</sup> Ibid., p. 28.

<sup>375</sup> Ibid., p. 30.

<sup>376</sup> Ibid., p. 32.

tradicionalismo literário. Candido aprende a ver essa manifestação histriônica e carnavalesca com outros olhos, menos dogmáticos, sabendo dar-lhe o devido valor.

Começemos pela segunda lição.

Se em 1943 Candido louvava os novos rumos que Oswald estava dando à sua obra, cada vez mais próximas dos nossos problemas sociais, menos de uma década depois esse orgulho já começava a se transformar em preocupação. “A partir de 1945 tornou-se cada vez mais um estudioso, preparando-se para desenvolver o tema da crise da filosofia ligada ao patriarcalismo, que foi para ele a praga da história do Ocidente.”<sup>377</sup> Era com esse tema que queria concorrer a uma cadeira de Filosofia na USP, idéia contra a qual Candido se colocava. Primeiro, ele temia que essa visada filosófica de Oswald significasse o abandono de sua carreira literária, afinal, para esse, a filosofia era uma coisa séria, que requeria estudo e cultura, enquanto romances qualquer um fazia. Segundo, Candido temia pelo próprio Oswald, que não achava tecnicamente bem preparado para a função, e essa exposição desnecessária poderia acabar por comprometê-lo demais.

(Aqui os fios da memória começam a se tocar. Candido, enquanto explicava as razões pelas quais se opunha à intenção de Oswald ser professor, se adianta à discussão sobre o verdadeiro significado do ato docente, que trataria numa palestra na Associação de Professores de Língua e Literatura, em 1979: “eu não entendia, naquele tempo, como um bom *chato-boy*, que um grande talento pode valer muito mais do que algumas toneladas de professores *tecnicamente preparados*”.<sup>378</sup>)

Digressões à parte, voltemos à nossa toada. Às invectivas de Candido, Oswald

protestava dizendo que a Universidade deveria se abrir, que era um direito dele etc. “Mas você não tem cultura filosófica organizada”, dizia eu. “Imagine se na defesa da tese Fulano (um examinador potencial, famoso pela truculência) faz perguntas em terminologia que você não domina.” “Dê um exemplo”, retrucou ele. “Não sei”, disse eu, “não entendo disso; mas anda por aí um vocabulário tão arrevesado de ‘ser-no-outro’, ‘por si’, ‘orifício existencial’ e não sei mais o quê.” “Mas dê um exemplo”, insistiu ele. “Bem, só para ilustrar: se ele pergunta pernosticamente: ‘Diga-me V.S. qual é a impoção hodierna da problemática ontológica?’” E Oswald, sem pestanejar: “Eu respondo: V. Excia. está

---

<sup>377</sup> Candido, “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”, in *Vários escritos*, op. cit., p. 45.

<sup>378</sup> Ibid., p. 45.

muito atrasado. Em nossa era de devoração universal o problema não é ontológico, é odontológico.”<sup>379</sup>

Com essa piada certa, Oswald desmonta os argumentos de Candido, do pernesticismo e do hermetismo acadêmico de fundo existencialista e recoloca a questão nos termos nacionais tal como desenvolvera no “Manifesto antropofágico”.

Essa reflexão se torna, assim, um ponto de inflexão importante na avaliação que Candido passa a fazer da obra e da vivência de Oswald. O humor assume um “papel profilático, regenerador e humanizador”.<sup>380</sup> E a que distância está esse Candido daquele jovem rapaz carrancudo para quem Oswald era um personalista faroleiro que tendia a uma política reacionária, porque “preserva[va] as gracinhas literárias e o exibicionismo intelectual”.<sup>381</sup>

O memorialista reavalia a obra de Oswald de acordo com essa nova postura diante das suas “gracinhas literárias”. “Sempre que pôs de lado o humor, na ‘Trilogia’ ou no *Marco Zero*, a tensão baixou, e do Oswald rebelde e criador desprende-se um surpreendente Oswald sentimental, bem menos certo.”<sup>382</sup> O sarcasmo, a ironia, a sátira tornam-se a peça-chave da sua força poética, sem a qual sua ficção perde o rumo e desfalece, porque a retórica decadentista e naturalista sufoca aquele homem que usou de todos os meios para poder escrever com liberdade.

Essa vontade de se tornar um escritor sério – pelo menos como se esperava que fosse um escritor sério à época – afetou sua construção estilística. Oswald passou a se expressar em blocos narrativos maiores, que, para ele, pudessem transmitir uma visão mais coerente e mais ampla das dinâmicas sociais. Era como se o uso de conjunções, que dão ao texto uma aparência mais lógica, também pudesse representar toda a lógica interna do funcionamento da realidade, dando-lhe um caráter aparentemente mais coerente do que o fazia a técnica pontilhista de que se valia largamente e com maestria. Mas essa impregnação de historicismo roubou a força da sua escrita, que se manifestava de uma maneira mais contundente nas elipses. “Hoje, relendo *Marco Zero*, noto menos *pontilhismo*

---

<sup>379</sup> Ibid., p. 45-6.

<sup>380</sup> Candido, “Os dois Oswalds”, in *Recortes*, op. cit., p. 36.

<sup>381</sup> Candido, “Plataforma da nova geração”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 239.

<sup>382</sup> Candido, “Os dois Oswalds”, in *Recortes*, op. cit., p. 36.

do que parecia haver; e penso, ao contrário, que se houvesse nele maior uso das técnicas descontinuas, o panorama social teria ficado mais convincente.”<sup>383</sup>

Assim, o Candido que cobrava de Oswald uma maior adequação, tanto técnica quanto politicamente, às tendências daquele tempo, percebe hoje o quanto havia de arbítrio castrador naquela crítica. Esse Oswald que se distancia de si mesmo não se sai bem nem literária nem ideologicamente falando. É ainda no par *Serafim Ponte Grande e Memórias sentimentais de João Miramar* que Oswald se realiza de maneira mais completa, pois se expressa com todo o seu excesso devorador e inquieto, toda a sua força sarcástica e irônica – e por isso mesmo criadora em seu grau mais perfeito.

Passemos, então, ao segundo ponto em que as memórias de Candido corrigem suas primeiras impressões.

O jovem assistente de Sociologia na Faculdade de Filosofia e crítico titular de um rodapé semanal tinha para si e para sua geração uma tarefa bem clara: imbuídos de um espírito universitário e dispondo das ferramentas intelectuais para tanto, cabia aos jovens intelectuais pôr as idéias no seu devido lugar. Isso significava um esforço de análise da realidade que descartasse tudo o que servisse de impedimento para uma visão mais objetiva das coisas. E, em se tratando de Oswald, sua dimensão lendária era um entrave para o verdadeiro entendimento de sua obra, por isso cabia-lhe, como crítico, separar o joio do trigo, e avaliar de uma maneira precisa e irrefutável qual era o verdadeiro valor literário desse mito ambulante.

Foram necessários apenas uma década de convivência mais íntima com Oswald para que Candido corrigisse seu juízo. No prefácio que escreveu para as memórias de seu amigo, publicadas em 1954, a mistura entre literatura e vida ganham uma conotação positiva, afinal Oswald é um “escritor que fez da vida romance e poesia, e fez do romance e da poesia um apêndice da vida”.<sup>384</sup> Nele o real está sempre fantasiado, e é exatamente nessa mitificação quixotesca da realidade que reside sua grande força criadora.

Sob esse novo prisma, a lenda que se forma em torno dele deixa de ser uma névoa que impede a visão mais objetiva de sua personalidade e se torna, ela mesma, uma

---

<sup>383</sup> Candido, “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”, in *Vários escritos*, *op. cit.*, p. 55.

<sup>384</sup> Candido, “Prefácio inútil”, in Oswald de Andrade, *Um homem sem profissão – I. Sob as ordens de mamãe*, 3. ed, São Paulo: Globo: Secretaria de Estado de Cultura, 1990, p. 15.

expressão fiel de si mesmo. “Sendo assim, é ele próprio um mito na realidade, de tal maneira que as lendas a seu respeito (às vezes cuidadosamente cultivadas por ele próprio), o exprimem frequentemente tão bem quanto a realidade.”<sup>385</sup>

Visto pelos olhos do memorialista, Oswald “se torna o seu maior personagem, operando a fusão poética do real e do fantástico.”<sup>386</sup> Assim, não é apenas a sua obra literária que causa certo desconforto nos setores mais conservadores da sociedade paulista da época. “Ele escandalizava pelo fato de existir, porque sua personalidade excepcionalmente poderosa atulhava o meio com a simples presença. Conheci muito senhor bem posto que se irritava só de vê-lo, como se andando pela rua Barão de Itapetininga ele pusesse em risco a normalidade e do decoro do finado chá-das-cinco.”<sup>387</sup>

A fusão entre mito e realidade é tão profunda que Candido se dá ao luxo de ler o Oswald real através da ficcionalização que dele fez Cláudio de Souza, no livro que escreveu a respeito da viagem que fizeram juntos ao Oriente Próximo, em 1926, intitulado *De Paris ao Oriente*. Oswald se torna Gonçalo e, desde “o começo sentimos a sua presença [nesse personagem], como ele gordo, alegre, exuberante, iconoclasta e brincalhão, mas com um toque mais carregado de futurismo, talvez a maneira de Cláudio de Souza receber a mensagem modernista, sempre assimila aos padrões de Marinetti pela opinião média.”<sup>388</sup>

Mais interessante que descrever os episódios pitorescos e iconoclastas que Cláudio de Souza narra – como da vez em que, aborrecido pela falta de banho no hotel, decide lavar-se, completamente nu, na torneira do corredor –, é perceber como o Oswald real e o ficcional são indiscerníveis, e foi exatamente a imagem dessa fusão que chegou à posteridade.

E o poder de transfiguração do real em Oswald se torna tão visceral que, ao fim, configura-se como a única maneira de se aproximar dele.

Um dia, pela altura de 1950, ele [Oswald de Andrade] foi a nossa casa, situada no encontro de Aclimação, Cambuci e Glória. Na saída eu o

---

<sup>385</sup> Candido, [Depoimento] “Redescoberto Oswald de Andrade”, in 2. *Caderno*, suplemento da *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 ago. 1967, p. 5.

<sup>386</sup> Candido, “Prefácio inútil”, in Oswald de Andrade, *Um homem sem profissão*, op. cit., p. 17.

<sup>387</sup> Candido, “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”, in *Vários escritos*, op. cit., p. 48.

<sup>388</sup> Candido, “Os dois Oswalds”, in *Recortes*, op. cit., p. 40.

acompanhei, para ajudá-lo a pegar um táxi. Atravessamos a rua Pires da Mota e entramos na Conselheiro Furtado. Era uma tarde fresca, azul e sossegada, como ainda havia naquele tempo. Oswald explicava com detalhes alguma coisa sobre sua obra. Ouvindo, eu olhava o renque de casinhas baixas, encardidas. E de repente me pareceu estar numa rua de romance dele, *Condenados e Estrela de absinto, vogando na ficção junto com o autor*, que seria ao mesmo tempo um dos seus personagens. Foi apenas um segundo, durante o qual senti sem poder explicar que estávamos ambos no mundo da sua narrativa. Mas não disse nada. O táxi passou, ele subiu e foi embora. A sensação permaneceu em mim como lembrança [...].<sup>389</sup>

#### 4.

Diz-se que a primeira impressão é a que fica. Se, como vimos, esse lugar comum não correspondeu à verdade nem com Mário nem com Oswald de Andrade, ele serve para definir muito bem as relações de Candido com Sergio Buarque de Holanda, de quem conseguiu captar, desde o primeiro encontro, as impressões e os juízos que levaria pela vida afora.

Embora tenha conhecido Sergio em 1943, só teve a oportunidade de contato um ano depois, quando ele veio a São Paulo com Maria Amélia, sua esposa, para a inauguração da Livraria e Editora Brasiliense. Lá Sérgio aproveitou para autografar alguns exemplares de *Cobra de vidro*, livro que o jovem Candido – “impressionado pela sua naturalidade, despreensão, ausência de dogmatismo”<sup>390</sup> – resenhou para a revista *Clima*.

E a impressão que temos da leitura desse texto de juventude é a de uma incrível coerência entre a obra e a pessoa. Ali vemos Candido louvar o ensaísta perfeito, que experimenta seus instrumentos e seus limites, a fim de poder levantar, de maneira ponderada e sem alardes, os problemas de que trata. Sem dogmatismo, não impõe soluções nem descobertas mirabolantes, mas “ensaia caminhos e pontos de vista que facilitam chegar até elas”,<sup>391</sup> por isso suas conclusões são sempre serenas e equilibradas. E tudo isso é expresso num “estilo suficientemente ductil, simples e penetrante para cercar as idéias com

---

<sup>389</sup> Candido, “O diário de bordo”, in *Recortes, op. cit.*, p. 49.

<sup>390</sup> Candido, “Amizade com Sérgio”, in *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, a. 3, n. 6, jul. 1987, p. 132.

<sup>391</sup> Candido, “Sergio Buarque de Holanda – *Cobra de Vidro*”, in *Clima*, São Paulo, n. 13, ago. 1944, p. 71.

eficiência e apresentar com clareza as posições intelectuais.”<sup>392</sup> Assim, *Cobra de vidro* é uma obra tão agradável quanto séria, daquelas que não se vêem num país de cheio de gongorismo, adjetivos, termos técnicos e ostentações. Por todas essas qualidades – e ausência de defeitos – “o sr. Sergio Buarque de Hollanda [é] o mais desprezioso dos homens de estudo e o mais ameno dos mestres [...]”.<sup>393</sup>

É interessante observar que, ao contrário dos primeiros escritos sobre Mário e Oswald de Andrade, esse texto contém, resumido na sua simples brevidade, tudo o que Candido vai escrever sobre Sérgio sempre que se debruçar sobre a obra e a vida de seu amigo. Basta passarmos os olhos rapidamente pelo famoso prefácio de *Raízes do Brasil* para encontrarmos que esse é “um livro curto, discreto, de poucas citações”; que a atitude de seu autor “era [...] desprendida e quase remota”; ou ainda que o tom geral “era marcado por uma elegância parcimoniosa”.<sup>394</sup> Anos depois, numa breve resenha sobre *Tentativas de mitologia* temos, ao lado do elogio da solidez do conhecimento, das afirmações sem assertividade, “a sobriedade costumeira, aliada não obstante a uma firmeza de princípios que nem por ser desprovida de sectarismo é menos marcante.”<sup>395</sup> Esse é o Sérgio daquele encontro na inauguração da Livraria Brasiliense; esse será sempre o Sérgio que Candido reencontra nas memórias.

Embora o cerne das suas impressões sobre Sérgio não mude com o passar dos anos, dois novos elementos vão, pouco a pouco, ganhando espaço nos escritos de Candido sobre o autor de *Visão do paraíso*: a política e o humor.

Começemos pela política.

No prefácio que escreveu à quarta edição de *Raízes do Brasil*, de notoriedade e fôlego bem mais curtos que o daquele que dedicou à quinta, Candido não sai do lugar comum. Depois de ressaltar o estilo perfeito e a precisão das idéias, ele louva a capacidade de, mesmo reduzindo a realidade a pares antitéticos, saber extrair dela a mais viva aparência de complexidade e fluidez. Por fim temos um breve resumo no qual privilegia a

---

<sup>392</sup> Ibid., p. 71.

<sup>393</sup> Ibid., p. 71.

<sup>394</sup> Candido, “Raízes do Brasil”, in *Teresina etc., op. cit.*, p. 136 e 137.

<sup>395</sup> Candido, “As *Tentativas de mitologia* de Sérgio Buarque de Hollanda”, in *O Escritor*, São Paulo, n. 6, out.-nov. 1980, p. 12.

análise que Sérgio faz do personalismo constitutivo da sociedade brasileira e sua progressiva dissolução pelas forças urbanas e racionais, que vão impondo uma rotina e uma racionalização onde só havia um desejo por aventura. Como se pode ver por esse breve sumário, um prefácio dos mais típicos.

Mas a situação começa a mudar em 1969. O famoso prefácio à quinta edição traz um toque memorialístico que situa o livro não só na história do pensamento brasileiro, mas também na formação mais íntima de toda uma geração. Nesse escrito, Candido dedica algumas páginas ao sétimo capítulo, intitulado “Nossa revolução”. O seu olhar ainda está muito centrado na questão da diluição das raízes ibéricas pelos modos de vida mais modernos. Há, contudo, uma breve indicação, perdida no meio de uma frase rápida, sumária, mas que será, num futuro próximo, a chave para se entender um aspecto central nas lembranças de Candido sobre Sérgio. “Trata-se de liquidar o passado, adotar o ritmo urbano e favorecer a emergência das camadas oprimidas da população, as únicas que têm capacidade para revitalizar a sociedade e dar um novo sentido à vida política.”<sup>396</sup>

Mas essa breve indicação ainda não era suficiente para caracterizar o real viés político de Sérgio, que é o que passa a preocupá-lo nos anos de 1980. É dessa década “Radicalismos”<sup>397</sup> e “Perversão da *Aufklärung*”,<sup>398</sup> dois escritos nos quais Candido analisa a gênese incompleta e os rumos tortuosos da nossa radicalidade. É dessa década também “Sérgio em Berlim e depois”,<sup>399</sup> no qual *Raízes do Brasil* passa a ser lido de uma terceira forma – justaposta às outras duas, a do livro em face da época e em face da geração de Candido –, ou seja, em relação direta com a biografia intelectual e política de Sérgio.

*Raízes do Brasil* é, segundo Candido, o seu livro mais alemão. Esse longo ensaio começou a ser germinado na Alemanha – onde Sérgio esteve entre os anos de 1929 e 1930 –, sob uma dupla influência: a da ascensão do nazismo, que já começara a ensaiar suas barbaridades, e a da cultura germânica. Foi dela que Sérgio herdou, por um lado, o gosto da generalização por meio de tipos e, por outro, a confiança para alçar vôos um pouco mais altos a partir da simples acumulação de informações.

---

<sup>396</sup> Candido, “Raízes do Brasil”, in *Teresina etc.*, op. cit., p. 149 [grifo nosso].

<sup>397</sup> in *Vários escritos*, op. cit., p. 193-214.

<sup>398</sup> in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 320-327.

<sup>399</sup> in *Vários escritos*, op. cit., p. 241-251.

Marcada a originalidade intelectual do livro, que lançava mão de um arsenal teórico e de uma forma de interpretá-lo ainda inéditas no Brasil, Candido pode trazer ao primeiro plano e dar-lhe cores definitivas a outra singularidade, que ele próprio levou alguns anos a perceber. *Raízes* “era o único ‘retrato do Brasil’ que terminava de maneira premeditada por uma posição política radical em face do presente. De fato, o livro é ao mesmo tempo uma análise do passado (que pegou mais) e uma proposta revolucionária de transformação do presente (que pegou menos).”<sup>400</sup>

Essa proposta revolucionária não está no simples reconhecimento de um acelerado crescimento urbano. Está, também, na assunção por parte de Sérgio de uma posição “democrático-popular”, a qual, por um lado, reorganiza a leitura de Candido desse último capítulo e, por outro, abre-lhe um espaço para caracterizar as posições de esquerda discretamente cultivadas por Sérgio.

Sérgio surgia, dessa leitura renovada do último capítulo de *Raízes do Brasil*, como o intelectual de primeira linha que sempre foi e também como um militante tão discreto quanto as entradas políticas na sua interpretação do país. “Sérgio Buarque de Holanda nunca foi militante político propriamente dito, mas teve desde moço consciência política e posições ideológicas definidas para o lado da esquerda, e como tal sempre foi tido.”<sup>401</sup> Apontada na obra, cabia agora ao amigo, apontá-las na vida. E é o que Candido passa a fazer.

Tudo começa com uma recusa – a de participar, em 1928, do Bloco Operário Camponês, que era um agrupamento de frente única orientado pelo Partido Comunista – e com uma experiência – a da ascensão do nazismo na Alemanha. Desde então Sérgio começa a tomar parte de maneira mais efetiva. Foi um dos membros fundadores, em 1942, da Associação Brasileira de Escritores, que participou das manifestações contra o Estado Novo. Participou também da fundação, no Rio de Janeiro, da Esquerda Democrática, onde continuou atuando mesmo depois de sua mudança para São Paulo e da transformação desse agrupamento no Partido Socialista Brasileiro, pelo qual se candidatou por determinação da legenda, do mesmo modo que Candido – cujo caminho político se cruza com o de Sérgio de

---

<sup>400</sup> Candido, “Sérgio em Berlim e depois”, in *Vários escritos, op. cit.*, p. 247.

<sup>401</sup> Candido, “A visão política de Sérgio Buarque de Holanda”, in Candido (org.), *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 81.

uma maneira inseparável, pois os dois passam a militar sempre nas mesmas agremiações. (E aqui a memória de Candido assume uma posição mais assertiva: “é incorreto dizer, como um jornal de São Paulo e outro do Rio, que Sérgio foi ‘fragorosamente derrotado’, expressão que pode dar uma imagem distorcida dos fatos, se der a idéia de alguém empenhado na luta com desejo de vencer, mas acabando frustrado no intento”,<sup>402</sup> o que não era o caso dele.) Nos anos 60, exprimiu de vários modos sua desaprovação com o regime, inclusive aposentando-se em solidariedade aos colegas arbitrariamente afastados. E, já no fim da vida, sua filiação ao PT.

Mais importante do que aprofundar essas indicações sumárias, que também o são nos textos de Candido, é entender que elas se tornam o eixo de sua leitura dos livros de Sérgio. Nos que Candido lhe dedica, vida e obra passam a caminhar sempre juntas, uma agregando sentido à outra, como se só pudesse ir além da discrição de ambas quando essas duas instâncias estão em contato.

Assim, essas posições de esquerda que Sérgio cultivou ao longo da sua vida – praticamente todas elas posteriores à publicação de *Raízes do Brasil* –, iluminam retrospectivamente aquele que tem sido o ponto sempre escolhido por Candido para apontar a radicalidade de seu pensamento. Esta só ganha sua verdadeira dimensão quando a leitura minuciosa de Candido se colora com as tintas da memória de sua convivência política, com Sérgio.

A interpretação política torna-se, então, o eixo ao redor do qual passam a girar as inovações ideológicas e intelectuais do livro. E a posição “democrático-popular” de Sérgio é o ponto de injunção. Apontar as camadas oprimidas como as únicas capazes de revitalizar a sociedade brasileira era uma asserção que, com uma só tacada, punha de lado as soluções fascista e comunista – cujo autoritarismo Sérgio desprezava, a despeito do prestígio que gozavam na época em que o livro fora lançado; e, principalmente, com aquela que parecia ser a saída para os regimes de exceção, a solução “ilustrada” – segundo a qual o povo era um agrupamento incapaz, que precisava ser guiado e dirigido pelos setores mais esclarecidos da sociedade –, cujo ele elitismo desmascarava. Assumir “a capacidade de

---

<sup>402</sup> Ibid., 250.

liderança e criatividade política das massas é um momento alto do nosso pensamento radical”,<sup>403</sup> e só Sérgio foi capaz de formulá-lo na década de 1930.

E, com essa radicalidade, Sérgio redefine, também, a posição do historiador em face do passado. Ela significa, primeiro, o abandono da tradição aristocrática de avalista, intérprete e orientadora da nossa sociedade, como era o caso de Gilberto Freyre e Oliveira Viana. “Nos dois autores, a tradição luso-brasileira era apresentada não apenas como padrão interpretativo privilegiado, mas com certa aura valorativa que poderia levar a uma visão conservadora da história.”<sup>404</sup> E uma visão conservadora da história quer dizer uma visão conservadora do presente. Por isso, essa guinada interpretativa significa, também, uma ruptura com o ponto de vista das classes dominantes, cuja perspectiva nostálgica e aristocrática impregna de conformismo a nossa realidade contemporânea. E, por fim, não é de estranhar que todo esse percurso acabe numa “redefinição das funções do historiador, ao deixar claro que o conhecimento do passado deve servir para facilitar a liquidação das sobrevivências; e não para gabá-las nem para justificar sua manutenção.”<sup>405</sup>

E aqui o caminho está percorrido. Das diversas interpretações que fez de *Raízes do Brasil* Candido foi sentindo, cada vez mais, a necessidade de ressaltar-lhe a radicalidade e a originalidade dos pontos de vista, o que, contudo, só poderia ser feito se houvesse algo que embasasse essa “leitura relativamente livre, mas [...] não arbitrária do capítulo final de *Raízes do Brasil*.”<sup>406</sup> Daí surge o resgate das posições de esquerda que Sérgio carregou consigo pela vida afora. Da vida para a obra, da obra para a vida; e nenhuma das duas saí incólume do confronto.

Mas ainda havia algo faltando. Demarcadas todas as posições radicais da vida e da obra de Sérgio, restava o resgate de mais uma das suas características, sem a qual ficaria de alguma forma mutilado: o humor.

---

<sup>403</sup> Candido, “Sérgio, o radical”, in *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*, São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/USP, 1989, p. 65.

<sup>404</sup> Candido, “A visão política de Sérgio Buarque de Holanda”, in Candido (org.), *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, op. cit., p. 85.

<sup>405</sup> Candido, “Sérgio em Berlim e depois”, in *Vários escritos*, op. cit., p. 248.

<sup>406</sup> Candido, “A visão política de Sérgio Buarque de Holanda”, in Candido (org.), *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, op. cit., p. 83.

Numa entrevista dada ao *Jornal da USP*, em 2002, esse outro lado da personalidade de Sérgio surge de uma maneira bastante direta. Candido busca, em cada pergunta, marcar o caráter contraditório da personalidade de seu amigo: Sérgio foi um “homem de uma capacidade de reflexão, de concentração fora do comum e um grande boêmio. Um homem que encarava os problemas com uma seriedade, como eu tenho visto poucas pessoas encararem, e extremamente moleque. Um gozador.”<sup>407</sup> Mas o que até então sempre fora feito discretamente, vai ganhando tintas mais fortes, mais incisivas, como não é comum na prosa de Candido:

Quando ele fez 60 anos, houve uma grande festa na sua casa, na rua Buri. Fernando Henrique estava lá e se divertiu muito. Numa certa hora, nós já tínhamos tomados lá uns tantos uísques, o Sérgio Buarque começou a cantar uma música alemã da qual ele gostava muito. Então, de repente, ele falou: “Vamos dançar” e nós improvisamos um balé. Lá estávamos nós – Sérgio com 60 anos, eu com 44 – nos pondo a dançar e a cantar ali no meio da sala. Quando eu olho, vejo sentados três jovens professores da faculdade, discípulos dele, estarecidos com o doutor Sérgio. Era o grande historiador, o mestre deles, dançando, fazendo balé com Antonio Candido, ali, no meio de uma festa.<sup>408</sup>

Certamente, o estarecimento não é apenas dos três jovens discípulos de Sérgio; é de todos que, acostumados com a discrição de Candido – ou melhor, com a discrição da sua pessoa que se manifesta através da discrição da sua prosa –, abre um certo sorriso com uma confissão tão sem pudores.

Passagens como essa há outras na entrevista. Contudo, o que parece ser a chave para a caracterização de Sérgio é a fusão dessas duas dimensões na sua pessoa. É o que se dá, por exemplo, na troca de uma correspondência pitoresca entre os dois durante os anos em que Sérgio estava ensinando na Itália. Candido, querendo dar-lhe notícias das coisas, decide escrever-lhe uma carta, cujo estilo datasse trezentos anos.

A linguagem era aquela tosca e irregular da Atas da Câmara, Autos de Visitação, etc. Havia problemas difíceis de resolver, como, por exemplo, dar uma notícia de Rodrigo Melo Franco de Andrade, nosso grande

---

<sup>407</sup> Candido, “Um trabalhador intelectual”, in *Jornal da USP*, São Paulo, 17 a 23 jun. 2002, p. 12.

<sup>408</sup> *Ibid.*, p. 12.

amigo, que era mineiro, mas Minas ainda não existia... Então inventei a fórmula: “natural de Cappitania das Minas que ainda estão para se achar”. Anoto isso para contar a grande inventividade dele na resposta. Esta veio em mãos, trazida por um amigo comum que viajava de avião. De que maneira relatar esse fato no século XVII? Sérgio escreveu: “Há portador desta Dom Paulo Mendes Dalmeyda que pasasa a esa Comquista na máquina Passarola, que ha de iuentar a seo tempo o Padre Berto Lameu de Guzman da villa de Santos nessa marinha”.<sup>409</sup>

Embora tenha começado a brincadeira, Candido confessa que desistiu porque não agüentou o ritmo de Sérgio que, em sua estada em Nova Iorque, mandou-lhe uma carta em inglês do século XVII e, depois, outra em latim.

Para além do carácter pitoresco das lembranças, elas servem para marcar essa personalidade dual porém combinada de Sérgio. Acontece que, ao fazer parte de todas essas estripulias, Candido acaba por configurar a si mesmo, ainda que indiretamente, nas memórias que dedica a um dos seus amigos mais íntimos.

## 5.

Sempre que voltou os olhos para o passado com a finalidade de traçar a genealogia do seu interesse pelo Brasil, Candido nunca se esqueceu de Gilberto Freyre e do impacto que *Casa grande e senzala* exerceu sobre ele. É verdade que, com o passar dos anos, sua atenção tenha se detido com mais vagar e com mais interesse em *Raízes do Brasil*. Mesmo no prefácio ao livro de Sérgio Buarque de Holanda, podemos sentir que, num primeiro momento, o alumbramento com o livro de Gilberto Freyre foi muito maior: “O jovem leitor de hoje talvez não possa compreender [...] a força revolucionária, o impacto libertador que teve esse grande livro. Inclusive pelo volume de informação, resultante da técnica expositiva, a cujo bombardeio as noções iam brotando como numa improvisação de talento, que coordenava os dados conforme pontos de vista totalmente

---

<sup>409</sup> Candido, “Amizade com Sérgio”, in *Revista do Brasil*, n. 6, *op. cit.*, p. 133.

novos no Brasil daquele tempo.”<sup>410</sup> Já *Raízes do Brasil* “era um livro curto, de poucas citações, que atuaria menos sobre a imaginação dos moços.”<sup>411</sup>

O problema é que essas recordações trazem sempre consigo uma pitada de amargura. São cortes temporais, tristes ressalvas, restrições ideológicas que não permitem, por mais que Candido queira, qualquer espécie de aproximação sentimental com esse livro que tão profundamente marcou sua geração. Na entrevista que concede a Heloisa Pontes, ele marca essa posição: “É preciso vocês esquecerem as críticas posteriores sobre o corte conservador de muitas posições de Gilberto Freyre”,<sup>412</sup> ou num texto sobre as influências da década de 1930 sobre a cultura, Candido escreve que “o livro de Gilberto Freyre (*apesar do peso saudosista de uma visão aristocrática*) funcionou como fermento radicalizante [...]”.<sup>413</sup>

Cria-se, assim, uma aproximação sempre ambígua com a obra daquele antropólogo pernambucano. Se Candido não pode falsear o passado e ignorar o impacto que teve na sua formação, tampouco pode ignorar os rumos políticos posteriores de Gilberto Freyre – que se tornou um admirador da ditadura salazarista – nem os excessos intelectuais que a maturidade e as outras leituras feitas apontaram: “Quero dizer ainda que aos poucos fui vendo outros lados do livro, nem sempre favoráveis. Creio que o li inteiro umas cinco vezes, e uma coisa que acabou parecendo negativa foi a visão senhorial [...], a idéia de que a classe dominante era o sal da sociedade.”<sup>414</sup>

Mas se buscarmos as primeiras manifestações do jovem crítico, já percebemos esse traço de aproximação e distanciamento com que sempre se relacionou com a figura de Gilberto Freyre. O texto escrito para seu rodapé na *Folha da Manhã* data de 1943, quando ainda havia uma maior boa vontade de Candido para com o autor de *Casa grande* e tem como finalidade a defesa desse que é “um dos representantes mais nobres da nossa cultura”, que estava sofrendo infames perseguições em Pernambuco. E Candido não lhe poupa elogios. Louva-lhe a capacidade de renovação dos estudos sociais; a integridade com que

---

<sup>410</sup> Candido, “Raízes do Brasil”, in *Teresina etc.*, op. cit., p. 136.

<sup>411</sup> Ibid., p. 137.

<sup>412</sup> Candido, “Entrevista com Antonio Candido”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 47, op. cit., p. 7.

<sup>413</sup> Candido, “Literatura de dois gumes”, in *Educação pela noite*, op. cit., p. 190 [grifo nosso].

<sup>414</sup> Candido, “Entrevista com Antonio Candido”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 47, op. cit., p. 8.

tem suportado os tormentos; a vontade de “caminhar com o mundo para um progresso efetivo e real no sentido do reajustamento das relações sociais.” Apesar dos elogios, Candido não deixar de marcar suas diferenças: “Gilberto Freyre, pelo que transparece nos seus últimos escritos e conferências, é de certo modo um tradicionalista, que, como tal, tende a aceitar a evolução chamada normal das instituições sociais.” Contudo, ao contrário do que predominará no futuro, as divergências não o separam: “Um tradicionalista, porém, no melhor dos sentidos, e nunca um reacionário.”<sup>415</sup>

Mas, como vimos, foram se criando tantas barreiras entre os dois que as lembranças de Gilberto Freyre ficaram por demais problemáticas. Talvez por isso, no texto que escreve um dia após a sua morte, Candido tenha decidido por um enquadramento cronológico da memória. “O Gilberto Freyre que desejo lembrar no momento de sua morte é o que vai de 1933, publicação de *Casa grande e senzala*, até 1945, quando foi eleito, pela Esquerda Democrática, deputado à Assembléia Nacional Constituinte.”<sup>416</sup> Ou seja, vai concentrar-se no período anterior àquele em que, segundo Carlos Guilherme da Mota, Freyre descamba para um luso-tropicalismo. Mas o problema dessas lembranças é que Candido não consegue mais esquecer os excessos posteriores do autor de *Sobrados e mocambos*, o que dá ao texto um movimento interessante: cada característica digna de admiração é sempre seguida por uma nota cinzenta, relativizando-a, à qual, por sua vez, se segue um novo, porém triste, alento. Embora Candido reconheça que *Casa grande e senzala* tivesse “revolucionado a visão do brasileiro sobre a sua própria realidade”, surge a consciência crítica que interrompe esse movimento de aproximação – “[m]ais tarde se veria o quanto o livro tinha de extrapolação e arbítrio” –, ao qual se segue uma nova retomada do movimento admirativo. “Naquela hora, o sentimento foi de choque revelador.”<sup>417</sup>

Assim, o que o atrai em Gilberto Freyre é o intuito anti-convencional de *Casa grande e senzala*, que se tornou um livro ponte nas análises sociológicas brasileiras ao romper com alguns preconceitos que marcavam os estudos da mistura racial. O que causou mais impacto em sua geração foi, por um lado, a “maneira liberta” com que “desmontou” a

---

<sup>415</sup> Candido, “Gilberto Freyre”, in *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 dez. 1943, p. 5, de onde foram tiradas todas as citações do parágrafo.

<sup>416</sup> Candido, “Aquele Gilberto”, in *Recortes*, op. cit., p. 82.

<sup>417</sup> Ibid., p. 83.

solenidade característica da nossa historiografia tradicional e, por outro, a ousadia de encarar de frente a herança africana na cultura brasileira.

A obra é então iluminada por uma série de imagens biográficas que servem para caracterizar o radical de então. Sucedem-se rapidamente a coragem de lutar contra a ditadura pernambucana de Agamenon Magalhães, a sua prisão, a resistência às perseguições políticas que praticamente tornaram a sua vida em Recife impossível, os comícios regados a tiros.

Contudo, ao contrário do que acontece com Sérgio Buarque de Holanda, como já dissemos antes, não há uma adesão completa de Candido à figura de Gilberto Freyre. Esse pequeno texto é pontuado por aquele movimento constante. Ao entusiasmo para com a radicalidade de então, segue-se uma consciência que a poda e a circunscreve num período restrito de tempo, à qual, por sua vez, segue uma nova aproximação, mas que soa mais como uma dívida que deve ser paga. Logo após o momento mesmo em que a sucessão de imagens atingiu seu clímax com o assassinato de Demócrito de Souza Filho, que caiu morto ao seu lado em um comício com uma bala “que talvez se destinasse ao grande sociólogo inconformado”, surge a nota triste – “[d]epois disso, no correr dos anos, mudou bastante. Mudou demais” – que nem sequer a passagem posterior, na qual a admiração é retomada, consegue apagar: “Mas naquele momento foi um dos maiores exemplos de resistência e de consciência radical no Brasil.”<sup>418</sup>

Assim, os adjuntos adverbiais de tempo que se espalham por todo o texto – “naquele tempo”, “naquele momento” – servem como uma espécie de entrave para que haja uma aproximação sincera entre Antonio Candido e Gilberto Freyre.

Fica o respeito e a gratidão, mas eternamente marcados pelo desapontamento.

## 6.

Com Caio Prado Júnior, um segundo e menos frondoso galho na formação do seu interesse pelo país, temos de volta aquele mesmo movimento de admiração sincera que

---

<sup>418</sup> Ibid., p. 82, de onde foram tiradas todas as citações desse parágrafo.

marca a relação de Antonio Candido com Sérgio Buarque de Holanda. E o livro que marcou o início do interesse de Candido por sua obra foi *Formação do Brasil contemporâneo*. Sem a exuberância interpretativa de Gilberto Freyre, nem a erudita discrição de Sérgio, esse historiador marca seu lugar no imaginário de uma geração pela solidez “bem documentad[a] dos substratos materiais, como um guia para a visão renovadora da estrutura da sociedade.”<sup>419</sup> Isso sem contar “o materialismo histórico, que estava sendo em nosso meio uma alavanca extraordinária de renovação intelectual e política. Nesse livro, ele aparecia pela primeira vez como um instrumento de captação e ordenação do real, e não como recurso partidário com finalidade prática imediata.”<sup>420</sup>

Porém, segundo Candido, um dos problemas de sermos regidos por uma mentalidade conservadora é que, “quando precisamos pensar o país, temos de importar praticamente todos os instrumentos.”<sup>421</sup> E um pouco mais à frente, conclui: “Portanto, penso que uma posição ou um pensamento político só são eficazes quando se ajustam à realidade do país e podem adaptar-se à sua tradição; no caso, tradição de radicalidade.”<sup>422</sup>

A partir dessas colocações, podemos perceber, naquelas poucas palavras que lhe dedica no prefácio a Sérgio, tudo o que a figura de Caio Prado Junior vai enfeixar nas lembranças de Candido: apego ao dado concreto como elemento de interpretação e a adoção do materialismo histórico como linha teórica sem compromissos partidários. Na verdade, a força da radicalidade de Caio está, exatamente, na justaposição dessas duas instâncias, a partir da qual cada uma pode enriquecer a outra.

Anos atrás, talvez uns quinze, Caio Prado Júnior me propôs ir com ele de automóvel até o Piauí, para ver a obra social de um padre, que lhe parecia do maior interesse. Recuei espantado, ante a perspectiva de tantos mil quilômetros por esse mapa imenso e perdido. Não podia, mas também não queria, por falta de disposição. Ele riu e dali a tempos foi sozinho pilotando seu Volkswagen [...]. Na volta, contou minuciosamente a expedição longínqua, como tempos antes havia contado outra expedição até o sertão da Paraíba, ou de Pernambuco (não me lembro bem) [...].<sup>423</sup>

---

<sup>419</sup> Candido, “Raízes do Brasil”, in *Teresina etc.*, op. cit., p. 137-8.

<sup>420</sup> Ibid., p. 138

<sup>421</sup> Candido, “Sérgio, o radical”, in *Sérgio Buarque de Holanda*, op. cit., p. 63.

<sup>422</sup> Ibid., p. 64.

<sup>423</sup> Candido, “A força do concreto”, in *Recortes*, op. cit., p. 175.

Essa lembrança tem, aparentemente, o valor de uma anedota, de uma mera curiosidade. Mas, ao contrário, se a situarmos no quadro delineado acima, ela passa a ter uma função mais complexa: a de caracterizar o historiador movido pelo desejo de conhecimento da realidade concreta. E é esse espírito que pontua toda a obra de Caio Prado Junior: o mergulho nos aspectos fundamentais que compõe a sociedade brasileira. Esse apego ao dado concreto ganha, então, uma dupla dimensão. Por um lado, ele serve como signo do seu conhecimento profundo do corpo vivo do Brasil, o qual vai servir de material bruto a ser decupado pelo materialismo histórico; este, por sua vez, fermentado pela realidade brasileira, perde seu caráter de fórmula e assume todo o seu potencial revolucionário. Por outro, o apego ao dado concreto funciona como uma reafirmação da influência exercida por Jean Maugüe na sua geração, fato que Candido não deixa passar despercebido, como o fez na entrevista dada à revista *Trans/formação*, na qual define a sua produção teórica exatamente a partir desse respeito à força da realidade concreta: “Eu não seria capaz de distinguir ou de definir a ‘linha teórica básica’ de minha atividade, porque a considero regidas por preocupações muito empíricas. *Sempre tive tendência para o concreto e as situações como se apresentam.*”<sup>424</sup>

Assim, a imagem da jornada serve para caracterizar essa profunda ligação de Caio Prado Júnior, e de toda a geração formada sob seu influxo, com o “corpo físico do Brasil”. Essa imagem é reduplicada pela da andança pelos arredores de São Paulo, que fazia aos domingos em companhia de Pierre Deffontaines, de quem foi aluno na subseção de Geografia e História da USP, onde foi, diga-se de passagem, o primeiro matriculado no ano de 1934. Nessas caminhadas, Caio Prado Júnior, como todos aqueles formados pela FFCL, aprendeu “a ‘ver’ a terra que antes apenas ‘olhava.’” O que Candido valoriza aqui é o conhecimento que não se dá somente pela via indireta dos livros, “mas [também] pelo contato primário e insubstituível da experiência pessoal”.<sup>425</sup> E mais uma vez os fios da memória começam a formar um bordado bem composto. Por essas palavras somos remetidos, primeiro, para a formação de toda essa geração que também aprendeu a ver o

---

<sup>424</sup> Candido, “Entrevista”, in *Brigada ligeira e outros escritos*, op. cit., p. 231 [grifo nosso].

<sup>425</sup> Candido, “A força do concreto”, in *Recortes*, op. cit., p. 176, de onde foram tiradas todas as citações do parágrafo.

país através dos olhos da missão francesa, além de todas as consequências geradas por esse aprendizado.

Há, contudo, uma outra remissão. Se Caio Prado Junior se junta a Florestan Fernandes como os dois únicos pensadores que conseguiram superar a ortodoxia marxista, a qual via o materialismo histórico como uma fórmula igualmente aplicável em todos os cantos do mundo, eles se separam pela forma de atingir tal fim. Florestan – que partiu dos livros e chegou às pessoas – tinha uma rara capacidade de transformar “sem cessar a realidade em matéria de reflexão e interpretação”.<sup>426</sup> Caio, por sua vez, “era um homem profundamente mergulhado na realidade do seu país, que conhecia em detalhe e sobre o qual fazia sem cessar observações *in loco* de geógrafo e economista.”<sup>427</sup> Há, aqui, uma inversão do processo mais comum de conhecimento, que tende a reduzir a força da realidade concreta a uma abstração. Mas Caio Prado Júnior está de tal forma embebido de dados concretos que é a partir deles que procedem todas as suas generalizações.

*Formação do Brasil contemporâneo*, publicado em 1942, é a maturação de todas essas qualidades. Ali está o estudioso do concreto, atento aos conhecimentos físicos, à distribuição da população, etc.; o “desvendamento bem documentado dos dados materiais [serve] como guia para uma visão renovadora da sociedade.” Como embasamento teórico, está presente o materialismo histórico e sua visão dialética da realidade, que Candido considerou – e ainda considera – “uma alavanca extraordinária de renovação intelectual e política”, servindo “[...] como instrumento de captação e ordenação do real, e não como recurso partidário com finalidade prática imediata.”<sup>428</sup> E, através da lembrança de Caio Prado Junior, Candido pode repor em discussão as chaves para se pensar radicalmente o país: a atenção ao dado concreto e sua utilização como fermentadora de um marxismo heterodoxo.

---

<sup>426</sup> Candido, “Um instaurador”, in *Florestan Fernandes, op. cit.*, p. 57.

<sup>427</sup> *Ibid.*, p. 56-7.

<sup>428</sup> Candido, “Raízes do Brasil”, in *Teresina etc., op. cit.*, p. 138, de onde foram tiradas todas as citações do parágrafo.

7.

Chegou a hora de desenredarmos os fios de uma afirmação que apenas fizemos durante as considerações sobre Sérgio Buarque de Holanda. Localizamos na década de 1980 uma preocupação crescente de Candido com o que chama de pensamento radical brasileiro – ou ausência dele, afinal, para o nosso memorialista, “um dos traços fundamentais da mentalidade e do comportamento político brasileiro é a persistências das posições conservadoras, formando uma barreira quase intransponível.”<sup>429</sup> Partindo dessa constatação factual, cabe-lhe buscá-la nas obras de alguns autores mais progressistas – como Manuel Bonfim e Sérgio Buarque de Holanda – ou nas manifestações esporádicas de alguns outros conservadores.

E, diga-se de passagem, Candido não procura nenhuma veia revolucionária, daquelas que passam por cima das diferenças de classe e propõem uma transformação profunda da sociedade. O radical, oriundo dos setores médios, não consegue ir além do seu ponto de vista, não sendo capaz de, com isso, localizar “devidamente os interesses próprios das classes subalternas, e assim não vê a realidade à luz da tensão entre elas e a dominante.”<sup>430</sup> Por isso o radical acaba muitas vezes como um conciliador. Contudo, sua importância em países subdesenvolvidos como o nosso, em que o potencial revolucionário do povo está sempre defasado, não pode ser ignorada. “Nessas condições, o radical pode assumir papel relevante para suscitar e desenvolver esta consciência e para definir as medidas progressistas as mais *possíveis*. Digamos que ele pode se tornar um agente do possível mais avançado.”<sup>431</sup> Assim, um primeiro passo para o “exercício adequado e eficiente das idéias de transformação social, inclusive de corte revolucionário”,<sup>432</sup> passa pelo estudos do percurso inconcluso do pensamento radical brasileiro nas suas manifestações políticas e intelectuais.

---

<sup>429</sup> Candido, “Radicalismos”, in *Vários escritos, op. cit.*, p. 193. Noutra ocasião, Candido é ainda mais contundente: “Vamos começar pela seguinte pergunta: ‘Há no Brasil algum grande pensador radical?’ A resposta é – não” (Candido, “Sérgio, o radical”, in *Sérgio Buarque de Holanda, op. cit.*, p. 64).

<sup>430</sup> Candido, “Radicalismos”, in *Vários escritos, op. cit.*, p. 194.

<sup>431</sup> *Ibid.*, p. 195.

<sup>432</sup> *Ibid.*, p. 193.

Em “Perversão da *Aufklärung*”, Antonio Candido vai mais longe. Se em “Radicalismos” a elite ainda podia ser vista como esporadicamente radical, nesse discurso pronunciado em Havana quando do II Encuentro de Intelectuales por la Soberanía de los Pueblos de Nuestra América, o tom das críticas cresce – como não podia deixar de ser, dado o lugar e o mote do encontro. Todos os países da América Latina utilizaram-se largamente do discurso Ilustrado como base para seus processos de independência política. E uma das palavras de ordem da Ilustração era a de que o saber deveria ser partilhado por todos como uma forma de tirar o homem das trevas em que viviam. Mas, por aqui, essa fórmula foi pervertida. Nas mãos das elites, que se julgavam esclarecidas o suficiente para difundirem as luzes para as massas ignotas, o “saber como salvação acabava na verdade como teoria da salvação de poucos eleitos.”<sup>433</sup> O saber tornou-se, assim, um instrumento de dominação, porque era um privilégio de poucos, compartilhado por poucos para servir como domínio sobre muitos. Mesmo as escolas superiores enquadraram-se nessa prática perversa, porque “foram máquinas eficazes de conformação das mentalidades”.<sup>434</sup> Como já vimos anteriormente, a situação só começou a mudar quando a década de 1930 explodiu todas as contradições fermentadas no seio dos velhos quadros culturais e políticos do país. Mesmo assim, a participação popular foi mínima. E Candido conclui afirmando que “a tarefa na América Latina é liberar a dimensão utópica da Ilustração por meio dos movimentos populares que obtenham, afinal, a difusão do saber.”<sup>435</sup>

Em linhas bem gerais, percebemos que Candido havia localizado e liberado todo o potencial radical de Sérgio Buarque de Holanda quando trouxe para o primeiro plano as suas propostas democrático-populares, que, como vimos, rompia com essa visão ilustrada pervertida ao colocar no centro dos debates a capacidade de auto-gestão das massas. Assim, esses textos se inserem num mesmo campo de preocupações intelectuais e políticas nutridas por Candido nos anos de abertura política, quando buscam, cada um à sua maneira, soluções para uma maior inserção das massas no novo cenário que se vislumbra.

Mas há um limite para o radicalismo de Candido nas suas memórias; chama-se Fernando de Azevedo e Julio de Mesquita. Ao debruçar-se sobre esses dois homens, figuras

---

<sup>433</sup> Candido, “Perversão da *Aufklärung*”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 322.

<sup>434</sup> Ibid., p. 324.

<sup>435</sup> Ibid., p. 327.

paradigmáticas do pensamento ilustrado no Brasil, Candido recua nas suas críticas, diminui o tom dos ataques à perversão elitista do potencial revolucionário do saber e busca sempre uma certa visão condescendente.

Fernando de Azevedo, de quem Candido fora aluno e assistente, oferece um espaço maior para esse esforço de “salvação” de certos aspectos da ilustração brasileira. Sua atuação no campo da educação é bastante reconhecida, e Candido não se cansa de louvá-la, seja no plano prático – como um atuante “reformista” – seja no plano teórico. Segundo nosso memorialista, uma das grandes contribuições de Fernando de Azevedo para o estudo da nossa educação é o de vinculá-la à estrutura e à organização da sociedade. É assim, partindo da premissa que nós fomos uma “sociedade escravocrata colonizada”, que ele consegue perceber como se enraizou por aqui

um ensino aristocrático com base nas humanidades clássicas, que não foi convenientemente substituído por fórmulas novas depois da extinção da Campanha de Jesus [...]. Em consequência, tivemos um ensino secundário dependente, concebido como preparação para as escolas superiores, isto é, para o viveiro dos quadros dirigentes, de tal modo que a instrução popular ficou relegada a segundo plano.<sup>436</sup>

A solução para superarmos esse abismo seria, então, buscar uma educação democrática, que atenuasse “a distância entre as camadas dominantes e as dominadas, possibilitando ao maior número o acesso ao nível das elites que orientam a sociedade e cuja formação não deve depender de qualquer privilégio.”<sup>437</sup>

A impressão que temos desse resumo que Candido faz das propostas teóricas de Fernando de Azevedo é muito próxima das suas formulações sobre a nossa concepção elitista do conhecimento e das formas radicais de superá-la. Mas é exatamente aqui, onde os pensamentos pareciam convergir harmoniosamente, que surge um nó. Se, como vimos a respeito de Sérgio Buarque de Holanda, as lembranças da sua vida e a leitura da sua obra podiam se apoiar uma sobre a outra, de forma que se pudesse extrair de ambas um pouco mais que se considerássemos essas duas instâncias separadamente, as lembranças que

---

<sup>436</sup> Candido, “Um reformador”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 37, 1994, p. 13-4.

<sup>437</sup> *Ibid.*, p. 14.

Candido faz de seu ex-professor, ao contrário, parecem abrir certos buracos na sua análise crítica.

Um dos pontos-chave da sua originalidade teórica seria a proposta de democratização do ensino, de forma a superar o abismo entre as classes sociais no Brasil. Mas o conceito de democracia que emerge das memórias de Candido é um tanto mais complexo. Numa resenha feita ao livro de Maria Luiza Penna sobre Fernando de Azevedo, Candido aponta que a autora vislumbra no seu objeto de estudo “incoerências potenciais, inclusive quando, ao chegar às consequências práticas, aos modos de atuar, assinala o conflito entre a grande aspiração democrática e alguns traços autoritários do reformador.”<sup>438</sup> Candido já havia assinalado, em outra ocasião, essa incoerência fundante da personalidade de Fernando de Azevedo:

ele era democrata decidido, mas tinha arraigada a idéia que era preciso concentração e força de mando para fazer prevalecer as normas e medidas necessárias à instauração democrática. Assim é que costumava brincar [...], dizendo: ‘O melhor regime é a ditadura esclarecida, contando que o ditador seja eu... A não ser assim, o melhor é a democracia.’<sup>439</sup>

A conclusão a que Candido chega para conciliar essa ambigüidade em Fernando de Azevedo rouba algo da força radical que a sua análise busca nos escritos teóricos do autor de *A cultura brasileira*. “Como [Fernando de Azevedo] não previa uma educação revolucionária, mas sim a educação viável numa sociedade de classes e privilégios, o seu esforço era assegurar o recrutamento mais amplo possível das capacidades reais, a fim de que as elites se renovassem com base nelas, em vez de se perpetuarem no privilégio.”<sup>440</sup>

Mas havia ainda uma outra questão, que exigia de Candido uma abordagem muito sutil e delicada. Quando da corrida eleitoral para presidente da República de 1994, a revista *Teoria & Debate* publicou um livreto com depoimentos de intelectuais que apoiavam a candidatura de Lula. Candido foi um deles e escreveu sobre as razões culturais

---

<sup>438</sup> Candido, “Fernando de Azevedo”, in *Recortes*, op. cit., p. 79.

<sup>439</sup> Candido, “Doutor Fernando”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 308-9.

<sup>440</sup> Candido, “Fernando de Azevedo”, in *Recortes*, op. cit., p. 79.

e educacionais que o levavam a considerá-lo como o candidato mais apto. A tese central do seu depoimento é a de que somente Lula seria capaz de sair do plano retórico e promover mudanças substanciais na educação, porque “até aqui, os educadores e os homens que têm regido a instrução e a cultura no Brasil podem ter tido intenções excelentes e métodos aceitáveis, mas não sentiram que é impossível fazer uma verdadeira reforma educacional e cultural sem mexer na organização do governo e na estrutura da sociedade.”<sup>441</sup> E assim conclui que “toda política educacional e cultural que não seja ao mesmo tempo um projeto de transformação econômica e social está condenada a acabar como benefício de minorias.”<sup>442</sup>

Considerando essa visão radical da educação, suas lembranças de Fernando de Azevedo lhe trazem um problema: a sua adesão a vários governos. É sabido que ele colaborou com políticos de diversas matizes, desde ferrenhos conservadores, como Washington Luís, até os mais liberais, como Armando de Sales Oliveira, chegando inclusive a elogiar certas políticas educacionais da ditadura Vargas. A solução é um conceito intencionalmente ambíguo: para ele, Fernando de Azevedo era um “oportunista desinteressado”,<sup>443</sup> ou seja, era um homem que buscava as melhores ocasiões para tentar implementar o que acreditava que era certo, sem com isso envolver-se ideologicamente com os governos. Isso significava que ele “punha os interesses das reformas acima de regimes e partidos, os quais encarava frequentemente como oportunidades e instrumentos.” Assim, seu foco “na ação era a coerência do espírito de reforma, que o levava a aceitar os meios capazes de promovê-la [...]”<sup>444</sup>

Mesmo abrindo espaços incômodos na radicalidade que busca para si e para seu ex-professor, Candido sempre acaba achando um meio de justificá-lo. As contradições inegáveis de Fernando de Azevedo não são postas contra uma luz que as iluminasse de fato. Permanecem sempre envoltas por uma penumbra que lhes poda as arestas, podendo, assim, descansar confortável no regaço da memória. “O seu drama [de Fernando de Azevedo] foi

---

<sup>441</sup> Candido, “Vontade política de promover mudanças”, in *13 razões para votar em Lula*. São Paulo: Comitê Nacional Lula Presidente/*Teoria & Debate*, 1994, p. 8.

<sup>442</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>443</sup> Candido, “Doutor Fernando”, in *Textos de intervenção*, *op. cit.*, p. 306 e “Um reformador”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 37, *op. cit.*, p. 16.

<sup>444</sup> Candido, “Um reformador”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 37, *op. cit.*, p. 16.

o de todo homem de mentalidade transformadora obrigado a atuar em conjuntura não revolucionária, pois as conjunturas revolucionárias são quase sempre as únicas que permitem mudar de fato a educação.”<sup>445</sup>

Resta saber se Fernando de Azevedo buscava, como deve ser o papel de um bom radical, criar as condições necessárias para a instalação dessas conjunturas.

Se com Fernando de Azevedo os recuos com relação às críticas às formas assumidas pelo pensamento esclarecido no Brasil já apontam alguns limites na radicalidade de Candido, com Julio Mesquita isso se torna ainda mais gritante – ou silencioso. Esse aristocrático representante da nossa tradição ilustrada tinha, segundo Candido, uma visão bastante otimista da história. Acreditava que era possível melhorar o homem pela universalização da instrução. Assim, para ele, a grande revolução se daria não pelas armas, mas pela difusão do saber. E esse papel cabia às elites, que, por isso, precisavam ser melhor preparadas. Não é de estranhar que tenha sido um dos idealizadores da USP, cuja concepção, como já vimos, era a de preparar os quadros da burguesia paulista para o exercício esclarecido da liderança.

O terreno que Candido tanto criticara em “Radicalismos”, “Perversão da Aufklärung” e em “Vontade política de promover mudanças” estava desenhado. Julio de Mesquita parecia sintetizar tudo o que havia de mais obtuso nas atitudes da nossa elite em relação à concentração espúria e à difusão restrita do saber. Mas é aqui que Candido se cala: “Não pretendo comentar e sim indicar esta posição idealista e generosa, que me parece uma das características ideológicas de Julio de Mesquita Filho [...]. Por isso, quem o conhecesse bem, mesmo discordando de suas posições políticas (era o meu caso), respeitava as suas posições culturais, admirando a coerência com que as concebia e o destemor com que lutava por elas.”<sup>446</sup>

---

<sup>445</sup> Candido, “Fernando de Azevedo”, in *Recortes*, *op. cit.*, p. 80-1.

<sup>446</sup> Candido, “Representante da tradição ilustrada”, in *Cultura*, suplemento de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1992, p. 12.

#### IV.

##### 1.

Poucas sínteses são tão diretas quanto essa, de Jorge Castañeda:

A Guerra Fria terminou e o bloco socialista ruiu. Os Estados Unidos e o capitalismo triunfaram. Em nenhuma outra parte esse triunfo é tão claro quanto na América Latina. Nunca antes a democracia representativa, a economia de livre mercado e as efusões oportunistas ou sinceras de sentimento pró-americano haviam coberto com tanta persistência a paisagem de uma região na qual, pouco tempo antes – a partir de outra vitória, a da Revolução Cubana –, homens e mulheres do mundo inteiro depositaram sua fé revolucionária em outro ideário. Hoje os países da região são governados por tecnocratas ou empresários conservadores e fanáticos pelos Estados Unidos, quase todos conduzidos ao poder – fato insólito no continente – por meio do voto. O empenho norte-americano no combate a uma esquerda ativa, influente e ameaçadora culminou em êxito inegável: essa esquerda foi derrotada após uma guerra inclemente e sem quartel.<sup>447</sup>

Não é de se admirar que Candido se sinta meio perdido, como se estivesse num barco em meio a um nevoeiro. O farol que guiou, durante séculos, o pensamento socialista foi a noção de progresso, a idéia de que o futuro seria melhor – diferente e ontologicamente superior, segundo Perry Anderson – que o presente. Isso não significava que o pensamento materialista fosse essencialmente linear e causal – basta pensarmos em Walter Benjamin e seu materialismo histórico vazado pelo pensamento teológico –, embora fosse essa a sua expressão mais comum. Mas a queda da URSS – que desde de 1917 povoou o imaginário da esquerda, mesmo o dos críticos de seus excessos, como a concretização da utopia revolucionária – e a conseqüente falência do projeto cubano significaram o desaparecimento desse marco de referência, o que deixou não só Candido, mas toda a esquerda sem rumo. (“Mas tenho dificuldade de analisar o futuro possível. No dia em que vi o Exército da Salvação distribuindo sopa para o povo em Moscou, deixei de

---

<sup>447</sup> Jorge Castañeda, *A Utopia Desarmada: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*, São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 19.

especular.”<sup>448</sup>) Era o fim não só da concepção de uma alternativa para o atual estado das coisas, como a própria idéia de que esse estado atual será melhor, mesmo que seja no mais distante dos futuros. Tudo isso deixou de ser verossímil. Estamos condenados a viver com a lúgubre idéia de que o futuro tornou-se irremediavelmente igual ao presente. “Nunca houve tanto fim. Com o colapso do socialismo real, toda uma época desaparece e vira história.”<sup>449</sup> Essas são as palavras com que Robert Kurz abre seu estudo sobre a derrocada do que chama de “socialismo de caserna”. Parece não restar dúvidas de que, com o fantasma da esquerda expurgado, o mundo pôde, então, atingir o seu irônico *télos*.

A tese do fim da história, cujos primeiros encaminhamentos foram dados por Hegel,<sup>450</sup> não é nova. Para Francis Fukuyama, o último a reclamá-la, a humanidade havia atingido o ponto final de sua evolução com o triunfo ideológico da democracia liberal. Tudo aquilo que fora o orgulho de alguns homens como os ideais elevados, os sacrifícios em nome de uma causa, havia se dissipado em meio à rotina das compras e dos votos. O fim da história significava também o fim da arte e da filosofia, pois a cultura fora reduzida à função curadora do passado. Sobre a imaginação moral ou política reina agora o cálculo dos tecnocratas. E os argumentos de Fukuyama ganham sua representação mais bem acabada na descrição de um individualismo deveras contemporâneo, louvado com um certo cinismo por Gilles Lipovesky.

Sociedade pós-moderna, maneira de dizer a inflexão histórica dos objectivos e modalidades da socialização, colocados hoje sob a égide de dispositivos abertos e plurais; maneira de dizer que o individualismo hedonista e personalizado se tornou legítimo e já não depara com oposição; maneira de dizer que a era da revolução, do escândalo, da esperança futurista, inseparável do modernismo, terminou. A sociedade pós-moderna é a sociedade em que reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação [...]. Esse tempo [o moderno] desfaz-se diante dos nossos olhos; é em parte contra tais princípios futuristas que as nossas sociedades se estabelecem, nessa medida pós-moderna, ávidas de identidade, de diferença, de conservação,

---

<sup>448</sup> Candido, “Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra”, in *Estudos de Sociologia*, Araraquara, a. 11, n. 20, 1. sem. 2006, p. 20.

<sup>449</sup> Robert Kurz, *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*, 3. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 16.

<sup>450</sup> Cf. Perry Anderson, *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, sobre quem me apoio.

de descontração, de realização pessoal imediata; a confiança e a fé no futuro dissolvem-se, nos amanhãs radiosos da revolução e do progresso já ninguém acredita, doravante o que se quer é viver já, aqui e agora, ser-se jovem em vez de forja o homem novo. [...] já nenhuma ideologia política é capaz de inflamar as multidões, a sociedade pós-moderna já não tem ídolos nem tabus, já não possui qualquer imagem gloriosa de si própria ou projeto histórico mobilizador; doravante é o vazio que nos governa, um vazio sem trágico nem apocalipse.<sup>451</sup>

Dentro desse vazio que se anuncia com um sorriso no rosto, sequer aos relatos se pode recorrer. Por um lado, a narrativa perdeu seu caráter pré-moderno de transmissão da sabedoria, encastelando-se junto com o romancista – seu não tão novo proprietário – numa torre de marfim onde ela se torna uma busca pessoal e intransmissível de sentido. Por outro, decupada em suas estruturas pragmáticas, os grandes relatos emancipatórios que orientaram a geração de Candido tornaram-se um mero jogo de linguagem que dissolve o sujeito social. E como se não bastasse, Lyotard anuncia: “A própria nostalgia do relato perdido desapareceu para a maioria das pessoas.”<sup>452</sup>

## 2.

Mas pensar em derrota efetiva, quando se fala de Antonio Candido, é um risco. Pensador dialético, Candido sabe extrair de onde menos se espera uma fatia de luz que inverte o problema e o recoloca noutros termos, agora como solução. Embora não ignoremos que esse método produza lá suas arbitrariedades, como no caso de Fernando de Azevedo, o resultado dessas inversões dialéticas é, em geral, uma crítica discreta e alentadora. É o que acontece com um breve texto, escrito em 1979 e que permaneceu inédito por 14 anos devido à censura do regime militar. Nele, Candido se insurge contra a primazia do “fato”, essa poderosa idéia que transforma a evidência do real numa arma de batalha contra a qual nada pode se insurgir. Mas, para nosso memorialista, mesmo ante os fatos cuja evidência pareça inquestionável, “o papel do intelectual consiste [...] em não

---

<sup>451</sup> Gilles Lipovetsky, *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa: Relógio D'Água, 1989, p. 10-11.

<sup>452</sup> Jean-François Lyotard, *A condição pós-moderna*, 5. ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 74.

considerar o fato como necessidade inelutável, nem considerar inapelável a circunstância que o formou.”<sup>453</sup>

E era essa a função de *Argumento*, revista fundada por Candido juntamente com outros intelectuais e cujo lema, cunhado por Paulo Emílio Salles Gomes, era: “Contra fato há argumento”. Fechada pela censura, parece ter ficado a desoladora lição de que contra o fato – a força destruidora dos órgãos de repressão – não haveria mesmo argumento possível. “Mas talvez seja possível interpretar de outro modo, dizendo que tanto há argumento contra fato, que os zeladores do fato consumado, da situação intolerável, usam toda a força contra a lucidez da razão, para apagarem o argumento correto e manterem o fato distorcido.”<sup>454</sup>

E segundo Lipovetsky, a vitória do “individualismo hedonista”, da “indiferença de massa”, da “realização pessoal imediata” sob as forças opressoras de qualquer “projeto histórico mobilizador” é um *fato*.

Mesmo valorizando a contemporaneidade de uma maneira completamente oposta à de Lipovetsky, outro intelectual que parece vergar ante o peso dos fatos é Eduardo Lourenço:

O fim do mundo bipolar, o triunfo da economia de mercado e a maior ubiqüidade comunicacional, não instalaram, por assim dizer, uma desordem nesses campos a que possa caber um conceito diabolizado de caos. Mas desfizeram, com uma presteza e uma intensidade desconhecidas, as normas e os reflexos de um mundo estruturado segundo o esquema do conflito e do antagonismo de tal modo que, de súbito, tivemos (temos) a sensação de estarmos, pela primeira vez, perdidos num deserto paradoxalmente convertido no paraíso do nomadismo universal. Em parte alguma um centro, nenhum indício no horizonte que possamos assimilar a um ponto de fuga, *uma abertura no estado de perplexidade que nenhum recurso ao passado possa resolver*.<sup>455</sup>

Com essas palavras, Eduardo Lourenço expressa todo o seu espanto frente à glorificação contemporânea do caos. Segundo o crítico português, diante a essa desestruturação

---

<sup>453</sup> Candido, “Censura-violência”, in *Recortes*, op. cit., p. 206.

<sup>454</sup> Ibid., p. 206.

<sup>455</sup> Eduardo Lourenço, *O esplendor do caos*. Lisboa: Gradiva, 1999, p. 9 [grifo nosso].

completa da ordem como a conhecíamos até então, nada sobra, nem mesmo o “recurso ao passado”.

Essa não parece ser, contudo, a posição intelectual de Antonio Candido. Sua relação com o passado, como temos visto, é ambígua. Numa entrevista dada a José Pedro Renzi, essa ambigüidade transparece com toda sua força: “O mundo que eu conhecia está acabando, por isso prefiro falar do passado. Mas continuo acreditando na vitória de uma forma de socialismo adequado ao tempo.”<sup>456</sup> E *Recortes*, publicado em 1993, parece ser uma síntese desse estado de espírito que oscila entre a fuga e a crença na vitória. Nesse livro estão reunidos textos aparentemente soltos, praticamente todos eles vazados por um tom pessoal, que, no seu conjunto, formam uma espécie de resposta dada por Candido ao atual estado das coisas. E essa resposta é dada, principalmente, através daquilo que, para Eduardo Lourenço, simbolizava a falência completa de uma forma de ver o mundo: o recurso ao passado. Nessa coletânea de textos curtos e pessoais, Antonio Candido preenche “o silêncio da morte com os efeitos simbólicos da alusão à plenitude.”<sup>457</sup>

*Recortes* tem sido, até aqui, uma espécie de fio de Ariadne para essa dissertação. Partimos dessa pequena coletânea que Candido organizou e seguimos seu rastro pelos labirintos da sua memória, para além das fronteiras seguras de suas 279 páginas. Foi assim que nos perdemos e nos orientamos em busca das lembranças dos seus professores franceses, dos seus mestres de 1920 e 1930 até chegarmos aos textos que constituem a parte final do livro, no qual estão rememorados seus amigos de militância política, todos mortos, assim como está morto o sonho que os alimentou pela vida afora.

Mas eles só estão mortos se tomarmos a morte e a derrota do socialismo como um fato inelutável. E é aqui que Candido acha uma saída tão singela quanto poderosa. O socialismo só está derrotado se o tomarmos como uma manifestação histórica pontual. “Mas o socialismo é mas vasto que as suas manifestações históricas”,<sup>458</sup> pronuncia Candido na abertura do seminários “Socialismo em Discussão”, organizados pela Fundação Perseu

---

<sup>456</sup> Candido, “Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra”, in *Estudos de Sociologia*, n. 20, *op. cit.*, p. 20.

<sup>457</sup> Arnoni Prado, “Anotador à margem”, in D’Incao e Scarabôto, *Dentro do texto, dentro da vida, op. cit.*, p. 141.

<sup>458</sup> Candido, “Prefácio”, in Maria da Conceição Tavares, Emir Sader, Eduardo Jorge (org.), *Globalismo e socialismo*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 9.

Abramo na virada do século. Com essa fórmula despretensiosa, Candido escapa à inevitável contestação de que o socialismo foi, de fato, derrotado através da construção de uma espécie de ética socialista fundada nas histórias de vida de seus amigos militantes.

No prefácio que escreveu ao livro de Apolônio de Carvalho – cujo título, *Vale a pena sonhar*, diga-se de passagem, é emblemático –, Candido põe em prática essa recuperação do socialismo através da conduta daqueles que o viveram não como um projeto político, mas como uma maneira de estar no mundo. Apolônio de Carvalho foi, sob esse prisma, um homem “que antes de ser formalmente socialista [...] já tinha os sentimentos básicos que nutrem o socialismo e se manifestaram quase naturalmente [...]”,<sup>459</sup> e que viveu sua vida de acordo com essas convicções. Assim, o livro que escreveu se inscreve como uma oportunidade de conduta, pois sua vida é o exemplo mais bem acabado de que o socialismo é um movimento vivo. E conclui: “Pensando nessas coisas senti a força das palavras finais de Apolônio de Carvalho, a quem a vida que teve confere uma autoridade única para afirmar a vitalidade das idéias socialistas, às quais se dedicou com uma bravura e uma lucidez que o leitor poderá verificar nesta fascinante narrativa autobiográfica.”<sup>460</sup>

Ao deslocar a prática socialista dos projetos históricos para a vida de seus militantes, Candido oferece uma dupla saída para seus impasses. Por um lado, digamos, político, reafirma a validade do socialismo para além das suas manifestações históricas pontuais e fracassadas e, por outro, pessoal, resgata a memória de seus amigos que o viveram como estilo de vida, como modo de estar no mundo e cuja vida – e não mais a morte – se enche de sentido.

### 3.

Se Candido procura resgatar o socialismo em sua dimensão mais pessoal, ninguém poderia ser mais emblemática que Teresa Carini Rocchi, a Teresina, pois é assim que ele a recupera. Ela “me doutrinou contra o fascismo e me comunicou uma espécie de

---

<sup>459</sup> Candido, “Prefácio”, in Apolônio de Carvalho, *Vale a pena sonhar*, Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 13.

<sup>460</sup> *Ibid.*, p. 16.

afetividade socialista.”<sup>461</sup> E é a partir dessa chave, nos fornecida pelo próprio Candido, que entramos em “Teresina e os seus amigos”, o texto biográfico mais completo que nosso memorialista já escreveu.

Esse trabalho biográfico – e, indiretamente, autobiográfico –, publicado nos anos finais da ditadura militar brasileira, pode ser dividido, de uma maneira relativamente livre – mas não arbitrária – em quatro partes. Na primeira, Candido nos apresenta a formação carola e pseudo-aristocrática de Teresina, que termina com seu casamento arranjado com o violoncelista Guido Rocchi. A ela se segue sua viagem ao Brasil, de onde nunca mais sai e onde passou a acompanhar a ascensão das idéias de esquerda nos meios imigrantes. Temos, por fim, sua desilusão com os rumos do mundo, anotada em seu caderno a cada triste virada de ano. (Da quarta parte, na qual Candido desloca sua atenção de Teresina para se concentrar no destino dos amigos que lhe freqüentaram a vida, trataremos mais à frente.)

Se a divisão das partes é livre, a escolha da maneira de lê-las beira os limites da arbitrariedade. Começemos pelo fim.

Mais para o fim da vida, já octogenária, Teresina perdeu algo da força da sua personalidade vulcânica, que tanto encantara Candido. Era como se não entendesse os rumos para os quais o mundo caminhava, tão distantes daquela utopia social por ela sonhada. Toda essa desilusão passa a transparecer na carta que escreve em 1948, e que, sem indicação de destinatário, supomos endereçada ao próprio Candido: “estou no fim da minha carreira na terra, onde recolhi só *fiascos*.”<sup>462</sup> Ou ainda numa anotação feita na virada de 1949: “Velha, só, doente e pobre, apeio de mais um ano, sem saber se será, finalmente, o último da minha vida! *Comigo morrerão todos os sonhos de uma sociedade melhor, de uma humanidade melhor*. As descobertas científicas mudaram, em pouco tempo, todos os ideais humanitários; e a bomba atômica se tornou o argumento preferido de todo chefe de estado e o espantinho recíproco das Nações.”<sup>463</sup>

---

<sup>461</sup> Candido, “Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra”, in *Estudos de Sociologia*, n. 20, *op. cit.*, p. 9.

<sup>462</sup> Candido, “Teresina e os seus amigos”, in *Teresina etc.*, *op. cit.*, p. 41.

<sup>463</sup> *Ibid.*, p. 43.

Essa última passagem indica o quanto mudou sua maneira de ver o mundo ao longo dos anos. Basta compararmos-a com uma outra anotação de seu caderno, feita mais de uma década antes, no qual o sonho retorna à baila, mas com um sentido completamente oposto:

Os erros dos outros devem indicar o melhor caminho para nós seguirmos e... sonharmos... Vive-se melhor sonhando! Os sonhos e os ideais alegam a vida e a prolongam, porque nos mantêm fortes e esperançosos de um futuro mais belo. [...] Depois de nós, alguém verá realizado nosso sonho. Teremos tido o mérito de haver contribuído para essa realização. (Janeiro de 1935).<sup>464</sup>

Postas lado a lado, essas duas passagens revelam profeticamente os desdobramentos de uma consciência socialista durante o absurdo que se mostrou o século XX. Oscilando entre a esperança desvairada na possibilidade de construção de um futuro melhor e a mais completa descrença de que a humanidade vai conseguir superar os descaminhos que ela mesma criou para si, os socialistas parecem ter chegado ao fim da vida cansados de uma luta infrutífera. “Mesmo nesse [no PT], tenho trabalhado pouco nos últimos anos, embora continue socialista convicto, e mesmo fiel a meu partido. Mas, com 75 anos, acho que já vou parando.”<sup>465</sup>

No final do texto sobre Teresina, Candido tenta uma nota mais esperançosa, como se ele tivesse a obrigação de preencher com algum sentido os últimos anos de desilusão de sua amiga: “Afinal, morreu [...] impaciente, reclamando irritada, imaginando conspirações óbvias por parte das Irmãs do hospital. Para falar com certa ênfase – morreu lutando, porque lutadora sempre foi.”<sup>466</sup> Mas se dependesse de como Candido encerra sua narração da vida de Teresina – por mais que ele se esforçasse do contrário, buscando nos delírios conspiratórios sinais de luta –, a impressão seria a de que não restou muito mais do que uma frase de Leopardi grava do seu túmulo: “Erta la fronte... E renitente al fato.”<sup>467</sup>

---

<sup>464</sup> Ibid., p. 30-1

<sup>465</sup> Candido, “Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra”, in *Estudos de Sociologia*, n. 20, *op. cit.*, p. 21.

<sup>466</sup> Candido, “Teresina e os seus amigos”, in *Teresina etc.*, *op. cit.*, p. 43-4.

<sup>467</sup> Leopardi *apud* *ibid.*, p. 44.

A saída para o dilema colocado pela desilusão de Teresina não está no presente, mas no passado, na maneira como ela conseguiu construir uma personalidade socialista e inconformada a despeito de toda formação que teve.

As cores com que Candido pinta o retrato dos primeiros anos de Teresina na Itália são as mais insípidas possíveis. Nascida à “sombra de um famoso castelo feudal”, educada por uma avó severa e criada num mundo provinciano e aristocrático, “Teresina se formou [...] rezando o terço, tricotando para os pobres, bordando colchas, pintando aquarelas, desfiando casos de família, – orientada para temer a Deus e ao Soberano, cujos representantes todo poderosos em casa eram primeiro o Pai e depois o Marido.”<sup>468</sup> E, como se não bastasse, morto seu pai, a quem era muita ligada, ela se viu de casamento arranjado pelos irmãos e pelos Condes que queriam, segundo ela, “descartar-se das responsabilidades [...], fato que Teresina comentou sempre com mágoa.”<sup>469</sup>

Teresina e seu marido vieram para o Brasil em 1890, na orquestra de uma companhia de ópera, e suas primeiras impressões do país não foram das melhores. Chegando em pleno dia de São Pedro, Teresina interpretou o foguetório comemorativo da data como uma espécie de traço de selvageria do povo brasileiro, fato que, em sua ótica, se confirmou com as primeiras apresentações da orquestra. “Ficou também chocada com os maus modos do público, que não respeitava os artistas e pateava por me dá aquela palha [...]. Noite após noite observava indignada umas mocinhas, que de um camarote de boca jogavam moedas de cobre na careca do tocador de bumbo. Que belo país!”<sup>470</sup> Apesar das primeiras impressões, o casal nunca mais voltou à Itália. Prenderam-nos a febre amarela que dizimou parte da orquestra, a situação econômica da Itália, algumas propostas...

Seguindo o fio da narrativa traçada por Candido, parece haver um salto muito grande entre a decisão de ficar mais um tempo no país e o começo da militância de Teresina. É de uma hora para outra que a encontramos como “figura obrigatória nas reuniões operárias, nas sessões culturais populares, nos movimentos reivindicatórios

---

<sup>468</sup> Ibid., p. 15.

<sup>469</sup> Ibid., p. 15.

<sup>470</sup> Ibid., p. 16-7.

[...].”<sup>471</sup> Daí para a decisão de separar-se e mudar-se para Poços de Caldas, onde Candido a conheceu, no início da década de 1930, tudo acontece num piscar de olhos.

Feitas as indicações sumárias, das quais deve ter tido conhecimento pelas histórias contadas pela própria Teresina, pela leitura dos seus cadernos, pela abundante troca de cartas, pelos livros que leu – ou seja, por vias que poderíamos chamar, por falta de melhor nome, de indiretas –, temos uma detalhada descrição cuja marca principal – mas não exclusiva – é a da experiência direta.

Era magra, de estatura média, com cabelos alourados que custou a embranquecer. Tinha olhos azuis abertos e redondos, exprimindo de maneira incrível os matizes de um espírito trepidante. Na Itália e aqui pensavam frequentemente que fossem inglesa, talvez também por causa da originalidade da sua aparência, desde o corte da roupa até os acessórios fora de moda, tudo dentro de um bom gosto modesto e pessoal: luvas ou *mitaines*, chale preto estampado, touca de renda ou crochê, capa de seda preta, a alta sombrinha antiga, os broches raros, a bolsa de pano e no inverno as polainas de lã. Era esticada, cuidada, de andar miúdo e ligeiro, muito ativa, lidando sozinha na casa, escrevendo com abundância cartas e reflexões, lendo sempre até meio-noite passada. Depois dormia tranquilamente e acordava tarde.<sup>472</sup>

Candido se mostra, nessa breve descrição, um grande narrador. (Lukács não concordaria muito com essa mistura. Em um ensaio que se tornou clássico nos estudos literários, “Narrar ou descrever?”<sup>473</sup> esse teórico húngaro afirma que só a práxis pode exprimir a essência dos homens. Assim, as obras primordialmente descritivas rebaixam-nas ao nível das coisas inanimadas, podam-lhes a mobilidade, fazendo-lhes perder o interesse vital.) Nessa descrição, contudo, os olhos que enxergam a figura de Teresina têm uma dinâmica interessante. Primeiro, eles não são autoritários; passam do registro direto da experiência para o conhecimento indireto de uma maneira tão sutil, que, se não fosse pelas indicações geográficas – na Itália, onde Candido não a conheceu, e aqui –, julgaríamos tudo fruto de uma mesma consciência discursiva. Segundo, eles captam uma dupla mudança; por um lado, temos, num mesmo plano, um conjunto de impressões amadurecidas por um

---

<sup>471</sup> Ibid., p. 19.

<sup>472</sup> Ibid., p. 23.

<sup>473</sup> Georg Lukács, “Narrar ou descrever?: contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo”, in *Ensaio sobre literatura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 47-99.

narrador experiente, mas que foram colhidas em diversas épocas; por outro, temos a descrição de uma figura que se move no tempo – os cabelos louros tornam-se brancos, as polainas que são postas somente no inverno – e no espaço – conseguimos vê-la se andando pela, sentando-se à mesa para escrever, pegando um livro para ler, deitando-se. Noutras palavras, a descrição de Candido não tem nada de inerte e reificador; muito pelo contrário, ela insufla um sopro vital em Teresina.

E é essa personalidade vulcânica que Candido tem que trazer para o primeiro plano de forma justificar o interesse de Teresina pelas convicções socialistas. O que a move não é uma coerência teórica, que se constrói por meio de causas e consequências, mas uma “inquietude, ardor e bravura [...]. Era igualitária por natureza e dizia que foi socialista mesmo antes de ter noção da realidade política, porque desde pequena teve a maior repugnância pelas injustiças sociais.”<sup>474</sup> Sob esse prisma, Teresina não precisa de justificativas para sua inserção no universo das lutas socialistas: nascera assim, essa era sua natureza mais íntima, da qual o mundo nada mais era do que uma confirmação.

Da mesma forma, marcava-lhe um socialismo pueril e maniqueísta. Para ela, tudo aquilo que lhe parecia bom era socialista, e tudo o que lhe parecia vil, fascista. Tampouco tinha intransigências intelectuais. Nutria-se de tudo o que fosse pensamento radical – ou que assim lhe parecesse –, sem fronteiras ideológicas, fermentando de uma maneira única dentro de si esse cadinho aparentemente controverso e incoerente de forma a torná-lo sempre um instrumento de libertação do homem. “Como elementos de um mesmo sonho viviam nela simultaneamente os ‘princípios de 89’, a revolução de 1848, a Comuna de Paris, os mártires de Chicago, as greves, os atentados niilistas, a Revolução Russa.”<sup>475</sup>

Assim, a grande lição de Teresina, mais do que um socialismo bem acabado, teoricamente coerente, é a maneira pouco dogmática, mas nem por isso menos radical, com que foi socialista:

Teresina ilustrava de maneira admirável o que é “ser socialista”, – aparentemente um paradoxo, porque em geral focalizamos no socialismo o pensar e o agir, enquadrado em organizações ou produzindo atos e obras

---

<sup>474</sup> Candido, “Teresina e os seus amigos”, in *Teresina etc.*, op. cit., p. 25.

<sup>475</sup> Ibid., p. 25.

especificamente políticos. Isto faz esquecer que devem existir também os sentimentos e a ética de um socialista. Ela passou a maior parte da vida fora da ação partidária, vivendo os últimos quarenta anos quase isolada politicamente numa cidade pequena. Talvez esta circunstância haja estimulado a densa precipitação de um “modo de ser”, segundo o qual a revolução se torna concepção integral, iluminando e condicionando o pormenor dos atos e a tonalidade da vida. À sua maneira, foi portanto uma revolucionária, embora a mais complexa que se possa imaginar, englobando fraternalmente as ideologias do contra de Rousseau a Lênin.<sup>476</sup>

Deslocando da ação partidária e dos atos políticos ortodoxos para uma concepção mais humana da revolução como uma forma de viver a vida, Candido adiantava, em 1980, uma saída para o impasse em que o socialismo dito real se meteria. Derrotado este, resta-nos o socialismo afetivo de Teresina como um guia possível em época tão indiferente.

#### 4.

Se Teresina representa a afetividade socialista, Paulo Emílio Salles Gomes “foi uma fonte de inspiração da conduta política”<sup>477</sup> no seu sentido mais militante.

Depois de cumprido o colegial em Poços de Caldas, Candido mudou-se, em 1936, para São Paulo, onde ingressaria no ensino superior. Nesses primeiros anos de cidade grande, o jovem estudante desinteressou-se da política. E ele confessa: “O que eu queria era ir a concertos, percorrer livrarias olhando os livros franceses, me informar sobre o vasto mundo.”<sup>478</sup> E esse clima de boemia intelectual foi fortalecido pela sua entrada na FFCL. A atmosfera apolítica e cientificista que reinava por lá devido à política da boa vizinhança da missão francesa, que buscava – salvo raras exceções –, não interferir ideologicamente num país estrangeiro, contribuía para fortalecer o espírito academicista dessa geração. (Depois de tudo o que já foi dito, não podemos ignorar as consequências radicais que esse

---

<sup>476</sup> Ibid., p. 28.

<sup>477</sup> Candido, “Paulo Emílio: a face política”, in *Vários escritos, op. cit.*, p. 269.

<sup>478</sup> Candido, “Antonio Candido: a militância por dever de consciência”, *Teoria & Debate*, São Paulo, n. 2, mar. 1988, p. 28.

aprofundamento teórico trouxe para esses intelectuais, mas que ainda era muito incipiente nos seus primeiros anos.)

Candido só conhece Paulo Emílio um ano depois, quando este retornou de uma longa estadia na França. Fora apresentado ao grupo “Clima” por Décio de Almeida Prado, de quem era amigo de longa data, na parte de trás da Confeitaria Vienense, onde eles costumavam se encontrar para tomar chá. Mas Paulo Emílio era diferente deles; tinha uma história de militância – fora ligado à Juventude Comunista, preso pelo governo Vargas, fugira do presídio por um túnel que desembocara numa casa da rua Vergueiro – e um interesse pelas leituras políticas que ainda não faziam parte da sociabilidade daqueles jovens moços. E é sob esse prisma que Candido se volta a Paulo Emílio: “A função que lhe coube foi dar corpo à aspiração confusa de setores da nossa geração, sugerindo rumos que pautaram o comportamento de muita gente. Pessoalmente, digo que as preocupações políticas que me transmitiu na mocidade talvez continuem ainda hoje no centro das minhas atenções.”<sup>479</sup>

Forma-se, assim, entre Teresina e Paulo Emílio uma complementaridade interessante. Ela lhe havia transmitido uma convicção que, àquela época, ainda não era capaz de intelectualizar. “Quando isto acontece, toda a sua afetividade e a sua inteligência começam a se cristalizar em torno da posição pela qual optou.”<sup>480</sup> E foi assim que ela ficou registrada em suas memórias. Paulo Emílio chegou com uma bagagem de vida e de leitura já bem encaminhadas, impelindo-o numa direção que, embora fosse heterodoxa, não deixava de ser firme. “Nós éramos apolíticos naquela altura e Paulo Emílio dizia: ‘O apolítico está sempre errado. É melhor assumir uma posição de direita que não assumir posição nenhuma’.”<sup>481</sup>

A militância de Paulo Emílio foi, para Candido, iluminadora. Ele trazia consigo uma posição única em relação aos impasses que se apresentavam naquele momento, as quais Candido abraçaria e levaria consigo pela vida afora. Rejeitando as soluções integralistas e liberais, Paulo Emílio representaria uma esquerda independente das

---

<sup>479</sup> Candido, “Paulo Emílio: a face política”, in *Vários escritos*, op. cit., p. 268.

<sup>480</sup> Candido, “Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra”, in *Estudos de Sociologia*, n. 20, op. cit., p. 9.

<sup>481</sup> Ibid., p. 8.

injunções ortodoxas dos Partidos Comunistas. Na França, Paulo Emílio conheceu Victor Serge, um dissidente russo, cuja obra leu com voracidade e que influenciou profundamente sua maneira de encarar a Revolução de 1917. Com Serge, ele tomou consciência da degenerescência do socialismo praticado pela ditadura de Stálin, o que lhe abriu uma perspectiva teórica mais lúcida. Passou, então, a rejeitar as decisões do PC russo, o qual considerava imperialista e, portanto, operando única e exclusivamente de acordo com os interesses da União Soviética.

Foi com esse espírito ao mesmo tempo jovem e vivido nas coisas da política que Paulo Emilio ia se inserir e direcionar as vocações militantes de alguns de seus amigos. Nesse sentido, o destino da revista que eles editavam serve como metáfora da sua forte influência sobre esses jovens inexperientes. Já é por demais sabido que *Clima* começa apolítica. Gerada à sombra da FFCL, ela tinha como finalidade expressar o ponto de vista desses novos intelectuais. E é a boa vizinhança que impregna as páginas da revista. “O pressuposto da nossa atitude [de colaboração de rapazes de direita] era de cunho bastante idealista: a idéia de uma certa transcendência da cultura intelectual e artística, que estaria acima das divergências políticas.”<sup>482</sup> Mas em 1942 o Brasil foi forçado a entrar na II Guerra ao lado dos aliados, e o que era respeito tornou-se antagonismo. E foi aí que Paulo Emílio atuou com energia e sentido de momento.

Na décima primeira edição da revista, publicada em agosto de 1942, ele escreveu sozinho uma “Declaração” que fora assinada por todos os integrantes. Nesse momento, Paulo Emílio havia concentrado todas suas forças num ataque virulento contra o Estado Novo, e muitas das críticas que sofreu diziam respeito exatamente a esse ponto: o texto era muito negativo e pouco construtivo. Por isso, quando saiu o décimo segundo número, Paulo Emílio voltou à carga com um “Comentário”, um escrito no qual buscava construir um socialismo independente e que se tornaria uma espécie de certidão de nascimento da militância política de Antonio Candido.

À luz dos anos, Candido destaca, nesse comentário, três pontos que julga importantes na constituição de sua maneira de ver o socialismo. Primeiro, Paulo Emílio busca uma conciliação entre todas as posições que qualifica de progressistas, sem excluir

---

<sup>482</sup> Candido, “Clima”, in *Teresina etc., op. cit.*, p. 164.

sequer o cristianismo. O que as unia era a “busca da igualdade e da liberdade sob diversas formas, que animam as variedades da democracia e do socialismo (não mencionados expressamente). Em contraposição, o fascismo equivalia à negação disto.”<sup>483</sup> Segundo, ele afirma que o internacionalismo incentivado pelo PC russo não tinha mais qualquer força legitimadora, por isso se impunha, por um lado, repensar a luta pela liberdade em termos de cada nação e, por outro, “construir modalidades de organização política adequadas ao tempo.”<sup>484</sup> E, por fim, reafirmou a importância do marxismo nesse processo, conquanto fosse pensado noutros termos: ele seria “um corpo aberto de doutrina, passível de modificação segundo a época.”<sup>485</sup>

Num processo semelhante ao que acontecera quando Candido recuperou, por meio da paráfrase, estudos ignorados de Roger Bastide, esse resgate de dois textos políticos de Paulo Emílio publicados numa revista de moços à época sem muita expressão no cenário cultural paulista também é uma forma de redefinir-lhe a importância à luz do momento atual, quando podemos reconhecer o quão avançadas eram aquelas propostas de renovação do socialismo. E o efeito da paráfrase também é semelhante àquele produzido pelos ensaios sobre Bastide. Com o passar dos anos incorporou de tal forma a militância política seguida nos termos propostos por Paulo Emílio que as suas vozes se misturam, e o que era idéia de um se torna uma prática – e um discurso – coletivas.

É também a partir dessa paráfrase que faz aos textos de Paulo Emílio na revista *Clima* que percebemos com mais clareza os fios que rodam no tear da memória de Candido se estreitando cada vez mais, de modo a compor uma colcha bem acabada. Sua negação das Internacionais e o desejo de busca de soluções adequadas colocam-nos *pari passu* com as suas preocupações na década de 1980, que era o de configurar uma radicalidade que pudesse adaptar as teorias revolucionárias às condições locais, como o fizeram Caio Prado Junior e Florestan Fernandes.

A abertura teórica frente ao marxismo, por sua vez, liga-nos, sob a mesma preocupação, a Jean Maugüe – e mais uma vez a –, Florestan Fernandes e Caio Prado Junior. O que os une a todos, nas memórias de Candido, não é a convivência – embora isso

---

<sup>483</sup> Candido, “Paulo Emílio: a face política”, in *Vários escritos, op. cit.*, p. 257.

<sup>484</sup> *Ibid.*, p. 257.

<sup>485</sup> *Ibid.*, p. 255.

possa ter acontecido, pois eles estiveram, de uma forma ou de outra, ligados à FFCL num mesmo período do tempo –, da qual não temos notícia; o que os une é um certo ar de família, uma certa preocupação comum, que, ao nobilitá-los, nobilita também aquele que rememora, além de resgatar a força crítica que essa abertura pode ter na leitura da sociedade.

E ao resgatar o desejo de conciliação entre todas as propostas progressistas em oposição ao um inimigo comum, que era o fascismo, Candido recupera, num plano mais intelectualizado, o socialismo voraz e maniqueísta de Teresina, pondo a afetividade e a militância programática num pé de igualdade e propondo uma solução para as dissidências que marcam e enfraquecem as diversas correntes da esquerda. Como uma saída para esse mal, Candido propõe, noutra memória, uma salutar imagem-síntese. O PC fora fechado no contexto de caça às bruxas propiciado pelo alinhamento brasileiro aos Estados Unidos no período da Guerra Fria. Uma das interdições era a das manifestações públicas que desagradassem ao governo, o que enchia o Primeiro de Maio de desfiles do trabalhismo oficial. Assim, o PSB, que então gozava de legalidade, mas sem capacidade de mobilização para furar o cerco, comemorava o dia do trabalho em reuniões na sede do Brás. Numa dessas reuniões, apareceu Edgard Leuenroth, um anarquista que Candido conhecera por intermédio de Teresina. Ao ser apresentado pelo presidente do ato, Edgar falou que, “como velho revolucionário, não quisera ficar em casa no Primeiro de Maio; e verificara que só o Partido Socialista poderia comemorá-lo dignamente; por isso estava ali.” Até aí nada para se estranhar. O problema era que Leuenroth, como um bom anarquista, não poderia fingir que concordava com as premissas socialistas.

Na qualidade de libertário, rejeitava a própria idéia de partido, assim como a luta para participar dos organismos do Estado, do qual preconizava não a transformação, mas a abolição. Com serenidade calorosa, foi assim expondo as suas posições para justificar as divergências; e concluiu que, apesar destas, sentia-se bem entre os companheiros socialistas, aos quais agradecia a hospitalidade que lhe permitiria comemorar a data maior em que os trabalhadores afirmam os seus ideais e o seu ânimo de luta.<sup>486</sup>

---

<sup>486</sup> Candido, “Sobre a retidão”, *in Recortes, op. cit.*, p. 187.

O que Candido narra é um desses raros momentos de respeito às idéias divergentes, que Teresina e Paulo Emílio, cada um à sua maneira, buscaram levar a cabo.

O problema é que esta talvez seja uma tarefa mais fácil de ser proferida do que de ser cumprida. Azis Simão, por exemplo, deixou o PC devido ao seu duro enquadramento, o qual não permitia que se preservasse aquilo que, para ele e para os socialistas independentes, era o bem maior da política: “liberdade de pensamento e respeito às opiniões divergentes.”<sup>487</sup> Mas numa reunião do Partido Socialista, a coisa muda de figura.

Certa manhã de domingo, na velha sede do Partido Socialista (o de 1947), num primeiro andar apertado e encardido da praça da Sé, durante uma sessão dedicada não me lembro mais ao quê, travou-se uma daquelas discussões intermináveis que azedam as relações nos grupos políticos, fazendo os correligionários parecerem inimigos e pondo todos a dois dedos do pugilato. Não havia muita gente, de modo que as cadeiras estavam vazias em boa parte. Azis, na ponta esquerda da primeira fila, perto da mesa diretora, fez uma exposição. Um companheiro desconhecido por nós, no lado direito de uma das fileiras de trás, se pôs a fazer críticas descabidas em tom meio desagradável. Azis rebateu umas tantas vezes; o outro insistiu, mais impertinente, até dizer qualquer coisa pior. Azis virou-se aos brados para o lado de onde vinha a voz (pois não podia ver a pessoa) e, desafiando o malcriado, foi atropelando cadeiras vazias, pronto para lhe dar uns tapas.<sup>488</sup>

A citação pode ser esquematicamente dividida em duas partes. Na primeira, ela possui um caráter mais descritivo, com a função de marcar o clima reinante em determinadas reuniões políticas. A escolha semântica aponta para a dificuldade de uma verdadeira abertura para diversidade de opiniões: a tensão crescente, o ambiente abafado e um tanto decrépito dissolvem quase que completamente a fronteira entre discussão e pugilato. A narrativa da ira de Azis, que compõe a segunda parte, é praticamente um desfecho lógico. O intuito de Candido, na verdade, não é o de pontuar a discordância como agressão, mas o de ressaltar o temperamento forte de quem vive por suas convicções. E em parte consegue devido às lacunas da memória. Não sabemos a respeito do que se discutia naquela sessão, assim como também não sabemos quais foram as críticas, que Candido

---

<sup>487</sup> Candido, “O companheiro Azis Simão”, in *Recortes*, *op. cit.*, p. 189.

<sup>488</sup> *Ibid.*, p. 192.

chama de descabidas, proferidas em tom desagradável. Mas, embora tente, Candido não consegue salvar completamente a ira de Azis da qualificação de intransigência. A cegueira funciona como uma metáfora que desmonta, ao menos em parte, seus argumentos contra o estranho impertinente – e que estranho não o é –, e passa a significar algo como incapacidade de ver e aceitar as idéias desconhecidas.

(Candido parece ter uma certa conviência com a intransigência ideológica, contanto que ela tenha certa queda para a esquerda. Vivida como traço de personalidade de seus amigos, ela sempre ganha ares eufemísticos e um esforço de entendimento. Isso acontece com Maurício Tragtemberg, cujo cultivo da verdade soberana “podia torná-lo às vezes áspero, pois quem não contemporiza não pode ser ameno [...]”;<sup>489</sup> ou com Florestan Fernandes, cuja história de vida “não poderia deixar de trazer junto uma cota ponderável de ‘agressividade necessária’”;<sup>490</sup> ou ainda com Arnaldo Pedroso D’Horta, esse “afetuoso tirano”, que possuía “um fanatismo da liberdade, uma paixão (rara) da responsabilidade, uma intransigência ríspida.”<sup>491</sup> Nessas leituras, percebemos que, por mais que Candido tenha militado com fervor e sinceridade por uma concepção mais democrática de socialismo – e que tenha vivido duas ditaduras –, restou-lhe, guardada lá no fundo, uma dualidade muito característica da esquerda: uma certa conviência com a idéia de ditadura como um bem a longo prazo: “sempre achei, e acho que, pensando numa situação revolucionária hipotética é admissível, não qualquer violência física, mas a suspensão transitória da rotina democrática, a fim de assegurar a construção da sociedade visada.”<sup>492</sup>)

Mas voltemos às lembranças de Candido a respeito da face política de Paulo Emílio. Elas não páram nas intenções programáticas de um homem que, a exemplo do que costumava dizer de Florestan, vale por todo um partido. Eles estiveram sempre juntos em grupos pequenos, efêmeros e de êxito limitado, marcados por uma alternância entre uma utopia radicalizada e uma concessão ao senso do real. O primeiro grupo em que militaram foi o GRAP – Grupo Radical de Ação Popular –, cujo nome revolucionário nada mais era

---

<sup>489</sup> Candido, “Maurício Tragtemberg na mocidade”, in Sonia Alem Marrach e Doris Silva (orgs.), *Maurício Tragtemberg: uma vida para as Ciências Humanas*, São Paulo: Fapesp: Ed. Unesp, 2001, p. 28.

<sup>490</sup> Candido, “Nota final”, in *Florestan Fernandes, op. cit.*, p. 66.

<sup>491</sup> Candido, “Arnaldo”, in *Recortes, op. cit.*, p. 194.

<sup>492</sup> Candido, “Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra”, in *Estudos de Sociologia*, n. 20, *op. cit.*, p. 18.

que uma brincadeira. Longe da ação popular, o GRAP era um grupo de discussão política, no qual seus poucos membros – além de Candido e Paulo Emílio, dele também faziam parte Antonio Costa Correia, Germinal Feijó, estes da Faculdade de Direito, Paulo Zingg e Eric Czaskes – liam, debatiam, preparavam documentos e praticavam algumas atividades clandestinas. Para Candido, esse foi um momento de “afiação” de todos em busca de um socialismo independente. Embora tenha definido o modo de pensar desses garotos, o GRAP tinha pouca articulação política, que foi o que eles buscaram, em 1944, em articulações com uma certa dissidência entre os graduados em Direito, compostos basicamente de liberais, com os quais formaram – a exceção de Czaskes – a Frente de Resistência e cuja maior característica era a oposição ao Estado Novo. Mas, em épocas de abertura política, as frentes únicas tendem a se dissolver, apesar dos esforços de Caio Prado Junior na formação da UDN – União Democrática Nacional –, que acabou muito mais à direita do que era o seu projeto inicial. Os liberais da Frente de Resistência acabaram deslizando para lá, o que forçou os socialistas remanescentes a formar a UDS – União Democrática Socialista – como resposta àquela. Mais maduros politicamente, a UDS representou uma tentativa de pôr em prática tudo aquilo tinha sido debatido no GRAP, mas que fora decantado na Frente de Resistência, cuja principal preocupação não era a luta pelo socialismo, mas a oposição à ditadura. A UDS foi, segundo Candido, o grupo mais interessante do qual fez parte,<sup>493</sup> talvez porque sintetizasse todas as suas preocupações políticas num estado mais puro: “um socialismo democrático, mas combativo, orientado pela situação brasileira, não pela política soviética; preocupado com os meios específicos de resolver os nossos problemas; partindo de premissas marxistas, mas abrindo-se para as conquistas do pensamento e da experiência política do tempo.”<sup>494</sup> À UDS juntaram-se, logo depois de sua formação, grupos das mais diversas matizes, que ali encontravam uma maior liberdade de pensamento, como os ex-stalinistas, ex-trotskistas, um grupo de metalúrgicos, militantes negros, etc. Mas, novamente, a vontade de pôr em prática tudo aquilo que se debatia na casa de Paulo Emílio, que era sede das reuniões, fez necessária mais uma concessão. Foi assim que a UDS dissolveu-se e seus remanescentes aderiram à recém-formada Esquerda Democrática – ED

---

<sup>493</sup> Ibid., p. 12.

<sup>494</sup> Candido, “Paulo Emílio: a face política”, in *Vários escritos, op. cit.*, p. 262.

–, um agrupamento bem menos radical, que, por isso mesmo, perdeu o apoio dos metalúrgicos. Quando o Partido Socialista Brasileiro cedeu sua sigla, e a ED tornou-se PSB, em 1947, Paulo Emílio já havia voltado para a França. Com a viagem de Paulo Emílio, acaba também o périplo político de Candido, que fica militando no PSB até ir se afastando ao poucos, principalmente depois que é convidado a assumir o cargo de professor de literatura em Assis, o que sempre sonhara.

Paulo Emílio retorna definitivamente ao Brasil em 1954, mas nunca mais à militância política, pelo menos não no seu sentido mais comum. Ele se torna, nas palavras de Candido, um “livre militante, não apenas nos escritos, mas enfrentando a conjuntura e inspirando os outros por meio de atitudes individuais.”<sup>495</sup> A atenção de Candido se desloca dos grupos de que fizeram parte e se concentra agora na figura de Paulo Emílio e em seus “atos políticos estritamente individuais”, mesmo os que viveu enquanto militava em agrupamentos digamos mais ortodoxos.<sup>496</sup> Nesse ponto, a narração perde seu caráter coeso e ganha um ar episódico. É assim que narra o alistamento de Paulo Emílio, em 1943, na chamada Batalha da Borracha, quando largou tudo e foi para a Amazônia; ou ainda quando, em 1945, foi ao Teatro Municipal desmascarar uma rearticulação integralista; temos, por fim sua atuação na universidade, nos anos de ferro da ditadura. Aqui vale a pena pararmos um pouco:

em 1969, com a cassação de professores da USP, um grande número de colegas se reuniu no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia para estudar a renúncia como protesto e solidariedade. A tendência dominante parecia esta, mas Paulo Emílio a combateu com veemência, mostrando que estava em jogo uma questão política muito grave: a resistência à ditadura militar sob todas as formas possíveis; e o ato proposto equivalia a entregar posições ao inimigo.<sup>497</sup>

É interessante observar como dois atos opostos podem ter, para Candido, sentidos equivalentemente contestadores. Paulo Emílio mostrou que a aposentadoria significava um recuo pouco inteligente, uma vez que todos aqueles que eram contra a ditadura e poderiam

---

<sup>495</sup> Ibid., p. 262.

<sup>496</sup> Ibid., p. 267.

<sup>497</sup> Ibid., p. 266.

combatê-la a partir da universidade, estariam cedendo lugar às amas-secas pseudo-intelectualizadas da reação. Por outro lado, lembrando-se das formas de oposição à ditadura e ao seu embrutecimento, Candido escreve que Sergio Buarque de Holanda decide “se aposentar no ano de 1969, em solidariedade aos colegas da Universidade afastados arbitrariamente.”<sup>498</sup>

Mas voltemos a Paulo Emílio e a lição que deixa: servindo como um catalisador das dispersas aspirações políticas de sua geração, ele soube unir as duas formas de militância política – a programática e a afetiva –, tornando-se um emblema da força do socialismo.

## 5.

As lembranças de Candido a respeito de Teresina e Paulo Emílio têm uma dominante. Teresina, mais para o fim da vida, é assolada por uma profunda desilusão, como se a velhice lhe houvera ensinado que todos os seus sonhos foram em vão. Paulo Emílio não chega a manifestar a desilusão avassaladora de Teresina – pelo menos isso não transparece nas memórias de Candido –, mas desiste da militância partidária, transformando-a num ato diário de contestação. O próprio Candido, como vimos diversas vezes, também se vale da velhice como motivo literário para a desistência política. A juventude reveste-se, assim, de uma aura transformadora que se perde com o passar dos anos. É o que depreendemos de uma passagem da entrevista que concedeu a Renzi. Após enumerar suas leituras de juventude – resumos do *Capital*, Max Beer, Engels, Bukarin, Plekanov – Candido escreve: “No fundo, nós tínhamos muitas certezas e pouca informação. Por isso mesmo, talvez fôssemos arrogantes e quem não quer salvar o mundo não merece o nome de moço...”<sup>499</sup>

---

<sup>498</sup> Candido, “Sérgio em Berlim e depois”, in *Vários escritos*, *op. cit.*, p. 250.

<sup>499</sup> Candido, “Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra”, in *Estudos de Sociologia*, n. 20, *op. cit.*, p. 17. Há, contudo, um pequeno problema. Esta entrevista, publicada na *Estudos de Sociologia*, é uma republicação na íntegra da entrevista realizada com José Pedro Renzi e que saíra com alguns cortes na revista *Praga*. Nessa passagem, existe uma diferença entre os dois trechos: “Por isso mesmo, talvez fôssemos arrogantes, mas isso é necessário para a luta. O moço que não é arrogante e não quer salvar o mundo não

Mas, segundo Aby Warburg, Deus reside nos detalhes. E, por duas vezes, ambas em lembranças de Sérgio Buarque de Holanda, a bengala, signo por excelência da velhice, surge ora como uma violenta arma de ação política, no sentindo mais afetivo do termo, ora como sinal do reconhecimento dos esforços de uma vida.

A sua lealdade para com os amigos era exemplar, e para ilustrá-la dou um exemplo: em dada ocasião, numa festa de aniversário, ele, já com 70 e tantos anos, andando com certa dificuldade, *eu o vi levantar a bengala e avançar furioso contra alguém que vociferava qualquer coisa*. Corremos e conseguimos evitar maior dano, porque o outro se esquivava da bangalada. Por que isso? Porque o tal indivíduo tinha dito no correr da conversa que um amigo de ambos, já morto, procedera de maneira covarde em certo conflito político. Não admitindo a censura ao amigo morto, Sérgio reagiu com a maior violência. Por aí se vê a que extremos podia chegar a sua lealdade.<sup>500</sup>

Assim, Sérgio Buarque de Holanda parece personificar, na vida cotidiana, mesmo velho e com os poucos recursos que possuía no momento, uma das teses benjaminiana sobre a história: “O dom de despertar a centelha da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.”<sup>501</sup>

A bengala reaparece discretamente no Colégio Sion, para onde Sérgio foi, agora com 77 anos, atendendo a uma convocatória da Comissão Nacional Provisória do PT que ali se reunira para colher as assinaturas necessárias para registrar o novo partido junto ao Tribunal Superior Eleitoral. “No encontro nacional preparatório, lá estava ele apoiado à *bengala*, recebendo com Mário Pedrosa, Apolônio de Carvalho e Manuel da Conceição uma apoteose de aplausos, devidos aos que exprimem, cada um ao seu modo, a coerência, a continuidade e a diversidade dos esforços, necessários para aquele tipo de luta que começava.”<sup>502</sup> Assim, a esperança de um partido novo se apóia, metaforicamente sobre os

---

merece o nome de moço...” (Cf. Candido, “Marxismo e militância”, in *Praga: Revista de Estudos Marxistas*, São Paulo, n. 1, set.-dez. 1996, p. 16). Embora tenhamos usado aquela edição, por ser mais completa, a entrevista da revista *Praga* parece-nos mais bem revisada.

<sup>500</sup> Candido, “Lembrança de Sérgio”, in *Caderno Mais!*, suplemento da *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 mar. 2004, p. 10 [grifo nosso].

<sup>501</sup> Benjamin, “Teses sobre o conceito de história”, in *Magia e técnica, arte e política, op. cit.*, p. 224-225.

<sup>502</sup> Candido, “Sérgio em Berlim e depois”, in *Vários escritos, op. cit.*, p. 250-1 [grifo nosso].

mais velhos, e esses se tornam, eles mesmos, as bengalas sem as quais a juventude não pode andar.

Da bengala passemos à cegueira.

Num texto escrito para o jornal *Folha Socialista*, uma publicação do PSB da qual fora diretor na década de 1940, Candido escreve, apontando o caráter independente e voltado para as circunstâncias concretas do verdadeiro socialista, que este é “um indivíduo que chegou a certas conclusões pela observação, o raciocínio e o exemplo, mas nunca pela cegueira, pelo ouvir-dizer ou pelo entusiasmo irrefletido com que se tangem os rebanhos humanos.”<sup>503</sup> Ao contrapor cegueira e observação, ele lança mão do arsenal da Ilustração, segundo a qual o destino do homem era sempre expresso pelas metáforas de luz, clareza, brilho, etc. Sergio Paulo Rouanet já apontou as ligações entre Iluminismo e socialismo,<sup>504</sup> assim como o próprio Candido mostraria dominar essa relação semântica no perfil que escreve de Teresina, cujo socialismo “abrangia a confiança no poder da instrução e o senso da fraternidade como ‘promoção’ do indivíduo, definindo uma posição de tipo humanitário [...]”.<sup>505</sup>

Mas voltemos ao motivo da cegueira. Se, em 1947, ela era um perigo que o verdadeiro socialista deveria evitar, a convivência com Azis Simão, seu companheiro de militância, ensinou-o do contrário. Candido o conheceu em 1939, ainda na FFCL da USP, mas só se aproximaram de uma maneira mais íntima em 1945, quando eles ingressaram na UDS. E Azis tinha uma característica marcante: perdera a visão aos 30 anos de idade. Talvez por isso mesmo o texto que Candido lhe dedica é cheio de imagens luminosas em todas as esferas pelas quais seu companheiro transitava. Azis Simão havia passado pelo “curso com brilho”, pois era dono de uma “clareza mental” que o fazia assimilar “tudo com uma intensidade que iluminava o entendimento”. Ele era ainda “amigo que irradiava compreensão e solidariedade” e um professor que sabia “mostrar a idéia central luzindo claramente”.<sup>506</sup>

---

<sup>503</sup> Candido, “A situação brasileira”, in *Textos de intervenção*, op. cit., p. 338.

<sup>504</sup> Rouanet, *As razões do iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, especialmente na “Introdução”, p. 11-36.

<sup>505</sup> Candido, “Teresina e os seus amigos”, in *Teresina etc.*, op. cit., p. 36-7.

<sup>506</sup> Candido, “O companheiro Azis Simão”, in *Recortes*, op. cit., p. 188-193.

Mas na passagem da *Folha Socialista*, a cegueira era contraposta ao raro poder de observação e de raciocínio do militante socialista. Um dos traços que passaram a marcar Azis Simão depois que perdeu a visão foi sua abertura para o mundo exterior. “Ele compensou a grave limitação desenvolvendo uma inesperada capacidade de absorver o que lhe ia em torno – pela intuição certa, pela reconstituição mental baseada na experiência anterior de vidente, pela imaginação da coisa e o apaixonado interesse por tudo.”<sup>507</sup>

E chegamos a uma imagem clímax:

Quando expuseram aqui o painel *Tiradentes*, de Portinari, Lourival Gomes Machado passou uma tarde descrevendo-o com minúcia para Azis. Palmo a palmo, cor a cor, desmontou verbalmente a composição, analisou a estrutura e os movimentos, comentou a concepção, esclarecendo à medida que Azis perguntava, cada vez mais senhor do painel. Lourival, um dos homens mais inteligentes, sensíveis e generosos que conheci, tinha como ninguém a capacidade de “fazer ver” as obras de arte, que depois da sua análise pareciam entregar os segredos. Graças a ele Azis “viu” o painel de Portinari, elaborando-o interiormente, e passou a comentá-lo por conta própria com incrível segurança, inclusive criticando o que lhe pareceram certos “vazios” da composição.<sup>508</sup>

Nessa passagem que, de tão bela, parece irreal, temos dois movimentos. Por um lado, ela é o exemplo mais perfeito de como a cegueira não se torna mais impedimento para a fruição e, conseqüentemente, transformação do mundo. Por outro, a cegueira deixa de ser uma metáfora ambígua do sectarismo e da intransigência política. Cego, Azis Simão consegue ver através olhos sensíveis e preparados de Lourival e internalizar essa visão de forma a dispor de um painel que não é mais somente de Portinari; é dele, construído pela convergência do objeto artístico, das palavras de Lourival e da sua elaboração pessoal.

Libertados das suas cargas negativas, tanto a velhice quanto a cegueira transformam-se em armas de luta política e de promoção do indivíduo.

---

<sup>507</sup> Ibid., p. 191.

<sup>508</sup> Ibid., p. 191.

## 6.

Se seguidas de perto, como estamos tentando fazer, as memórias da militância política de Candido parecem se dirigir para um fim, uma espécie de concretização de todos os seus sonhos e de todas as suas vivências; e é assim que surge o PT – Partido dos Trabalhadores –, como a síntese mais perfeita das suas lembranças.

No final da década de 1970, quando a reabertura começava a se ensaiar, Candido participou de “vários encontros prévios do grupo que formaria o PT, mas pensando que era melhor ficar no MDB, como faziam os comunistas.”<sup>509</sup> Duas pessoas, contudo, influenciaram-no do contrário: Mario Pedrosa e Febus Gikovate.

Mario Pedrosa já era um militante de mais de quarenta anos quando Candido o conheceu, em 1945. Embora nunca tivessem estreitado intimamente as relações – pelo menos nosso memorialista não nos dá nenhuma pista nesse sentido –, havia entre ambos um respeito e uma afinidade profundos. Mario também buscou numa esquerda independente, difundindo, através do jornal *Vanguarda Socialista*, “uma nova orientação, anti-stalinista, não mais trotskista, com destaque para a democracia [...]”<sup>510</sup> Depois de uma breve colaboração com o governo de Jânio, quando se encontravam mensalmente, no Rio de Janeiro, nas reuniões do Conselho Nacional de Cultura, do qual ele era secretário, Candido só foi revê-lo em 1977. Mas somente em 1979 os encontros começaram a girar em torno do PT, que, àquele momento, parecia ser a menina dos olhos de Mario. Mas Candido resistia, “pois tinha a intenção de nunca mais ser membro de organizações partidárias, devido às [suas] lacunas como militante.”<sup>511</sup> A insistência de Mario tocou Candido por uma razão muito forte, a evocação do passado: “o projeto correspondia ao que tínhamos querido fazer no passado e só conseguimos em escala muito limitada, quase simbólica, isto é, um partido decididamente de esquerda, com base operária, afastado das disputas do socialismo tradicional e procurando estabelecer critérios adequados à nossa realidade.”<sup>512</sup>

---

<sup>509</sup> Candido, “Antonio Candido: a militância por dever de consciência”, *Teoria & Debate*, n. 2, *op. cit.*, p. 31.

<sup>510</sup> Candido, “Um socialista singular”, in José Castilho Marques Neto (org.), *Mário Pedrosa e o Brasil*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 14.

<sup>511</sup> *Ibid.*, p. 16-7.

<sup>512</sup> *Ibid.*, p. 17.

É interessante observar que o recuo ao passado também foi o argumento de que se valeu Febus Gikovate. Conheceram-se em 1945, quando Gikovate aderiu – juntamente com aqueles que se tornariam o eixo em torno do qual gira a memória de Candido, como Arnaldo Pedroso D’Horta e Azis Simão – à UDS. A partir daí militaram sempre juntos. E Gikovate é um desses homens nos quais Candido sintetiza tudo aquilo que é uma prática socialista deve representar em momentos de descrédito como esses. “Para ele o socialismo era uma concepção de vida e uma conduta que humaniza; não um programa político-econômico a ser ‘aplicado’.”<sup>513</sup> (Os reflexos de Teresina são tão patentes que tornam a menção desnecessária.) Mas Febus Gikovate era dono de uma característica um pouco rara nas memórias de Candido: militou até o fim da vida e fez do fim da sua vida um ato de militância. “Ainda nas vésperas de morrer, em 1979, ele me aconselhou a entrar efetivamente no PT, dizendo mais ou menos: ‘Ele é o nosso partido; eu não vou para lá porque estou indo para outro lugar’, que foi a maneira extremamente simples e comovente com que me anunciou a própria morte, que de fato chegou dois dias depois.”<sup>514</sup>

Sob a influência desses dois militantes não só filiou-se ao PT naquela célebre reunião do Colégio Sion, em fevereiro de 1980, como também fez dele o *télos* que daria sentido às suas atividades progressas: “nós nunca passamos de um punhado de socialistas democráticos cuja função histórica foi definir e manter uma posição que o futuro provou ser justa, pois acabou sendo assumida pelo PT nos nossos dias.”<sup>515</sup> Cria-se, assim, uma dinâmica interessante: ao invés da memória moldar o passado à luz da vivência contemporânea, uma das hipóteses de Maurice Halbwachs, no nosso caso, é o presente que se conforma ao passado; as declarações que Candido faz a sobre o Partido dos Trabalhadores parecem estar sempre revestida com os bordados da sua memória.

É assim em 1992, num texto que escreve para o jornal *Folha de S. Paulo* nas vésperas das eleições municipais. Sua função é a de angariar votos para a candidatura de Eduardo Suplicy e, para isso, decide enaltecer os feitos do governo de Luiza Erundina. “O setor da cultura toca mais de perto a minha atividade, por isso pude observar nele, com

---

<sup>513</sup> Candido, “Discreto magistério”, in *Recortes, op. cit.*, p. 182.

<sup>514</sup> Candido, “Antonio Candido: a militância por dever de consciência”, *Teoria & Debate*, n. 2, *op. cit.*, p. 31.

<sup>515</sup> Candido, “Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra”, in *Estudos de Sociologia*, n. 20, *op. cit.*, p. 15.

maior segurança, a força das realizações, devidas à boa orientação e à atividade ardorosa de uma secretária de primeira ordem, Marilena de Souza Chaui, que chega a impressão de que voltaram os bons tempos nesse domínio.”<sup>516</sup> Sua atuação na reforma da Biblioteca Mário de Andrade, do Centro Cultural, a promoção de projetos como o de incentivo ao hábito de leitura, a volta da biblioteca ambulante o transporta à São Paulo de 1936, data de sua chegada e da nomeação de Mário de Andrade para Chefe do Departamento de Cultura. As duas pontas, então, se unem: “No meu tempo de moço pude ver a atuação extraordinária de Mário de Andrade no Departamento de Cultura. Mário e sua equipe realizaram o que houve de melhor neste século em São Paulo no terreno da cultura, inclusive porque (como acontece também na atual gestão) um dos objetivos era fazê-la chegar a todos, não apenas às classes média e dominante.”<sup>517</sup>

Mas o passado não norteia o texto apenas nessas referências explícitas. É sabido que Mário saiu do Departamento acusado de má gestão do dinheiro público. Percebe-se algo como um reparo dessa injustiça nas palavras de apoio que dedica a Chaui: “os que fazem política sem pensar a sério nos aspectos culturais procuram se êxito manchar o seu perfil de intelectual eminente e reta administradora.”<sup>518</sup>

E é ainda do passado que tira a lição que quer transmitir a seus leitores. No prefácio ao livro de Paulo Duarte, *Mário de Andrade por ele mesmo*, Candido já apontara que um dos maiores feitos do autor de *Macunaíma* na administração pública foi o de tentar democratizar a arte e o saber. A nota que se segue, contudo, é desalentadora: “E até hoje, na cidade de São Paulo, a cultura assim concebida não encontrou manifestações semelhantes; o que existe é ruína ou desenvolvimento do que então se fez.”<sup>519</sup> E nos parece que, ao concluir o texto sobre os feitos de Marilena Chaui na Secretaria de Cultura, Candido não deixa de ter o passado em vista:

Pensem nisso tudo os eleitores. Pensem na necessidade de assegurar a continuidade do seu esforço, contra os que desejam a volta dos maus

---

<sup>516</sup> Candido, “Eleição e cultura”, in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1992, p. 1/3.

<sup>517</sup> *Ibid.*, p. 1/3.

<sup>518</sup> *Ibid.*, p. 1/3.

<sup>519</sup> Candido, “Prefácio”, in Paulo Duarte, *Mário de Andrade por ele mesmo*, São Paulo: Hucitec: SCCT-SP, p. xv.

hábitos e do descaso. Pensem no trabalho que regenera e nas reações que enxovalham. Pensem no poder do dinheiro e na limpidez das convicções desinteressadas. Depois, votem sabendo o que desejam de melhor para a sua cidade.<sup>520</sup>

Mas talvez seja a figura de Lula quem receba a maior parte dessa força reformadora do passado. A entrevista que Candido concedeu ao *Estado de S. Paulo*, publicada no primeiro dia do mandato do ex-metalúrgico que ascendera à Presidência da República, é curta mas reveladora. Fugindo às vezes do cerne do que lhe foi perguntado, Candido vai traçando, pouco a pouco, um breve perfil de Lula cujo norte está no passado.

Uma primeira característica que surge é o desejo do então candidato em “conhecer o Brasil a fundo. Nele, isso é quase um fanatismo [...]. Não é um político de mirante. É alguém que vasculhou de todos os lados o corpo físico e os problemas sociais do Brasil.” E no que diz respeito ao plano político, Candido escreve: “Além disso, sempre me chamou a atenção a visão humana e liberada que tem do socialismo, visto na sua essência de esforço para acabar com as injustiças sociais, não como aplicação de um programa bem acabado.” E mais à frente, quando tratou dos seminários que organizou para se discutir os rumos do socialismo: “De certo modo, esses seminários correspondem à posição do presidente, pressupondo um socialismo democrático aberto e voltado sobretudo para a realidade do Brasil, sem prejuízo das preocupações teóricas mais gerais.” Sobre a capacidade intelectual do presidente, ele discorda daqueles que acham que os torneiros mecânicos não dispõem de inteligência suficiente para governar o país: “O presidente é um homem dotado de rara capacidade mental. Não apenas assimila com rapidez e precisão, mas é capaz de reelaborar de maneira pessoal o que observa, o que aprende, o que lhe comunicam.” E conclui:

Ele me parece encarnar a voz profunda do povo brasileiro, que durante tanto tempo foi abafada e só pôde ser ouvida indiretamente, por meio de intermediários recrutados nas classes dominantes. Creio que o presidente pode ter uma posição mais completa. Ele veio das classes dominadas, mas assimilou os recursos mentais das classes dominantes, por isso poderá

---

<sup>520</sup> Candido, “Eleição e cultura”, in *Folha de S. Paulo*, 13 nov. 1992, *op. cit.*, p. 1/3.

exprimir de maneira totalizadora as aspirações do momento, que é de integração, não de ruptura.<sup>521</sup>

Nessas passagens, recortadas de maneira livre mas não arbitrária, cruzam-se diversas vozes, em diversos momentos históricos. Ouvimos o reconhecimento da radicalidade de Caio Prado Junior nas imersões no “corpo vivo” do Brasil que Lula fez; ouvimos o socialismo humano e não programático de Febus Gikovate e Teresina; ouvimos a voz de Paulo Emílio lutando por um socialismo aberto e democrático; ouvimos Azis Simão que soube superar a cegueira e reelaborar de maneira criativa tudo o que lhe cercava; ouvimos a voz de Florestan Fernandes, que saiu das classes dominadas, aparelhou-se dos instrumentos intelectuais das elites e os voltou contra ela. Ao resgatar todas essas vozes, silenciadas pela morte, e cristalizá-las na figura de um retirante nordestino que chegou à presidência da República, Antonio Candido parece enfeixá-las sob o signo da vitória de uma geração.

O problema veio depois, quando tudo tornou-se silêncio.

---

<sup>521</sup> Candido, “Ele encarna a voz profunda do povo”, in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 jan. 2003, p. A 11.

“[...] a essa causalidade achatada, opõe a intensidade de um encontro súbito entre dois (ou mais) acontecimentos que, de repente, são (com)preendidos pela interrupção da narração e se cristalizam numa significação inédita: processo de significação baseado na semelhança repentinamente percebida entre dois episódios, que podem estar distantes na cronologia, e, ao mesmo tempo, baseado em suas diferenças reveladoras de uma inserção histórica distinta.”

Jeanne Marie Gagnebin, *História e narração em Walter Benjamin*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU A EPÍGRAFE COMO CONCLUSÃO**

## I.

Logo no começo de seu texto sobre Teresina Rocchi, Candido demonstra seu espanto ao se deparar com o ambiente carola e conformista no qual ela nasceu. E é exatamente na descrição desse mundo provinciano e aristocrático da aldeia de Fontanellato, mergulhado nas sombras de um famoso castelo feudal, em que primeiramente se detém a sua atenção. Mas seu intuito era mesmo o de fixar a imagem do ambiente reacionário no qual Teresina se formou, “rezando o terço, tricotando para os pobres, bordando colchas, pintando aquarelas, desfiando casos de família, – orientada para temer a Deus e ao Soberano, cujos representantes todo poderosos em casa eram primeiro o Pai e depois o Marido.”<sup>522</sup>

## II.

As revoluções de 1930 e a repressão do movimento de 1932 significaram, para o estado de São Paulo, duas derrotas políticas. É dentro – e por causa – desse clima de hegemonia perdida que foi fundada a USP. Seu objetivo era a formação, com base numa educação moderna, das elites culturais e políticas do estado, as quais se tornariam, assim, aptas a conduzir os destinos do país. “Vencidos pelas armas, sabíamos perfeitamente que só pela ciência e pela perseverança no esforço voltaríamos a exercer a hegemonia que durante longas décadas desfrutáramos no seio da Federação.”<sup>523</sup> A imagem que Claude Lévi-Strauss, um dos professores franceses convidados para organizar a Faculdade de Filosofia, cunhou para o momento é exemplar: eles estavam ali com a finalidade de servir a sobremesa para a oligarquia, que via na universidade um criatório de intelectuais a seu serviço.

---

<sup>522</sup> Candido, “Teresina e os seus amigos”, in *Teresina etc.*, *op. cit.*, p. 14.

<sup>523</sup> Júlio Mesquita *apud* Esteves Lima, *A crítica literária na Universidade brasileira*, *op. cit.*, f. 36.

### III.

Nas origens de Teresina e da Universidade de São Paulo percebe-se a consolidação de um movimento conservador, reacionário. Mas o generoso pensamento de Candido vai resgatá-las do limbo de suas origens, porque sabe que foi dali que nasceu o radicalismo no qual se formou. Ambas desvirtuaram suas origens, romperam com o determinismo que veria ali apenas um terreno infértil. E esse é um tema recorrente no pensamento de Antonio Candido.

Ao escrever sobre os amigos de Teresina, parece ser essa a sua intenção: a de mostrar que o caráter verdadeiramente socialista – e, portanto, mais radical – pode estar numa posição aparentemente reformista e moderada, enquanto aquilo que, à primeira vista, é o exemplo mais bem acabado do radicalismo pode esconder uma prática reacionária. Edmondo Rossoni e Alceste de Ambris eram, dos amigos de Teresina, dois revoltados, adeptos das ações extremas, e por isso mesmo afinavam melhor com suas idéias. Este se afastou do *Avanti!*, um jornal socialista em língua italiana que circulava em São Paulo no início do século passado, por causa do seu radicalismo, pois condenava toda e qualquer forma de reformismo em prol de uma posição mais revolucionária do socialismo; já aquele era um dos mais incendiários, pregando sempre a ação direta e a expropriação da burguesia. Ambos, talvez mesmo pelos seus espíritos exaltados, viram, na figura ascendente de Mussolini, uma forma mais agressiva de chegar aos fins desejados.

Mas Teresina também tinha outros amigos, menos radicais. Um deles era o engenheiro Alcibiade Bartolotti, um dos fundadores do *Avanti!*. Suas preocupações eram bem menos inflamadas que as de Rossoni e de Ambris; era um reformista moderado que buscava defender os colonos italianos contra os fazendeiros no interior do estado. Antonio Piccarolo era ainda menos militante que Bartolotti. Embasado por um evolucionismo de tipo engiliano, não acreditava que o socialismo era possível no Brasil, pois não havia nem burguesia nem proletariado industrial. Talvez por isso mesmo tenha se tornado um socialista doutrinário através da sua atuação como professor, jornalista e político. Estes dois, por sua vez, foram considerados pelos sindicalistas-revolucionários, mais afeitos as

rompantes de ação, como traidores da causa operária, porque não haviam aderido ao programa de Mussolini.

Mas há uma generosidade no olhar de Candido que o torna pendular. Quando ele se move para a direita e percebe certas características reformistas em Bartolotti e Piccarolo, é capaz de, ao mesmo tempo, deslocar esse ponto de vista e extrair dali um gesto de radicalidade, sem ser, com isso, complacente:

Hoje aquela oposição precoce de muitos reformistas é considerada manifestação na hora certa da verdadeira atitude socialista, enquanto a adesão de sindicalistas-revolucionários surge como traição incompreensível. No entanto, se nos pusermos na perspectiva da época, a oposição dos primeiros talvez fosse devida não tanto à razão socialista quanto a uma reação de tipo liberal (uma reação do muito que havia de liberalismo no reformismo), em face duma espécie de socialismo heterodoxo e meio selvagem (como podia aparecer inicialmente o fascismo), que ameaçava desmontar as regras da rotina parlamentar.<sup>524</sup>

Do mesmo modo, quando olha para o outro lado e vê a extrema radicalidade de Rossoni e de Ambris, ele tem a consciência histórica para discernir o quanto havia de reacionário nessas escolhas; mas nem por isso se sente à vontade para condená-los:

Por outro lado, os sindicalistas-revolucionários, sequiosos de ação, amigos da violência, desconfiados do reformismo quase liberal e de mais a mais embalados na retórica do populismo fascista que, convém lembrar, apareceu como produto de uma ala socialista radical; os de cunho revolucionário podem ter pensado que o movimento de Mussolini era uma alternativa plausível, uma modalidade inesperada de chegar aos fins desejados. [...] Assim, pode-se supor que foi talvez porque professavam um socialismo ativo e exigente que muitos, paradoxalmente, embarcaram na canoa sinistra.<sup>525</sup>

Dessa forma, não é somente a imagem do radicalismo – a qual não pode ser confundida com a da revolução –, que é cara a Antonio Candido; assim também acontece com a própria idéia de que ela pode se manifestar nos mais improváveis lugares. Cabe ao crítico ter sensibilidade para ver além do estereótipo, do objeto petrificado por um conceito

---

<sup>524</sup> Candido, “Teresina e os seus amigos”, *Teresina etc.*, *op. cit.*, p. 67.

<sup>525</sup> *Ibid.*, p. 80.

abstrato e apriorístico, resgatando-lhe da rigidez e respeitando-lhe a complexidade. Esse raciocínio também serve para ver o outro lado da medalha. Nem tudo o que se diz radical o é de fato. Podem ser simplesmente atitudes equivocadas, fruto de julgamentos apressados, como a dos sindicalistas-revolucionários que se filiaram ao fascismo, porque achavam que ele era uma outra maneira de se chegar à tão sonhada revolução.

#### IV.

Assim, o movimento da memória e da narração de Candido tem um ponto em comum com o da alegoria. Esta, de acordo com as formulações de Benjamin, vê nas ruínas do passado um sentido perdido, tornando-se, assim, uma resposta a uma perda irreparável. É, essencialmente, um movimento de salvação. Não é esse, certamente, o método crítico por excelência de Antonio Candido, embora lance mão – discretamente e sem alarde terminológico, como sempre – de seus recursos. É o caso do texto dedicado à rua Maria Antonia.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras tinha seu núcleo, logo quando foi fundada, em 1934, na praça da República, num prédio da Caetano Campos. Ali a missão francesa lançou seus primeiros frutos, implantando o seu método de trabalho idealista, ou seja, que pregava um conhecimento desinteressado, uma atividade intelectual que se justificava em si mesma.

Não foi muito tempo depois de sua fundação que a FFCL foi transferida para a rua Maria Antônia, 294. Naquele endereço a faculdade contemplativa idealizada pelos professores franceses deu lugar a uma instituição mergulhada nos problemas do país, pulsando com um dever de radicalização, principalmente naqueles anos “tensos e intensos”<sup>526</sup> que foi a década de 60. Lá se questionou, no influxo de Berkeley e da Sorbonne, toda e qualquer autoridade, seja ela do pai ou do professor; lá se abriu espaço

---

<sup>526</sup> Adélia Bezerra de Menezes, “Antonio Candido, a Maria Antônia e o pensamento radical”, in Aguiar (org.), *Antonio Candido, op. cit.*, p. 290

para a crítica aos métodos tradicionais de transformação social; pôs em xeque o stalinismo e o comunismo burocrático em prol de uma atuação política mais livre.

E a juventude surge, mais uma vez como a imagem síntese da ação e da renovação.

1968 há de ficar na crônica do século como o ano da mocidade, representada pelos estudantes a partir das agitações da Universidade de Berkeley em 1964. O moço se transformou durante algum tempo na força mais viva da sociedade, parecendo inclusive substituir o operário como fator principal na transformação revolucionária das instituições. Politicamente, culturalmente, ética e até esteticamente o moço abalou as concepções e os costumes – substituindo o respeito pela irreverência, a organização cristalizada pela ação espontânea, o cálculo pela inspiração, a compostura pelo desalinho, a seleção pela invasão, o “bom gosto” pelo frenesi.<sup>527</sup>

Mas foi no apogeu de sua radicalização que a Maria Antônia foi fechada pelas “forças da ordem”.

V.

Vendo com os olhos de hoje a “Maria Antônia”, a impressão poderia ser que nada deu certo. A faculdade foi praticamente expulsa por uma decisão governamental que sucedeu à violenta repressão da polícia. O laborioso trabalho das comissões paritárias foi ignorado. As vivas discussões entre alunos e docentes, no prédio ocupado pela rebelião estudantil, deram alguns frutos, mas nada de profundo. A reforma universitária que veio a seguir foi insatisfatória. Grande número de estudantes e professores foram excluído.<sup>528</sup>

Mas os olhos de Candido não são os de um jovem sequioso de ação que se abate ante as adversidades. Seus olhos são os de um velho que, embora se diga cansado da lida, continua na luta de um modo muito mais discreto: busca insuflar vida onde parece haver só ruínas. Sob esse prisma, a Maria Antônia foi capaz de dar à universidade e ao

---

<sup>527</sup> Candido, “O mundo coberto de moços”, in *Recortes*, *op. cit.*, p. 253-4.

<sup>528</sup> *Ibid.*, p. 255.

espírito crítico um rumo novo, para além de seu fracasso aparente. “Ela promoveu uma substituição de radicalismos dentro do novo espírito que vem quebrando os conceitos e as normas tradicionais, de maneira a dar espaço vital ao jovem, à mulher, ao negro, ao homossexual, num mundo que antes estava cristalizado em torno do homem adulto, branco, sexualmente ortodoxo, e que fazia dessas características um requisito para o exercício do poder.”<sup>529</sup>

## VI.

As epígrafes não são comuns nem nos livros nem nos textos de Candido. Sinceramente, de cor não consigo me lembrar de nenhuma outra que não à que abre *O albatroz e o chinês*, até então o último livro de ensaios que publicou. A frase é drummondiana – “Que confusão de coisas ao crepúsculo!” – e foi retirada de um poema intitulado “Versos à boca da noite”.<sup>530</sup> Contudo, para um leitor do poema de Drummond, causa um certo espanto a passagem recortada, que serve de porta de entrada ao seu livro. Separada dos outros versos, resta-nos apenas a sensação um fim no qual tudo se tornou indiscernível, nos quais os contornos se esmaeceram e o mundo perdeu sua forma.

Mas há, no poema tomado em sua inteireza, um movimento diferente. O poeta, de fato, abre o texto sentido a mão pesada do tempo sobre sua cabeça. O desejo de recomeçar o dia se abate sobre ele. E é quando as experiências se multiplicaram e se confundiram que a recordação, num movimento proustiano, vem encontrá-lo à sua revelia, até quase sufocar-lhe. E assim chegamos ao verso que Candido escolheu como epígrafe:

Que confusão de coisas ao crepúsculo!  
Que riqueza! sem préstimo, é verdade.  
Bom seria captá-las e compô-las  
num todo sábio, posto que sensível:

---

<sup>529</sup> Ibid., p. 255-256.

<sup>530</sup> Esse poema foi originalmente publicado no livro *A rosa do povo*, de 1945. A edição que usamos, contudo, é a seguinte: Carlos Drummond de Andrade, *Antologia poética*, 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 20-22.

uma ordem, uma luz, uma alegria  
baixando sobre o peito despojado.  
E já não era o furor dos vinte anos  
nem a renúncia às coisas que elegeu,

mas a penetração no lenho dócil,  
um mergulho em piscina, sem esforço,  
um achado sem dor, uma fusão,  
tal uma inteligência do universo

comprada em sal, em rugas e cabelo.<sup>531</sup>

E o poeta mantém com o passado uma relação ambígua. A sua riqueza, ora sem préstimo, pode ser captada e composta num todo sensível e sábio por uma inteligência que, embora não goze mais do furor dos vinte anos, não recusa as suas crenças, pois foi comprada com o peso da idade. Da mesma forma, mais do que retorno saudosista a um passado desaparecido, os escritos memorialísticos de Candido são o trabalho paciente de quem sabe que, sob as ruínas de uma derrota aparente, existe vida suficiente para despertar o dom da esperança perdida.

---

<sup>531</sup> Ibid., p. 22.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Textos de Antonio Candido em jornais e revistas

- “Livros”, in *Clima*, São Paulo, n. 1, p. 107-117, mai. 1941.
- “Almir Andrade – *Formação da Sociologia Brasileira*”, in *Clima*, São Paulo, n. 2, p. 79-85, jul. 1941.
- “Gilberto Freyre – *Região e Tradição*”, in *Clima*, São Paulo, n. 2, p. 85-86, jul. 1941.
- “O grouchismo”, in *Clima*, São Paulo, n. 3, p. 131-134, ago. 1941.
- “Josué Montello – *Janelas Fechadas*”, in *Clima*, São Paulo, n. 3, p. 68-71, ago. 1941.
- “O romance vendeu a sua alma”, in *Clima*, São Paulo, n. 6, p. 26-32, nov. 1941.
- “Dinah Silveira de Queiroz – *A Sereia Verde*”, in *Clima*, São Paulo, n. 6, p. 48-52, nov. 1941.
- “Tasso da Silveira – *Só tu voltaste?*”, in *Clima*, São Paulo, n. 6, p. 53-55, nov. 1941.
- “Notas à margem de *Donana Sofredora*”, in *Clima*, São Paulo, n. 7, p. 96-100, dez. 1941.
- “Mário de Andrade – *Poesias*”, in *Clima*, São Paulo, n. 8, p. 72-78, jan. 1942.
- “Álvaro Lins – *Jornal de crítica*”, in *Clima*, São Paulo, n. 10, p. 65-71, jun. 1942.
- “Antônio Pedro – *Apenas uma narrativa*”, in *Clima*, São Paulo, n. 11, p. 88-91, jul.-ago. 1942.
- “A crise nas ciências do homem”, in *Folha da Manhã*, São Paulo, p. 7, 7 nov. 1943.
- “Acanhamento e poesia”, in *Clima*, São Paulo, n. 12, p. 124-126, abr. 1943.
- “Sergio Buarque de Holanda – *Cobra de Vidro*”, in *Clima*, São Paulo, n. 13, p. 71, ago. 1944.
- “Silva Alvarenga – *Glaura*”, in *Clima*, São Paulo, n. 13, p. 72, ago. 1944.
- “Stefan George – *Poems*”, in *Clima*, São Paulo, n. 13, p. 72-73, ago. 1944.
- “Rainer Maria Rilke – *Poems, translated by Jesse Lemont*”, in *Clima*, São Paulo, n. 13, p. 73-74, ago. 1944.

- “Fernando Pessoa – *Poesias*”, in *Clima*, São Paulo, n. 14, p. 65-67, set. 1944.
- “Alfredo Mesquita – *Vidas avulsas*”, in *Clima*, São Paulo, n. 14, p. 67-68, set. 1944.
- “William York Tindall – *D. H. Lawrence and Susan His Cow*”, in *Clima*, São Paulo, n. 14, p. 69, set. 1944.
- “Ordem e progresso na poesia”, in *Clima*, São Paulo, n. 16, p. 58-64, nov. 1944.
- “*Études de littérature brésilienne*, de Roger Bastide”, in *Suplemento Literário*, de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 2, 16 mar. 1957.
- [Depoimento] “Redescoberto Oswald de Andrade”, in 2. *Caderno*, suplemento da *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 5, 28 ago. 1967.
- “Entrevista”, in *Textura*, São Paulo, n. 3, p. 17-21, mai. 1974.
- “Professor, escola e associações docentes”, in *Almanaque*, São Paulo, n. 10, p. 83-87, 1979.
- “As *Tentativas de mitologia* de Sérgio Buarque de Holanda”, in *O Escritor*, São Paulo, n. 6, p. 12, out.-nov. 1980.
- “Antonio Candido: para uma crítica latinoamericana”, in *Punto de Vista*, Buenos Aires, a. III, n. 8, p. 5-9, mar.-jun. 1980.
- “O nosso Bastidão”, in *Cultura*, suplemento de *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 4, 31 mar. 1985.
- “Amizade com Sérgio”, in *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, a. 3, n. 6, p. 132-133, jul. 1987.
- “Antonio Candido: a militância por dever de consciência”, *Teoria & Debate*, São Paulo, n. 2, p. 26-33, mar. 1988.
- “Os vários mundos de um humanista”, in *Ciência Hoje*, São Paulo, vol. XVI, n. 91, p. 28-41, jun. 1993.
- “A lembrança que guardo de Mário”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 36, p. 9-25, 1994.
- “Um reformador”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 37, p. 11-17, 1994.

- “Marxismo e militância”, in *Praga: Revista de Estudos Marxistas*, São Paulo, n. 1, p. 5-21, set.-dez. 1996.
- “A Faculdade de Filosofia mudou o panorama cultural”, in *Revista Adusp*, São Paulo, n. 17, p. 30-37, jun. 1999.
- “Um poema de Vinicius de Moraes”, in *Teoria & Debate*, São Paulo, n. 49, p. 70-71, out./nov./dez., 2001.
- “Entrevista com Antonio Candido”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 16, n. 47, p. 5-30, out. 2001.
- “Um trabalhador intelectual”, in *Jornal da USP*, São Paulo, p. 12, 17 a 23 jun. 2002.
- “Professor Antonio Candido”, in *Informe: informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP*, São Paulo, n. 4, p. 24-30, jul./ago. 2003.
- “Ele encarna a voz profunda do povo”, in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. A11, 1 jan. 2003.
- “Lembrança de Sérgio”, in *Caderno Mais!*, suplemento da *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 8-11, 14 mar. 2004.
- “Jean Maugüe, un obscur éclat”, in *Europe*, Paris, a. 83, n. 919-920, p. 126-129, nov.-déc., 2005.
- “Socialistas, comunistas e democracia no pós-guerra”, in *Estudos de Sociologia*, Araraquara, a. 11, n. 20, p. 7-21, 1. sem. 2006.

## **2. Textos de Antonio Candido publicado em livros**

- “O francês instrumento de desenvolvimento”, in CANDIDO, Antonio *et alli*. *O francês instrumental: a experiência da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Hemus, 1977, p. 9-17.
- “Prefácio”, in DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Hucitec: SCCT-SP, 1977, p. xiii-xvii.
- “Prefácio”, in MICELI, Sergio. *Intelectuais e a classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979, p. IX-XIII.
- “Sérgio, o radical”, in *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/USP, 1989, p. 61-65.

- “Prefácio inútil”, in ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão – I. Sob as ordens de mamãe*. 3. ed. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado de Cultura, 1990, p. 15-18.
- “Entrevistas – Prof. Antonio Candido de Mello e Souza”, in FREITAS, Sônia Maria de. *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1992, p. 35-56.
- “Vontade política de promover mudanças”, in *13 razões para votar em Lula*. São Paulo: Comitê Nacional Lula Presidente/*Teoria & Debate*, 1994, p. 7-9.
- “Prefácio”, in CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 13-16.
- “A visão política de Sérgio Buarque de Holanda”, in CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 81-88.
- “Prefácio”, in LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades: Ed. 34, 2000, p. 7-14.
- “Prefácio”, in TAVARES, Maria da Conceição, SADER, Emir, JORGE, Eduardo (org.). *Globalismo e socialismo*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 9-10.
- “Encerramento do primeiro ciclo dos seminários Socialismo e Democracia”, in in TAVARES, Maria da Conceição, SADER, Emir, JORGE, Eduardo (org.). *Globalismo e socialismo*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 67-68.
- “Um socialista singular”, in MARQUES NETO, José Castilho (org.). *Mário Pedrosa e o Brasil*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001, p. 13-17.
- “Maurício Tragtenberg na mocidade”, in MARRACH, Sonia Alem e SILVA, Doris (orgs.). *Maurício Tragtenberg: uma vida para as Ciências Humanas*. São Paulo: Fapesp/Ed. Unesp, 2001, p. 27-29.
- “Um homem raro”, in LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Livraria Duas Cidades: Ed. 34, 2004, p. 11-14.

### 3. Livros de Antonio Candido<sup>532</sup>

*Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

---

<sup>532</sup> Os livros de Candido foram organizados não pela ordem de sua publicação, mas de acordo com as datas das edições que foram lidas.

- Teresina etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- A educação pela noite e outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1987.
- Brigada ligeira e outros escritos.* 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- Recortes.* São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- Vários escritos.* 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- O discurso e a cidade.* São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- Antonio Candido: Remate de Males*, número especial. Campinas: Unicamp, 1999.
- Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 5, 2000.
- Florestan Fernandes*, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.
- Textos de intervenção.* São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002.
- O albatroz e o chinês.* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880).* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- Iniciação à literatura brasileira.* 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio e SCHWARZ, Roberto. *A homenagem na Unicamp.* Campinas: Ed. Unicamp, 1989.

#### **4. Textos de Antonio Candido escritos sob pseudônimos**

- ANTUNES, Fabrício. “A propósito de Maiakovski”, in *Clima*, São Paulo, n. 12, p. 126-128, abr. 1943.
- ANTUNES, Fabrício. “Verlaine”, in *Clima*, São Paulo, n. 13, p. 94, ago. 1944.
- ANTUNES, Fabrício. “Verbetes para um vocabulário político”, in *Clima*, São Paulo, n. 15, p. 70-73, out. 1944.
- CARNEIRO, Joaquim. “A suscetibilidade e um conceito de Scherer”, in *Clima*, São Paulo, n. 11, p. 138-139, jul.-ago. 1942.

CARNEIRO, Joaquim. “Estilo e psicologia de Proust”, in *Clima*, São Paulo, n. 12, p. 130, abr. 1943.

CARNEIRO, Joaquim. “Ignazio Silone – *A Escola dos Ditadores*”, in *Clima*, São Paulo, n. 12, p. 97, abr. 1943.

CARNEIRO, Joaquim. “Neo anti-clericalismo”, in *Clima*, São Paulo, n. 14, p. 83-84, set. 1944.

MELO, Inácio Borges de. “Despovoamento”, in *Clima*, São Paulo, n. 14, p. 62-64, set. 1944.

## 5. Bibliografia geral

ADORNO, Theodor. “O ensaio como forma”, in *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003, p. 15-45.

AGUIAR, Flávio (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas/Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999.

ALEXANDER, Christopher. “A city is not a tree”, in BELL, Gwen e TYRWHITT, Jaqueline (orgs.). *Human identity in the urban environment*. Middlesex: Penguin Books, 1972, p. 401-428.

ANDERSON, Perry. *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Departamento francês de ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BAPTISTA, Abel Barros. “O cânone como formação: a teoria da literature brasileira de Antonio Candido”, in *O livro agreste: ensaio de curso de literature brasileira*. Campinas: Ed. Unicamp, 2005, p. 41-80.

- BARBORA, João Alexandre. “Forma e história na crítica brasileira de 1870-1950” in *A leitura do intervalo: ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- BARBOSA, João Alexandre. “O método crítico de Antonio Candido”, in *Cult: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 12, ano II, p. 50-57, jul. 1998.
- BARBOSA, João Alexandre. “Uma biblioteca pessoal”, in *Cult: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 12, ano II, p. 61-63, jul. 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BOLLE, Willi. *A fisionomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- BORNHEIM, Gerd Alberto. *Dialética: teoria, práxis; ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética*. Porto Alegre: Globo; São Paulo: Edusp, 1977.
- BOSI, Alfredo. “Poesia resistência”, in *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 2000, p. 163-227.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”, in *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 7-16.
- BROHM, Jean-Marie. *O que é a dialética?*. Lisboa: Edições Antídoto, 1979.
- CASTAÑEDA, Jorge. *A Utopia Desarmada: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CASTRO, Érica Gonçalves. *A aprendizagem da crítica: literatura e história em Walter Benjamin e Antonio Candido*. 2002. 125 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- COSTA, Emília Viotti da. “A revolução burguesa no Brasil”, in *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 176-185, out. 1978.

- CUNHA, Eneida Leal. “Leituras da dependência cultural”, in SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander de Melo (org.). *Navegar é preciso, viver: escritos para Silvano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997, p. 126-139.
- D’INCAO, Maria Angela, SCARABÓTOLO, Eloísa F. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002.
- DE LA SERNA, Jorge R. (org.). *História e Literatura: homenagem a Antonio Candido*. Campinas: Editora da UNICAMP: Fundação Memorial da América Latina; São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2003.
- DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix. “Introdução: rizoma”, in *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 11-37.
- FERNANDES, Florestan. “Florestan Fernandes, história e história: depoimento a Alfredo Bosi, Carlos Guilherme Mota e Gabriel Cohn”, in *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 42, p. 3-31, jul. 1995.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. “Em formação. A literatura brasileira e a ‘configuração da origem’”, in ANTELO, Raul (org.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana Universidad de Pittsburg, 2001, p. 165-182.
- FINKIELKRAUT, Alain. *A derrota do pensamento*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- FRANCO, Jean. “‘Uma história dos brasileiro no seu desejo de ter uma literatura’: reflexiones tardias sobre *Formação da literatura brasileira*”, in ANTELO, Raul (org.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana Universidad de Pittsburg, 2001, p. 119-130.
- FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”, in *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993, p. 15-37.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “A propósito do conceito de crítica em Walter Benjamin”, *Discurso*, São Paulo, n. 13, p. 219-230, 1980.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp; Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Verdade e memória do passado”, in *Projeto História*, São Paulo, v. 17, p. 213-222, nov. 1998.

- GINZBURG, Carlo. *Indagações sobre Piero: o Batismo, o Ciclo de Arezzo, a Flagelação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica e prova*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- GINZBURG, Jaime. “Entre continuidade e ruptura”, in *LÓCUS: revista de história*, Juiz de Fora, vol. 4, n. 2, p. 69-76, 1998.
- GROYS, Boris. “Le cadavre du philosophe”, in *Politique de l’immortalité: quatre entretiens avec Thomas Knoefel*. Paris: Maren Sell Éd., 2005, p. 6-53.
- GUSDORF, Georges. *Les écritures dum oi*. Paris: Ed. Odile Jacob, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Ed. Albin Michel, 1994.
- HARNECKER, Marta. *Os conceitos elementares de materialismo histórico*. 2. ed. São Paulo: Global, 1983.
- HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMESON, Fredric. *Marxismo e forma: teorias dialéticas da literatura no século XX*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002.
- KOTHE, Flávio. “A ruína alegórica”, in *Para ler Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. “Bergson, Proust: tensões do tempo”, in NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1996, p. 163-190.

- LEVY, Nelson. “Uma reinvenção da ética socialista”, in NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 163-190.
- LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- LIMA, Rachel Esteves. “O ensaio na crítica literária contemporânea”, in *Revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte, v. 3, p. 35-41, out. 1995.
- LIMA, Rachel Esteves. “A crítica cultural na universidade”, in SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander de Melo (org.). *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997, p. 170-186.
- LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na Universidade brasileira*. 1997. 323 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- LIMA, Rachel Esteves. “A produção acadêmica da crítica literária”, in MARQUES, Reinaldo e BITTENCOURT, Gilda Neves (org.). *Limiares críticos: ensaios de literatura comparada*, Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 97-106.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa: Relógio D’Água, 1989.
- LONGO, Mirella Márcia. “A descrição de uma luta: *O homem duplicado*”, in ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA, 19., 2003, Curitiba. *Imaginário: o não-espaco do real*. Curitiba: Ed. UFPR, 2003.
- LOURENÇO, Eduardo. “Michel Foucault ou o fim do humanismo”, in FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugália, 1966, p. III-XVIII.
- LOURENÇO, Eduardo. “Ficção e realidade da crítica literária”, in *O canto do signo: existência e literatura*. Lisboa: Editorial Presença, 1993, p. 15-23.
- LOURENÇO, Eduardo. *O esplendor do caos*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- LUKÁCS, Georg. “Narrar ou descrever?: contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo”, in *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 47-99.

- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MARTINS, Maria Helena (org.). *Rumos da crítica*. São Paulo: Editora SENAC: Itáu Cultural, 2000.
- MARTINS, Rubens de Oliveira. *Um ciclone na paulicéia: Oswald de Andrade e os limites da vida intelectual em São Paulo (1900-1950)*. São Paulo: Unibero, 2001.
- MELLO E SOUZA, Gilda. “A estética rica e a estética pobre dos professores franceses”, in *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980, p. 9-34.
- MOREIRA, Maria Eunice (org.). *História da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- MOREIRAS, Alberto. “O nacional popular em Antonio Candido e Jorge Luis Borges”, in *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 197-230.
- MORETTI, Franco. *Signos e estilos da modernidade: ensaios sobre a sociologia das formas simbólicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MORETTI, Franco. *Graphs, maps, trees: abstract models for a literary theory*. New York: Verso, 2005.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- MOTTA, Leda Tenório. *Sobre a crítica literária brasileira no último meio século*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 1997.
- ORTIZ, Renato. “A escola de Frankfurt e a questão da cultura”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 43-65, jun. 1986.
- PEDROSA, Célia. *Antonio Candido: a palavra empenhada*. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: EDUFF, 1994.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor nas obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- PINTO, Manuel da Costa. “Formação da crítica brasileira”, in *Cult: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 12, ano II, p. 58-60, jul. 1998.

- POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- PRADO JR., Caio. *Notas introdutórias à lógica dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- ROUANET, Sérgio Paulo. “As Minas iluminadas: a Ilustração e a Inconfidência”, in NOVAES, Adauto (org.), *Tempo e história*. São Paulo: Cia. das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 329-346.
- SAID, Edward. *As representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- SAID, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- SANTIAGO, Silviano. “Alfabetização, leitura e sociedade de massa”, in NOVAES, Adauto (org.). *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1991, p. 146-152.
- SANTIAGO, Silviano. “Democratização no Brasil – 1979-1981 (Cultura versus Arte)”, in ANTELO, Raul et al. (org.). *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: ABRALIC; Leituras Contemporâneas, 1998, p. 11-23.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. “A crítica literária no Brasil: últimos quinze anos”, in *Ensaio de semiótica: cadernos de teoria da literatura*. Belo Horizonte, v. 26, p. 85-97, 1992-1993.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.
- SARLO, Beatriz. [Entrevista] “Antonio Candido: para una crítica latinoamericana”, in ANTELO, Raul (org.). *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana Universidad de Pittsburg, 2001, p. 35-45.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

- SCHWARZ, Roberto. “19 princípios para crítica literária”, in *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o livro do mundo. Walter Benjamin: romantismo e crítica literária*. São Paulo: Fapesp: Iluminuras, 1999.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- SHATTUCK, Roger. *As idéias de Proust*. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1995.
- SOUZA, Eneida Maria. “O discurso crítico brasileiro”, in *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 47-66.
- SOUZA, Eneida Maria. “Os livros de cabeceira da crítica”, in *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 15-25.
- STEINER, George. *Real presences*. Chicago: The University Chicago Press, 1991.
- STEINER, George. “Presenças verdadeiras”, in *Nenhuma paixão desperdiçada*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 33-50.
- SÜSSEKIND, Flora. “A memória como método”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 mar. 1993. Idéias/Livros, p. 7-8.
- SÜSSEKIND, Flora. “Rodapés, tratados e ensaios”, in *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 13-33.
- TRIGO, Maria Helena Bueno. *Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP*. 1997. 250 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- VEZZETTI, Hugo. *Pasado y presente: guerra, dictadura y sociedad en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002.
- WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2007.